

*96
F. Smith
Linnæus page*

BOSTON
PUBLIC
LIBRARY

ACE 86--240

t. x. o.



CHRONICA
DE ELREY
DOM AFONSO
O QVARTO DO NOME,
E SETTIMO DOS REYS
DE PORTV GAL.

ASSI COMO A DEIXOV ESCRITA
*Ruy de Pina Guardamor da Torre do Tombo, &
Chronista mór do mesmo Reyno.*



Tirada a luz por industria de Paulo Craesbeeck,
E na sua officina impressa, & à sua custa.
EM LISBOA. *Com todas as licenças.* Anno 1653.

R-B W-5 '76. PA



L I C E N C, A S

Vista a informação podese imprimir esta Chronica, & depois de impressa tornará ao Conselho pera se conferir com o original, & se dar licença pera correr, & sem ella nam correrá, em Lisboa 6. de Julho de 1649.

Freyloam de Vasconcellos.

Pero da Silva de Faria.

Francisco Cardozo de Torneo.

Pantalião Rodrigues Pacheco.

Dioguo de Souza.

Podese imprimir. Lisboa 21. de Julho de 1649.

Bispo de Targa.

AS Chronicas das vidas, & gloriosos feitos com que conquistãraõ, conseruãraõ, & dilatãraõ seu Imperio, & suas famosas empresas, & cõquistas os senhores Reys de Portugal antecessores de Vossa Magestade; he grande quebra o descuido nosso, & seus ministros, que andem escritos, & diulgados nos Historiadores, & Chronistas estranhos, & de Castella, compostas em parte com emulaçãõ, & falta de inteira noticia, & com a afeiçãõ cadahum de sua naçãõ; & que auendo no Reyno, & Torre do Tombo estas Chronicas authenticas, & antigas, com a authoridade dos Chronistas daquelles tempos Guardamõres da Torre do Tombo, Ruy de Pina, Gomezeanes de Ajuara, Damiaõ de Goes, Duarte Galuaõ, & os mais, compostos com as noticias, & papeis, originaes, & documentos, & com a veneraçãõ da antiguidade, & lingoagẽ della, & mandadas reduzir a liuros authenticos por el Rey D. Manoel, que estejaõ por imprimir, & estampar com muita vtilidade, & gloria do Reyno, que com estarem occultas, & em esquecimento, vãõ perdendo seu credito, & perigando sua reputaçãõ com andarem diulgadas suas vidas, & feitos com diminuiçãõ pellos estrangeiros, pello que se deue imprimir estas, & as mais Chronicas; & esta conferi com outra que tenho da Torre do Tombo, & conformaõ, & o prohemio do principio de Pedro de Maris Escruiaõ da Torre do Tombo, & verlado nas historias do Reyno, serue tambem pera noticia, & authoridade destas Chronicas, & dos Authores que as compuseraõ, & em particular de Ruy de Pina Author desta. Lisboa 8. de Agosto de 1649.

Thome Pinheiro da Veiga.

LICENC, AS.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Ordinario, & Sancto Officio, & nam correrá sem tornar à mesa pera se taxar. Lisboa 9. de Agosto de 1649.

D. P. P.

Cazado.

PROLOGO

QUE PEDRO DE MARIS ESCRIVAM
da Torre do Tombo tinha feito a esta Cronica,
querendoa imprimir em seu tempo.



Mouime a procurar que se imprimisse esta Cronica antiga de elRey D. m Afonso o Quarto de Portugal assim como está nesta Torre do Tombo, de que sou Escriuão, por ser o Rey que de todos os antigos elle só se sepultou dentro nesta cidade de Lisboa, & sabio de seu Reyno a ajudar seu genro elRey D. Afonso Vndecimo de Castella, na grande famosa batalha do Salado, em que vencerão o Mira mamolim de Marrocos, & a elRey de Grada, que os outros Reys todos as grandes batalhas que vencerão forão dentro do seu Reyno de Portugal.

E tambem me incitou a que esta Cronica se imprimisse, entender que a mór parte das gentes, & curiosos desejão ver impressas as Cronicas antigas de nossos Reys na linguaçã antiga, assi como estão nesta Torre do Tombo feitas pelos nossos Cronistas antigos, que por mandado delRey D. Manoel se escreuerão em pergaminho com as armas reays postas nas taboas em que estão encadernadas em chapas bem lauradas.

Além das ditas Chronicas na lingoagem antiga em que forão feitas terẽ mais graçã & authoridade, creceo em muitos este desejo, porque Duarte Nunes de Leão na reformaçã que imprimio das ditas Cronicas, porias querer abreuiar tanto, que a Chronica do Conde D. Henrique, & mais as dos noue Reys que se lhe seguirão, contando desde elRey D. Afonso Henriques até elRey D. Fernando, meteo todas num sò Volume, & esse ainda moderado, cortou, & deixou de dizer muitas cousas das que as Cronicas antigas dizião.

E isto fez não porque repreitasse o que deixou de dizer, porque antes no principio de seu liuro fol. 2. declarou que o que elle repreuasse o especificaria, como foy especificado por todas as Chronicas dos ditos Reys até elRey D. Fernando, senão porque na abreuiatura que fez não podia dizer tudo, & disse só o mais essencial, & que de nenhũ modo se podia escusar, deixando as mais cousas assim como estauão, pera q̃ que as quizesse ler as visse, & fosse ver as Cronicas antigas.

Nem o dito Duarte Nunes podia reprobuar em cousa algũa as Cronicas antigas. saluo prouando em particular contra ellas os pontos que quizesse reprobuar, & aquelles em que não desse proua clara contra o antigo, sempre ficaria, & ficou por certo com a mesma autoridade dos Cronistas antigos que as fizeram.

As ditas Cronicas se não imprimirão ategora por descuido, & varios successos de guerras na India, & Africa, & como cousas mais forçadas occupauão os sentidos dos Reys, & ministros, posto que varias vezes o quizerão fazer, & pela impressã ser tambẽ

PROLOGO.

nos tempos antigos menos costumada entre nós, que nã a Cronica gèral de Hespanha tam estimada, que mandou fazer elRey D. Afonso o Sabio de Castella ha mais de trezentos annos se imprimio senão em tempos do Emperador Carlos Quinto.

Esta que pretendo imprimir delRey D. Afonso o IV. de Portugal declara ser feita por Ruy de Pina, que foy Cronista mór destes Reynos em tempos de elRey D. Ioão o II. & de elRey D. Manoel, & tambẽ Guardamór da Torre do Tombo, posto que Damião de Gois na de elRey D. Manoel 4. parte cap. 38. pretende prouar que Fernão Lopes, q̃ antes do dito Ruy de Pina fora tambem Cronista mór, & Guarda mór da dita Torre do Tombo, auia feito a dita Cronica, & que o dito Ruy de Pina se aproueiára do trabalho & honra alhea, atribuindo a sy, & pondo em seu nome a Cronica que o dito Fernão Lopes fizera.

Mas quer a fizeße hum quer outro, he feita por Autor muy autorizado, & graue, porque Fernão Lopes, como se ve do que refere Damião de Gois no cap. alegado, alcãçou os tempos de elRey D. Ioão o Primeiro, & foy Coronista mór, & Guardamór da Torre do Tombo, & Escriuão da Puridade do Infante D. Fernando, que morreo catiuo em Fez; & Ruy de Pina, posto que menos antigo, tambẽ a nosso respeito foy assaz antigo, porque ja em tempos delRey D. Ioão o II. era seu Cronista mór, como refere o mesmo Damião de Gois na sobredita Cronica de elRey D. Manoel na 1. p. cap. 1. onde diz que morto elRey D. Ioão o II. se abriu o seu testamento, & fora lido pelo Cronista Ruy de Pina.

O qual Ruy de Pina se mostra ser entã ja velho, porque quando elRey D. Afonso o V. de Portugal morrera, era elle ja tanto homẽ, que no primeiro anno do reynado delRey D. Ioão o II. foy o dito Ruy de Pina por Secretario da primeira embaixada que o dito Rey mandou a Castella polo Barão de Aluito, como se le na Cronica do dito Rey Dom Ioão o II. feita por Garcia de Rezende no cap. 34. & ainda despois do Barão voltar ao Reyno, tornou o dito Rey a mandar o dito Ruy de Pina a Castella com replicas, & satisfações da embaixada a que o Barão fora, sendo cousas de muito pezo, como se le na mesma Cronica feita pelo dito Garcia de Rezende no mesmo cap. 34.

E no principio do reynado de elRey D. Manoel era o dito Ruy de Pina ja velho, & seu filho Fernão de Pina homem, porque quando o dito Rey foi aos Reynos de Castella jurarse por Principe delles polo dito Fernão de Pina mandou a Portugal o privilegio, em q̃ izentou os Ecclesiasticos das sizas, como se refere na Cronica do dito Rey na 1. p. c. 31.

Fiz toda esta digressão pera que se veja que a Cronica de elRey D. Afonso o IV. de que vou tratado, quer fosse feita por Fernão Lopes, quer polo dito Ruy de Pina, sèpre foy feita por Autor muy antigo, & graue Cronista mór, & Guarda mór da Torre do Tombo.

E como entã auia nella muitos papeis, & liuros que ja hoje faltão, & outros inda q̃ estã nũas partes se le a letra delles, & noutras não de muito gastada, como em todos os cartorios acontece polo tempo que tudo consume fazer nelles seu officio; & elRey D. Afonso o IV. cuja esta Cronica he, não ser dos primeiros Reys deste Reyno, acerrou o Cronista antigo tanto com a verdade das cousas, que Duarte Nunes de Lião na reformação que

PROLOGO.

que disse fazia das *Cronicas antigas*, duas cousas sò quis reprovár nesta, & assaz ainda sem causa, & sem rezão.

Porque o dito *Duarte Nunes* no seu livro folhas 152. no reynado de elRey Dom Afonso o IV. tratando dos concertos que D. Ioana mãe de Ioão Nunes de Lara, & sogra de D. Ioão Manoel fez entre elRey D. Afonso o Undecimo de Castella, & os ditos seus filho & genro, diz estas palauras.

ElRei o aceptou, & D. Ioana se foi ao Castello de Garcia Munhos, onde estaua a Infanta D. Costança, não por ser sua nora, como o Cronista de Portugal inaduertidamête diz, porq̃ a D. Costança ouue D. Ioão Manoel da primeira molher, q̃ foi D. Costança Infanta de Aragoã filha delRey D. Iaimes.

Nas quais palauras o dito *Duarte Nunes* leuanta ao nosso Cronista Portugues Ruy de Pina o que elle não disse, nem podia sonhar, porque se não acha que elle dissesse ser a dita D. Costança nora da dita D. Ioana, pois pera isso auia de ser mother de seu filho Ioão Nunes de Lara, ou doutro algum filho seu, & antes o dito Cronista em varios capitulos diz como ella fora desposada com elRey D. Afonso Undecimo de Castella, & despois casara com o Infante D. Pedro de Portuzal, que he o contrario do que o dito *Duarte Nunes* lhe leuanta.

E ainda que creamos que a impressãõ do dito *Duarte Nunes* està ali errada, como deuia ser, & que onde diz nora queria dizer neta, porque inda que nas erratas não salua tal erro, nem o quis confessar por erro, do que adiante na Cronica do dito Rey D. Afonso o IV. vay dizendo, se ve que foy erro, & que onde diz nora queria dizer neta; ainda assim quem deu authoridade ao dito *Duarte Nunes* pera sem dar proua alguma reprehender ao dito Cronista antigo? E em caso que o dito Cronista dissesse que a Infanta D. Costança filha do sobredito D. Ioão Manoel era neta da sobredita D. Ioana, por D. Ioão Manoel seu pay auer casado duas vezes, que proua daua *Duarte Nunes* contra isto, senão ter vontade de contrariar os antigos.

Porque atè *Argote de Molina* folhas 134. verso, que alega, foy despois do sobredito Ruy de Pina, & tem muito menos autoridade que elle, vesse que foy muito despois d'elle, porque do seu mesmo livro se mostra imprimilo no reynado de elRey Dom Felippe o Segundo de Castella, & o primeiro de Portugal, com quem concorreo, & o Cronista mór Ruy de Pina fica prouado que alcançou os tempos de elRey Dom Afonso o Quinto de Portugal, & nos de elRey Dom Ioão o Segundo, & de elRey Dom Manoel foy Cronista mór, & Guarda mór da Torre do Tombo, onde estauão os contratos dos casamentos dos Reys, pazes, & testamentos, & muitos outros papeis, pelo que inda quando o dito *Argote* se encontrasse cõ o dito Cronista Ruy de Pina, se o dito *Argote* não prouasse claramente contra elle mór credito se deuia, & deue ao dito Ruy de Pina.

Nem o dito *Argote*, que no livro segundo cap. 58. trata do dito D. Ioão Manoel, & de sua linhagem, & faz tanto ao certo, que não tinha seus erros, & confusões, porque diz que o Infante Dom Manoel filho de elRey Dom Fernando o Sancto, teue a

PROLOGO.

Dom João Manoel, & mais a Dona Violante molher do Infante Dom Pedro de Portugal, & que o dito Dom João Manoel casára com Dona Costança filha dos Reys de Aragão, de que tiuera a Dona Costança desposada com elRey Dom Afonso Undecimo de Castella, & depois casada com o Infante Dom Pedro herdeiro de Portugal, fazendo nisto dous Infantes Dons Pedros, hum casado com irmãa de Dom João Manoel, & outro com filha do dito D. João, que foy erro crasso, porque neste caso não ouue mais que hum sô Infante D. Pedro, que casou com a Infanta D. Costança filha do dito D. João Manoel, & o que casou com a irmãa do dito D. João não era senão o Infante Dom Afonso irmão de elRey D. Diniz de Portugal, como he notorio, & em todos os Autores, & até o mesmo Duarte Nunes de Lião o escreue assi na Cronica de elRey D. Afonso o III. de Portugal, que foy pay do dito Infante D. Afonso.

Nem osobredito erro foy da impressão, senão do mesmo Argote de Molina q̄ escreueo sem perfeito a noticia do caso. porque nas erratas, & enmendas do seu liuro não on emmeda.

E aeixando o dito Argote, pera que se veja que o dito Duarte Nunes de Lião leuantana ao Cronista antigo, que dizia o que elle não disse, tambem na mesma Cronica de elRey D. Afonso o IV. de que vou tratando leuantou que não dizia o dito Cronista aquillo que elle disse.

Porque às folhas 170. do seu liuro, tratando o dito Duarte Nunes de hũa grãde peste que ouue em tẽpo do dito Rey D. Afonso o IV. de Portugal, da qual morreo elRey D. Afonso Undecimo de Castella, diz o dito Duarte Nunes estas palauras.

Desta peste, que foi gêral em todo o mundo, & que andou em toda Espanha, pola pouca curiosidade, & muita rudeza da gente se não acha feita menção mais que na Cronica de elRey D. Afonso undecimo de Castella, em q̄ o Autor della diz que morreo o dito Rey estando no cerco de Gibaltar de peste, de que morria muita gente,

E se o dito Duarte Nunes lera melhor as Cronicas antigas, & vira os originais que estão na Torre do Tombo, não differa tal, por q̄ achára que alẽ do dito Cronista Castelhana, que elle alega, tambẽ o nosso Cronista antigo Portugues fez menção da dita peste, porque na dita Cronica de elRey D. Afonso o IV. de Portugal, que trato de imprimir, no cap. 63. tratando da morte de elRey D. Afonso o Undecimo de Castella, que foy no cerco de Gibaltar, diz o dito Cronista antigo Portugues estas palauras.

E como entrou o anno de Christo de 1350. durando o cerco, sobreueyo no arrayal, & gentes do cerco muy grandẽ pestenença, & foy no tẽpo em q̄ ouue a memoranda, & marauilhosa mortandade de Espanha, de que por grande espanto nas memorias antigas muito se fala,

Eis aqui como a mesma Cronica antiga de elRey D. Afonso o Quarto de Portugal, em que Duarte Nunes se queixa de que sò o Autor Castelhana falla da dita peste, se queixa mal, porque tambem o nosso Rey de Pina Cronista antigo Portuguez faz menção della, & porque elRey de Castella era genro do de Portugal, tratando do cerco que

PROLOGO.

o dito Rey de Castella pos a Gibraltar, refere como nelle morreo da tal peste, assim como Duarte Nunes diz que o Castelhana o conta; pelo que muito mal refere que só o Autor da Cronica Castelhana faz menção della, pois tambem o da Portuguesia do dito Rey D. Afonso o IV. de Portugal o faz.

Nam trato aqui de como o mesmo Duarte Nunes às ditas folhas cento & setenta verso, quer reprehender a Fernão Lopes, dizendo que poem esta peste no reynado de el Rey Dom Sancho o Primeiro, porque quando isso seja, alem dessa poder ser outra, aqui trato somente do que toca à Cronica de el Rey Dom Afonso o Quarto, na qual se faz menção da mesma peste que Duarte Nunes diz, & melhor se pudera dizer, que ou por elle escreuer com pouca consideração, ou pola demasiada cede que tinha de desacreditar os Autores antigos Portugueses, dizia que não fazião elles menção do que a fizerão, que não dizer elle que por pouca curiosidade, & rudeza se não achaua feita menção daquilo que a Cronica antiga expressamente diz.

E pois este Autor tanto quis desacreditar os nossos antigos, lugar he este em que conuem defendermolos da rudeza, & pouca curio, dade que diz que tiverão, porque se chama rudeza à lingoagem antiga, por não ser tam polida como a de hoje, isso não tira, nem poem na verdade da historia, mas só a mudança dos tempos faz que a lingoagem dos antigos nos pareça a nós hoje rudeza, assim como a nossa o parecerá aos que daqui a duzentos annos vierem sendo a sua então ja algum tanto mudada da que hoje usamos, como ordinariamente acontece.

E se acha que auia pouca curiosidade em enuestigare a verdade das cousas, & a tratarem nisso se engana muito, porque alem dos antigos tratarem mais singelamente a verdade, não erão descuydados em a buscarem, pois proua largamente Damiaão de Gois na quarta parte de el Rey Dom Manoel no capitulo trinta & uito, que el Rey Dom Duarte sendo ainda Infante, mandou por Fernão Lopes Cronista mór buscar os cartorios de Mosteiros, & Igrejas, & letreiros de sepulturas, em que gastou muito tempo pera melhor escreuer as Chronicas. & que tambem mandou a Castella buscar muitas escrituras, donde se ve que ja então se não escreuia senão com muita consideração, governandose polos papeis autenticos de cartorios antigos; & quando o Cronista mór, & Guarda mór da Torre do Tombo hia buscar os cartorios de Igrejas, & Mosteiros, melhor buscaria o da Torre do Tombo, que tinha em seu poder.

Tanta curiosidade auia então nos Reys, que no mesmo capitulo alegando o dito Damiaão de Gois hũa carta de Ioão Rodrigues de Sã fidalgo antigo muy autorizado, & curioso, diz que el Rey Dom Afonso o Quinto não contente com ter as Chronicas escritas em Portugues, mandara buscar a Italia Frey Iusto Italiano, que quã fez Bispo de Ceita, pera lhas fazer em Latim, o qual por morrer de peste em Almada as não fez, & alem da Chronica de el Rey Dom Manoel, que Damiaão de Gois fez em lingoagem, o Bispo Hieronymo Ozorio fez outra em Latim, curiosidade que não vemos hoje nos Reys.

PROLOGO.

Pela verdade dos antigos ser mais segura, & certa, até os Autores estrangeiros fizeram sempre grande caso das Cronicas antigas que os Reys de Portugal tem nesta Torre do Tombo, porque o Doutor Hieronymo Gudiel Autor Castelhana na historia dos Giroes capitulo 23. folhas 81. verso, fallando da Cronica antiga de el Rey D. Fernão de Portugal, & dizendo como alcançara hum treslado della, o estima, & encarece tanto, que diz estas palauras.

Esta Cronica vino a mis manos sacada de la original que está en el Tombo de el Rey de Portugal, & assi es para mi la más autentica escriptura que se puede traer a este proposito.

Se este Autor Castelhana estimava tanto o treslado que ouue da dita Cronica Portuguesa, que por ventura em alguma cousa poderia ser mal tresladado, quanto mór fêtem os proprios originais que inda hoje se conseruão nesta Torre do Tombo, porque os nossos Cronistas antigos as fizeram de sua mesma letra, & depois el Rey D. Manoel as mandou tresladar em pergaminho, que todos durão, & estão na dita Torre.

E tanta curiosidade avia não só nas cousas dos Reys, senão tambem nas das linhagens particulares, que o mesmo Rey Dom Manoel mandou fazer hum liuro muy apurado de todos os braçoens darmas, não só Reays, senão tambem das fidalguias particulares, & pera o ordenar ao certo, mandou fazer diligencias; não só no seu Reyno, senão tambem fóra d'elle, como se le na sua Cronica, o qual liuro que anda em poder dos Armadores móres, como d'elle se ve, foy acabado no anno de mil & quinhentos & desanoue, no qual estão iluminados os braçoens das linhagões illustres; & alem deste liuro darmas, que he o principal, & mais autentico, se fizeram depois outros por varias pessoas, & Reys darmas, com pouca diferença huns dos outros.

Mais antiga he ainda a curiosidade em Portugal, porque o Infante Dom Pedro Conde de Barcelos, & filho bastardo de el Rey Dom Diniz fez hum liuro das linhagens de Portugal, & Castella, que anda de mão, & está escrito em pergaminho nesta Torre do Tombo de Portugal, ao qual liuro Ambrosio de Morales Autor Castelhana na sua Cronica de Espanha na geração de São Domingos que compo, no fim do liuro 17. gaba muito, dizendo que he escriptura de mais autoridade, & de mayor certeza que ha na materia de linhagens.

Os mesmos gabos lhe dà o Doutor Hieronymo Gudiel tambem Castelhana na historia dos Giroens capitulo primeiro, onde fallando dos liuros de linhagens de mão, diz estas palauras.

Como el del Conde D. Pedro de Portugal, que es el más antiguo, y más abundante, & de mayor autoridad que se puede leer.

Tambem Argose, Autor Castelhana, posto que no Prologo do seu liuro diz que o dito Conde D. Pedro de Portugal, conforme ao costume de seu tempo, admitira terribes patranhas, & que nelle ha alguns erros, confessa que a elle deve a nobreza de Espanha tudo o que della se sabe, & que elle he a luz que hoje se tem das linhagens.

PROLOGO.

E pois confessa que era costume daquelle tempo admitirem os Autores nas historias cousas que hoje parecem patranhas, dahi se mostra que o nosso Conde D. Pedro se algũa admittio não foi leuado a isso de malicia, nem de querer fingir, ou trocar a verdade, senão do costume daquelles tempos dar credito a cousas a que hoje o não querem dar por difficuldades de crer, o que muitas vezes he tambem causado da mudançã dos tempos, pois muitas temos visto que os antigos não crião, nem cuidauão, & outras poderião acõtecer então que nós hoje temos por quasi impossiveis, não nos sendo algũa das que escreue o nosso Conde D. Pedro, porque até o caso de Biscaya damas de Enhegues Guerra, que refere no titulo 9. que se tẽ por mais difficuloso quando por feitiçarias do diabo, a que os antigos forão muito dados não pudesse acontecer, facil seria ao diabo persuadilo às gentes, pois o mesmo Argote confessa que vzo daquelles tempos era admitirẽ tais contos.

Persuadido hũa vez o caso aos moradores de Biscaya, o Conde D. Pedro escreueo aquillo que soube pelas informações que teue, que em Biscaya corria por sua fama, & tradiçã, & assi testifica no dito titulo 9. que no tempo que elle escreueo se dizia em Biscaya, que elle isto não escreueo cousa de Portugal, senão de Biscaya, & assim se ouue erro, primeiro se persuadio aos Biscainhos que a elle.

Não podem os Autores mortos fallar por si, & nem de todas as cousas antigas se pôde dar rezã, auendo acontecido no mundo algũas muito extraordinarias, pelo que se não podem reprouar os Autores antigos senão com outros que o sejão mais que elles, ou com provas clarissimas, ou sendo as cousas de todo impossiveis.

E quanto a dizer Argote que no dito Conde D. Pedro há algũs erros, digo que não hà Autor por bõ que seja que não tenha algũ, & ao mesmo Argote se podem prouar muitos, quãto mais que algũs que se acharem no dito Conde D. Pedro, mais nascerião daquelles que o tresladarã, que do mesmo Conde, porque ja hoje não temos o seu proprio original, senão treslados d'elle, & até no que està nesta Torre do Tombo se achã algũas cousas que consta não serẽ ditas pelo dito Conde D. Pedro, por succederẽ depois d'elle morto, mas os que muito depois o tresladarã, lhos acrecentarã, como aqui pudera prouar se este for a seu lugar, que até nos liuros impressos se achã erros, ora por falta dos impressores, ora porque os Autores como homẽs errã, que não hà cousa humana de todo perfeita, & nẽ polo Autor tẽr algũ erro deixa de ser bom quãdo no substãcial, & em quasi tudo o he, que até nas escrituras desta Torre da leitura noua se achã algũs erros, mormẽte nas eras & annos em que forão feitas, por serem mal tresladadas dos originaes.

Basta que o dito Conde D. Pedro he a mais auentica escritura, conforme aos mesmos Castelhanos, que temos das linhagẽs antigas, & que sò neste Principe Portugues ouue tal curiosidade, não na auendo nos Castelhanos, pera o que fez muitas diligencias, como confessa Morales, & se ve do Prologo do mesmo Conde D. Pedro, onde entre outras cousas diz estas palauas.

Eu o Conde D. Pedro filho do muy nobre Rey D. Diniz, ouue de catae por gran trabalho por muitas terras escrituras q̃ falauã nas linhagens, & vendo

PROLOGO.

vendo as escrituras con grande estudo compuse este liuro.

Referi tão largamente a curiosidade de nossos Portuguezes antigos, para mostrar quão errados são os que hoje cuidão que não na auia nelles, porque antes a auia com mais verdade que hoje, posto que o estilo, & modo não fosse tão polido. E os que hoje mouendo impossibilidades, & fazendo argumentos, & conjecturas querem encontrar os antigos, andão ás cegas aduinhando, porque como hoje faltão muitos dos papeis que os antigos tiuerão, & virão, achandose hoje somente algũs dos que ouue, se causão confusões a quem hoje ue hũs, & não ue os outros, pelo que muitas cousas antigas parecem hoje impossiveis por não sabermos tudo o que naquelles tempos aconteceu, nem os costumes dantão, nẽ as causas que pera as ditas cousas ouue, que tambem os Reys antigos fizeram cousas em seus casamentos, & governos, que se as escrituras, & Cronicas as não afirmãrão tanto, erãõ duras de crer, pois chegarão a tendo as molheres viuas se casarãõ com outras.

De tudo o acima concluo que as Cronicas antigas de nossos Reys, que se conseruãõ na Torre do Tombo, posto que atégora se não imprimissem, são as mais verdadeiras, & autenticas, porque não està o caso em serem impressas, ou não, pois nas impressas pôde estar erros, & falsidades, como às vezes acontece, ou por quererem lisongear aos poderosos, & que governãõ engrandecendoos, ou polos Autores quererem abater naquelles de que tẽ paixãõ, & nas de mão estar a verdade muito ao certo, como està nas que se conseruãõ na dita Torre.

E dandome Deos vida, & descanso pera imprimir mais as de outros Reys, darei inda disto mais prouas, mostrando mais erros de Duarte Nunes, que sãõ por encontrar os antigos deu em absurdos erros, & desatentos, em tanto que nesta de el Rey D. Afonso o IV. de que só trato, fez outro erro, & encontro sãõ de pouca consideraçãõ.

Porque ás folhas 136. referindo que o Infante D. Manoel era filho de el Rey D. Fernando o III. de Castella, como na verdade era, logo na mesma folha o torna a nomear por filho de el Rey D. Afonso o Decimo, & certo que foy grande erro de penna, por Fernãõ, por Afonso, & por terceiro, decimo; & muito mayor descuido não no ler despois pera o enmendar nas erratas, porque não no enmendou, nem ouue ser erro, sendo, & encontro claro.

Com tam pouca consideraçãõ escreueo quem dizia que reformaua as Cronicas antigas, & doutros erros seus mayores não trato aqui por pertencerem às Cronicas de outros Reys, onde terãõ seu lugar quando ellas sairem a luz, sendo Deus seruido, a quem primciramente, & despois à honra de minha patria, dedico, & dedicarei meus estudos, & trabalho que nelles leuo, tratando só da verdade das cousas.

E porque esta Cronica antiga està na dita Torre escrita em pergaminho em nome de Ruy de Pina, sem declarar o anno em que foy feita, nem tresladada, se imprime sem declaração do dito anno assim como està.



CHRONICA DE LREY DOM AFONSO, DESTE NOME O IV. E DOS

Reys de Portugal o VII. continuada a
del Rey D. Dinis seu Padre.

CAP. I.

De como el Rey D. Afonso sendo Infante foy alevantado, & obedecido por Rey, & das perfeçoens, que teve.

AO tempo, que D. Dinis faleceo em Santarem, que foy a sete dias de Ianeyro da era de Cezar de mil & trezentos sessenta & tres, & do anno de Christo de mil & trezentos & vinte & cinco, logo foy solemnemente alevanta-

do, & obedecido por Rey o Infante Dom Afonso seu filho primogenito, & erdeyro, em idade de trinta & cinco annos, oqual succedeo aos Reynos de Portugal, & do Algarve em grande prosperidade, & muyto assecego, porque os achou em segura paz, & muyta amizade cõ todos os Reys, & Principes Christãos, & as gentes, & vassallos delles muy ricos, & abastados, & sobre isso erdou muyta fazenda, & grandes thesouros, que ficaram del Rey D. Dinis seu padre; & como reynou logo por suas boas obras pareceo claro, q̃ de todo tirou de sy, & de seu

seu corpo, & alma a condiçam, que tinha em sendo Infante, & tomou outras de muy bom, & perfeyto Rey, porque logo amou muyto seu povo, & sempre o rego com inteyra justiça, & o emparou, & defendeo com grande esforço; ca em outro tempo sendo Infante, favorecia, & sustentava os malfeytores, contra toda a honestidade, & consciencia, & justiça. Elle como Reynou fez logo pelo contrario, porque os ladroenis, & culpados em quoaesquer crimes, elle com muyta diligencia os procurava aver em suas cadeas, donde sem algũa quebra de justiça, sahiam pera receber suas publicas, & devidas penas, & elRey por serviço de Deos, & pera boa, & justa governança de seus povos, & vassallos, fez muytas, & boas leys, & ordenaçoens, que em seu tempo mandou sempre muy bem guardar.

CAP. IV.

Dos filhos legitimos, que elRey Dom Afonso ouve da Rainha Dona Britis sua molher.

RREY Dom Afonso ouve da Rainha Dona Britis sua molher, filha que foy de elRey Dom Sancho, & ir-

maam de elRey Dom Fernando de Castella, estes filhos, & filhas. Primeyramente o Infante Dom Afonso, que em sendo moço faleceo em Penela, & jaz sepultado no Mosteyro de S. Domingos de Santarem. E apoz elle ouve o Infante Dom Dinis, que naceo, & morreo em Santarem moço de hum anno, & jaz sepultado em Alcobaça na capella dos Reys a os pees da sepultura de elRey Dõ Afonso Conde de Bolonha seu bisavó. E ouve mays o Infante D. Ioam, que tambem faleceo moço, & jaz sepultado no Mosteyro de Odivelas, junto com elRey Dom Dinis seu avó. E ouve a Infanta Dona Maria, que foy depois Rainha de Castella, & Leão cazada com elRey Dom Afonso deste nome o XI. de Castella, & ambos eram netos de elRey D. Dinis, como ao diante se dirá. E ouve o Infante Dom Pedro, que apoz elle reynou, o qual nascéo em Coymbra anove dias do mes de Abril da era de Cesar de mil trezentos sincoenta & oyto annos, do anno de Christo de mil trezentos & vinte, & foy cazado com a Infanta dona Costança Manoel, filha de Dom Ioam Manoel, filho do Infante Dom Manoel de Castella, como ao diante direy, & ouve mays a Infanta Dona Leonor, que foy Rainha de Aragam, cazada com elRey Dom Pedro deste nome o quinto, & dos Reys

Reys de Aragam o XVI. filho de elRey Dom Afonso deste nome o IV. de Aragam; & sobrinho da Rainha Dona Izabel, mulher de elRey Dom Dinis, filho de elRey Dom Iaymes o II. deste nome, de que ao diante também se dirá.

CAP. III.

Como elRey Dom Afonso executou o odio, que tinha contra Afonso Sanches seu irmão.

COMO elRey Dom Afonso reynou, porque foy tempo em que muy livremente sem algũa torva podia executar o grande odio, que sem causa concebera, & tinha a Afonso Sanches seu irmão, & elle em todas as cousas, que contra o dito Afonso Sanches desejou, & em que erradamente o avia por culpado, logo fez fazer processo, em que se puzeram todas as difamações, que atraz na Chronica de elRey D. Dinis já apontey, convém asaber, que o quizera matar com peçonha; & que difamara delle ao Papa, dizendo delle taes defeytos, q por elles não devia de reynar, por o dito Afonso Sanches ser pera a successão do Reyno elegido, & habilitado; & deu-

le contra o dito Afonso Sanches sentença, que fosse do Reyno de Portugal desterrado, & perdesse todos os officios, honras, & terras que tinha, as quays todas sem cõtradiçam lhe mandou logo tomar, sobre oqual Afonso Sanches despoys de ser em Castella, o enviou requerer, & afrontar, & pedir-lhe, que poys nam avia causas justas de sua condenaçam, lhe nam tomasse nada do seu, & o restituísse a todo assi como o dantes tinha, porque com tudo o serviria como a seu Rey, & Senhor, & lhe seria bom, & fiel vassallo, ao que elRey Dom Afonso, sendo fomite contrariado de sua propria vontade, & payxam, nam quis satisfazer, antes obrou o que tinha começado, pelo qual Afonso Sanches, porque no Reyno de Castella era por sangue Real muy lindo, & amigo com grandes pessoas, & assi tinha já nelle muytas Villas, & terras, ajuntou muyta gente de Castella, & de Leam, & entrou logo em Portugal, por terra de Bragança, onde queymou, & roubou muytos lugares; & fez nelles grandes danos, & no mesmo tempo mandou á outra sua gente, que tinha em Albuquerque, & Medelhim, de que hera Senhor, que também entrassem, como entraram, em Portugal, por riba de Odiana, onde com roubos, & queymas, mortes, & cativeytos

de gentes fizeram outro sy grandes roubos, & danos, & sobre isto o ditto Afonso Sanches se veo á Albuquerque pera continuar a guerra contra elRey Dom Afonso seu irmám, oqual proveo logo as Estremas de Portugal com gètes, & Fronteyros, entre os quaes foy Dom Gonçalo Vaz Mestre de Avis, que cõ sua gente, & com outra de alguns Concelhos, estava por Frõteyro em Ouguella jũto de Albuquerque, contra oqual sahio de Albuquerque Afonso Sanches, & ouveram ambos grãde peleja, em que o Mestre, & os seus foram vencidos, & maltratados, & Afonso Sanches despoys de ser recolhido, porque adoeceo de febres quartans, se foy a Medelhim, que hera tambem seu. ElRey Dom Afonso com grande sentimento deste desbarato, ajuntou logo sua gente de Portugal, & entrou em Castella, & foy cercar oCastello da Codeceyra, junto de Albuquerque, que tambem hera de Afonso Sanches, esteve tanto sobre elle, atè que por partido lho deu hum Diogo Lopes, que delle hera Alcayde, & elRey despoys de derribar o dito Castello por muytas partes, se tornou á Portugal, onde intervieraõ taes medianeyros, que antre elles puzeram paz, & segurança, pera hũnam fazer mal na terra do outro, & com isso cessou a guerra antre elles. Este Afonso Sanches des-

poys de falecer em Castella, se mandou levar ao Mosteyro de Villa de Conde, da Ordẽ de Santa Clara, que elle de novo fundou, & nelle jáz sepaltado, na capella, que se diz dos Senhores, & delle ficou seu filho Dom Ioam Afonso de Albuquerque, o que disseram o bom, que em tẽpo de elRey Dom Pedro de Castella, andou morto no ataudè, atè a conclusão das cousas, que em sua vida emprendera, como na Chronica de Castella he conteudo.

CAP. IV.

Como foy tratado, & feyto o casamento delRey Dom Afonso de Castella, com a Infanta Dona Maria, filha deste Rey Dom Afonso de Portugal.

LREY Dom Afonso deste nome oXI. Rey de Castella, ficou como atraz tẽno dito, menino, por falecimento delRey Dom Fernãdo seu padre, & em tempo de suas tutorias padeceram seus Reynos, & seus vassallos muytas tribulaçoẽs, porque seus tutores, com a Rainha D. Maria, sua avó, nũca foram cõcordados, antes na parte do Reyno, q̃ cada hũ pera sy tomava, nã se guardava algũa imagẽ de direyto, nem

nem justiça, cá todos soltamente, & se algũ temor faziam oq queriam, & durou isto até o anno de Christo de mil & trezētos & vinte & dous; em que el Rey Dō Afonso ouve idade de catorze annos, no qual tempo depòys da morte da Raynha Dona Maria sua avò, elle sempre esteve em guarda na Villa de Valhadolid, & por seu amo Martim Fernandes de Toledo, que muyto tempo avia que o criava. E comprido este foý el Rey em Cortés, por consentimēto do Reyno metido em posse da inteýra governança de seus Reynos, & ende outros do seu Conselho, & de mór privança, tomou loguo por principays privados, & conselheyros hum Alvaro Nunes d' Osóyro, que hera da terra de Leam, homem pera todas couzas astuto, & prudente. E tambem Garcia Lasso de la Vega em cuja governança, & disposciçam heram todas couzas dos Reynos de Castella, & Leam. E a este tempo heram na Corte Dom Ioam Manoel filho do Infante Dom Manoel, & Dom Ioam, que disseram o Torto, filho do Infante Dom Ioam, que morrera na Veyga de Grada, donde por sospeytas, que ouveram de suas mortes, que lhes tratavam, se partiram como desavindos.

E porque Dom Ioam o Torto hera viuuo de Dona Izabel filha do Infante Dom Afonso de

Portugal que tivera por molher, & tinha grande terra, com muytas Villas, & Castellos, prazia a Dom Ioam Manoel cazar com elle sua filha Dona Costança, que hera ainda muyto moça, pera ambos, que heram grandes Senhores, serem liados contra el Rey, de que se muyto temiam, & assi contra quem os quize se dinesficar, & sabendo el Rey desta concordia, & quanto de saçoego estes homens lhe podiam caular em seus Reynos, especialmente, porque a este tempo inda hera vivo Dom Afonso de la Cerda aquelle, que já se intitulara Rey de Castella, com quem por torvaçam, & contenda se poderiam ajuntar. El Rey por conselho de Alvaro Nunes, & polos apartar desta concordia, & casamento enviou loguo secretamente a D. Ioam Manoel seu mensageyro, porque lhe mandou rogar, que se nam apartase de seu seruiço, porque dezejava fazerlhe merce, & darlhe apartados officios, & governança de seus Reynos, que elle quizesse, & finalmente que lhe prazia cazar com a dita Dona Costança sua filha, da qual embaxada Dom Ioam Manoel foý muyto alegre, & com algũa dissimulaçam, que inventou, se apartou loguo de Dom Dom Ioam, & se foý a Penhafiel onde por procuradores, q el Rey ali enviou, se concordou seu ca-

zamento com a dita Dona Costança, & com seguridade de fortalezas, que el Rey para isso pôz em poder do dito D. Ioam Manoel, & pera trazerem a dita Dona Costança a poder del Rey, logo o Infante Dom Felipe tio del Rey, & de Dona Margarida sua molher, & muytos Senhores, que a trouxeram a Valhadolid, onde tambem veo Dom Ioam seu padre, & ali com grandes festas fizeram seus solemnes esposouros, & porq̄ hera muyto moça, sem el Rey tocar, foy entregue a Dona Tareja sua Aya, que a criasse, & el Rey fez Dom Ioam Adiantado mor da fronteyra de Grada, do qual Dom Ioam o torto, sabendo estas cousas, se ouve por enganado, & por isso nam leyxou de catar outras maneyras pera desserviço de el Rey de Castella, assi como foy fazerse, como se fez, vassallo de el Rey Dom Afonso de Portugal, pera delle aver, como ouve, a grande cõtia de dinheyro, que de el Rey Dom Dinis ouvera o Infante Dom Ioam seu Padre.

E por estas cousas el Rey D. Afonso de Castella desamava muyto este Dom Ioam, especialmente despoys que soube, que D. Ioam Manoel lhe mandara certificar, q̄ sem embargo do cazamento de sua filha com el Rey de Castella, elle o ajudaria contra o mesmo Rey de Castella, quando sem cau-

sa o quizesse destruir, & fazerlhedano, segundo com elle tinha cõtreatado, & jurado. E por estas causas el Rey de Castella, por qualquer maneyra, & engano, que fosse, desejava muyto de aver a seu poder Dom Ioam o Torto pera o matar, & ser fora de suas sospeytas. E pera com algũa grande esperança fingida de bem o poder em seu serviço assocegar, & principalmente pera o melhor enganar, lhe enviou por embaxador o dito Alvaro Nunes d' Ozoyro, q̄ era Camareyro Mor del Rey, & Iustica mayor de sua Corte, & despoys foy Conde de Trastamara, & de Lemos, & este cõ promessas, & seguridade, que deu a Dom Ioam, & porque cõ isso maliciosamente tambem lhe envolveu esperança de el Rey o cazar com a Infãta Dona Lianor sua irmãam, que era já molher. Elle sobre sua cabeça, & beijãdolhe a mãam por Senhor, o levou a Touro, onde el Rey por grande honra o sahio a receber fora da Villa, & se foy com elle à pouzada, & sendo d'elle convidado pera o outro dia, q̄ era dia de todos os Santos. El Rey sobre a segurãça, que lhe tinha dada, o mandou matar, como tinha detreminado, & a dous seus vassallos com elle.

E logo el Rey em hum estrado cuberto de luto perante muytos fez relaçam dos erros, que o dito Dom Ioam contra sua pessoa

Real cometera, & o julgou por trêdor, & confiscou pera sy, & sua Coroa todas suas terras, & Villas, & Castellos, que passavam de oytenta, & ficou delle hũa só filha, Dona Maria, que sua ama por sua salvação levou logo a Bayona de Bordeos, que era de Ingalaterra. E Dom Ioam Manoel sabendo da morte de Dom Ioam, enojado della, & receoso da sua, se partio da frontaria dos Mouros, aonde estava, & se foy ao Reyno de Murcia, aonde tinha terras, com fundamento de nam ir mays a serviço del Rey, nê à guerra dos Mouros, pera que era apercebido, & acusando muyto de praça, & com palavras muyto feas Alvaro Nunes, pella morte de Dom Ioam, em que como sabedor della o culpava, nõ que o dito Alvaro Nunes, pera o que esperava se achou delle muyto enganado, porque cõfiava, que Dom Ioam Manoel feria sempre em sua ajuda, & favor, por elle ordenar, & procurar o casamento del Rey com sua filha. E sentindo elle o contrario, declarouse antre elles grande desavença, & imizade, & com se dizer, que o dito Alvaro Nunes, por dinificar, & abater em Dõ Ioão, disse a el Rey, que por quãto a calidade, & condiçam de D. Costança por ser filha de seu vassallo, & tal com que nam ganhava hõra, nem dinheyro, nem aliança, nam era rezam, que cazase com

ella.

E por isso eram bem pera estimar, que elle ditõ Dom Ioam, & outros, que el Rey quizessem deservir, nam se liassem com Portugal, que feria sem embargo das promessas do primeyro cazamento com Dona Costança, que cazase com a Infanta Dona Maria, filha del Rey de Portugal, que era donzella, & a mãdasse pedir, & assi requerer casamento do Infante Dom Pedro seu filho herdeyro, com a Infanta Dona Branca, filha do Infante Dom Pedro de Castella, seu tio, a quem muyto devia; porque sendo seu tutor, morrera por seu serviço na Veyga de Grada. E a el Rey de Castella aprouve de isso, & sobre aponamentos secretos, que ouve de hũa parte, & da outra, El Rey de Castella enyiou a Coymbra por seus Embayxadores a tratar os ditos cazamentos, Pero Rodrigues de Vilhegas, & Fernam Fernandes de Pinna, & por elles com el Rey Dom Afonso de Portugal, que era presente, foy em nome del Rey de Castella concordado, que elle cazasse com a dita Infanta Dona Maria, a qual lhe fosse entregue em algum lugar do Estremo, atè o S. Ioam, que vinha da era de Celar de mil & trezentos & sessenta & seys annos, que era do anno de Christo de mil & trezentos & vintoyto, & que em cazo, que o Papa nam dispensasse

com elles por serem em langüeta conjuntos, & pera os apartar puzesse sobre elles sentença de excomunham, & interdito nos Reynos, que nem por isso se apartassem, antes que ambos mantivessem, como marido, & molher, como se fossem despendados.

E pera segurança disto poz elRey de Castella em poder de Fidalgos Portugueses Trugilho, Prazença, Feria, Burgilhos. E elRey de Portugal, em poder doutros Castelhanos Filhos dalgo, Arronches, Castello da vide, Portalegre, & Monforte, & os Alcaydes aviam de ser pagos acusta dos Reys, cujos eram os Castelllos, de que se fez contrato com muytas clausulas de firmezas, & condiçoens, que nam fazem a este proposito.

E porem entre elRey de Portugal, & os ditos Embayxadores, foy tambem logo apontado, & falado, que o Infante Dom Pedro herdeyro de Portugal, cazasse cõ a dita Infanta Dona Branca, que atraz apontey, aqual, porque tinha em Castella muytas Villas, & terras, que estas com nome de dote da dita Infanta Dona Maria ficariam ao dito Rey de Castella, & que elRey de Portugal daria por isso em os seus Reynos outras tantas Villas, & terras, logo assinadas á dita Infanta Dona Branca, por dote de seu cazamento, com o dito Infante Dom Pe-

dro, & que ao tempo da entrega da Infanta Dona Maria se fariam sobre estes proprios contratos.

E antes que estes cõtratos fossem publicados, porque a dita Dona Costança, filha de Dom Ioam Manoel despoys dos desposorios prometidos ficara em Valhadolid, receandose elRey de Castella, que sabendo Dom Ioam destes cazamentos de Portugal, procuraria de tirar, & levar sua filha donde estava, & ordenar della algum trato de seu desserviço. Mandou aos de Valhadolid, em cujo poder estava, que logo a levassem, como levaram a Cidade de Touro onde em boa seguridade foy posta em guarda no Alcacere della.

Da qual cousa, como Dom Ioam Manoel foy certificado, anojado disso, quanto era rezam, se enviou logo por seu procurador desnaturar, & despedir delRey de Grada, que juntamente fizeram ambos crua guerra, de que os Christãos dos Estremos, por elRey de Grada, & os de dentro do Reyno, onde Dom Ioam tinha muytas Villas, & Castelllos receberam grandes danos, especialmente, que o dito Dõ Ioam, porque fora já cazado com a Infanta Dona Costança filha delRey Dom Iaymes, & hera irmaã delRey Dom Afonso, que entam reynava em Aragam, se lhe inviou querelar da injuria, que rece-

cebera del Rey de Castella, contra o qual em vida de Dom Ioam, o dito Rey de Aragam lhe inuiou Capitaens com muyta gente, os quaes todos repartidos por Castella, faziam nella muytos males, & grandes estragos.

E porque da Villa de Escalona, que hera de Dom Ioam, se fazia muyto dano, el Rey de Castella com grande poder a foy cerquar, & estando neste cerquo jurou, & firmou em sua pessoa os sobreditos concertos do cazamento seu com a Infanta Dona Maria de Portugal, & foy no sobredito anno, aos vinte & leys dias de Março, & porque foy logo apontado, que por respeyto do dito cerquo de Escalona, em que o dito Rey de Castella estava, elle por ventura nam poderia hir em pessoa a Portugal, ou a seus Estremos ao tempo, que foy apontado o recebimento da Infanta Dona Maria sua molher, que neste caso, & durando este pejo, enviaria por ella a Infanta Dona Leonor sua irmaam, que lha trouxesse, & sobre este concerto inuiando el Rey pela dita sua irmaam a Valhadolid onde estava; os da Villa a nam deyxaram hir a el Rey, nem sahir da Villa, porque lhe fizeram crer que a tiravam, pera contra a sua honra, & estado, a cazarem com o ditto Dom Alvaro Nunes d' Oloyro, que hera ja Conde de Trastamara, & de Lemos, como

disse, & hera o mayor senhor de Castella, & em todo a governava, do qual se receavam, que despoys de ser cazado poderia ordenar a morte a el Rey Dom Afonso, cõ a qual por respeyto da Infanta, se fosse sua molher, ficaria Rey dos reynos de Castella, de que nam avia outro herdeyro legitimo mays chegado, que os succedesse, & por estes boliços, & aleuantaamentos, que em Castella se moviam, conueo a el Rey de Castella levantar o cerquo de Escalona, & ir a Valhadolid, onde por causa do dito Conde Alvaro Nunes, que no Reyno hera muy desamado, o nam quizeraõ logo acolher, & lhe fecharam as portas, & por assocego, & contentamento de todos, & por males, & tiranias, que do dito Conde lhe certificaram, ali o lançou fora de sua casa, & privaçã, o qual ja agrãvado, & escandãlizado de seu apartamento do grande favor, que tinha, despoys de mover contra el Rey muytos fundamentos, & tratos, com Mouros, & Christãos, pera o desservir, finalmente foy despoys por seu mandado morto, por Ramir Florel de Guzmam, & despoys queymado, & julgado por trẽdor, & perdidas suas terras pera a Coroa de Castella, & com isto el Rey de Castella no sobredito anno se partio de Valhadolid, & cõ elle a dita Infanta Dona Leonor sua irmaam, acompanhada

de Condeças, & grandes Senhoras, & se vieram a Cidade Rodrigo, & daly a dita Infanta Dona Leonor se foy diante ao Sabugal, que he Villa de Portugal, onde heram juntos el Rey Dom Afonso de Portugal, & a Rainha Dona Izabel sua madre, molher que foy del Rey Dom Dinis, & a Rainha Dona Britis sua molher, que traziam a dita Infanta Dona Maria, & delles todos a dita Infanta Dona Leonor foy grandemente recebida, & festejada, & despoys de estarem ali alguns dias se foram todos a Villa de Alfayates, que he de Portugal, onde veo el Rey de Castella, & ali se fizeram suas vodas com grandes festas, & muytas alegrias, acabadas as quaes todos juntamente se foram ao lugar de Fonte grinaldo, que he de Castella, & ahí concordaram o outro casamento do Infante Dom Pedro herdeyro de Portugal, com a dita Infanta Dona Branca de Castella, filha do Infante Dom Pedro, como atraz brevemente apontey.

E despoys de afirmarem entre sy suas pazes, & amizades, & todos os outros concertos de dotes, & seguridades dos Castelllos, que que se aviam de dar: El Rey de Portugal se tornou pera seu Reyno, & el Rey de Castella com a Rainha sua molher pera Cidade Rodrigo, & com elles foy atè a dita Cidade a Rainha Dona Bea-

tris de Portugal, mãy da Raynha Dona Maria, donde tambem se tornou ao Reyno, & huns ficaram dos outros muy alegres, & contentes, & desta hida del Rey de Castella, se aponteu, & concordou o casamento da dita Infanta Dona Leonor sua irmaam, com el Rey de Aragam, q já fora cazado com Dona Tareja, com quem erdou o Condado d' Virgel, de que já tinha avido Dom Pedro, que apòs elle reynou em Aragam, aqual Dona Leonor el Rey seu irmaam lhe foy entregar em Grada lugar de Castella, & dahi foram fazer suas vodas em Tarraçona, primeyro lugar de Aragam, aque foram Embayxadores del Rey de Portugal, pera todos firmarẽ entre sy, como firmaram, pazes, & alianças, & assi a concordia sobre a guerra dos Mouros, que el Rey de Castella queria fazer, & dali trouxe el Rey de Castella consigo a Infanta Dona Branca, muy moça, que hera confertada cazar com o Infante Dom Pedro herdeyro de Portugal, tanto que ella ouvesse idade de doze annos, pera a entregar a el Rey de Portugal, como entregou, segundo ao diante se dirã.

E porque Dom Ioam Manoel vio, que por estas alianças, & casamentos, já em Espanha nam tinha socorro, nem ajuda pera a guerra, que por vingança emprendera contra el Rey de Castella, & por-

porque era viuvo, cazou logo cõ Dona Branca filha de Dom Fernando de la Cerda, filho de Dom Afonso de la Cerda, que se chamou Rey de Castella, a qual tinha grande cazamento, & mays hera irmaam de Ioam Nunes, senhor de Lerma, que hera cabeça do senhorio de Lara, & hera grãde senhor, & tinha muytas Villas, & terras, o qual Ioam Nunes tãbem hera filho do dito Dom Fernando de la Cerda, & de Dona Ioana de Lara, que fora molher do Infante Dom Henrique, tutor del Rey Dom Afonso, & porque o dito Ioam Nunes hera moço, & ainda por cazar, ordenou o dito Dom Ioam Manoel, que elle tãbem cazasse, como cazou, com Dona Maria filha de Dom Ioam o Torto, o que el Rey mandou inatar, em Touro, filho do Infante Dom Ioam, que morreu na Veyga de Grada, a qual Dona Maria hera herdeyra de Biscaya, & pella morte de seu padre, pera segurança de sua vida, fora por sua ama levada a Bayona, que hera de Inglaterra, como atraz disse, & a ella pertẽcia o senhorio de Biscaya, o qual com todas as outras Villas, & terras, que foram de seu pay, & que el Rey lhe tinha tomadas, o dito Dom Ioam Manoel disse: que por guerra, que ambos fariam a el Rey de Castella, lhe faria inteiramente entregar, & receo o el Rey de Castella

do concerto destes dous Senhores, que por sua desobediẽcia lhe impediam nam proseguir a guerra dos Mouros, como desejava, & pera que estava percebido, concordouse com o dito Dom Ioam Manoel, por meyo de Dom Ioam do Campo Bispo de Ovedo, & as condiçoens do concerto, foram, que el Rey lhe entregasse, como entregou, sua filha Dona Costança, q em Touro estava em guarda, & el Rey Dom Ioam desse as Villas, & Castellos, que por isso tinha em arrefens, salvo, que dellas nam entregasse a Villa, & Castello de Lorca, de que fariam menagem a el Rey, mas esta paz não durou antre elles, como direy ao diante, & no anno seguinte os Reys de Castella, & Portugal outra vez se viram em Fonte Guinaldo, & ali concordaram, que os Alcaydes de hum Reyno, & do outro, que por fieldade, & segurãça dos cazamentos, & tratos, tinham as Villas, & Fortalezas que atras disse, se mudassem, & assi algũas Fortalezas primeyro nomeadas em outras, & os Portugueses tivessem as de Portugal, & os Castelhanos as de Castella, & que estes com menagens, & juramentos fossem obrigados cõprir todas as obrigaçoẽs, & condiçoẽs do primeyro contrato, & assi lhe prometeo el Rey de Portugal ajuda pera a guerra dos Mouros, quinhẽtos cavalleyros á sua custa, cõ

C A P. V.

De como el Rey de Castilla tomou por manceba Dona Leonor Nunes de Gusmaõ por cuja causa ouve grandes desavenças antre os Reys de Portugal, & Castilla.

os quays avia de hir; como foy o Mestre de Christo, que com a dita gēte foy a Cordova antes, que el Rey entrasse a terra dos Mouros; & foy no cerquo de Teba, & a estas vistas, de Fōte Guinaldò trouxe el Rey de Castilla a dita Infāta Dona Branqua sua prima, & a entregou a el Rey Dom Afonso de Portugal, que como propria filha a trazia, & criava em sua propria caza, pera que tanto que fosse em idade de cazar com o Infante Dom Pedro seu filho mayor, & herdeyro, aver ella em Portugal outras tantas Villas, terras, & renda; quantas tinha em Castella, as quays aviam de ficar, como ficaram a el Rey de Castilla pello dotte da Rainha Dona Maria, como já disse, & el Rey de Portugal pelas Villas, & terras, que affinou a dita Infanta Dona Brāqua, depoy s q̄ ella se foy de Portugal, como adiante se verá, lhe deu a valia dellas a dinheyro cōtado, que foram dous contos, & duzētos mil maravedis, pelos quaes a dita Dona Branqua comprou a el Rey de Castilla as Villas de Briviesca, & de Pancorvo, & de Salinas, & de Anana, & em quanto lhe nam pagaram este dinheyro, ella avia em Portugal dez mil livras, que eram coatro mil cruzados cada anno.

E NDO já em dous annos, que Dom Afonso de Castella hera cazado com a Rainha Dona Maria, & nam avēdo della geraçam, namorouse, & ouve em seu poder em Sevilha D Leañor Nunes de Gusmaõ filha de Dom Pedro Nunes de Gusmaõ, que estava viuva de poucos dias, & hera muyto Fidalga, moça, & fermoza, & muyto discreta, & estava em poder de hum seu avò, & el Rey a vira em caza de hũa sua irmaam cazada com Dõ Henrique Henriquez, daqual ficou muyto contente, & della ouve el Rey por tempos muytos filhos, & contra sua honra, & estado real, & conciencia, a teve sempre em todo estado, & acatamento de Rainha denegando tudo isto a Rainha Dona Maria sua molher, aquem tratava com grandes disfavores, & com muy poucas mostranças de verdadeyro amor, aqual cousa sabida em Portugal, a Rainha Dona Isabel, molher, que foy del Rey Dom Dinis, que
ainda

ainda hera viva, & avo que hera de ambos, & este Rey Dom Afonso, & a Rainha Dona Maria sua molher dezejando atalhar no comesso este fogo de discordia, ante que mais se acendesse, teve vistas com elRey seu neto en Xares de Badajos a que aconselhou em seus feytos tão sam, & direytamente como se esperava de Rainha tão virtuoza, & tão sancta como ella era, & que com elle tinha tanta rezaõ; & dali se partio elRey com promessas que fez de se não dar tanto a afeiçãõ de Dona Leonor; mas elle depouys fez em todo o contrario de sua promessa, & Dom Ioão Manoel sendo, enojado, & agravado del Rey de Portugal por contrariar com elRey de Castella o casamento de Dona Constança sua filha, & o fazer com a Rainha Dona Maria dezejando no mesmo caso sua vingança que fosse cõ desgosto, & abatimento del Rey de Portugal, & assi por buscar algum remedio, & segurança de sua vida, & estado, de que estava muy duvidoço, sabendo que elRey de Castella, & todo o Reyno estavaõ a disposiçãõ, & vontade de Dona Leonor sua manceba, o dito Dom Ioão Manoel enviou a ella seus secretos mensageiros pelos quois com muitas rezois, & possueis disposiçois que para isso lhe apon-

taraõ, a induziraõ que fizesse com elRey que deixasse a Rainha Dona Maria, para que avia cauzas legitimas de sangue, & parentesco, & cazasse com ella Dona Leonor, & fosse Rainha; o que seria muy leve couza de fazer offerecêdo para isso suas forças, & poder cõ que por seu meo seriãõ tambem todos os outros do Rey; mas Dona Leonor como hera muyto avizada, & prudente, lhe mandou estranhar muito tal cometimento, & avizou os mensageiros que nunca mais a outrem o revelassem, convidandose com tudo a Dom Ioão para toda boa concordia, & avença com elRey, aconselhando que este para elle seria melhor; & mais seguro caminho, & outro muy duvidoço; mas este negocio que Dom Ioão cometia, segundo se despois soube, não hera cõ vôtade de o cõprir mas só procurar odio, & guerra del Rey de Castella com elRey de Portugal, & para antre elles aver cauzã de serem mais dinificados. A este tempo hera na corte de Castella Dom Fernão Rodrigues Prior da ordem de S. Ioão muy privado, & pessoa mais principal do conselho del Rey, & Chançaler da Rainha Dona Maria, & este Prior queria grande bem a Dom Ioão Manoel, & por todas as vias procurava, & dezejava seu bê, & segurança

rança, & tambem elRey Dom Afonso de Portugal lhe hera muy afeyçoado porque sabia quam bem, & lealmente servia a Rainha Dona Maria sua filha cujo official hera, & o Prior por proveytar sãmente ahonra, & contentamento de D. Ioaõ, & não danar a elRey de Castella tratou secretamente com elRey Dom Afonso de Portugal que o cazamento, & espozorios que heraõ feytos ante o Infante Dom Pedro seu filho com a Infanta Dona Branca que estava em Portugal por cauzas, & rezõens muy legitimas que a pontou, se desfizese, & casasse com Dona Constança filha de D. Ioaõ Manoel, & especialmẽte se fez pello Prior este cometimẽto porque sabia que o Infante Dom Pedro não hera contente da Infanta Dona Branca por ser doente, & despolta a etegua, & ter outras payxois que as vezes faziaõ seu entendimento torvado; & tambem entendeo nisto porque fes entender a elRey de Portugal que a ajuda, & liança de Dom Ioaõ, & sua valia lhe hera muy necessaria contra elRey de Castella para os desvairos, & desconcertos que ante elles ja se comessauaõ, & pera, emenda do mao trato que a Rainha Dona Maria por elle porreyto de D. Leonor se fazia; & este

cazamento foy ante elles muy secretamente apontado, para com menos contra diçoẽs poder dispois aver effeyto, se bem parecesse, o qual esteue muytos dias encuberto ate que dispois se fes como ao diante direy. E estando as couzas nestes termos sendo a era de cezar de mil, & trezentos, & setenta annos, & do anno de Christo de mil, & trezentos, & trinta, & dous, a Rainha Dona Maria de Castella emprenhou do Infante Dom Pedro que despois foy Rey, & foy a tempo que elRey Dom Afonso seu marido no Agosto do dito anno se armou cavaleyro em San Tiago de Galiza, & seveo coroar a Burgos onde houve muy reais festas, a q̄ vieraõ grandes homens, & todos los senhores de Castella, & Aragoã saluo D. Ioaõ Manoel, & Ioaõ Nunes q̄ heraõ de elle desavinidos; e nesta coroaçaõ armou, & fes el Rey de Castella cento, & sincoenta cavaleiros grãdes senhores de Castella com grãdes ceremonias, a que deu armas, & ricos vestidos & estes armaraõ outros mais baixos a que tambem armaraõ, & vestiraõ em grande numero, & cõ muita magnificencia, & a qui tambem foy a Rainha Dona Maria juntamente corcada com elRey, em que alguns dizem que ha primeyra ouve alguma

algũa contradiçam, & afirmam, que se nam fora prenhe elRey a quizera leyxar, & tomar, & coroar por sua molher, & Rainha Leonor Nunes sua manceba, & na era de Cesar de mil & trezentos & setenta & hum annos, que hera do anno de Christo de mil & trezentos & trinta & tres, despois das festas da coroaçam delRey Dom Afonso, & da Rainha sua molher, sendo ella prenhe da segunda vez, & estando em Burgos hera hi tambem Dona Leonor Nunes, que desta emprennidam da Rainha hera muy enojada, porque cria, que nam parindo a Rainha teria esperança de reynar cada hum de seus filhos, que já tinha delRey, que a trazia sempre consigo como homẽ, que assi lhe era aseyçoado, q̃ por obras claramente parecia, que sem ella nam sabia, nem podia viver, & por hũas letras antigas de Portugal achey, que esta Dona Leonor por feytiços quizera fazer matar a Rainha Dona Maria ha hora do parto, & assi tambem o filho de que hera prenhe, pera que se diz, que buscou hũa Moura feyticeyra, aqual sobre promessa de grãdes mercês lhe prometeo, & segourou, que em quanto tivesse entre suas mãos fechadas os feytiços, q̃ sabia, como a Rainha estivese de parto morreria se poder parir, & para prova do efeyto, que averia na Rainha esta abominavel offi-

cio de feytiçãria, ella fez primeyro experiencia delle em hũa outra molher da Cidade, aqual estando de parto por seos encantamentos, que fez, nunca pôde parir, & morreo, & sobre este tam diabolico, & perigolo contrato, que molheres fizeram, como as dores vieram a Rainha as horas, & tempo de seu parto devido, de que Leonor Nunes foy ao ponto avizada, ella em hũa camara secreta, se pos com a Moura, sem outra companhia, onde com mayor prepozito, & mays diligencia consertãram seus artificios para a morte dos innocentes mãy, & filho, & como quer que a Rainha em outras horas, & tempos nam fosse delRey assi favorecida, & vizitada como por rezam, & honestidade lhe devia, poreminesta hora do parto de que mostrava receber muyta alegria por aver legitimo fulcesor foy com a Rainha sempre presente com detreminaçam de a nam leyxar, & a esforçar até que parisse, & passando já o termo em que diversa ser alumiada, vendo, que com remedios de excellentes fizicos, & singulares parteyras nam a deyxando dores mortaes, de que hera muy aficada, foerremamse todos a oraçoens, reliquias, & Prociçoens, que por ella se fizeram muy devotas na Cidade, mas tanta hera a força de aquelle diabolico encantamen-

mento, que todo nam proveyrá-
 va, & parecia, que forçava a orde-
 nança, & o efeyto, que a natureza
 de rezam queria obrar, inclinan-
 dose òs padecimētos, & accidētes
 da Rainha pera sua morte por to-
 dos já detremmada. El Rey sendo
 por isso muy triste, & anojado, &
 assi toda sua Corte avendo já dez
 dias, & oito horas, que a Rainha
 estava de parto: acertouse, q̄ he-
 ra ahí hum Iudeu fizico, & Astro-
 logo muy prudente, o qual vendo
 q̄ as couzas daquelle parto hiam
 contra toda rezam natural, ima-
 ginãdo, que podiam ser feytiços,
 que cō algũ cautela, & engano
 se podiam desfazer, aparton el-
 Rey, & lhe disse, Senhor: Se da
 tristeza, que pela tardança, & pe-
 rigo deste parto recebeyz, quere-
 ys ser livre, sahivos desta caza, &
 quantos aqui estam comigo, & fi-
 quem somente estas molheres, q̄
 obedecam em tudo oque lheseu
 mandar, & na hora, que por algũ
 dellas souberdes, que a Rainha
 pario, logo sem mays detença, &
 com rosto alegre lhe day grãdes
 alviçaras, & manday por isso fa-
 zer repiques, & grandes alegrias
 pela Cidade, & com isto concer-
 tado, & fechadas as portas, hũa
 dellas com trigança só abriu a
 porta, & vendo logo D. Pedro de
 Castro, & D. Gonçalo de Tole-
 do, & assi outros muytos fidalgos,
 que hi heraõ cō elles, lhes disse
 cō o g esto prazēteyro, & alegre,
 alviçaras, alviçaras, q̄ a Rainha cō

a graça de Deos, & saude já pario
 hũ filho, os quaes correraõ logo
 cō este prazer a el Rey, q̄ nas al-
 viçaras, & nos repiques, & festas
 cõprio a ordem do Iudeu, & este
 alvoroço, & alegria, que cõtinuou
 por toda a Cidade, chegou as ore-
 lhas de D. Leonor Nunes, onde
 cō a Moura estava em serviço do
 Diabo, & quando foy certificada,
 que a Rainha parira hũ filho, el-
 la por isso muy triste, & indinada
 disse cõtra a Moura à mã perra, q̄
 fizeste, porque a Rainha ja pario
 hum filho, & a Moura como ma-
 ravilhada de ser quebrada a grã-
 de força de seus feytiços, que em
 outros nũca quebrara, abrindo as
 mãos, q̄ cō elles tinha muy fecha-
 das, disse, Senhora, q̄ farey ao po-
 der de Deos, q̄ he sobre mi, & so-
 bre todos, em este proprio tēpo a
 Rainha onde estava ja de todo
 mortal a 20. dias do mes de A-
 gosto do dito anno pario hũ filho
 q̄ ouve nome o Infãte D. Pedro, q̄
 despoys reynou, & ja dātes parira
 outro filho primeyro, q̄ ouve no-
 me D. Fernãdo q̄ faleceo e Tou-
 ro, pelo qual se diz, q̄ el Rey muy
 satisfeyto da astucia do Iudeu lhe
 deu logo dez peças de pano douro
 & de spois lhe fez muyta m. & cō
 quãto logo entãõ, & despoys a fa-
 ma, & causas destes feytiços fosse
 muy publicada, tal erro não foy
 e nada estranhado a Leonor Nu-
 nes, mas comutado a mayor amor
 & privança, que cō el Rey se pre-
 despe-

depoys teve, & por isso mayor defamor, & mayz esquivanças á Raynha Dona Maria sua molher. E assi neste tempo se acha, que el Rey de Grada, que havia nome Iucafa Benavid Abenaal, sentindose agravado del Rey de Castella, por lhe quebrar hũas certas tregoas, & posturas, que ambos tinham postas, nam podendo por sy resistir a seu agravo, se passou alẽ mar a caza del Rey Aliboacẽ, q era Rey de Marrocos, & de Benamarim, & lhe pediu ajuda, & socorro contra o dito Rey de Castella, a que Aliboacẽm satisfazendo, mãdou logo a Espanha, que passou em navios, Abomelic seu filho, aq disserão o Infãte Picarfo, porque hera torto de hũ olho, & com elle sete mil Cavalleyros, & outra muyta gente de pẽ, que vieram a portar a Aljazira, de que este Infãte Abomelic se chamava Rey, & assi de Ronda, que heram suas, & cercou logo em torno a Gibaltar, de que hera Capitã, & Alcayde hum Vasco Pires de Meyra, o qual Infãte junto com el Rey de Grada faziam grande guerra, & muytos danos a toda a terra de Andaluzia, & aviado disso el Rey de Castella, pellos desvayros em que estava com Dom Ioã Manoel, & Ioã Nunes, não pôde logo locorrer a Villa, & encomendou em tanto o socorro se fosse possivel ao seu Almirante do mar, & a outros Se-

nhores, & Mestres das Ordens, & assi as Cidades, & Villas daquella Comarca, & assi enviou a pedir a el Rey de Portugal seu sogro, que o ajudasse com sua força, que logo mandou armar a sua custa, & se ajuntou com a frota de Castella em defensam do Estreyto.

Mas porque el Rey de Castella nam socorreo em pessoa ao tempo, que ficou, & as Galẽs gastaram todo seu mantimento, & soldo pelo tempo, que lhe foy ordenado, & nam lhe foy dada outra provizã, se tornaram pera Portugal, durando ainda o cerco de Gibaltar.

E porẽ porque el Rey de Castella desejava muyto paz, & concerto com estes Cavalleyros Dõ Ioã Manoel, & Ioã Nunes, q andavam delle reveys, & elle por meo de hum seu caçador tratou com elles vistas em o lugar de Valumbrales, onde segundõ as cousas passãram, parece, que ficãram concordados, porque el Rey foy delles convidado, em o lugar de Becerril, & elles cõ muyto acatamento o serviram a mesa, & ficãram, que ao outro dia aviam de ser hospedes convidados del Rey em Valumbrales, pera a hi tomarem final conclusã, & asẽto de suas cousas, & ficarem dahi em diante seguros para seu serviço.

Mas elles cõ achaque de mal sentidos escularam o cõvite, por

que foram avisados por hũ Ioam Martins de Leyva, privado del Rey, & grande servidor de Ioam Nunes, que el Rey os queria matar, & dahi sem certa concordia se foy Dom Ioam Manoel a Penhasiel, & Ioam Nunes a sua Villa de Lerma, & el Rey porque foy certificado, que Gibaltar hera dos Mouros muy afincadamente combatido, & que seu socorro, & desferco, sem sua pefloa, hera muy difficil, ou impossivel; & porque nam ouzavam leyxar o Reyno a disposiçam, & vontade de Dom Ioam Manoel, & de Ioam Nunes que o corriam, & estragavam, era o seu coraçam posto em grande fadiga.

Pelo qual com desejo de concordia se foy ao Corial donde procurou outras vistas com o dito Dom Ioam Manoel, que hera em Penhasiel, & ahi se viram, & foy el Rey dentro na Villa convidado delle, & falando em outras cousas tocou el Rey no desferco, & socorro de Gibaltar, que lhe muyto compria, & assi em cõvença com Ioam Nunes, que tãbem desejava por tal, que ambos com muyta gente, que tinham, o fossem servir naquella jornada, mas finalmente a Dom Ioam alguns seus amigos lhe puzeram del Rey tam pegosa sospeyta, que dahi em diante se nam quiz ver com elle as muytas vezes, que an tre sy foy concordado.

E comtudo avendo já sinquo mezes, que Gibaltar hera cercado, & por combates, & fomes posto em muyta estreyteza, el Rey, que nam tinha dinheyro, aque fora já por muytas vezes pedido socorro detreminou socorrelo, porque ajuntou com grandes vagues muyta gente, & grande poder.

Porque acerca de levar, & so correr com muyta gente, assi foy aconselhado, que lhe cumpria, pera resistencia de dous Reys infieys cõtrarios, que de necessidade lhe oferèciam, com quem nom escusariam batálha.

E partido el Rey pera dar o dito socorro, chegou com muyta pressa, & cõ grãde poder a Xares da frõteyra, dõde atè Gibaltar aviã coatro jornadas pera exercito, & ali estando pera partir soube certo, que Vasco Pires de Meyra Alcayde, por mingoa de mantimentos, & porque passaram muytos termos de seu socorro prometido dera aos Mouros por partido a Villa, & Castello de Gibaltar cõ a vida, & liberdade dos Christãos, comque el Rey foy muy enojado, & porque hera de grande coraçam, todavia determinou hir, como foy, sobre a Villa, & por qualquer maneyra insistir se a podia cobrar, á qual poz cerquo por todas as bandas do mar, & da terra, em que ouve poz muytas vezes combates, & escaramuças com
morte

morte de muytos, porq os Mouros de Gibaltar heram favorecidos do Infante Abomelic, que na Aljazira estava muy poderoso, & neste tempo elRey de Grada, que ajudava ao dito Infante Mouro por elRey de Castella afoxar do cerquo, em que estava lhe correo soltamente, & sem algũa resistencia toda a terra dos Christãos até Cordova, & tomou algũs Castellos, & fez muyto dano, & assi o fazia Dom Ioam Manoel, & Ioam Nunes, & Dõ Ioam Afonso Dalfaro, & outros de suas Villas, que cobravam, & senhoreavaõ, & roubavam muytas Villas, & Castellos delRey em muytas partes do Reyno.

E por isto, & tambem porque no arrayal delRey avia grãde necessidade de mantimẽtos por meyo, que nisso intervieram prouve a elRey de Castella verse com elRey de Grada, que lho enviou pedir sobre segurãça, que requereo, & lhe foram dadas, veio elRey de Grada à tenda delRey de Castella, & ahi comeu com elle, & concertaram, que elRey Dom Afonso alevãtasse ocerquo de Gibaltar, & que elRey de Grada em cada hum anno lhe pagasse as dez mil dobras de parias emque já dantes eram concertados, & que tambẽ ficasse Abomelic em tregoa por coatro annos, & com isto os Reys deram hum ao outro grandes joyas, mas as de mayor preço foraõ

as q elRey de Grada deu a elRey de Castella; & na noyte primey-ra, que elRey de Grada chegou a seu arrayal, porque levou vestidas huas roupas ricas, que lhe dera elRey Dom Afonso, huns filhos de Osmin Mouro o mataram em sua tenda, dizendo, que hera já Christam, doque elRey de Castella recebeu grande torvança; & esteve em receo de sua pessoa. E porem sem algũa contradicam se foy a Sevilha, isto foy na era de Cesar de mil & trezentos & setenta & hum annos, & no anno de Christo de mil & trezentos & trinta & tres.

CAP VI.

Como se desfez o Cazamento do Infante Dom Pedro filho de elRey Dom Afonso de Portugal com a Infanta D. Branquã.

SENDO concordado o cazamento da Infanta Dona Branqua de Castella com o Infante Dom Pedro, & ella entregue em Portugal; & avẽdo já sinquo annos, que elRey D. Afonso a trazia, & criava em sua caza como propria filha, porquãto ella tinha perigosas payxoens de doencas de perlizia, & com disposicam de etica, & algũa que-

bra do natural entendimento como atraz tenho dito; O dito Infante Dom Pedro por estas imperfeyçoës começou tomar della algũs descontentamentos, os quaes descubrio a el Rey Dom Afonso seu padre, & pediolhe por merce, q̃ com ella, nem com outra algũa, contra sua vontade o nam quizesse cazar, principalmente por nam aver cazo em que lhe obedecesse como desejava, & era rezam, a qual couza el Rey de Portugal logo notificou a el Rey de Castella, apontandolhe particularmẽte os grandes pejos, & impedimentos, que avia pera a dita Infanta Dona Branqua nam poder, nem dever ser molher de seu filho, nem de outro algum, & que pera mays clara justificaçam disto, & por lhe nam parecer, que heram excusas pera nam comprir o que entre elles hera cõcordado, lhe rogava, q̃ inviasse a seu Reyno taes pessoas suas de que se fiasse, & que o bem entedessem, & em tudo fizessẽ experiencia acerca das cousas da dita Infanta Dona Brãqua, & segundo a verdade que delles soubesse, assi o ouvesse por bem, & o determinasse, & quanto as terras, que a dita Infanta avia de aver em Portugal pellas outras luas, q̃ foram dadas em dote com a Rainha Dona Maria, que por ellas lhe daria o dinheyro, em que ao tempõ da entrega foram estimadas, & assi se fez despoys, como

jã tenho dito. E el Rey de Castella inviou a Portugal seus Embaxadores, & Cavalleyros hõraes, & com elles fizicos, que acharam, & souberam ser verdadeyras as causas que avia, pera a dita Infanta nam aver de cazar, do que a el Rey de Castella muyto pezou, porque o seu desejo hera q̃ dito Infante Dom Pedro cazar em toda a maneyra com a dita Infanta Dona Branqua, aqual sempre andou despoys em muyta honra, & grande estima em caza de el Rey Dom Afonso de Portugal, como propria filha, atẽ que o dito Infante cazou com Dona Costança, & ella foy levada a Castella como ainda se dirã.

CAP. VII.

Das cousas, que ouve pera el Rey de Portugal, & el Rey de Castella terem antre sy desavenças, & mãs vontades.

EL REY de Castella pello nascimento do Infante Dom Pedro seu filho mostrou receber grande alegria, & assi todos de seu Reyno, porque jã outro seu filho primeyro, que havia nome o Infante Dom Fernãdo falecera em Touro, como já disse, & por esto com qua-

to pera elRey hera algũa cauza de mayor obrigaçam: Elle porem nam tratava à Rainha Dona Maria sua molher com aquella honra, & amor como hera rezam, & a seu estado real se devia, antes pera fazer mayor erro, todo isto convertia com dobrada conversaçam em Dona Leonor Nunes sua manceba, porquem todo se governava, porque alem de outras provas de grande afeycam, ainda hera certo, que a ella sem algum resguardo, & temperança dava as Villas, & terras, que heram proprias da Rainha, & assim a seus filhos della quando nasciaõ fazia grandes doaçoens de muytas dignidades, & terras da Coroa de Castella, como se cada hũ delles houvera de ser herdeyro, & posto, que por os Grandes de Castella, & por outras pessoas, que heram seus fieys conselheiros lhe estranhassent os agravos, & desacatamentos da Rainha, & absolutas dissoluçoens, de que elle contra seu Real estado uzava acerca da dita Leonor Nunes, elle por qualquer força, que fosse de amor sobejo que fosse, ou de fuytiços, como deziam, o nam lexava de fazer, antes uzava do contrario com mayor crescimento, porque sendo dantes o verdadeyro, & antigo costume, que aonde as Rainhas, & as Infâtes herdeyras estavam, ahi tinham os Reys seus cõselhos, & falavam as cou-

ras, que a seus estados, & boa governança dos Reynos pertencia, & este Rey sem algum temor de Deos, nem vergonha do mundo, tudo isto fazia, & ordenava em caza de Leonor Nunes, & quando elRey hia fora da Corte agerara dos Mouros, ou a qualquer outra parte, que lhe compria, todos seus officiaes do Conselho, da Justica, & da Chancelaria ficavam com Lianor Nunes, & sem differença faziam oque ella mãdava,

E se de hum lugar se movia pera outro, hera pelos caminhos acompanhada, & servida, ao entrar dos lugares, com prossiçoens, & serimonias dos Mouros, & Judeus, assim recebida, & com tanto estado, & acatamento, como se fora verdadeyra, & muyt estimada Rainha, & como elRey tornava onde ella estava de praça comia, & jazia com ella, & em sua caza hera todo o conselho, & desembargo, & a ella assi beyjavam a mã como a propria Senhora dos Reynos de Castella, & pera may acrecentar em seu estado della, & mingoar no da Rainha, mandou a todos Prelados, & Ricos homens do Reyno, que servissem a Lianor Nunes, que por isso lhes faria muytas merces, & grandes acrecentamentos, & que receberiam ao contrario a quilles, que o contrario disto seguissem.

E em tanta quebra de estado, & da

dacatamento vieram neste tempo as couzas da Rainha Dona Maria, que sendo a ella necessario falar com elRey algũas couzas, que lhe cumpriam se foy a Burgos, onde pedindo a elRey sua audiencia elle a nam quiz ouvir senam em caza da dita Leonor Nunes. E pela necessidade do cazo conueo a Rainha fazelo cõ grande dor, & muyta tristeza, & a hi foy ouvida, & desẽbargada, & sobre isso elRey tomou a Rainha, & lançou fora de sua caza os melhores, & mays honrados officiaes, que tinha, a saber Ruy Dias de Boras seu Meyrinho mór, & Dom Rodrigo Alvres das Asturias seu Mordomo, & Afonso fernandes seu Reposteyro, & Pedro Rodriguẽs da Camara, que a servia de toalha, & Luis Darrajays, que cõtava ante ella, & Gonçalo Vas de Moura Ouidor de sua caza, & mestre Afonso seu fisico.

E destes alguns deu por officiaes aos filhos de Leonor Nunes, & a outros que se nam queriam apartar do seruiço da Rainha degradou fora da terra, & a quaelquer outros nobres, & grãdes homens de Castella, que desejavam de servir, & serviam a Rainha elRey lhes fazia por isso tantos agravos, & disfavores, que a elles convinha apartarse de seu bem, & seruiço.

Nem a ouzavam de acompa-

nhar, antes por nam mingoarem em suas honras, & fazendas, nem aventurarem suas vidas a perigo lhes convinha fazer tudo isto a Dona Leonor, & a seus filhos, por que do tempo que lhe elRey comelou a ter a feyçãõ atẽ sua morte delle sempre deu poder a ella sobre sy, & sobre todas as couzas do Reyno, que se faziam, & ordenavam todas a sua vontade, & disposiçam de qualquer importancia, & sustancia, que fossem, de maneyra, que a Rainha Dona Maria, & o Infante Dom Pedro seu filho herdeyro nam tinhãem, nem lhes ficavam mays, que os nomes de suas Reaes dignidades, nũs, & singelos com muyto pouco de que a sua Real prẽeminencia se devia.

E alem destas couzas, que elRey consentia por abatimento, & desprezo da Rainha, outras muytas mays faziam, que seriam longas, & asperas pera ouvir, & impassiveys de crer, as quaes ella com muyta mansidam, & grande paciencia sofria, sem disto aos do Reyno, nem a elRey seu padre numqua se querer agravar, nem querelar, como de muytos era requerida, & aconselhãda, & por que desta tam grande desonestidade, & desoluçam deque elRey uzava com sua manceba, se causavam incomportaveys desordẽs em todas as couzas de fazenda, da justiça, & do Reyno, hera el-

Rey por isso desamado de muytos, especialmente dos povos, a q̄ as ditas couzas da fazenda, & da justiça nam tersauam como deviaõ, & por este mal ser tamanho, & a condiçã del Rey tam revel, & tam forte, a que os conselhos, & requerimentos dos Grandes de seus Reynos nam aproveytavam, parecendo alguns em que havia espirito leal, & virtuoso, que por meyo, & intercessã de el Rey de Portugal seu sogro, que deveria ter em lugar de pay, eitas couzas poderiam ter algum melhor remedio, lhas inviãram largamente notificar por seus mēsayros, & lhe pediram, que pelo grande divido, & razam, que com el Rey de Castella tinha, quize se prover ao que compria a seu real Estado, o qual estava em condiçã de perder, poys se regia, & governava, & consentia que seus Reynos fossem governados, & regidos se verdadeyros conselheyros, mas por aquelles em que avia respytos, & payxoens particulares cōtrarias ao sam, & verdadeyro conselho, com tanta quebra do estado, & merecimentos da Rainha sua filha.

E a estes el Rey de Portugal por entam respondeo, que as que-relas, & agravos dos danos, & perdas, que pela desordenada vida de el Rey todos seus Reynos recebiam, a elles mesmos, que eram naturaes, & do seu conselho, to-

cavaõ, & pertenciaõ mais propriamente estes estranhamentos, & avizos, & que por isso a elle huã ves & muytas o deviaõ fazer, & requerer o que naõ tinhaõ feito como a todos convinha.

Porque quando elle Rey de Portugal em semelhantes couzas o quize se reprehender ou aconselhar, sempre aos mais pareceria que o fazia por atalhar as esquivancas, & mao trato da Rainha sua filha, mais que por dar bom remedio às couzas de seu estado onra, & fazenda.


E cõ esta resposta de el Rey de Portugal, que muytos aprovaraõ, alguns principais do Reyno de Castella tomaraõ atrevimento de falar a el Rey nestas suas couzas, & nos danos que se delas recreciaõ, & perdilhe que com bom resguardo os remedeasse, & principalmente q̄ naõ desprezasse conselho, mas estes por galardã de sua real tençaõ, & saõ conselho huns feraõ loguo desterrados do Reyno, & tomadas suas terras, & outros perdidos seus officios, & dados loguo a quem Leonor Nunes quis sem nunca mais serem a elles retornados.

E com estes iniustos, & violentos castigos pos a todos entanto temor que dahi em diante todos podiaõ padeçer mas ninguem ou-sava sobre isto contrariar nem falar; ate q̄ Dom Ioã Manoel, & outros de sua valia q̄ del Rey eraõ desavin-

desavindos, & assi alguns prelados do Reyno de Castella notificaraõ com largo recontamento todas estas couzas ao Papa, o qual sobre isso loguo escreveo, & mandou mensageiros a elRey de Castella aconselhando, & amoestando nellas, & em cada hũa dellas como de Sua Santidade por seu sancto officio se esperava; mas elRey ja como cego em suas payxoisnaõ as avendo por taõ estranhas, & graues como eraõ, pera algũas naõ faleciaõ escuzas que dava, & pera outras prometia emenda que nunqua compria, & em fim tudo se tornava ao que primeiro fora.

CAP.VIII.

Como se contratou e casamento do Infante D. Pedro com a Infanta Dona Costança Manoel.

 ESTE tempo elRey D. Afonso de Portugal por este trato que a Rainha Dona Maria sua filha recebia de elRey de Castella seu marido era posto em muyto cuidado, & grande sentimento, especialmente q̃ com grandes roturas, & perigo em cazo que antre elles osouvesse, ainda era duuidoso.

E apos isto raõ menos o afortunava o dezejo que tinha de ver casado seu filho que avia ja defasete annos, o qual se escuzara de casar com a Infanta dona Branca que viera por sua esposa, & ainda estava em Portugal como atras ja disse, & este sentimento tomava elRey Dom Afonso porque ja pera elle inviara cometer a filha del Rey de Aragaõ que por ser conçertada com outro marido justamente se escusou, & assi cometera outras Princezas, fora de Espanha que por suas outras intiligencias, & convenças tambem fora excluido.

E porque ate os honras de baixa maneira, & condiçãõ coando cometem couzas justas, & razoadas, recebem nojo, & quebraõ quando nellas sua esperança, & requerimentos naõ responde a seu dezejo, muito mais he tal sentimento, & agravo naquelles que saõ de nobre sangue, & alto estado, & por isso sentia em si grande contradicãõ pera requerer mais casamentos

E sendo elRey por esto pẽsoso falou este seu proposito com hum seu privado que era prudente, & de que muyto fiava, & lhe encomendou que lhe dissesse com quẽ lhe parecia que poderia casar o Infante Dom Pedro seu filho, que em cazo que naõ ouvesse muyta idade, porem elle o conhecia por tal que se cõ casamento lhe muy-

to tardassem elle desporia de si couza que fosse contraria a sua honra, & estado em dano, & perda do Reyno.

E o privado lhe disse: Senhor bẽ sento o que dizeis que he tudo verdade, pera isso pois nos outros cazamentos que cometestes ouve reveses pera algũ delles se não, fazer este de Dona Costança Manoel que ja foy tocado me parece assas rezoada pera vosso filho porque ella he de idade conueniente, & gentil moher, & de bom nome, & Dom Ioaõ Manoel seu pay tem boa fazenda, & sey que se auera disso por bemaventurado, & lhe dara grande casamento.

E pois elRey de Castilla vosso genro se consertava de casar com ella, & atinha recebida por esposa, & ouve para isso dispensação como sabeis não se avera de niguem por estranho vosso filho casar com ella porque ella he neta legitima de Reys, & filha de homem do mays alto estado, & maior caza que ora ha em Espanha que não seja Rey, & he fermosa, & sobre todas bem a custumada, & honesta porem a lem desta minha informaçã em que eu posso ser enganado vos auee outra melhor, & fazey o que vos bem parecer.

Porque isto he o que entendo que alem desta senhora á huã irmã de elRey de França que

vola daraõ mas será com pouco dinheiro, como la custumaõ, & ha outra filha do Dnque de Milaõ que podeis requerer, & creõ que vola daraõ.

Mas de todas estas com Dona Costança me parecia mays o casamento se o Infante for della contente, & ella delle, porque o verdadeyro, & bom matrimonio sem dous precedetes contentamentos não se deue nem pode direytamente fazer; elRey lhe respondeo que seu conselho aserqua de Dona Costança lhe parecia bem, & que nas cortes que em Santarẽ se aviaõ loguo de fazer mandaria propor este cazo, & faria o que por melhor seus bons vassallos lhe a conselhassem.

CAP. IX.

Do que nas cortes se a cordou acerca da casamento do Infante Dom Pedro com Dona Costança

CHEGANDO o tẽpo das cortes en q muitas couzas por boa governaçã do Reyno forã propostas, de terminadas, & outorgadas elRey prospos & disse mais aos q nellas eraõ juntos os descontentamentos, & nojo que tinha pelos agrauos, & des-

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

ordenança de vida em q̃ a Rainha sua filha estava em Castella, no remedio das quais couzas elle ate entãõ não entendera assi por não parecer q̃ por so respeyto de sua filha o fazia, segundo atras he dito, como tambem porque ate entãõ dispensara algum tanto com a nova, & pouca idade de el-Rey Dom Afonso seu genro, & esperava que assi como crecesse mais em dias q̃ assim mingoaria mays em seus erros, & vicios, & todo se emẽdaria como a seu estado, & real dignidade cõvinha.

E que pellover perseverar nellas com maior força, & menos vergonha ja cria q̃ não procedia de mocidade mas de pura malicia, ou de ser nos amores daquelle mulher cego em tantas contrariedades, & aleyjado dos sentidos de todo, & que ja sobre isso lhe quizera fazer seus rogos, & requerimẽtos, & o não fizera porque sabia por certo avizo dos principaes de Castella que tão pouco aprõveitarãõ ante elle suas amõestaçoẽs, & conselhos como aprõveitariaõ os de Dom Ioaõ Manoel, & do Papa, & doutros muytos q̃ sammente lhos fizeraõ q̃ em todo tinha desprezado; & q̃ por isso elle era constrãgido ter odio mortal a quẽ por muytas rezoẽs devia ter grande amor.

As quais couzas não podia dizer sem grande sanha de coraçãõ, & muyta torvaçoã de sua

alma, & que considerando nos remedios que acerca disto averia não lhe parecia outro melhor, & mays proveytofo que casar o Infante Dom Pedro seu filho cõ adita Dona Costança Manoel de poys não quizera casar com a Infanta Dona Branca como to dos sabiaõ, dizendo que por respeyto deste casamento elle faria com Dom Ioaõ Manoel que obedecesse, & escrevesse a el Rey de Castella que delle tambem por sua contemplaçoã perderia todo desamor, & escandalo em que entãõ estavaõ, & com isto o dito Dom Ioaõ Manoel teria cauza de vir mays vezes a sua corte, & de o aconselhar, & reduzir a caminho doutra vida que fosse mays sua homra, & proveyto, & serviço que tudo faria por mais descansõ, & melhor trato da Rainha sua filha.

E que alem destas cauzas, & fundamentos que avia para este casamento lhe parecer bem ainda nam sabia outro para seu filho mays conveniente, & porem por que tudo queria sempre fazer com seu acordo, & bom conselho lho lho dizia assi pera lho darem, a qual proposiçaõ de el Rey todos responderãõ que seu pẽsamento, & proposito era bom, a crecentãdo mays que inda por isso o casamento da Rainha com el Rey de Castella seria muyto mays firme por quanto elle ja fora desposado

do cõ a dita Dona Costança primeyro que cõ a Rainha sua filha.

CAP. X.

Do recado que el Rey de Portugal mandou a el Rey de Castella sobre este Casamento do Infante D. Pedro cõ Dona Costança

COMO as cortes de Santa-rẽ foraõ acabadas el Rey se veo a Alêquer dõde ouve por bem primeiro fazer saber deste casamento a el Rey de Castella antes que a Dom Ioaõ Manoel, & para isso lhe em viou por mensageiros a Diogo Guomez da Breu, & Pero Rodrigues Machado seus escudeyros com sua carta em que sustancialmente lhe fazia saber que Deos todo poderoso que sabe, & determina os estados dos tempos, & idades, & conhece todo o que nelles ade succeder puzera a elle em vontade de requerer a Dom Ioaõ Manoel sua filha D. Costança para ser molher do Infante D. Pedro seu filho herdeyro pera des poys de sua morte ambos erdarem seus Reynos de Portugal, & do Algarue.

A qual couza não quizera cometer sem primeyro lho fazer sa-

ber, & a ver sobre isso seu conselho porque ainda que Dom Ioaõ não fora seu vassalo nem sua filha estivera em seu Reyno elle pellas rezoës que antre elles avia ofizera primeiro saber, quanto mays sendo ambas juntas: pedindolhe em concluzãõ que de sua vontade, & tençaõ neste cazo o quize-se certificar, porque lhe afirmava que nelle nem em couza que mays importase, sem muy legitimas cauzas nũqua folgaria de lhe desprazer.

E estes mensageiros chegarãõ a el Rey de Castella, que era no lugar de Tordefilhas, que com asustancia da carta recebeu em si muyta dor, & paixãõ, ainda q̃ publicamẽte o não desmostresse, não era sem cauza, porque a esse tempo el Rey era em desavença com Dom Ioaõ Manoel, & lhe queria mal, assim por lhe contradizer, & estranhar nas cortes que fizera asogeicaõ errada em q̃ andava em poder de Dona Eleanor, & de seus parentes, como tambem pello de Ioaõ Nunes de Lara que el Rey queria destruir, & Dom Ioaõ emparar, & defẽder, & por isso vendo que quando Dom Ioaõ por sua so valia tinha forças de lhe resistir, & contrariar sua vontade, & poder, que muyto melhor o poderia fazer, quando de poys quize-se sendo por tal maneyra liado com el Rey de Portugal, & posto que por sua

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

boca não testemunhasse de fora a dor de sua alma, por isso sentia; porem por modos encubertos, & maliciozinhos trabalhou quanto pode por desviar este casamento q̄ não viesse ao dezejado fim que se procurava, & contudo despedio graciosamente os ditos mensageiros, & lhes deu para el Rey de Portugal hũa carta que dezia nesta maneyra.

DO *M* Afonso per graça de Deus Rey de Castilla, & de Leão ao temido barão, & poderoso Principe, el Rey de Portugal, & do Algarue, se encorrenda em sua graça, & verdadeyra amizade. Assim como a qualquer he alegre couza conhecer a vontade dos amigos, assim não he menos a sua propria de clarar a elles. E porque me vos pedistes conselho no casamento q̄ quereis mover da filha de D. Ioaõ Manoel cõ vosso filho vos digo verdadeyramente, que se vos aconselhar como eu quis ser nelle aconselhado, elle não cazara com ella, & possovos jurar por minha verdade, & se Real que despois que della fuy apartado, & quite, nunca me disse arrependi, & o trabalho que todo o mundo sabe q̄ levey por me della quitar mostra claramente que me pezava, & arrependia ver com ella casado; mas porque nos casamentos ha diuersos, & voluntarios contentamētos ser a possivel que a miua poderia desprazer o que de vos, & vosso filho se reys muy contentes; porque certamente ella he fermosa, & de grande linhagem, segundo seu nome, & bõs

costumes abastante, & bem merece ser Rainha de toda terra se vosso filho della se contetar por q̄ ate aqui eu não saberia afinar couza por q̄ de casamēto cõ vosso filho com ella muyto me não aprouvesse; & se D. Ioaõ ainda q̄ comigo vira, não trouvesse agoura sua vontade contra min hum pouco alterada por cauza de Ioaõ Nunes. & doutras couzas em que elle he culpado, & eu sem culpa, eu o mandaria chamar, & por vosso amor com elle ordenaria, como em tudo comprisse vossa vontade, mas a mim parece que por agoura farcis bem calarvos, & sobre serdes neste casamento; porque entendo que elle vos cometera, & então podeis com elle fazer conserto com mays vosso proveyto, & a ventagem; & isto não creais que odigo por me pezar de ser vosso filho cazado cõ ella, & delhe ver filhos que com os meos fosse primos com irmãos, antes por isso o dezejo mays, & porque porhi de pois de nossas mortes averia melhor pas, & mor segurança em Hespanha, & assim em vossos Reynos, & vacallos; & por isso conclude que neste casamento a mim pras do que vos a prouver, & que se vosso filho della se contentar, que vos não deveys de ser descontente.

()

CAP. XI.

Como el Rey de Castella mandou chamar D. Ioão Manoel, & do que com elle passou sobre o casamêto de sua filha.

PORQUE el Rey de Castella sabia q̄ como D. Ioão fosse cometido do casamento de sua filha pera o Infante Dom Pedro de Portugal seria delle contente, & honrado & muy alegre desejando desviarlo secretamente por qualquer maneyra que pudesse; na ora que despedio os mensageyros de el Rey de Portugal escreveo loguo a Dom Ioão que por quãto tinha que falar com elle algũas couzas de sua honra, & proveyto que heraõ longas, & tays que as não queria fiar de papel, nem de pessoa algũa lhe encomendava que loguo seguramente viesse a elle pera ambos em pessoa as consultarem.

O Dom Ioão loguo sem tardança se foy a el Rey que o recebeu com muyta honra, & com a cara muy alegre, & despois de dous dias q̄ se passaraõ com festas, & visitaçoẽs el Rey o apartou em huã camara, & lhe disse. *Dom Ioão o grande divide, que entre mim, & vos ha faz que não pareça erro nẽ*

excesso couza que contra mim façays nem tenhais feyto, & esta vezã couza que tire, como tenho tirado de meu coração todo odio, & ma vontade, & duratença que contra vos com justas couzas devia ter; & por isso os que vossos amigos forem verdadeyros, como eu são terem com vosco igual parte dos vossos cuidados, & delles com quanto poderem vos ajudaram descaisar.

E isto digo porque vendo eu q̄ falsa, & contraria ventura minha, & maos conselheiros, que tiue, me desviaraõ do bom proposito, q̄ tinha de casar com vossa filha, por pagar a ella esta divida com o preço de honra, que merece, & tambem por tomar parte deste vosso cuydado como vos disse, por q̄ sey que el Rey de Navarra tem seu filho erdeyro por casar, & he bom casamento, propus entender nelle para vossa filha, & prezando a Deus com minhas forças, & diligencia espero acabalo. E se disto vos prouuer como he vezã, sera com condiçaõ que por vossa fé, & polla lealdade que me deveis me prometais que com outro algum anão caseis sem meu consentimento, & mandado, isto aponto porque não sendo isto entre mim, & vos, assi a cautela, & seguro, poderia ser q̄ tendo eu concertado com el Rey de Navarra, vos apoderieis ter casada em outra parte, de que a mim se me seguiria mingoa, & pouca autoridade.

A o que Dom Ioão respondeu. *Senhor eu quizera que vossa proposiçaõ começara por outra maneyra,*

Choroican del Rey Dom Afonso IV.

¶ Não en dizerdes q̄ me perdoais erros
¶ & agruos, porque se antre mim, & vos
os ha vos mos tendes feytos, & eu a vos
nenhuns mas antes muy grandes, &
muy assnados serviços, & porem lei-
xando isto, que o tempo aguora impide
diguo que vos tenho engrande merçe o
bom conselho, que medais, & o modo
que quereis ter no casamento de minha
filha, & muyto mais a ajuda, & favor
que para isso prometeis.

¶ E nesta cauza eu por aguora vos
não saberia finalmente responder sem
primeyro aver sobre isso algũa consira-
ção, & conselho, que he necessario:
pello qual vos peço por merçe que medeis
licença que torne a minha terra onde
principalmente saberey de minha filha
se tem feyto algum voto contrario a ca-
samento, pera sobre isso vos poder perfei-
tamente responder a tudo isto que me
apontais. O que el Rey ouve por
bem, & Dom Ioaõ se foy pera
suasterras.

CAP. XII.

*Como el Rey de Portugal
enuiou o Mestre de Avis
a Dom Ioaõ Manoel
sobre o casamen-
to de sua filha.*

LREY D. Afonso de Por-
tugal sêdo nas cortes acõ-
selhado que era bem ca-
sar seu filho com Dona Costan-

ça, quasi têdo acertidaõ de el Rei
de Castella q̄ nisso não tinha pejo,
nem desprazer q̄ o contradisse fi-
se, como atras fica dito, & não
sabendo couza algũa do que o di-
to Rey de Castella tinha falado
com Dom Ioaõ Manoel, inuiou
ao dito Dom Ioaõ, que estava no
lugar de Gracia Munhos Dom
Frey Gõçalo Vas Mestre de Avis
que foy aelle honradamente a cõ-
panhado, & antes que chegasse
a Dom Ioaõ ouve hũ recontro cõ
gente de Castella armada dos q̄
hiaõ serquar Ioaõ Nunes de Lara
do primeiro serquo, em que algũs
Castelhanos morreraõ, & hũ
irmãõ do Mestre foy ferido, co-
mo adiante direy, & aquelle dia
chegaraõ com tudo a caza de D.
Ioaõ que avia douz dias que viera
da corte de el Rey de Castella
quando lhe fora falar sobre o ca-
samento de sua filha o Principe
de Navarra, como atras disse, &
Dom Ioaõ recebeu o Mestre com
grande honra, & grande aco-
lhimento, & de pois de dadas as
cartas de el Rey, & proposta sua
embayxada, Dom Ioaõ pella sus-
tancia della recebeu muyta ale-
gria por quanto tocava couza de
sua honra, & grande acrelenta-
mento. E antes que ouvesse a
final reposta, el Rey de Castella,
que logo soube da entrada, & hi-
da do Mestre, escreveu a D. Ioaõ,
estranhãdolhe muyto ter em sua
caza o Mestre de Avis q̄ se salvo

cōduto, nem sua licença, entrara en sê Reyno, ca por ser, & vir poderozo poderia em sua terra fazer dano como fizera, mandandolhe que loguo o prendesse, & arrecadasse de maneyra que delle pudesse fazer o que por bem tivesse.

E Dom Ioaõ com a vista, & fastácia desta carta foy muy triste & anojado, maravillado de como el Rey taõ azinha osõbera, & muyto mays por estranhar sem cauza a entrada do mestre nõ Reyno, & sobre isso se apartou logo com o Mestre, a quem mostrou a carta de el Rey, & o Mestre com palauras, que procediaõ de seu coraçãõ, & com o rostro muy seguro lhe disse. *Senhor nõ tomeis nojo, cuidado, nem tristeza, por fazerdes duvidozas as couzas, que sãõ muy certas, & em que nõ ha deshonra, nem perigo; porque eu tenho de el Rey de Castella salvo conduto, & assi quaiquer outros Portuguezes, que a sua terra quizerem vir: porque nas pazes, & concordia que antre el Rey meu senhor, & elle nõ tempo de seu casamento forãõ feytas, he asentado por elles, & outorgado, que todas as pessoas de qualquer stado, & condiçãõ que seja, liurementemente, & sem pena possam ir, & vir de hum Reyno para outro quando quizerem, & estar o tempo que por bem viverem, com tanto q̃ a cada hum dos Reys nõ tenham feyto erro, nem desprazer particular, como eu nõ fiz.*

E este assento geral abasta por salvo

conduto pera mim, & pera os meus, especialmente que el Rey meu senhor avera hũ mes, & meyo lhe escreueo hũa carta por q̃ lhe fes saber q̃ se nisso nõ recebesse desprazer sua votade hera mãdarvos requerer este casamento de vossa filha; a q̃ respondeo que disse lhe prazia muyto, & que mandasse a vos quando quizeste, & isto so abastava pera nõ pedir outro salvo conduto, quanto mays o q̃ disse, mas nisso, ao que entendo, entra alguma outra cautela, & malicia.

E Dom Ioaõ ouvindo ao Mestre q̃ el Rey de Castella já sabia parte deste casamento, & vindo a contradicãõ que sem culpa punha a entrada, & hidã do Mestre, & sobre isso ajuntariaõ as rezõis que el Rey lhe differa, & cõdiçõis que apontaraõ pera entender nõ casamento do filho de el Rey de Navarra; clarãmete assentou q̃ a el Rey pezava muyto de sua filha cazar cõ o Infante D. Pedro, & que as cauzaõs, & rezõis da mor, & obrigaçãõ cõ q̃ mostrava que o fazia, eraõ todas falças, & maliciozas.

E posto que Dom Ioaõ assi o entendesse, & lhe muyto doesse soubeo com discriçãõ encobrir, & pedio ao Mestre q̃ lhe dissesse, & aconselhasse o que em tal cazo de via fazer, & o Mestre lhe disse. *Senhor o que eu sem escuzãõ nem delonga proponho de fazer he, tanto q̃ de vos for despachado, & despedido, o que sem embargo disto deveis de fazer irme loguo apresentar a el Rey de*

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

Castella pera depois de me ouvir fazer de mim o que sua merçe for

Porque minha tardança por impedimentos que se podem seguir neste caso, porque a vos vim, vos podiaõ em algũa maneyra danar, sera bem que vossas couzas que da parte de el Rey meu senhor vos a presentey logo me respondais, & com isso abreviarey mais minha ida a el Rey de Castella, & se for impedido, a vizey de tudo a el Rey meu senhor, & porque a Dom Ioaõ pareceo bem o motivo do Mestre logo substancialmente lhe respondeo nesta maneyra.

Eu são muy contente, & me ei por assas bem aventurado dar minha filha por molher ao Infante Dom Pedro, & com ella lhe darey de minha fazenda trezenças mil dobras de ouro, porque peramais soma, posto que ella amerecia maior, eu não me atrevo, & todalas outras couzas que tocão a vossas amizades, & lianças, tambem me pras porque eu quero ser seu amigo, & ajudalo em todalas couzas de rezão pera que me requerer; com tanto que não seja contra o Pápa nem contra el Rey meu senhor, a que por sangue, & por natureza são sujeito, por tal que nelles não mingue minha honra, nem va contra as menagens que primeyro fiz, salvo quando de sua parte me for feyto tal agravo porque eu com direyto deva fazer o contrario. E eu mandarey minha filha ao Infante Dom Pedro como a sua honra pertence, & com ella lhe entregarey dencero em Portugal todo seu casamento, que disse.

Mas isto tudo sera com sinquo condiçois que el Rey de Portugal, & o Infante seu filho com menagem, & juramento primeiro me prometerão, & sem ellas não consentirei em nada do que tenho dito. A primeira que minha filha sera liurementemente senhora das terras que lhe derem assi como ora o he a Rainha Dona Brites madre do Infante. Asegūda q̃ o Infante lhe não tome mãçeba e quanto ella for de idade pera poder emprenhar, & parir, salvo se ella for de sua natureza maninha, & não pertencente pera gerar. A terceira que seja meu amigo aproueitandome com sua ajuda assim como eu me obrigo, & prometto a elle de o ajudar com a minha quando da sua parte for requerido. A quarta que se anima aprouuer ir ver minha filha, que elle me leixe estar em sua terra, & vizitala em sua terra, & folgar com ella todo o tempo que eu quizer, & porem que eu, nem os meos não gastemos nada do seu, & seja sempre á minha custa. A quinta que se algũ filho ouuer depois do primeyro legitimo & herdeiro, & lho eu requerer pera depois de minha morte erdar as terras que tenho, que elles mo enviem, quando lho eu mandar pedir, & não auendo este tal segundo filho, que elle ou seu filho lidimo venhão erdar as terras depois de mim, & as não leixem possuir à Coroa do Rey de Castella. E cõ estas couzas concluidas D. Ioaõ escreveo sobre isso sua carta a el Rey de Portugal, & o Mestre se foy pera caza de el Rey de Castella.

CAP. XIII.

*Doque o Mestre passou cõ
el Rey de Castella a ser qua-
do arroido que no caminho
ounera com Caste-
lhanos, & se tornou
a Portugal*



HEGOV o Mestre a Burgos, onde era el Rey de Castella, que o recebeu com muyta honra, & grande agazalhado, sem algũa mostrança de lhe pezar pello ver em sua terra, como na carta de Dom Ioaõ mostrara, mas o Mestre avido tẽpo para isso lhe disse acauza forçada de sua ida a elle fundada na carta que a Dom Ioaõ inviara sobre sua prizaõ, & sobre isso mara vilhado de tal detreminação lhe disse as rezõis, & segurança que por bem das pazes avia, para os de hũ Reyno, & do outro, sem mais salvos condutos, poderem liur emente entrar, & sair quando, & como quizerem, & que elle nesta confiança cfizera sabendo que o naõ tinha anojado nẽ desservido, quanto mays que para sua vinda elle derz expreffo consentimento quãdo por sua carta certificara a el Rey seu senhor que naõ avia por mal requererse a Dom Ioaõ o cazamẽto de sua filha, que elle viera re-

querer pedindolhe disesse ofundamẽto q̃ tiuera para sua prizaõ, & retimento.

E el Rey lhe respõdeo. *Muyto honrado Mestre amigo eu escrevi essa carta a Dom Ioaõ porque devos, & de vossa entrada entãõ sũy em formado muyto pello contrario do que depois o sũy, & agora sãõ, porque me certeficarãõ que entrareis em meu Reyno com grãde poder de gente, & que polos lugares por onde passaveis dezieis mal de el Rey meu tio, & nelles fazieis forças, & couzas naõ devidas, & q̃ foreis sobre a gente com que eu mandava serquar, & prender Ioaõ Nunes de Lara, & que o quizeres desserquar, & que sobre isso matareis hi alguns meus, & por isso movido legua de algũa sanha, mandey essa carta a D. Ioaõ mas depois que soube a verdade bem folgara naõ lha ter mandada. E o Mestre lhe disse: Senhor, el Rey he tãõ prudente, & tãõ poderoso, q̃ naõ manda em seu servico nẽ tem em seus Reynos, quem diga mal d'elle, nem eu a disse d'elle nẽ diria, por q̃ naõ tinha rezãõ, & as forças q̃ fiz e vossa terra sãõ as q̃ fazem quoisquer almocreves, que passando com suas bestas tomãõ, & comem os mantimentos, quando lhos dãõ por seus dinheyros; & do mal que vos disserãõ que fiz em vossa gente que estava no serquo de Ioaõ Nunes, sabereis que hi senãõ fes couza q̃ naõ fosse contrangidamente, & muyto por força, porque os Portuguezes quanto tem de paciencia nas couzas justas, tanto tem de soberba, & efforço nas couzas que*
lha

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

lhes fazem contra rezão, & o caso senhor he, q̄ passando junto do arayal dos que sercauão Ioão Nunes, alguns d'elles vierão a mim perguntando que gente eramos, foylhe respondido que heramos Portuguezes, & eu mestre de Avis de Portugal q̄ hia a caza de Dom Ioão Manoel, & os vossos tornarão que não era assi, repetindo q̄ lhes disessem quem eramos; & porque meu irmão que aqui está lhes disse que se esta não hera a verdade que hi não avia outra paralles dizer; hũ d'elles não se satisfazendo da verdade sem algum resguardo lho tornou logo dizendo que mentia, & que a uerdade com seu pezar lhe faria antes da noyte confessar; & com isto se despedirão, & logo se muyto trespasso tornou apos nos, & com elle ate oitẽta de cavallo, & ẽ chegado onde ja estavamos alojados: Quem he o q̄ não quis dizer a Pedro Sanches da Motta que gente ereis? E em meu irmão respondendo: Eu são o que disse a gente que eramos, logo sem mays detença correrão a elle tres de cavallo, com as lanças sobre os braços, & matarão alhe o cavallo, & ferirão a elle no braço direyto, que ainda bem pode mostrar, & os Portuguezes da minha companhia, posto que não fossem mays de dozoito em cima de mulhas, & doze de pe armados porque lhe o feyto pareceo muy estranho, & sem rezão procurarão de fender assi suas pelles q̄ em fim da peleja não tiverão rezão de nos vir fazer queixume, que segũdo parece os Castelhanos volo fizeram de que logo não ouve, nem eis vi mays que coatro mortos, salvo se outros das feridas

que levarão morrerão de poys, & do que eu por mim niso fiz não me lembra; somente que com quanto hũ manto da ordem que trazia outras vezes mo não podem bẽ despir, eu a esse tempo achey rasgado, & caido pelos hombros; & este senhor he a verdade em que quanto a nos não ha culpa, mas merecimento.

E porque el Rey de Castella em todo se ouve por satisfeyto do Mestre, o despedio desigraciosamente com encomendas, & finais de amor para el Rey seu sogro cõ que se veo a Portugal, & a el Rey contou largamente todo o que passara, & assi lhe deu hũa carta de Dom Ioão Manoel em que recontou o passado, & pedindo-lhe em especial que daquela forma de dote de sua filha que a pontara se contentasse para seu filho, pois el Rey de Castella, sem dote se contentava casar com ella.

CAP. XIV.

Dos feytos notaveis das armas, & destroço que Gonçalo Rodrigues Ribeyro bom Cavaleyro Portugues fez a este tẽpo na Corte de el Rey de Castella.



O proprio tempo que o Mestre de Avis partio de Castella, chegarão a

te de elRey de Castella tres cavaleiros Portuguezes q̄ vinhão de França onde avia tres annos que andavaõ procurando, & ganhando honra em feytos d'armas; & estes aviaõ nome Gonçalo Rodrigues Ribeyro, & Vasqueanes, co-laçõ da Rainha D. Mariade Castella, & Fernão Martins de Satarẽ, & destes tres Gonçalo Rodrigues em hũas justas reais que elRey de Castella tivera em Leaõ quando elles hiaõ pera França o fez tambẽ q̄ veeõ o grado de melhor justador, & aguora neste tempo; & chegãdo elles a corte de Castella hũ Martim Gil de Catina bom cavaleiro Castelhanao, q̄ vivia no estremo de Aragaõ, & hera irmão doutro bom homẽ q̄ então morrera no recõtro do Mestre de Avis q̄ atras disse, pedio a elRey de Castella que porquanto Gonçalo Rodrigues que logo a pontou na dita peleja lhe matara seu irmão mal, & a torto que lhe desse vingança com justiça em campo com elle pera ambos se matarem, & senão que se desnaturava d'elle para sem quebra de sua fama, & honra se ir de seus Reynos, & o poder dahy em diante defferuir.

E elRey escuzando Gonçalo Rodrigues com muytas, & verdadeyras rezoẽs q̄ a Martim Gil naõ satisfaziaõ, Gonçalo Rodrigues em cazo que daquella culpa todo muy innocente; pore

avendo que as afrontas, & requerimentos de desafio que lhe fora cometido se a elle naõ faisse por seu corpo, naõ fazia muyto pella honra, & bom nome que sempre procurava, posse em giolhos ante elRey, & lhe pedio por grande merçe que outorgasse o campo, q̄ despois de alguns debates, & escuzas, logo outorgou pera outro dia em que a ora de terça sendo elRey presente entraraõ com padrinhos, & doze bons Cavaleiros por seguradores, & com tantos, & passauantes, & trombetas, segundo ordenança do tal auto: & sendo ambos juntos, & apẽ armados de todas armas começaraõ se de ferir muy duramente, & sem muyta tardança Gonçalo Rodrigues por força de sua espada fez sair fora do cãpo Martim Gil, & nõ encalço lhe deu por cima do elmo taõ grande golpe, que deu com elle morto em terra, & ficandolhe na maõ a espada mea quebrada, se veo ante elRey lançandoa desi fora no chaõ armado de todas as armas, & nõ cabo de sua afronta deu logo com grãde desenuoltura hũ tamanho salto que elRey por couza maravilhosa o mandou escreuer,

& afinar para sempre
ficar por memoria.

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

CAP. XV.

Das justas reais, & torneio que el Rey de Castella a requerimento de Gonçalo Rodrigues ordenou para ser nelas.

TANTO que Gonçalo Ribeyro acabou cõ sua honra o trançe, logo cõ muyto despejo se pos em giolhos ante el Rey, & com bom ensino, & devido acatamento lhe disse:

Senhor nas terras dos grandes Principes por onde andey à calregra q̃ qualquer que vence campo em presença de algum Rey lhe he outorgada qualquer justa merçe que lhe pede, & porque vossa Alteza, por grandeza, & real estado, & grande fama he nomeado por muyto excelente Rey em todo mundo, & tal em que estas leys de honra, & nobreza se deuem inteiramente guardar, & eu tenho cumprido com o que a minha honra devia lhe peço por merçe que assim outorgue o que outros Principes em semelhante cazo me não negarão: el Rey despois de ficar hũ pouco suspenso lhe respondeo brevemente dizendo: Gonçalo Ribeyro amigo pedi o que quizeres, & todo o que a mim for onesto, & poluel, eu da guora volo outorgo: E Gonçalo Ribeyro despois de beyjar as mãos a el Rey lhe disse: Senhor o que peço he que vossa Alteza queyra ordenar huã

justas reais, ou hum torneio, ou tudo juntamente, em que eu possa ser, antes que me va para Portugal. A que el Rey com o rolto alegre disse que lhe prazia, & que para a festa da Paschoa da Resureyção que se entã chegava, ordenaria justa, & torneio em que elle seria: & chegado o tempo da festa Gonçalo Ribeyro, & os dous seus companheyros se armaraõ de justa com elle porque tambem eraõ singulares Cavaleiros, & muyto destros, & de bom coraçãõ, & a estas justas por fama de Gonçalo Ribeyro principalmente, vieraõ enfiadas gentes, & assi muytos, & bõs Cavaleiros de Castella, & de Aragaõ ante os quaes veo hũ D. Martinho de Lara o bastardo que el Rey de Castella este anno fizera Bisconde, & este se diz que hera ou fora ja namorado de Lenor Nunes mançeba de el Rey, & era de grande linhagem, & muyto esforçado Cavaleiro; & com este correndo Gonçalo Ribeyro a primeyra carreyra foy do encontro de Dom Martinho derribado em terra, & a segunda carreyra correo Dõ Martinho com Vasqueanes Colaço companheyro de Gonçalo Ribeyro, & foy Dom Martinho assi duramente encontrando q̃ cahio em terra, & o cavallo sobre elle, Gonçalo Ribeyro despois de se allevantar, & cobrar outro cavallo moitrou que lhe pezava muyto da queda

de Dom Martinho, por não ficar em disposição, de poder logo tornar à justa, & porem esse dia Gonçalo Ribeyro ofez com grãde vantagem de todos, & justou esse dia por redadeyro com o ditto Vasqueannes seu praseyro porque derribara Dom Martinho de Lara, & do primeyro encontro Vasqueannes cahio em terra, & foy mal ferido de que Gonçalo Ribeyro ficou tão a nojado que logo se deseio do cavallo, & não quis mais justar, & porem lhe foy outorgado o grado, preço ordenado da justa, & mais lhe deu elRey de merce hũa copa douro, & hum elmo dourado, & o mais fermozo, & melhor cavallo que segundo fama avia em Castella.

CAP. XVI.

Como se fez o torneio em q̃ entrou elRey, & do que aconteceo a Gonçalo Ribeyro cõ Dom Martinho, & como foy desafiado outra ves Gonçalo Ribeyro, & venceu o desafio.



O outro dia que era primeyro das oitavas se ordenou o torneio em que elRey posto em armas foy tam-

bem em pessoa, & tomou de sua parte os tres Portuguezes, & Gonçalo Ribeyro bem armado veio no cavallo que lhe elRey dera, que para tal auto era muy forte, & maravilhoso, & o torneio sendo travado de hũa parte, & da outra, ferido bravamente Dom Martinho seguia muyto Gonçalo Ribeyro, dezejava, & procurava naquelle torneio levar delle a vantagem, que ouvera nas justas; & pera o melhor fazer se diz que trazia em sua ajuda outros seus ja perçebidos que o fovecessem, & ajudassem, & Gonçalo Ribeyro que esto entêdeo disse em talvos a seus companheyros q̃ olhasem por elle, & com isto a remeteo a Dom Martinho de Lara, & cõ tãta força lhe deu hũ golpe por cima do braço armado que cõ quãto sua espada cõ as dos outros por condição do torneio erão todas botas, & sem gumes lhe quebrou todos os ossos de dentro, & disto pezou muito a elRey, & a todos os que o viraõ, & alguns q̃ bẽ não sabião as leis dos torneos lho estranhavão muyto, & deziaõ q̃ Gonçalo Ribeyro ofizera mal, & por isso merecia pena, antre os quais foy hum criado de Dom Martinho que sobre isso pedio a elRey campo com Gonçalo Ribeyro.

O qual depois de dar perãte elRey suas escuzas, & q̃ sendo costume dos torneos elle não errara e dar aq̃lle golpe, & outros maiores

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

em fim, por consentimento de el-Rey aceytou o desafio, & por isso lhe beyjou as mãos, & ao outro dia entraraõ estes ambos no câpo em q̃ elRey era presente, & em que pos bons juizes & seguradores, & hũ Rey darmas, & cõ elle arautos, & pasávâtes, & a peleija durou antre elles muy ferida por bõ espaço em q̃ a melhora segũdo os golpes que se davaõ às v ezes tercava por hũ, & outro por outro porq̃ a espada quebrou a Gonçalo Ribeyro, elle porque hera rijo, & de bõ corpo escolhendo isto por derradeyro remedio de sua vida, & onra, ajuntouse cõ seu cõtrario, & vzãdo de jogo de luta armoulhe a perna, & cahio sobre elle ã terra, & comefandolhe desenlaçar o elmo para lhe cortar a cabeça cõ sua adaga talhante que trazia, el-Rey mandou loguo aos juizes q̃ o tolhesem, & o nãoleyxasem matar; & a grauandosse disso Gonçalo Ribeyro elRey lhe disse. *Gonçalo Ribeyro, amorte desse para vos, & para vossa honra nã foy necessaria porque vos vencestes o campo, & vos ey porliure, & mais vos julgo o grado das justas, & do torneio, & dos desafios que desfazes, & da outra em Castella, & Aragoã fizestes, & se em tais feytos, & com tanta linpeza de vossa honra, sempre preseverardes, nã pudera ser reprehendido, antes recebera louvor, & contentamento quem vos armou Cavaleyro. E o Bisconde Dom Martinho dahi a poucos dias mor-*

reo da ferida do braço

ElRey de Castella mandou escreuer todas estas couzas, & aentalas ã sua Chronica pera dellas se nã perder memoria, & despedio os Portuguezes cõ hõra, & n erçe & lhes deu hũa carta para elRey de Portugal em que todas as sobre ditas couzas com mayor recõtãmẽto erã postas rogandolhe que os feytos, & bondades darmas de tais vaçalos mandasse escreuer para por sua honra, & fama numqua esquecerem, & serem a muytos outros bom exemplo de cavalaria, & leyxando isto tornei rey ao sustancial propozito da historia.

CAP. XVII.

Como elRey de Castella cõ manhas procurou toruaro casamẽto do Infante Dom Pedro cõ Dona Costança.



O tempo, que elRey de Castella despedio de sua Corte estes Cavaleyros Portuguezes escreveo a elRey de Portugal, q̃ acerca do casamento de seu filho com Dona Costança de que fora pello Mestre de Avis, certificado lhe parecia bem fazerse como lhe inviara dizer, mas que lhe aconselhava, & rogava

& rogava que na concluzaõ delle vzaſſe mais de delonga, & encarcerimentos que de trigança, & appetito, porque ſabia que Dom Ioaõ por ſer muyto riquo, & ter grande dezejo de caſar honradamente ſua filha a lem do que tinha prometido daria cõ ella quãto el Rey para ſeu filho lhe mais pediffe, & apos eſta carta enviou el Rey de Caſtella outra a Dom Ioaõ Manoel em que lhes fez ſaber como ſoubera do conſerto do caſamento de ſua filha com o Infante Dom Pedro erdeyro de Portugal, a que pormetia trezentas mil dobras q̃ lhe parecia q̃ cõ quanto dava muyto mais alem do que devia, porem ſendo cazo que para mor ſoma foſſe de el Rey requerido que a naõ deſſe, & queas rezoẽs diſto porque heraõ muytas ſe a elle quizeſſe hir lhas daria em peſſoa, mas Dom Ioaõ com receos que tinha ouve ſua hida por eſcuzada, & fobre cartas de torvaçaõ enviou el Rey outra muy ſecretamente à meſma Dona Coſtança chea de arrependimentos, & de doces, & morozas palauras, cuja ſuſtancia hera q̃ por induzimentos de maos, & naõ ficis conſelheyros, & que naõ ſentiaõ ſeus intrinsecos dezejos, & verdadeyros padecimentos de ſua alma o deſviaraõ do propozito que tinha de caſar com ella, na qual couza ſe fezera elle ſempre recebera grãde gloria, & muyto contentamen-

to, & que naõ ſabia couza em que tanta dor, & arrependimento elle tomaffe como em leyxar de ſe fazer, & que porem lhe pedia que pois hũa ves ja fora ſua que agora naõ quizeſſe novamẽte ſer doutrem prometêdolhe que por todos os caminhos poſiveis, & inda q̃ foſem contra rezaõ, & direyto daria ordẽ como ſe quitaffe daquella com que era contra ſua vontade caſado, & ſatisfizeſſe a ſeu deſejo, & a tomaria por molher, & que eſta couza naõ eſtimaffe por taõ impoſſuel, nem ta grave como por ventura pareceria, porque ja outras ſemelhantes, & mayores por menos cauza ſe fizerao, & que naõ duvidaſe de o fazer, ca foſſe certa que quando ella por ſua vontade o aſim naõ quizeſſe que elle trabalharia de por força a aver, & poſſuir.

Com eſta carta que Dona Coſtança vio ficou muyto maravilhada, & porem loguo em ſy foy certificada da má tençaõ de el Rey q̃ pola deſviar da couza de ſua honra que era movida elle ſomente o fazia, & preſumiffe que moſtrou acarta a Dom Ioaõ ſeu padre, & que por ſeu conſelho enviou a el Rey hũa repoſta que dizia
aſſim.

Chronica del Rêy Dom Afonso IV.
CAP. XVIII.

Da resposta q̃ Dona Cos-
tança enuiuou a el Rey de
Castella, & como elle sem
cauza por torua de seu
casamento ordena-
ua guerra cõ Por-
tugal.

MUYTO poderoso, & excelen-
te senhor a que Deus hõrada-
mente proco de grandes vir-
tudes, & a fortuna largamente dotou
de seus Dons, & prosperidades Dõ A-
fonso muyto temido senhor, & de gran-
de poder digno Rey de Castella, & de
Leão, vossa seruidora D. Costança Ma-
noel, a quem vossas esquiuanças muytas
vezes puzerão triste, & não menos vos-
sos desarezoados agravos poserão outros
em perigosa desesperaçãõ, posto que ti-
nha razão, & desejo para a ver de vós
semelhante vingança, não me esqueçe
porem por hũa natural obediencia, &
devida sujeição que vos deuo inuiar
beijar vossas mãos, & encomendarme
muyto em vossa merçe. Muyto poderoso,
& alto senhor o desagradecimento, &
verdadeyro amor tem ante sy tão gran-
de amizade, que a natureza com todo
seu poder os não pode nunca trazer a
perfeyta concordia: Bem sabeis se-
nhor que não conhecendo eu vossos amo-
res, que deverãõ ser os proprios não ou-
eros alheos, a vos cõ palauras cheas den-
ganos, & com rezões em tudo fingidas, &

rais q̃ cõ a verdade q̃ deveis, não uinhãose
melhãça nẽ parentesco, afagastes assi mi-
nha nova idade cõ q̃ fuy inauzida a vos
querer o grãde bẽ que a onestidade me en-
sinava, & porque nas couzas que na ten-
ra mocidade acontecem durãõ sepre na
memoria em todas as partes da vida, &
por isso me tẽbra bẽ aprepõsito fingidas re-
zões nas quais não escarneçeis somente
de mim, de cuja innocencia quando uãõ
quizeris ter piedade, devereis a ver ver-
gonha, no que muyto mais escarneçeis de
vossa honra, & de vossa fama, & a-
inda de Deus, & da santa Igreja pois
casastes, & pedistes, & revogastes sua
dispensaçãõ sendo niço sobre todos des-
agradecido, a mim que pera o fim que de
vos esperava, vos tinha aquelle gran-
de amor, & muyfiel, que era razãõ, o
que tudo conuertestes contra mim e muy-
to desamor, & desgosto, & a verda-
de diço se viu melhor em vossas obras.
Pelo qual tão grande desagradecimen-
to, cuja principal morada era vosso cora-
çãõ, não poderia largamente durar com
amor que do mesmo coraçãõ procede, &
este que ora novamente mostrais que me-
tendes, por ser fingido como he, não pode-
ria caber nem sojrerse em vos juntan-
te? E pois senhor vedes que eu isto en-
tendo seja vossa merçe de não escreuer
palauras, das quais não sendo trazidas
ao fim de vos prometido, se sigua que-
bra de vossa verdade, & mingoa de
vosso estado real, que por nenhũa cou-
za deviris querer, & as vezes que vi
vossa carta, por cuja resposta vos esta
envio, por vir em tal tempo sempre sus-
peiteyo que creio que vos pezava de qual-
quer

quer bemaventurança que me pude-
se vir, & que não quereis que se dis-
se nem fosse verdade que em cazo que
me leixareis que nem por isso me faleçera
outro Principe, que dignamente mereça
trazer real Coroa, como vos, & que
pollo vosso preço me tomasse, ou por ven-
tura fazeis isto con ra mim receandouos,
& não sendo seguro do bem dalguem pera
vosso serviço cuidando erradamente que
vos não ama, & se hê por D. loão meu
padre, & meu senhor, elle certamente
vos he mais leal amigo, & servidor,
que os que são riquos por vossos dinhey-
ros, & possuem sem fê vossas fortale-
zas, & são arguas, & escrituras de
vossas puridades, & são tais, que por
bayxos não merecem viver com o mais
pequeno de sua linhagem. E faço es-
tas comparações porque crendovos vos
por tais conselheyros como dizeis que fi-
zeistes, errastes contra mim gravemen-
te, & mais tizestes de vos conhecer ao
mundo que a mais se estende vossas pa-
lauras, do que podem chegar vossas o-
bras, & os direytos, & rezaõ outor-
gaõ que não se presume ser bõ quem hũa
vez foy mau ate que por obras, & por
sua se veja o contrario, & vos não
fostes hũa so vez contra mim, mas muy-
tas escreuendome com enganno destes
escritos assas, sem algum delles querer
des cumprir, porque vossa vontade os
contrariava, & por isso não tem culpa
quem em meu cazo vola der, nem me-
rece penna, o q não der fe a couz q di-
gais, & dulto que he passado não crer
nada quero agora crer o que vejo, &
o que sey que fazeis no mau trato que da-

is aiaõ virtuozã princeza, como he a Ka-
inha Dona Maria vossa melher, & isto
he feito por Leonor Nunes, que sete
annos antes que nasceisse ja era garida, &
se o sizo me não fuge ja vos de tal fama
a tomastes nas festas de Liaõ, qua não
sem rezaõ sua madre se queyxava della,
& de Martim de Lara o bastardo, nê
he de presumir que eile fosse o primyro
que lhe dissesse amores, porque Fernão
Gonçalues de Ajala ja fora seu namora-
do, & esta inquirição porque soube esta
verdade, não ma fizeram tirar ciumes,
mas hũ leal amor q em vos perdi, & me
nunqua me egestes, & conforteyme, a-
inda que fosse com perda alhea, saber q
maiores juras, & promessas fizestes à
Rainha Dona Maria, as quais todas
quebrastes, & cuydo que non fuy so,
mas que ja em hũa companhia somos du-
as, as que com palavras enganastes, &
louvo muyto a Deus porque a mim me
não coube em sorte o cattueyro, & pade-
cimento em que ella sem culpa agora vi-
ve, mas a justiça de Deus a que nada se
esconde de todo o que contra ella, & con-
tra mim cometestes por meo douira mo-
lher que ferà Leonor Nunes, nos darà
de vos justiça, & vingança, & de ma-
is nisto me não tocardes por se não perder
tempo me fareis grande merce, porque
em cazo que perdindosse toda a rezaõ, o
direyto, & poder me forçeis o corpo, co-
mo dizeis, sabey que minha alma, &
meu espirito de vos, & vossas couzas
sempre ficarão livres, & sem sogeyção.

Com a reposta desta carta foy
el Rey de Castella assas triste, &
pensozo, porque viu que suas ima-

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

CAP. XIX.

ginacoës, & cautelas em nada lhe lucediaõ a seu danado prepozito, & maodezejo, & pera naõ ficar couza, que naõ experimentasse pera o casamento de Dona Costança se naõ fazer dezejou com qualquer achaque algũa rotura de pazes com o Reyno de Portugal, & ter com elle guerra, ainda que fosse sem cauza, & pera isso escreveu ao Mestre da Alcantara, & a hum Gonçalo Martins das Casilhas, outros principais Cavaleiros dos Estremos, a cada hũ destes em especial, que trabalhassẽ de fazer algũas tais sem rezoës, ou tomadias aos Portuguezes vezinhos dos Estremos, que a elles conviesse por sua vingança, & enmẽda tornar a elles por armas, ouve prefarias por maneyra que antre todos ouvesse alguns começos de rompimento de guerra, & isto q̃ fizessem ao menos porque sabia que elRey Dom Afonso de Portugal de sua condiçaõ hera assim muy queyxozo, & que naõ poderia leyxar de lhe escrever sobre isso tais couzas, & assim azedas cõ que elRey de Castella mostrandoas em seu conselho, seria de necessidade a cõselhado mouer guerra a Portugal, & que cõ ella movida naõ se faria o casamento de Dona Costança como hera seu intento, mas isto naõ ouve, & feyto, ca foy impedido antes da obra, como aodiante direy.

Como por procuradores de Dom Ioaõ Manoel se fez o casamento de Dona Costança com o Infante D. Pedro em Portugal.



COMO elRey D. Afonso pello Mestre de Avis foy certificado da vontade, & consentimento que D. Ioaõ Manoel, que dava ao casamento de sua filha sentindo a vontade encuberta, & disimulada que elRey de Castella tinha para torva deste casamento antes que elle em algũa couza mais danoza a pozesse em obra, mandou logo a Dom Ioaõ por seus mensageyros, & procuradores Gonçalo Vas de Goyos seu vassallo; & Gõçalo Vas tizoureyro de Vizeu, & Fernaõ de Pinna, os quais com o dito Dom Ioaõ no mez de Ianeyro da era de Cesar de mil, & trezentos, & setenta, & coatro, & do anno de Cristo de mil, & trezentos, & trinta, & seis, na sua villa de Castrilho, firmaraõ o contrato do dito casamento com totalas clauzulas, & condicoës, que atras he a pontado.

E como os ditos mensageyros de elRey foraõ de Dom Ioaõ despedidos, & elle no mes de Fevereiro

re yro loguo seguinte , & do dito lugar de Castrilho enviou a Portugal com procurações , & poderes abastantes seus, & de Dona Costança, hũ Fernão Garcia, Dayão de Cuenqua , & outro Lopo Garcia os quais vieraõ a elRey D. Afonso, estando em Estremos , & aly concordaraõ mays particularmente, & firmemẽte todas as couzas assim acerca do tẽpo da vinda de Dona Costança, que avia de ser para o São Ioão loguo seguinte, como tambem a cerca das pagas das trezẽtas mil dobras de dote que avia de ser em certos annos com fieldade, & segurãça de Castelos de hũa parte, & da outra, que se avião de poer como puzerão; & concordadas em Estremos estas couzas, elRey , & os ditos procuradores se forão á Cidade de Evora onde nos paços de São Francisco sendo prezẽtes elRey, & a Rainha Dona Breatis , & o Infante Dom Pedro ; & com elles alguns Prelados, & ricos homens, & Cavaleyros de seus Reynos o dito Fernão Garcia procurador , com sua procuração nas maõs, despois de publicada , & declarada a tenção perque elle era vindo , disse estas palauras . *Senhor Infante Dom Pedro, por quãto a Deus praze de vos com sua graca aveis de ser marido. de Dona Costança filha de Dom Ioão Manoel, meu senhor, por tanto eu Fernão Garcia Dayão de Cuenqua, como procurador q sou da dita Senhora por esta sufficiente*

procuração, & em seu nome vos recebo por espozõ, & marido lidemo de Dona Costança por palauras de matrimonio de prezente segundo o direito da Santa Igreja, & juro aos Santos Evangelhos por mim corporalmente tangidos , na alma da dita Dona Costança, que ella tenha, & goarde bem fielmente todo esto , & não venha em algum tempo contra isso, nem parte, nem em todo . E outro tal recebimento , & juramento fez aly loguo odito Infante Dom Pedro, pera depois em sua pessoa, ou por seu procurador o mandar ratificar em Castella em pessoa da dita Dona Costança, com isto a cabado elRey fez merçes aos mensageyros, & se tornarão pera caza de Dom Ioão seu senhor.

CAP. XX.

Como elRey de Portugal enviou seus mensageyros a caza de Dom Ioão pera em nome do Infante Dom Pedro receberem por sua molher Dona Costança

QS Mensageyros, & Procuradores de Dom Ioão como forão da Cidade de Evora despedidos, loguo elRey de Portugal ordenou, & enviou a caza de Dom Ioão por Procuradores do Infante Dom Pedro seu filho,

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

lho, & com seu consentimento, Gonçalo Vas de Gois, & Gonçalo Vas Tizoyreyro de Vizeu, & Frey Diogo seu confessor: E chegado à Villa de Castrilho ôde erão Dom Ioão, & sua molher, & filha forão delles com grandes honrãs, & bom trato recebidos, & ao dia que foy concertado os espozorios se fizerão, os Pòvos, & Clerigos, & Religiozos da Villa, & da terra de Dom Ioão com solene proffição foraõ à Igreja, onde o auto de recebimento se auia de fazer onde o Bispo de Cuenqua disse missa, & ouve sobre o caso Sermaõ & no cabo de tudo foy pelo Bispo reueftido lida primeyramente a dispêsação, & sendo presente o dito Dõ Ioão acõpanhado de grandes, & nobres homens que cõ elle eraõ, se foy ao estrado aonde estava Dona Costança sua filha acompañada de muytas, & nobres Donas, & donzellas, & lhe disse a ella. *Filha eu vos rogo, & mando que recebais por palavras de presente em nome do Infante Dom Pedro filho erdeyro de el Rey de Portugal, Gonçalo Vas de Gois, que aqui està seu Procurador. A que ella loguo em se respondeo. Senhor assim nisso, como em qualquer outra couza que me mãdardes, eu vos serey sempre muy obediente, & por me vos mãdais, & quereis q' o faça, eu o tenho por bẽ, & me apraz.*

E loguo o dito Gonçalo Vas tendo a procuração nas mãos disse. *Senhora Dona Costança, eu Gonçalo*

Vas de Gois especial Procurador pera isto do Infante Dom Pedro filho primeyro, & erdeyro de D. Afonso Rey de Portugal meu senhor, em sua vos, & em seu nome vos recebo per espoza, & molher lidima do dito infante, no dito nome consinto, & vos outorgo por vosso espozo, & marido como seu Procurador que sou. E ella respondeo. Eu Dona Costança recebo por espozo, & marido o Infante Dom Pedro, & me outorgo por sua espoza, & molher em pessoa de vos Gonçalo Vaz, cujo Procurador sou, & juro a estes Santos Evangelhos que corporalmente toco de a ver por senhor, & marido para sempre, em toda minha vida. E loguo o dito Dom Ioão seu padre fez tambem o dito juramento pera fazer todo assim cõprir como ante elles era cõcordado, & com isto a cabado os ditos Procuradores de Portugal ordenaraõ de virem per caza de el Rey de Castella, & darlhe conta do casamento.

CAP. XXI.

Do que el Rey de Castella fez quando foy certificado do casamẽto do Infante D. Pedro de Portugal cõ a Infãta Dona Costança.

OS espozouros do Infante Dom Pedro com a Infanta Dona Costança foraõ feytos com tanta solemnidade festas

festas, & estrôdo q̄ elRey de Castella foy loguo de todo sabedor, & de assi ser feyto lhe pezou muyto, & vendo loguo que da guerra que sem cauza que mādava trauar cō Portugal, lhe poderia vir mais mal que bẽ, podia configir algum cōprimêto de seu maõ dezejo, escreveo loguo ao Mestre de Alcātara, & aos outros que affirma disse, que nãõ cometessem nem fizessem nada do que lhe tinha mandado a serqua da guerra com Portugal, & elles assi o fizeram & sobre isso os Embaixadores de Portugal chegarão a Valhadolid õde elReyera & lhe derão larga cõta dos despozouros, & por alegria delles lhe pedirão alviçaras.

Oqual cõ dor vedadeira, & cõ hũ prazer fingido lhes deu, a saber, a cada hũ tres mil dobras dourado, & senhos bons cavalos, & mais certas pessas de ceda, & isto lhes mandou ás pouzadas antes q̄ de elRey fossem despedidos, osquais em tornando aremerçar lhe as dadiuas, & merçe que lhe inviara, elRey com o rostomuy alegre lhes disse: *Esta alviçara que vos mandey dar, foy muy pequena, para o grande prazer, & cõentamêto q̄ tenho de fazer este casamento a que vistes, posto que D. Iuão deste casamento nũqua me deu parte, por em dizer a elRey de Portugal meu tio q̄ a fora elle, & o Padre da noyya, & fora ambos os noiuos, eu de todos os outros sou o mais ledo da voda.* E que isto ẽ sua vontade fosse fingido & nacara em suas

mostranças, parecia o contrario.

Por que por hõra destes espozouros fes, & ordenou ẽ sua Corte grande festas, & canas, & touros, & dāças, & cõ isto acabado em se os Embayxadores despedido dellesle inuiou suas encomẽdas a elRey seu tio, & ao Infante seu primo, & acada hũ delles duas pessas de panno de ouro muy riquo, & assi suas cartas com muytas palauras das causas, & razões q̄ avia para deste casamêto ser muy contente, & cõ offercimêtos de sua pẽssoa, & de seus Reynos, & couzas delles para todo o q̄ a elRey, & ao Infante seu filho, cumprisse, dādo graças a Deus p̄r ver fundamêto de tal affossego, & pas de toda a Hespanha, & por aver melhor disposiçãõ pera a guerra dos Mouros.

CAP. XXII.

Como os Embaixadores chegarão a Portugal, & da resposta q̄ elRey inuiou a elRey de Castella.

QS Embayxadores q̄ foraõ aos ditos espozouros ẽ tornando a Portugal acharaõ a elRey D. Afõso, & o Infãte D. Pedro, em Lisboa, onde pella certdaõ do casamento forãõ feytas muitas festas, & grãdes alegrias, & assi por todo o Reino vêdo sobre isso elRey acarta de elRei de Castela cuja sustancia pellas couzas passadas avia

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

de todo por falsa, & fundada para outro fim, & para se de todo declarar, & lhe fazer entender que o entendia lhe enviou por Martim Lopes Machado sua resposta em que sustancialmente com grandes louvores lhe agradeço muyto o que lhe enviara dizer do prazer, & contentamento que tomara acerca do casamento de seu filho com a Infanta Dona Costança, & assim de seus offercimentos, porque tudo assim era rezão, & tudo em tal cazo delle se esperava, & que pelas grandes cauzas que avia nomenos o faria em todas as couzas que a elle Rey de Castella tocasse, & fossem em prazer, & que por tão a confirmação, & certeza de sua boa vontade o cõtêtava, & o brigava aguora mais quãto lhe pareceo que os dias passados elle otinha para este casamento cõtario, & porem porq̃ ja pareceria duvidar nẽ sospeitar da verdade de suas palauras tão afirmadas q̃ elle, & o Infãte seu filho as crião, & lhe rogãvãõ q̃ se e algũ tẽpo lhe desaprouvesse porq̃ seu filho em quãto elle Rey, & sua pas, & amizade quizesse aturar sepre lhe seria bõ, & verdadeyro amigo quando visse que nõ devia fazer o contrario, & por ventura quãdo algũa ves o sentisse ainda entãõ mais por virtude que por couardiçe, sua paciencia que teria o faria resfrear; & com isto fes mais saber a el Rey de Castella todas as couzas q̃ ate entãõ sabia que

elle secreta, & encubertamente tratara para torva deste casamento, & assim a carta que D. Costança enviara em q̃ dezia que atomaria por força mas q̃ todo isto passado, lhe descubria para lhe certificar que tudo avia por como q̃ nõqua passara, & que cria o que novamente lhe afirmava. E leyxando hũ pouco os feytos dos Reystocarey algũas outras que neste tempo ocorrerãõ, & que fazẽ perfeçãõ desta historia.

CAP. XXIII.

Do falecimento da Sancta Rainha Dona Izabel molher de el Rey D. Dinis, & madre del Rey D. Afonso, & dos milagres que Deus despois de sua morte por ella fez.



NDANDO a era de Cesar e mil, & trezetos, & setenta, & tres anos, & o anno de Christo em mil, & trezentos, & trinta, & cinco a Rainha D. Izabel molher q̃ foy de el Rey D. Dinis, & madre deste Rey D. Afonso IV. como era molher de vida mui sãta por acrecetar por seu corpo merecimentos para salvaçãõ de sua alma, sendo este anno Jubileu de Sanctiago de Galiza, ella por aver do tizouro da misericordia, & piedade de Deus indulgencia, & remiãõ de seus peccados foy a elle, & tornou de pe aforada, & muy desconhecida, pedindo

pedindo pello caminho esmolas aos fieis Christaos com seu bordão na mão, & fardel ás costas como hũa bem pobre romeyra, & no anno seguinte de pois de vir a Portugal, porque corrião os tratos do casamento do Infante Dõ Pedro seu neto, ella seveo a Estremoz onde adoeceo e quinta feyra aos 4. de julho do año de Christo de mil, & trezentos, & trinta, & seis, & aly foy loguo seu corpo reuolto em hũ couro de boy, & posto em seu ataude, & levado com muyta solemnidade ao Mosteyro de S. Clara de Coimbra que ella novamẽte fundou, & dotou, & hy foy sepultado em hũ moimẽto de pedra no Choro de cima onde jas, & onde foy a primeyra Abadessa D. Izabel de Cardona Aragonesa sua parẽta, & sobre as couzas q̃ em sua morte, & enterramẽto, & dispois sobre seu moimento milagrozamẽte se passarão cõ algũ fundamẽto de ser canonizada forão tiradas inquiricoes cõ muy perfeyto exame das testemunhas, & por ellas brevemẽte achey que indo assi seu corpo pello caminho, sendo tão grandes quenturas do Sol, que nos corpos mortos cauzão corrupção, & fedor, a este vinhão as gẽtes cheyrar pello grãde odor q̃ delle saia, q̃ era assigrãde, & de bõ cheiro, como se o levarão por hũ grãde, & mui florido rozal, & assi o fazia algũ grosso humor q̃ do dito corpo pellas fendas do ataude saia,

E que por isto em acabando de ser o corpo no moimẽto metido hũ pano grãde vermelho cõ q̃ fora cuberto, & as andas em q̃ hia forão loguo rotas, & espadaçadas, & goardados os pedaços, & rachas por grãdes Reliquias as, quais tomadas, & lançadas cõ devaçãosegundo testemunho de muytos, a muytos enfermos proveytavão.

E foraõ cõ elle Frey Ioão Paes seu confessor da ordem de São Francisco, & Frey Salvador Bispo de Lamego q̃ foy seu testamẽteyro & alẽ doutros muytos milagres q̃ por escrituras antiguas, & muy autenticas achey foraõ estes.

Hũa Costança Annes natural da Cidade de Evora Freyra do mesmo moesteyro tẽdo tal infirmitade nos beyços q̃ de praga selhe comião todos sem a proveytar algũ remedio tẽporal, & assim era tambem manqua de hũa perna q̃ se nõ abalava, pola devaçã que tomou da boa vida, & santidade desta Rainha se provou claro que em chegãdo seu corpo ao mosteyro ella por beyjar o ataude em que vinha loguo subitamente, & a vista detodos recebeo perfeita saude nos beyços, & na perna, & de todo ficou sam: outro si hũa Caterina Lourenço tãbẽ Freyra tinha a via dias hũ lobinho no olho esquerdo de q̃ nõ via, & estava em dispocisão de operder, & hũa vigilia q̃ cõ grãde devaçã teve ate o moimẽto da Rainha se achou ao

diade todo são, & assi ofizerão outros muytos de semelhantes dores, & maleytas. Item hũ Domingos Domingues morador em S. Felipo tendo hũa sanguexuga na garganta avendo muytos dias, de que cada dia se sangrava á morte, & nõ lhe aproveytando remedios, nem romarias, encomẽdandosse a Deus, & aos rogos, & merecimentos desta S. Rainha veo dormir huma noyte ao seu moimenso, & a o outro dia a sanguexugua muyto grãde, & viua lhe apontou na veta direita por onde lhe foy tirada, & foy são. Item huã Maria Martins de Coimbra da freguezia de Sam Christovão sendo de todo cega avia ouvido dos milagres desta bema-venturada Rainha seveo lançar cõ grande devaçõ debayxo do seu moimento, & aly recebeo vista inteyra aos olhos de todos. Item hũ loão Pascoal de Condexa sendo furdo muytos annos avia tambem hũa noyte que cõ devaçõ aly durmio, & se encomẽdou a ella, ouvio tãbem como se nunca padecera tal infirmitade & assi outros muytos milagres achei escritos, q por brevidade escuzey de pòr, porque estes abastão para se crer piadozamẽte que sua alma he Santa, & bem aventurada.

(?)

De huma Embaxcada de el Rey de França, & doutros Senhores que veo loguo à el Rey de Castella sobre a guerra dultra mar, & cobramẽto da ca-za Santa.



LE REY de Castella em acabando de ver a carta de el Rey de Portugal, & do Infante seu filho em reposta da q ouverão acerca do casamento do Infante D Pedro, & sobre as coufas secretas q lhe revelarão antes de a ella respõder, chegarã a sua Corte tres Embaixadores hõrados de el Rey de França, & doutros grandes senhores de Alemanha, & da aquellas Prouincias todos concordados em hũa sustancia, os quais forão de el Rey bẽ recebidos, & tratados, & ao tetceyro dia depois de sua chegada sendolhe assinado dia, & ora para proporẽ sua Embaixada; elles vindosãte el Rey loguo mostrarão hũa carta de crença aberta, & patente assinada por el Rey de França, & por todos los senhores nella nõ meados, & aselada de seus selos pequenos postos em hũa so cera grãde, & redonda.

E por vertude della de pois que de el Rey foy vista hum delles disse . *Senhor nos a poucos dias que viemos por caza de el Rey da Aragão, &*
por.

por bem desta carta que tambem a elle vem adereçada logo propuzemos o que a vos tambem aqui propomos ; & posto que a elle primeyro falassemos, não leyxamos por isso de ter vosso nome, & Real Estado em mais conta ; & maior reverencia que osseis, mas atreuendonos em vossa grãdeza, & nella grãde constãcia que de si tera o fizemos assim porque dispois de vos rãbem entendemos hir a el Rey de Portugal para da hy com mais brevidade fazermos o caminho em vossas terras pelo mar por isso falamos a el Rey de Aragãõ primeyro, & se nisso ouve erro foy somente por necessidade, & disso vos pedimos perdãõ. El Rey de Castella depois que lhe disse que tudo fora feyto com prudencia, & bom resgoardo, & que o avia por bem feyto, aquelle, que aprezeñtou a carta começou nesta maneyra. Senhor el Rey de França com todolos senhores que nesta carta assinarãõ assy como dezejaõ o exalçamento da Santa se de Iesu Christo, assi tambem como fieis Cristãõs lhes peza muyto do acrecentamento da errada ceyta de Mafamede, & da grande multiplicação dos Meuros que a seguem.

Os quais por nossos pecados, ou por nossa fraqueza possuem a mayor parte da terra acrecentando cada dia seu poder, & estendendo cada ves mais seu senhorio, & por q̃ isto não fosse damaneyra que he áqueles que ante nos forãõ em tẽpo de Gudrusse primeyro Rey de Hierusalem, q̃ herãõ grãdes senhores de França, & outras Regiões, passarãõ naquellas partes por muytas vezes, & fizeraõ nellas

muytas, & mui assinaladas couzas, tomãdo a os imigos Cidades, Villas, Castelllos, & grãdes terras matando muytos delles em mui assinalados combates, & enredadas de lugares, & grandes batalhas, ate por força lhes tomarem a Santa Cidade de Hierusalem, & a torre de David, & iudo puzeraõ em poder de Cristãõs fazendo dizer devotas missas, & Divinos officios onde o danado, & descreido Mafamede à miude era delles louvado, & assi sacrificando ao Alto Deus sacraficios de louvor naquelles lugares ; que o diabo pela peruerfa condição desta malicioza gente tinha assi a seu mandado ja sogigados ; para cõseuaração desta obra tão piadoza offerecerãõ, & deraõ em seus senhorios muytas Vilas, terras, & grandes riquezas ; & os que em seytos tão meritorios morrerãõ, tem segundo nossa Fè vida para na gloria dos Ceos em este mundo, em quanto durar, terãõ honras, nomes, & fama immortal, como a tem.

E ora senhor estes senhores contrangidos deste gloriozo exemplo que perlinhajem, & razam os esperta, & com moue, dezejando parecer a estes que perãõ o corpo, & alma tanta honra, & tanto bem ; & louvor percalçarãõ, queriam fazer ouero tal mouimento, & passajem esperãdo na piedade de Deus, & em seu grande poder que o feito seja com prosperidade, acabado. & crendo que ainda q̃ os corpos em tal empreza sejaõ vencidos, as almas para a eterna bemaventurança ficarãõ para sempre vencedoras.


E por tanto estes senhores querem

saber de vos pois todos sois irmãos em Christo, & esta guerra dos infiéis vos he natural, se vos pras serdes com elles nesta santa, & fiel companhia por que fallando nos isto a el Rey de Aragão, elle nos respondeo que sem escusa fara o que vos fizeres, & que tudo o que com vosco neste caso concluifemos, que tambem cõ elle o ouvessemos por concluido.

El Rey de Castella no cabo desta proposiçã louvou muyto, & aprovou cõ largo recõtêtamêto de palauras sua hõrada, & louvada tençã, dandolhes muytas graças por o fazerẽ diffõ participante, & em cõcluzã pello feyto ser de tal calidade remeteo a final, & determinada reposta á seu conselho, & a Cortes que então queria fazer; & com isto os Embayxadores se forão às pouzadas, & el Rey de Castella enviou logo hũa carta á el Rey de Portugal, em que lhe fez saber toda à proposiçã, & apontamentos dos Embayxadores, & assi sua reposta suspensa ate as Cortes, pedindolhe que por quanto naõ queria neste caso responder couza que a elle naõ a prove-se nem que discordasse deseu proposito & dezejo, que de todo logo o avizase, & aconselhasse para isso lhes responder, & a elle seguir por serem ambos confor-

mes.

Do Conselho que el Rey de Portugal enviou a el Rey de Castella sobre a Embayxada de Fran-
ça.

 Mensageyro de el Rey de Castella chegou com sua carta a el Rey de Portugal estãdo na Cidade de Evora, o qual tendo sobre isto Conselho com o Infante seu filho, & com os Senhores de sua Cortẽ, que eraõ presentes, acordou enviar per sua carta à el Rey de Castella á seguinte reposta. *Dom Afonso per graça de Deus Rey de Portugal, & do Algarve, ao muyto Poderozo, & alto Principe Dom Afonso Rey de Castella, & de Leãõ a que a fortuna bẽ dizendo dignamente provecou sua honra, & dà delle fama por todas as terras que a o senhorio dos homẽs sam sugeytos cõ devida benequerẽça, nos encomẽdamos em sua graça, nenhuã couza lhe negando, da verdadeyra amizade. Senhor vimos vossa carta & entendidas as rezões della, sem embargo do que vos aqui disermos, finalmente deliberamos fazer neste caso todo o q̃ vos quizerdes, & ordenardes, & porem a nos pare, e q̃ quãdo semelhante trabalho, & mortal perigo a nossos corpos ouvessemos de dar, que em couza de maior rezam, & a nos mais necessaria, nos aviamos de fundar, ao menos porque a quel-*

les

des que o soubessem, & ouvisse mais dinamente nos pudessem ijuar quando semelhantes trabalhos, & perigos emprendemos por ganharmos mayor hõra, & mais nosso proveyto, se he verdade o q̄ dizẽ & affirmãõ el Rey de França, & os que com elle sãõ aliados, cõvẽ afaber, que salvamos sem duvida nossas almas em iremos contra os Mouros, & fazermos contra elles essa guerra, & conquistas, ca tudo isto podemos fazer na propria terra em q̄ estamos de que a nos se seguem dous grandes interesses de proveyto, & louvor, ca o primeyro serãõ ganhar dos infieis terra que depois de nos erdem nossos filhos.

E o segundo sairmos da mingoã, & vituperio e que por codolos Christãos nos, & nossos antecessores somos culpados por consentir antre nos tais Mouros, & leyxarmos a ereges nossos inimigos, & de nossa Fé terem em nossa terra algũ senhorio, donde se seguiria que os que nos vissem por tão longas viagens hir buscar guerra cõ gente em todo igual a esta que temos às portas, com rezãõ nos poderia chamar homens sem fizo, & discrimẽção em todo mingoados, pois iriamos perder nossas gentes, & fazendas por conquistar as terras estranhas para ficarem a filhos alheos podendo cõ isto ganhar outras que nossos filhos directamente possuirião, & seriamos com rezãõ reprehendidos como aquelles que procurãõ de apagar o fogo das cazas alheas, & deixãõ de todo arder as suas, & por isso taes obras se as fizemos serião estimadas por de homens sem fizo, nem poderia muyto errar quem por ellas nos escrevesse no livro

dos leucos.

Porem pois neste cazo me pedis conselho, amim parece por não me terdes este feyto em alteraçãõ dos vossos, & alheos, & por não aver nelle opinioens contrarias que he bem responderdes loguo a esses Embayxadores sem remeterdes, nem esperardes a determinaçãõ de vossas Cortes, & dizeylhe que a vos apras de ir contra os inimigos da Fe, & de os destruir, & tirar da terra ate onde chegarem vossas forças, & poder cõmy require, & q̄ para isto não estimais honra, vida gentes, nem riquezas, mas q̄ todo isto com boa vontade despores com todo trabalho, & perigo, & que todo o que se nisso galtar, & perder o a vereis por bem empregado, & despezo, mas porque a vos, & aos outros Reis de Espanha vossos irmaõs, & parceyros por terdes muytas gentes, & grande poder fortes ja muytas vezes prasmados, & cheusados na Christandade em pequena conta por leyxardes antre vos vuser esta mal diçoada gente com a linhagem dos caes que as serras do Reyno de Grada Povoãõ, & assipor não guerreardes os infieis que sãõ Embemnamary que he terra a vos comarcam, & vefinha conquista dos Reis de Espanha, que por tanto lho regais, que pois à empreza, & merecimeyto destes, & dos oueros da Asia todo he hũ, lhes praza começar aqui primeyro sua guerra contra estes infieis, ate serẽ destruidos, & que se o assi fizerem, que a vos prazera seguir loguo à outra conquista, para que vos convidãõ; cã em outra maneyra pareceria muy sem rezãõ buscar por guerra Mouros a terras alheas, leyxando

ocandoos em paz nas vossas proprias.

E porem se embargo deste meu cōselho vos nisto escolhey, & determinay o que vossa discreta vontade vos aconselhar, & eu vos seguirey; cuydando primeyramente muy bem como prudente em todas as cousas que que se vos podem seguir, para que compre grande resgoardo.

E com tudo em qualquer couza que determinardes eu prazendo a Deus serey com vosquo, porque esta saya que me leyxou meu pay, posto que seja muyto uzada, sede certo que ainda não he rota, mais pois se hade romper, tanto me dá que seja cedo, como tarde.

E se isto que digo, & no que esses homens requerem vos, & os outros disserdes que assi confunda Deus que differ de não; senhor aquelle Deus por cuja honra, & serviço nós somos neste feyto requeridos, ordene de nos aquella cousa por q̄ eẽder q̄ será de nos, & de todos me lhor servido, & seu nome mais exalçadõ. Como esta carta foy dada ao Mẽfageiro, de elRey de Castella, logo com grande pressa se partio com ella, & trigozamente chegou a Sevilha, onde ja elRey estava pera hi ter suas Cortes, & dar resposta aos Embayxadores; & como vio a carta de elRey seu tio, & sogro aprovou em todo sua tençaõ pelas boas rezoões, & vrgentes cauzas q̄ nella apontou; & loguo sem mais tardança mandou chamar os ditos Embayxadores, & puntualmente lhe deu, como disse, á resposta que elRey de Portugal lhe aconselhara; com aqual os Embayxa-

dores se ouverão por respondidos. Despachados, & despedidos delle, scvierão loguo a Portugal, onde depois que a elRey propuzerão outras tais rezoões como disserão a elRey de Castella, segundo assim tenho dito, tambem ouverão delle a mesma resposta, com aqual, & cõ merçe que de elRey receberão se tornarão asua terra onde já acharão falecido elRey de França, cõ que a empreza loguo cessou; porque elle era o principal movedor della.

E porem antre prudentes não se leyxou de apontar, & aver por muy certo que se este cometimẽto por consentimento do Papa, & de todos os Reys Christaõs ou vera effeyto que à Religião Christam se figuria muyto louuor, & grande exalçamento. E com isto acabado torno ao prepozito da historia de elRey Dom Afonso.

CAP. XXVI.

Como elRey de Portugal, & Dom Ioão Manoel notificaraõ a elRey de Castella o tempo da vinda que avia de ser da Infanta Dona Costança, & das toruas que para isso ou-
ue.

NO tempo que o casamento do Infante Dom Pedro com a Infanta Dona Costança se fez, que foy no mes de Fevereiro, loguo foy concordado que para o Sam Ioão seguinte ella fosse àquella parte de Portugal que ao Infante mais aprouvesse como atras he dito; & sendo este tempo chegado, & prezêres todos os amigos, & servidores de Dom Ioão para virem com sua filha, pareceo bem à todos, por tal que todo se comprisse com prazer, sabedoria de el Rey de Castella que lho fizeseo primeyro saber.

È para isso el Rey de Portugal lhe escreveo loguo, que por quanto a honrra de seu filho, & da Infanta Dona Costança sua mulher compria que ella assi de Castelhãos, como de Portuguezes viesse a seu Reyno bem acompanhada, lhe rogava lhe inviasse dizer por qual parte de sua terra averia mais prazer que ella entrasse, & que às pessoas que com ella viessem mandasse dar pouzadas, & mantimentos por seus dinheiros, & assi mesmo lho escreveo Dom Ioão Manoel, aos quais el Rey de Castella contra todo o que sentia, & dezejava, respondeo que levasesem em boa ora a Infanta por qual quer parte de seus Reynos q̄ quizesem, & por onde lhe milhor viesse porque isso averia por bem; & estas abastanças de el Rey de Castella erão tudo complimentos fal-

fos que fazia semente de palauras porque para o efeyto tinha a verdade contrraia, & muyto danada, segundo por obras mostrou, porque elle por hum pungimento de amores que sempre mostrou ter à Infanta nunca perdeo grandes ciumes, & muyto sentimento deste cazamento, & peza valhe muyto de se fazer, & porque não avia cauzas para descubertamente otoruar como era seu intrinseco dezejo, buscava todalas manhas, & achaques porque não viesse a efeyto, pollo qual sabendo que a Infanta não podia ir a Portugal se Dom Ioão Manoel seu padre, & sem Ioão Nunes de Lara a q̄ queiria grande mal, & sabia que elles herão ja prestes para acõpanharẽ, & festejarem por suas terras, & de seus parentes, & amigos, & porque elles o não poderem assi cumprir ordenou de mandar chamar a Ioão Nunes que viesse a sua Corte para se servir d'elle na guerra dos Mouros, com fundamento se viesse de o prender ou matar, & se não viesse, como não veo q̄ como a desleal o hiria cercar como loguo cercou cõ sua pessoa, & poder è a Villa de Lerma q̄ he cabeça de Lara no mes de Junho ao proprio tẽpo que a Infanta Dona Costança avia de vir a Portugal.

È para impedimento de D. Ioão Manoel porque cõ sua filha não pudesse sair de suas terras, nem

focõtes

Socorrer a João Nunes mandou á Dom Vasco Rodrigues Mestre de Sanctiago, & a Dõ João Nunes do Prado, Mestre da Alcátara, que também à este tempo com mil de cavalo pagos á custa das ordens estivessem por fronteyros do castelo de Garcia Munhoz, & de Alarcão, & dos outros lugares da quella õde estava Dom João Manoel, ao qual Dom João, el Rey de Castella escreveo hũa carta declarãdo o por seu imigo, & tocandolhe particularmente todas as couzas em q̃ o tinha anojado, & deseruido, apontando que elle Dom João Manoel escrevera a el Rey de Aragoã q̃ fizera mal em lhe dar pas, & a el Rey de Grada q̃ lhe não paguasse as parias de sua o brigação ca sem ellas por suas necessidades lhe daria tregoa.

E que escrevera a el Rey de Portugal do mau trato que fazia a Rainha sua filha, & que tinha mãceba com estados deshonestos, & assi outras muytas couzas de que mostrava estar cõtra elle irado, & com tenção de procurar o castigo, & enmenda dellas, como elle Dom João merecia, & que lhe não avia mais de sofrer o que lhe ate então sofrido tinha, & com esta carta em que Dom João vio o odio de el Rey contra si tão publicado, & com as certidoens que ouve do cerco de João Nunes, & dos impedimentos dos Mestres de Sanctiago, & de Calatrava pa-

ra não levar a Portugal sua filha como tinha ordenado, & para que estava ja prestes foy muyto enojado, & posto em diuersos cuidados & âtes de algũa cousa sobre isso de tetminar, & fazer, ouve por bê noteficar primeyro tudo a el Rey de Portugal a quem por hum so escudeyro enviou sua carta pedindolhe perdaõ da dilação que se puzera a entrega de sua filha como fiquara dandolhe por escuzas forçadas a contradição que avia dos Mestres de Sãctiago, & de Calatrava, & assi o cerco de João Nunes em Lerma, por cuja terra avia de passar, & também os odios, & carta de el Rey de Castella que juntamente lhe mãdou mostrar pedindolhe que nisso o aconselhasse, & remedeasse porque em tudo não sahiria de seu mandado, & ordenança.

CAP. XXVII.

Dos recados que el Rey de Portugal enviou à el Rey de Castella sobre atorva que dava a vinda da Infanta Dona Costança.

L REY de Portugal ao tempo que a elle chegou o Escudeyro de Dõ João estava doente na Cidade de Vizeu & vis-

& vistas as cartas ouve da sustância grande desprazer, porque lhe pareceo que elRey de Castella ja queria descubrir as couzas que em sua danada vontade até então andarão occultas, & que todo seu intento era torvar a vinda da Infanta Dona Costança; & porem porque contudo vio que ella contra vontade de elRey de Castella sem grandes perigos, muytos trabalhos de todos, não podia forçadamente vir a Portugal, ouve por bê tentar primeyro que se fizesse com toda boa tēperança, & concordia.

É para isso escreveo a Dom João, & a elRey de Castella, & as couzas de sua carta que lhe apontara respodesse assim brando, & com suas desculpas como era rezão, & o cazo requeria, & que toda via lhe pedisse que pello mais não danifar nas penas em que encorria não torvasse a vinda de sua filha a Portugal, & areposta que nelle de pois achasse, lhe fizesse loguo saber; & alem disto inviou a elRey de Castella Alvaro de Souza seu paje moço, fidalgo, & homem de prol, & a que queria grande bem, antre outra companhia leuou mais consigo hum escudeyro seu ayo que o criara; & em chegando a Valhiadolid. Alvaro de Souza sobre jogo de taboas que jugava foy por so razoës morto de de hum Castelhano, & muyto sem cauza.

É seu ayo de poés de o fazer enterrar cuberto de burel se guio seu caminho para comprir com a messagem que seu criado levava, & només de Julho do sobredito anno em dia de Sancti-ago chegou elle a Tolledo, onde, achou elRey de Castella retraido, & anojado por huma doença mortal, em que Leanor Nunes sua mançeba estava, & tambem muyto pençozo porque elRey de Grada lhe emviara engeytar as pazes, & lhe não queria pagar as patias obrigadas por danos que os Mouros receberão dos Christãos dos Estremos, & neste retraimento em que estava lhe foi dito como era chegado ao paço hum Purtuges todo cuberto de burel choroço, & esto com hũa corda, por maior do, & que lhe trazia hũa carta.

É porque elRey de Castella fora avizado da doença passada de elRey de Portugal cuidou que seria falecido, & mandou entrar aquelle ayo de Alvaro de Souza, & em o vendo, lhe perguntou por quem trazia tamanho dó, & elle respondeo: *Senhor cá vossa gente de Valhadolid osabe, que sem cauza nem merecimēto me matarão meu senhor, & meu criado*. É em lhe perguntando quem o matara, & porque o matarão, o escudeiro lhe disse: *Senhor direy primeyro o por que principalmente venho, & esse outro por segundo me não esquecerá*. É

então

entaõ lhe deu a carta de elRey, & apos ella contou com muytas lagrimas, & grande relaçaõ de palavras o cazo da morte de Alvaro de Souza, que fora por homens vis, & de pequena cõra, sobre couza de muyto pequeno preço, pois hera hum par de perdizes, & por Alvaro de Souza lhes pedir naõ falassem no jogo que elle jugava, às punhaladas o mataraõ, & agrauandosse por isso, & fazendo quey-xume da fraqueza, & pouca diligencia das justiças da Villa, que o malfeytor naõ quizerão prender como puderão fazer, pera aver justo castigo.

E que despois de o fazer enterrar vinha cõ aquella carta, & mesagem que elle trazia, a qual lhe pedia que visse, & della lhe mandasse dar a reposta.

E elRey respondeo que do desastre, & cazo acontecido lhe pezava muyto, & que a isso tornaria com tal puniçaõ, & castigo coanto para a inteyra vingança q por justiça se pudesse fazer, elle seu ayo fosse de todo satisfeito,

& com isto o despidio
& mandou apo-
sentar.

(?)

CAP. XXVIII.

Do que el Rey de Portugal inuio dizer a el Rey de Castella na carta que lhe mādou por Alvaro de Souza.

EL Rey de Castella abrio a carta de el Rey de Portugal, & nella dizia: *Muy Alto, & Poderizo Principe Dom Afonso per graça de Deus Rey de Castella, & ae Liaõ, el Rey de Portugal vosso tio, que em todas às couzas vos queria manter leal amizade, dezejandouos honra com larga vida, & espiritual boa andança, vos inuio muyto saudar, & encomendo em vossa graça. Coando meu filho de todo concertou seu casamento, vos por vossa carta me fizestes saber que disse por muytas rezoẽs vos prazia muyto, dizendo ainda por mais acrecentamentos damor, porque as couzas dos taes casamentos eraõ custozos & de grande trabalho, & despeza, que para se fazerem taõ honradamente como mereciaõ me rogaveis que nenhũa cousa do vosso, que pera ellas fosse necessario, naõ quizesse escuzar, nem ainda vossa pessoa se cumprisse; & despois vos escrevi que minha vontade era fazer voda a meu filho em este Mayo pasado, & vos roguey quizeis dizer por qual parte, & comarca de vossos Reynos averieis por melhor que a Infancia viesse, & assz para as gentes que com ella aviaõ de vir lhes mandasseis em vossos Reynos dar
pouzadas*

pouzadas, & mantimentos por seus dinheyros. E então me respondestes taes couzas a que agora sey que vossa vontade era de todo contraria.

Porque de dous caminhos que avia hñ impedistes com a frontaria dos Mestres de Sanctiago, & Calatrava, & do Conde de Niebla que contra Dom loão Manoel puzestes, desta companhia era hñ dos mais principais, & o outro com o cerco de loão Nunes. E se isto fizestes por desonra, & abatimento de Dom loão; sabey agora que disso cabe muyta parte a que volo não ha de sofrer, mas que o ha tambem de vingar como Deus vingou a morte de seu filho.

E isto vos digo porque vos fale mais claro, & com mais desengano do que sempre fizestes a mim, por tal que ja agora cudeis o que vos cumpre, & mo escrevais logo sem encuberta, por q̄ prazendo a Deus eu espero a ver minha no ra em meus Reynos assibem, & honradamente como ella merece, & sera com prazer de quem lhe aprouver, & com pezar, & dano, & destruiçam de quem o contrariar. E com estas palauras lhe escreveo elRey de Portugal nesta mesma carta outras comparações, & exemplos des honestos, & baixos que naquelle tempo poderiaõ por vêtura parecer bem, & passar como graças, mas a honestidade, temperança, & bom ensino dos Reis daguora pareceriaõ mal, & muy feas, & por isso os não escrevo ca não a crecentaõ, nem mingoaõ na sustancia desta historia.

CAP. XXIX.

Da consulta que sobre esta carta el Rey de Castella teve com Leonor Nunes, & com hum seu privado bom homem, & prudente, & da resposta que deu.

ESTA carta de elRey de Portugal mostrou logo elRey de Castella à Leonor Nunes sua mançeba, & lhe pedio seu conselho a cerqua do que a taõ duras, & descortezes palauras devia responder, porque dellas se não podia seguir salvo guerra, & discordia entre elles; se a ida da Infanta Dona Costança fosse mais impedida afirmandolhe que lhe peza va muyto do nojo, & sentimento que elRey seu tio por isso recebia, mas q̄ não podia sofrer, nem deyxar de trouar a grande honra que por este casamento vinha a Dom loão, & Leonor Nunes sendo por sua natural fraqueza assas temoroza, & porem muy prudente com a quelle couardo coraçãõ. com que as molheres nos perigozos feitos dão esforço, & ouzadia a os homens aquem querem grande bem, disse. Senhor toda a paz, por qualquer maneyra que se busque, & procura, sempre he muyto louvada, especialmente entre

Christãos, & os que da guerra são principios, & a causa, são dos homes com razão muyto prasmados, & jicão obrigados responder a Deus pellos danos, mortes, & males que se nella não podem escuzar, a mim senhor parece que el Rey de Portugal leyxando suas des honestas comparacões cõ que sua payxão coanto a mim se dispensa, em todo o mais vos pede razão pois as couzas que requiere todas são por vos outorgadas, & consentidas, & a guora querendoas vos sem cauza contradizer, serà com quebra de vossa verdade, & com dispoerdes vossa terra, & vassallos a destruição, & grandes danos, que de meu conselho devieis escuzar.

Com esta resposta de Leonor Nunes de que el Rey para seu appetito não f. y satisfeito, se partio della como descontente, & mandou loguo chamar hũ seu privado bom ho mem, & prudente, cujo nome nõ achey, & cõ que sempre falava suas couzas de pezo, o que poucas vezes dava credito por obras, & a este mostrou tambem a carta de el Rey de Portugal, & assi disse o voto de Leonor Nunes, & lhe pediu nisso seu parecer.

E elle lhe disse : Senhor por vos se pode bem exemplificar que o livre alvidrio que cada hum tem pode em tudo obrar contra todas as influencias do Ceo, em que cada hum foy naicdo, & esto digo porque pella constelacão, que os Aserologos no ponto de vosso nacimiento notarão; Eu os vi afirmar que serieis Rey muy verdadeyro, poderoso, & se-

mido, & tudo isto assiste, em vos: rão contrario, que por vos, & por vossas obras parece que fazeis mentir a astronomia toda, escolhendo o ermo em que viveis, & leyxais as grandes Cidades, nem quereis, segundo o que obrais, que com razão vos chamem sezudo, nem verda deyro, nem temido, ca por contrarios, feytos, & não de vida governança cobrais nomes a tudo isto contrarios, & se vos isto annoja, a outro que me por isso perguntasse diria que nem bom conselho, nem justia renção que tenha, & vos diga para vos fazer seguir o caminho dos Reys vossos discretos a vos, a proveyta em vos muy pouquo, & isto cauzarão os errados caminhos perque no comesso de vossa idade soltãmẽte quizestes andar, por que por elles entrastes nas muy perigozas brenhas da carne, & da vontade, em que nace arvores de doces fruytos, mas seus efeytos são despois muy amargozos, & destes gostastes ja tantos, & por tantos annos, se aproveytar razão, nõ conselho q̃ delles vos nõ podeis apartar ca sois ja nelles em todo conuertido; & por isso senhor ey vergonha de ver esta carta de el Rey de Portugal; por que leyxando seus exemplos que dirà compayxão não aponea cauza q̃ se contradiga, & que por vossas cartas, lhe não tenhais m ytas vezes prometida & loguo quebrantada, & de mover guerra contra vós, tendo elle tanta razão, creio que tera Deus por sy, especialmente tendo Dom loão Manoel em Castella, & suas Villas contra vos podeis receber conhecido dano, quanto mais que o Papa pelas mãs enformacões que destes feytos tem, procederà contra vos

de maneyra que por força vos fação obedecer ao que de direyto, & por vontade devieis fazer; & sobre isto senhor vos ainda daria mais brados; se Deus quizer a q' os desse a pessoa em lugar que fossem ouvidos.

E com este conselho que não succedia ás erradas payxoës de el-Rey de Castella, elle sem tomar o final assento que devera mandou chamar o ayo de Alvaro de Souza, a que deu loguo esperança de entender com rigor na morte de seu criado, & pera o mais lhe deu para el-Rey Dom Afonso hũa carta com que se veo a Portugal, na qual respondeo, & se quis escuzar das couzas em que por el-Rey era culpado, dizendo que os Mestres fronteyros que ordenara em terra de Dom Ioaõ, & o cerco que puzera a Ioaõ Nunes não era por impedirem a vinda da Infanta Dona Costança, a qual não inedia que viesse, mas que o fizera para aver emenda de Ioaõ Nunes que o tinha muyto desservido.

E de Dom Ioaõ Manoel não se fiava, nem das muytas gentes que para a vinda de sua filha ajuntava, & por isso lhe punha aquelles Mestres, & cavaleyros, & por seguradores somenre da terra com que dezejava paz, nem para embargar a vida da Infanta que podia hir quando quizesse; da qual resposta el-Rey Dom Afonso não foy satisfeyto, antes muy anojado por

que nem os fronteyros se tirarão a Dom Ioaõ, nem o cerco se ateuantou a Ioaõ Nunes, sem os quais a Infanta não podia vir, como devia, a Portugal, & a este sentimento, & ira contra el-Rey de Castella, se ajuntou mais, que tendo el-Rey mandado a Estevam Vas de Barbudo, seu Almirante do mar com tres galès, & sinquo navios armados, sobre certos cossayros que na costa de Portugal tinhaõ feytas muytas prezas, & roubos, o Almirante com força de tormenta que nelle deu, entrou no porto de Calis onde estava por Capitão hum D. Gonçalo Ponçe de Marchena, o qual com a Armada que tinha sem cauza veo sobre as galès, & navios de Portugal, & as tomou por crueza fes saltar, & perder toda gente dellas no mar; & porem ante q' el-Rey de Portugal sobre isto executasse couza algũa fez tudo saber a Dom Ioaõ para que finalmente, & determinada-mente por sen mensageyro com el-Rey de Castella se declarasse sobre a vinda de sua filha sobre que por entaõ hera o ponto mais principal.

CAP. XXX.

Do mensageyro que Dom Ioaõ Manoel inuiou a el-Rey de Castella, & da conclusão que com elle se tomou.

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

DOM Ioaõ como ouve o recado de el Rey Dom Afonso, por lhe satisfazer, loguo enviou seu mensageyro com a carta de crensa a el Rey de Castella que estava no cerquo de Lerma sobre Ioaõ Nunes, ao qual por virtude della com largo recõtamento disse todas couzas que no casamento da Infanta Dona Costança herãõ passadas ate se fazer, aprouando que todas forãõ feytas por seu prazer, & consentimento segundo por suas cartas parecia, pedindo lhe finalmente que para comprir o que prometera, & elle ficar fora das penas em q̃ encorria mandasse tirar os fronteyros, & leuanta-se o cerquo a Ioaõ Nunes, porque com cada hum destes pejos que ouvesse a dita Infanta não podia, nem devia hir para seu marido a Portugal.

As quais couzas porque el Rey respondeo em contrario do dezejo de D. Ioaõ, o mensageyro lhe disse loguo: *Senhor a goarda de vossa terra para que ponde os Mestres não he nessesaria; porque Dom Ioaõ meu senhor he muyto a vosso serviço, & não esta tão poderoso que a mesma terra sem outros poderes se não guarde delle, quanto mais que elle tem vontade de a conservar, & não destruir, & Ioaõ Nunes se vos, & nojos, & desserviços tinha feytos para outro tempo que vos não faleçera, deveis de guardar sua emenda, & vingança, & não para este, em que soubestes que por divido de rezão que ti-*

nha com Dom Ioaõ era convidado, & prestes, para hir com a Infanta Dona Costança sua filha, cuja honra, & casamento so por odio delles quereis impedir: E pois isto não quereis remediar com a rezão, & honestidade que deveis, segundo Dom Ioaõ meu senhor vos invia por mim pedir, elle, & eu em seu nome por virtude desta crença que vos dey, se despede & desnatura de vos, & de vosso serviço para da qui endiante sem quebra de sua honra vos des servir, & ser contra vos em ajuda de Ioaõ Nunes com todos seus parentes, & amigos que em sua necessidade o quizerem ajudar.

E com isto o mensageyro se despedio de el Rey, & se veo a Dõ Ioaõ ao qual pello q̃ soube de el Rey, & lhe fora dito em seu nome pareceo tempo de ajuntar, & perceber suas gentes de guerra, para o socorro, & defferquo de Ioaõ Nunes, & para sua segurança mais quede se fazer prestes de festa, & de voda, para a ida de sua filha, noteficou loguo tudo a el Rey de Portugal, certeficãdolhe mais que o mal que el Rey de Castella queria a Ioaõ Nunes, & o que lhe procurava fazer era principalmente porque era seu vassallo como o fora seu padre Dom Fernando de Lacerda; que delle tivera grande acostamento de dinheyro; & tãbem por ambos não quererem ser da parte de Leanor Nunes, q̃ muito dezejara, & procurava de os aver, & elles por postas as grandes merçes, & muytas a ventagens que

que lhes por isso fazião, o não quizerão nunca fazer, so porq̃ não era serviço, nem honra da Rainha sua filha ; & porem porque tudo isto eraõ paixoens de elRey cauza das do casamento de sua filha, que por todas maneyras queria impedir, lhe pedia que por final outra vez quizesse escrever, & rogar a elRey de Castella que pello seu quizesse destes embargos cessar.

Cap. XXXI.

Do recado que elRey de Portugal enviou a elRey de Castella sobre estes embargos que punha a vinda da Infanta Dona Costança.

A EL REY de Portugal pello que lhe Dom Ioão Manoel escreveu pareceo bem tornar escrever a elRey de Castella, aquẽ no mes de Agosto estando ainda sobre o cerquo de Lerma, enviou hum mensageyro com sua carta de crença, & por virtude della disse a elRey que este casamento se fizera com seu prazer, & outorga, & que o tempo em que a Infanta avia de ser entregue em Portugal, avia dous mezes que era passado, & isto cauzaõ os impedimentos q̃ nos caminhos puzera, & no cerquo de Ioão Nunes, que porem el-

Rey seu senhor lhe rogava muyto pois estes homens lhe não tinhão feyto nojo, nẽ desserviço, porque de novo tivesse rezaõ irarle nem descontentarse delles que com elles quizesse aguora ser a maneyra que dantes tinha, pois estavaõ em concerto de o servirem, & quizesse desserquar Ioão Nunes, & dar lugar que elle, & Dom Ioão seguramente levassẽ a Infanta a seu Reynoõ de elRey de Castella poderia mandar seus mensageyros com os apontamentos que fossem de sua honra, & serviço, & que elle os poria em seu amor, & cõcordia para da hyẽ diante o servirem bem, & lealmẽte, & nunquã o desservirem, nem, & nojarem.

E a estas rezoẽs respondeo elRey dizendo : *Eu a Dom Ioão a te oje não tenho feyto o dano, nem mal, por que se de mim deva agravar, antes lhe soffri muytas sem rezoẽs, & insultos de que pudera tomar emenda que por assessego não quis ca os dinheyros de minhas rendas que por aquellas comarcas passãõ para mim, elle forçosamente os toma com achaque que se entrega do q̃ lhe he devido de suas renças, o que eu não devo, & sobre isso sey que como não deve disfama de mim a elRey meu tio, & em outras partes contra o que a minha honra, & estado he devido, & tudo soffri, & dey lugar a sua dura condiçãõ, esperando que abrandasse, & aguora não lhe pus, nem madey por embargo a vida de sua filha, antes lhe fiz saber que a podia levar quando, & por onde quizesse, por que a estada*

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

dos Mestres naquella parte de que se re-
ceia, não he para corva da Infanta, mas
para segurança da terra, & para Dom
Ioão não dar contra meu serviço ajuda a
Ioão Nunes, como era com elle conce-
rta-do; mas isto são achaques que busca para
me não servir, porque sendo elle meu Vas-
sallo, & com muytas terras que de mim
tẽ, & sendo meu Adiantado do Reyno de
Murcia sem lhe fazer couza q̃ não de-
vesse se despedio aguora de mim para me-
desse servir, como defferve, & de Ioão Nu-
ne ser Vassallo de elRey meu tio, aguo-
ra o sey, porque eu o tinha, & tenho por
meu Vassallo a que tenho dado muytos
Castellos, & rendas, & terras, & he
meu Alferes mór, & nunca se de mim
despedio, se não aguora despois que aqui
em Lerma o tenho cerquado pera o casti-
gar pellos erros, de serviços, & danos que
a mim, & a minha terra tem feyos, &
faz: E com isto, & com outras
palauras a estas conformes que el-
Rey de Castella disse ao mensa-
geyro elle se despedio, & tornou a
Portugal.

CAP. XXXII.

Como elRey de Portugal
fez ajuntar os Alcaydes
Portugezes que tinhaõ os
Castellos de Portugal em a
refens pera lhos entregare,
por elRey de Castella não
cumprir as posturas.

AO tempo que este mensa-
geyro chegou de Castella

elRey Dõ Afonso hera em Estre-
mõs vendo que elRey de Castella
em nada queria satisfazer a e-
quidade de seus requerimẽtos, por
ainda cumprir com elle mais, an-
te de outro rompimento enuiou
chamar os Alcaydes, que em Por-
tugal tinhaõ em a refens suas fortale-
zas de que em Castella avia ou-
tros para mor firmeza, & seguran-
ça que os Reis cõpriaõ o que an-
tre elles por bem de paz, & dos ca-
zamentos hera concordado, co-
mo atras disse, & os castellos, &
Alcaydes de Portugal eraõ estes, a
saber, Pedro Afonso Alcayde de
Villa Viçozza, & Martim Lou-
renço da Cunha Alcayde de Sor-
telha, & Fernão da Fonseca de Cam-
bra Alcayde de Celoriquo, &
Ruy Vas Ribeyro Alcayde de Pe-
namachor, & Dom Frey Esteuaõ
Gonçalves Mestre de Christo que
tinha Castelmendo, aos quais el-
Rey disse que por quãto elRey de
Castella não compria o que a elle
era obrigado, que lhes requeria que
lhe entregassem loguo suas fortle-
zas para dellas liuremente fazer o
que fosse seu serviço, como era ca-
pitulado, & outro tanto faria como
fes a os Alcaydes Castelhanos que
pello mesmo cazo tinhaõ as outras
fortalezas em Castella, & pera is-
to lhe a pontou em escrito todaias
couzas em q̃ elRey tinha quebra-
do, & nõ cumprido, & assi o no-
tificou largamente as principais
Cidades, & Villas de Castella, em
que

que tocou o mão trato da Rainha sua filha, com o qual apontamento o dito Pedro Afonso ante de elle, & outros responderem, & fazerem dos ditos castellos, alguma couza foy como Procurador de todos a elRey de Castella, que a inda estava no cerco de Lerma a 20. dias de Agosto do sobre dito anno de Christo de mil, & trezentos, & trinta, & seis ao qual o dito Pedro Afonso perante notarios publicos mostrou o dito requerimẽto de elRey de Portugal, que com largas palauras a pontou todos beneficios, & ajudas que elRey de Castella tinha delle em muytos tempos recebidos, & os nojos, & escandalos, que em quebramento de suas posturas lhe tinha feyto, de que muytos atras saõ ja apontados.

A que elRey de Castella depois de aver o treslado, & consultar sobre isso, respondeo particularmente per sua escuza, & por seu merecimento, como entendo que lhe compria, carregando o mesmo quebratamẽto de seus cõtratos sobre elRey de Portugal, pois avẽdo por elles de ser imigo, de seus imigos elle ajudava, & favorecia os q̃ e seu Reyno sãdo seus vassallos lhe erã contrarios, & desleais, dizendo isto por Ioão Nunes, & Dom Ioão Manoel, contraos quais se elle proçedia era porque tinha deservido, & muyto danificado em sua terra com Mouros, & gentes

estrangeyras que cõtra sua lealdade meterã no Reyno, roubando, & queymãdo como fizeraõ, requerendo tambem ao ditto procurador em nome de todos los Alcaydes que pello mesmo cazo a elle entregassẽ as ditas fortalezas que tinhão de Portugal, & a elRey as não dessem porq̃ errariã a sua menagem se o assi não fizessem, & que elle per alguma maneyra não desferquaria Ioão Nunes ate que lhe não cortasse a cabeça como lhe tinha merecido.

CAP. XXXIII.

Como elRey de Portugal a requerimento, & por meo da Rainha sua filha escreveu outra vez a elRey de Castella sobre o alevantamẽto do cerco de sobre Ioão Nunes, & do que se nisso fez.

COM esta reposta de elRey de Castella cõ o que o procurador dos Alcaldes veo a elRey D. Afonso elle foy muyto espantado, & muyto mais indinado contra elRey, & ante que sobre isso determinasse nem obrasse couza algũa sobreveo loguo que elRey de Castella sendo por este cerco de Ioão Nunes dalguns grandes, & Prelados

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

dos de seus Reynos aconselhado, & muy reprehendido, & assi vendo que o lugar de Lerma sobre que estava era muy forte, & com muytas, & nobres gentes darmas, & por muyto tempo bastecido, & que tão facilmente o não podia cobrar como cuydava, em alguma maneyra lhe pareceria razão a levantar-se, mas confirando que des cercallo assi por sua propria vontade sem intercessão alhea de alguma grande, & notavel pessoa, lhe seria vergonha, & fraqueza acordou de escrever, como escreveo, a Rainha sua mulher que por Gonçalo Vas de Moura seu Ouvidor que com ella vivia, fizesse, como fez saber a el Rey Dõ Afonso seu padre que por seu respeyto, & por seus rogos se lhos inviasse lhe prazeria desserquar loguo a Ioão Nunes, & alegre el Rey de Portugal com esta conclusão, que ouve por certa, respondeo loguo à Rainha agradecēdolhe muyto seu avizo, assi a el Rey de Castella, dando muytos agradecimentos por tão honradamente, & com seu louvor se querer partir daquelle cerco, & que a graça, & contentamento que nisso recebia lhe não podia per outrem melhor significar que pella mesma Rainha sua filha, aque pedira que em sua pessoa tambem lho fosse ter em merce. Este beneficio ouvesse por bem empregado em Ioão Nunes, pello devido que com elle tinha,

& que el Rey alé disso em mayores couzas, quando se oferecessem, & a elle comprisse, sempre lho conheceria, como era razão; & que com elle, & com Dom Ioão depois devirem a seu Reyno com a Infanta sua nora concertaria seus feytos de maneyra que como muleais sempre o servicem, & o be-decessem, & com estas cartas que á Rainha chegarão a Burgos, ella muy alegre pella boa esperança que lhe el Rey seu marido dera se parir, foy ao arrayal onde estava, ao qual deu, & mostrou as cartas que de Portugal lhe vierão, & com palauras de amor, & prudencia lhe pediu o dezejado comprimento que esperava, & que pello de el Rey seu padre, & pello della que em pessoa lho vinha tambem pedir quizesse loguo desserquar a Ioão Nunes como lhe tinha escrito, & prometido do q̄ el Rey de Castella nõ curou, antes como esquecido, ou desprezador de sua promessa com o rosto triste, & carregado lhe respondeo que Ioão Nunes que era seu inimigo com todas as cartas que vira, & com todas as razões q̄ lhe alegara nõ desserquaria ate que lhe nõ desse a cabeça na mão, ou se puzesse em fazer o que delle por justiça, ou piedade em tudo ordenasse, & com esta resposta não esperada, a Rainha ficou com muyta vergonha, & assas confuzão, & como quer que sobre isso replicasse cõ muytas

& boas rezoès, & dobrasse em giolhos, & com lagrimas suas precas, todavia elRey de Castella ficou contra Ioaõ Nnues, & contra Dom Ioaõ Manoel em sua primeira dureza, & à Rainha muyto triste se partio dante elle, & se foy alojar fora do cerquo, & da hy setornou a Burgos, & tudo fez saber a elRey Dom Afonso seu padre, & poreim tudo cõ maistemperança do que com elRey seu marido passara porque esta virtude antre às outras teve sempre á Rainha Dona Maria que nas couzas de escandolo antre estes Reys, posto que a mayor parte a ella tocasse, sempre nellas mostrou, & teve mais paciencia que desejo de vingança, & desta denegação que elRey fez á Rainha sua molher forão delle muytos, & grandes, & senhores de Castella que eraõ no cerco affas tristes, & escandilizados, & alguns procurarão tirar Ioaõ Nunes, & salvalo secretamente fora de Lerma, mas elRey a que esto foy revelado proveo a isso de maneyra cõ sua pessoa que o naõ puderão fazer.

Com a má reposta que elRey ouve da Rainha sua filha em que finalmente acabou de saber que elRey de Castella per algũ respeyto nem interçessam nõ queria desser quar Ioaõ Nunes, & que tudo era por toruar a vinda da Infanta sua nora a Portugal, foy por isso muy iroso, & anojado, & posto em

toda a determinação de vingança & emmenda para guerra; & pera o melhor fazer teve com os principais do Reyno sobre isso conselho perante os quaes pera fudar a tenção, & cauzas que tinha para fazer guerra, & dano a elRey de Castella propos sustancialmente o mao trato, & desprezo que á Rainha sua filha delle recebia, & como por nõ tornar a isso cõ aquella graveza, & estranhamento que em tal cazo compria era estimado em pouco pellos principais de Castella que sobre isso lhe tinhaõ escrito, & que o leyxara antaõ de fazer parefendolhe que pello cazamento da Infanta Dona Costança cõ seu filho em que elRey de Castella dera consentimento, & autoridade, & com que Dom Ioaõ Manoel ficara assentado em seu serviço elle Rey por seu meo, & com sua prezença teria nos agrauos, & escandalos de sua filha tal temperança com que as vontades de todos com paz, & amor loguo affossegasẽ, o que tudo por sua culpa, & o dios suçedera muito pello contrario apontado especialmente todalas couzas denganos, & cautellas de que elRey tinha nestes feytos vzado como atras saõ declaradas, as quais bem confiradas disse que eraõ todas forçozas maneyras, & necessarios constrangimentos que lhe fazia para ter cõ elle guerra dizendo: *Deus sabe que por isto em som posto em grandes pensamentos*

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

CAP. XXXIV.

mentos, & ando continuadamente em ondas de tantos, & tão diversos cuydados que muytas vezes cobrem, & descobrem meu coração, & o que ja não posso sofrer tantas injurias, & desprezos como por elle me são feyos, & o que mais sinto he disimular, ou sofrer tanto tempo estas couzas de q̃ a minha vontade pūdera a ver boa vingança, segundo a minha hora compria.

He verdade, porem que por isto serem paixões d'antre pays, & filhos, & por eu sempre dezejar paz, & nunca guerra, contentavame ter estes sofrimentos, esperando que sizo, & idade, ou bondade de elRey, os mudosse em milhor, & era sua desordenada, & pouco honesta vida, & quebra de sua verdade, que todos sabeis me ferça ter com elle guerra para que cō armas, & força antre nós se acabe, q̃ por rogos, & brāduras aee aqui não foy possivel, & para isto vos ajunrey aqui para me nisto aconselhardes bẽ como de vos espero, pois ofeyto por qualquer que for comigo, & com vosquo áde ser de parçaria: E ouvida apreposiçãõ de elRey pollos do seu conselho brevemente aprovarão, & louvarão sua tençãõ, & que a guerra cõtra elRey de Castella se moveffe loguo por mar, & por terra, & a mais aceza que pūdesse.

(.i.)

Como se começou a guerra antre os Reys, & seus Reynos, & como elRey Dom Afonso de Portugal entrou em Castella.

COMa guerra se determinou no conselho que atras disse, loguo cõ grande pressa foraõ cartas, & mandados pello Reyno que todos cõ mais gentes q̃ pūdessem, & cõ cavalos, & armas se percebesse, & estivesse loguo prestes ate hũ dia certo, & assi mandou a todos los Alcaydes, & cavaleyros dos Estremos, que loguo com todo o mal, & dano assi começassem a guerra contra Castella, & naturais della, matando, roubando, & queymando, & catiuando assi como contra imigos mortais, porque por tais os tinha, & sobre isso mandou loguo velar, & roldar as suas Villas, & castellos, & calmallos, & provellos de mantimentos, & armas, & gentes, & de todo o mais que comprisse pera cerquos, & pera quais quer outras neçessidades de guerra se lhe sobre viesse & loguo mandou nos portos de mar de seus Reynos armar as galès que tinha, & todo outro genero de navios pera com gentes que loguo lhe ordenou, tambem por mar

mar continuarão a guerra, & com a gente que de seus Reynos pode comfigo ajuntar, & alem da que repartio pelo mar, & pellas fronteiras foy logo cercar a Cidade de Badalhouce com fundamento que elRey de Castella polla desferquar o froyxaria, ou aleuantaria o cerquo de Lerma em que loão Nunes estava cerquado, & se lhe bem viesse darlhe batalha, & despois do cerquo assentado mandou a seus Capitaes com muyta gente correr, & destruir a terra, & comarqua toda de redor, & chegando os corredores aos lugares da Ronche, & Darcena, & Cortegana, cujos arrabaldes, & termos forão queymados, & destruidos, & muytas gentes mortas donde trouxerao tambem muytos captiuos, & grandes roubos, & despojos, & vendo el Rey de Portugal que pella grãdeza, & fortaleza, & bons provimētos de Badalhouce, a não podia assi brevemente tomar como cuydara, leyxou algũa gente no cerquo, & entrou em pessoa pella terra contra Sevilha cõ desejo de esperar nella elRey de Castella, & darllie batalha se o viesse buscar, o que a elRey de Castella nã foy possiuel porque o salteamento da guerra da Portugal lhe fez que nã pode em breve ajuntar as gentes que para tal batalha, & com tal Rey lhe compriaõ, & porem elRey de Portugal despois de andar por Castella alguns dias

& fazer muytos danos, & estrages em muytos lugares, & principalmente nos da ordem de Sanctiago daquella comarqua sem receber algum dano, nem reves, se tornõ ao cerco de Badalhouce de q̃ fãira, & assi como elRey entrou por riba Dodiana para cercar Badajos, assi ordenou tambem, que o Conde Dom Pedro seu irmão entrasse por Galiza com muytas gētes das comarquas dantre Douro, & Minho, & Tralos montes onde fez muyto dano cõ roubos, & mortes, & catiueyros de muytos que trouxe a Portugal cõ grande honra, & bom nome que o Conde Dom Pedro nesta frontaria ganhou, porque ouve nella resistencias, & peleyjas cõ o Arcebispo de Sanctiago q̃ hera o fronteyro, & com outros senhores daquellas partes, dos quais alguns desbaratou, & pos em fugida, & outros cerquou com muyto esforço, & preytejou como quis.

CAP. XXXV.

Do que elRey de Castella fez despois que soube que a guerra hera contra elle rompida por parte de Portugal.

AO tempo que elRey de Castella soube da guerra que

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

que por parte de Portugal era contra elle publicada, & cometida; & que Badajos era cercado, & elle estava ainda no cerco sobre Lerma, & porque os castellos de Ioão Nunes que tambem mandou juntamête cercar eraõ ja quasi todos a elle rendidos, & dados, & o mesmo Ioão Nunes, & as muytas, & boas gentes que tinha em Lerma eraõ ja postas em grandes necessidades de fome, cede, & doenças, & outros maos tratos, que do apetta do cerco recebiaõ, & eraõ ja constrangidos renderse a ordenança de elRey por elle mesmo Rey não perder o tempo que nisso tinha despezo, determinou não aleuantar o cerco, & prouer a Badajos por outras maneyras de socorro.

Pello qual avizou loguo aos Alcaýdes dos castellos dos Estremos que se guardassem, & valessem, & fizessem a guerra a Portugal como lha faziaõ, & assi escreveu a Biscaya a Alonso Iufre Tenorio seu Almirante que armasse suas galès, & frota em Sevilha, & pello mar fizesse toda a guerra, & dano a Portugal, & assi mãdou loguo a Pero Fernãdes de Castro a q differaõ da guerra, que era grande senhor em Galiza, que como Capitãõ principal fosse socorrer a Badajos, & desferquallo se pudesse, & escreveu a Dom Alvaro Pires de Gusmaõ, & a Dom Anrique Anriques, & a Dõ Ruy Pires Mes-

tre de Alcãtara, & aos cõcellhos de Sevilha, & de Cordova, aos das outras Cidades, & Villas de Andaluzia q juntos cõ o dito Pero Fernãdes o fossẽ ajudar, & lhe obedecessem como a sua pessoa.

E porque se disse que Pero Fernandes de Castro em sua ida que compria apressada foy muy vagarozo acertouffe que Dõ Anrique Anriques, que era cavaleyro principal de Andaluzia, loguo como soube do cerco da Cidade de Badajos com a mais gente que pode se veu loguo por fronteyro a Villanova de Barquarota donde a os do arrayal de Portugal q sahiã à erva, & lenha, & outras couzas fazia todo o mal, & resistencia que podia, & anojado disso elRey Dom Afonso enviou sobre elle cõ muyta gente Pedra Fonso de Souza homem principal de Portugal, & porque não puderaõ loguo entrar, & destruir Villanova como tentaraõ estado sobre ella em hũa estancia forte acerca do dito lugar sobre vieraõ de Andaluzia D. Ioão Afonso de Gusmaõ, & Dom Pero Ponce, & a gente da Cidade de Sevilha, & querendosse recolher a Villanova com D. Anrique Anriques, não sabendo nada do sitio q sobre a Villa tinha posto pedra Fonso de Souza se encontraraõ com elle, & todos ouveraõ crua peleja, naqal finalmente Pedra Fonso foy vencido, & sua gente posta em fugida no qual

qual ouve muytos mortos, & prezos principalmente dos de pè, & com o destroço, & perda desta gente, porque a Cidade de Badajoz estava muy forte, & abastecida para sofrer cerco porlongado pera que elRey Dom Afonso não era percebido, conveolhe alevantar o cerco de sobre ella, & descontente por não cumprir seu desejo se tornou a Portugal.

E com estas novas que chegarão a Dom Ioão Manoel que estava em Pena fiel pera socorro, & ajuda de Ioão Nunes sabendo as couzas como succederão em Portugal, & vendo que lhe não podia aproveytar, & que seus castellos erão ja perdidos, & cobrados para elRey de Castella, & que estava em receo de ser tãbem cercado, para o que não tinha nẽ esperava socorro, leyxou seguros, & feis Alcaydes em suas fortalezas, & secretamente por sua salvação se foy a Valença onde era elRey Dom Pedro de Aragão, & nella achou bõ acolhimento de sua pessoa, mas não da ajuda, & socorro que lhe pedio.

E Ioão Nunes que era cercado em Lerma, & tinha com figo Dona Maria sua molher, posto que segundo seu pensamento fosse provido de todos mantimentos pera hũ anno, & pera mais porem avendo sinquo mezes, & meo que lhe durava o cerco, o paõ, & todas as outras provizoões

lhe faleceraõ, & assi não tinha bem agoa para beber, & porque a Villa era cercada de outra nova cerca que elRey em torno mandou fazer, era Dom Ioão, & os seus postos em fadiga mortal, que não tinham esperança de poderem sair inda que quizessem, salvo á mercê & piedade de elRey, especialmente que com a grande indignação que elRey cõtra elle mostrava, parecia claro que lhe não queria dar vida, pello qual conveo a Ioão Nunes por meo de grandes amigos, & muytos honrados parentes, que no arrayal tinha, pedir a elRey por merce que lhe desse vida, & que das suas Villas, & terras fizesse o que sua merce fosse, & disto prouve a elRey, & o seguiu da vida, & a todos os seus, salvo alguns poucos cõtra quem estava irado, mas estes em abitos dissimulados forão logo postos em salvo fora do reino, & foy a segurança com condição mais, que Lermã fosse de todo derrubada, & assi os outros mais seus castellos que elRey quizesse, & as causas delles fossem feytas chans, & assi que Ioão Nunes dahi em diante o servisse bem, & lealmente, & fosse Alferes mór, como hera, & com outras condiçoões que elRey então ouve por seu serviço, & por a segurança de todo deu Ioão Nunes em arrefens as fortalezas de Biscaya, que elRey quis, & sendo isto na entrada do mes de Dezembro, Io-

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

aõ Nunes acolheo, & aleuantou em Lerma pör final de obeidien-
cia o pendão de elRey, o qual envi-
ou loguo a Ioão Nunes hũ cavallo
de seu corpo muy concertado, &
em faindo nelle Ioão Nunes com
Dona Maria sua molher, & elRey
em pessoa o foy receber, & em
lhe bejando as mãos não quis que
Ioão Nunes lhe fizesse a desculpa
& pedisse o perdão que quizera,
antes lhe fez tanta honra, & com
tantas mostranças da legria, &
bom agazalhado, como se todas
as couzas dos erros passados forão
grandes merecimentos, & da ly
de Lerma se veo elRey de Castella
ter a festa do Natal a Valhadolid,
& com elle Ioão Nunes, &
sua molher, & neste tempo fale-
ceo o Papa Ioão Vigessimo segũ-
do, & succedeo em seu lugar o Pa-
pa Benedito Duodecimo, que esta-
va em Avinhaõ de França.

CAP. XXXVI.

*De como el Rey de Castella
chegou a Badajos pera en-
trar em Portugal, & das
couzas que suce-
derão.*

EL REY de Castella estan-
do em Valhadolid porque
foube que elRey Dom Afonso de
Portugal por mar, & por terra con-

tinuava sua guerra contra elle ve-
osse a Madrid para da hy fazer seus
percebimentos pera entrar em
Portugal, & aly chögou a elRey
Dona Ioana madre de Ioão Nu-
nes, & sogra de Dom Ioão mano-
el, tratou com venças antre elles
ambos, conuem a saber, que o dito
Dõ Ioão Manoel de Aragão don-
de andava se queia loguo vir a seu
serviço, & da hy em diante o ser-
uir bem, & lealmente, & que
perdesse contra elle sua ira, & mal
querença, & que pera seguridade
deste o dito Dom Ioão puzesse em
arrefens as Villas de Escalona, &
de Cartagana com seus alcaceres
& hum dos castellos de Penafiel,
& ficasse por Adiãtado, & frõrey-
ro do Reyno de Murcia, assi como
o dantes era, & despois de ser isto
assi cõcertado loguo Dona Ioana
se foy ao castello de Gracia Mu-
nhos onde estava a Infanta Dona
Costança, & da hy a vizou Dom
Ioão seu genro de como ja era
concertada com elRey de Castella,
& que poderia vir ao Reyno se-
guro quando quizesse, & elRey
de Madrid se veo a Merida, & da
hy a Badajos, onde forão juntos cõ
elle todos los Mestres, & senhores
com muytas gentes que pera a en-
trada de Portugal tinha a percebi-
das, & por que o Bispo daquela
Cidade era Portuges foy lançado
fora, & tomadas suas rendas, &
aly muy honradamente a compa-
nhada veo a elle loguo a Rainha
Dona

Dona Breatis de Portugal sua tia irmãa de elRey Dom Fernando seu padre a que elRey de Castella fez per si, & com toda sua corte honrado recebimento, & com bõ trato de sua pessoa real apozentamento, & ella lhe pedio cõ muytas rezoës fundadas em ser serviço de Deus, & bem dambolos Reynos, que não quizesse entrar em Portugal, & ouvesse por bem que ella Rainha guardada em toda a honra dambolos Reys tratasse entre elles toda a boa paz, & concórdia, a que elRey de Castella a cerca disso respondeo asas mezuradamente, poré disse que por quanto elRey de Portugal sô por querer favorecer contra elle Dom João, & João Nunes seus vassallos de que por suas culpas queria tomar justa emenda romperia com elle guerra, & lhe entrara por seu Reyno, & lhe cerquara aquella Cidade, & fizera outros danos, & estragos na terra, & em seus naturaes que elle receberia injuria, & grãde mingoa se a isso não tornasse como a sua honra compria, & que não sabia couza no mundo porque o deyxasse de fazer; porem que por respeyto, & a catamento dèlla a que tinha em grande veneração como a mãy, se elRey seu marido quizesse fazer emenda dos males, & danos passados, que elle era contente, & lhe prazia não entrar em Portugal, & assi consentir na paz que ella ordenasse, & a

emmenda que loguo a ponteou foy manhoza, porque intentou, & requereõ tais couzas que se não de viaõ fazer, conuem alaber, que lhe desse as Villas, & castellos daquelle comarca de riba do Diana que elRey Dom Diniz, & elRey Dom Afonso seu padre por escambo, ouverão do Reyno de Castella, & assi outas couzas que com si logo trazia subita denegação, & a Rainha com apontamentos, & meos taõ lemrezaõ, & em que não deviz, nem podia entender, descontente se tornou a Portugal.

Cap. XXXVII.

De como elRey de Castella por a Villa de Elvas entrou de guerra em Portugal, & do que fez ate se tornar a Castella.

COMO a Rainha foy despedida de elRey de Castella elle com suas gentes veõ loguo a Elvas sobre que esteve dous dias e q dani ficou os arebaldes, & estragou as ortas, & os olivais; & daly forão seus corredores por toda a terra, & traziaõ gados, & Portugezes e tios, & faziaõ todo o mal, & dano que podiaõ, & daly foy sobre a Villa de Aronches,

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

& que rendoa cerquar foy aconselhado que mais dano fazia andando pello Reyno de Portugal que estar em cerquo aly, sendo a el Rey de Castella dito sem ser verdade que el Rey de Portugal cõ seu poder era entrado a correr a terra de Xeres de Badajos, & de Burgilhos & d' Alconcel elle sem fazer mais detença moveo da Ronches em sua busqua pera se darem batalha, & chegou a Veyros onde tambẽ falçamente lhe a firmarão que el Rey de Portugal todavia era em sua terra entrado, & aly com seu grande cançasso, & trabalho de rod os os seus foy em hũ dia ao lugar de Cheles que he ja de Castella na ribeyra de Guadiana a q̃ de Ronches avia doze legoas, & aly foy da verdade certificado que el Rey de Portugal nõ entrara daquella ves em Castella, & de Cheles foy loguo el Rey a Oliuença, & a teve cerquada poucos dias, & por ahy adoecer de sezoẽs tornou se a Badajos que tambẽ por lugar doentio, & ser no fim de Junho, & nas entradas das calmas foy aconselhado que se fosse, como foi, curar a Sevilha, & ordenou seus fronteyros que por todas as partes do Reyno fizessẽ guerra a Portugal, & deyxou por Capitaẽs de Galiza Dom Fernando Rodrigues de Castro, & Dom Ioã de Castro seu irmão, que cõ muyta gente entraraõ em Portugal, por Viana de Caminha, & sem algũa resisten-

tencia chegarão a Cidade do Porto matando, & roubando, & fazendo todo o mal que podiaõ.

E sendo na dita Cidade do Porto juntos Dom Frey Ellevaõ Gonçalves Mestre de Christõ, & Dom Gonçallo Pereyra Arcebispo de Braga, & o Bispo do Porto refizerão gente antre de pè, & de cavallo mil, & coatro centos homens, com os quais os contrarios naõ quizerão pelejar, & se forão recclhendo com grandes roubos, & muytos prezos que levauão, & por a terra ser muyto fragoza nos portos della recebião dos Portugezes grandes danos, & lhes fazião leyxar grande parte da preza, & na passada de hum Ribeyro duas legoas, & meia de Braga ouve antre todos grande pelega, em que Dom Ioã de Castro foy morto, & com elle trezentos outros de sua Capitania, & por força lhes fizeram leyxar todo o roubo, & os prezos que levauão, & desbaratados os contrarios Castelhanos se tornarão a Galiza.

CAP. XXXVIII.

Como as gales, & frota de Portugal forão correr a costa d' Andaluzia, & do que fizeraõ.

EL REY de Portugal como fez fundamento de fazer guer-

guerra a Castella loguo pellos do seu confelho foy acordado que fosse por mar, & por terra como atras disse; & pera isso lhe mandou loguo armar suas galès, & navios em Lisboa que fazião numero de vinte, & mandou por Capitão dellas hũ Gonçalo Camello com dous mil homens de peleja, & saindo de Lisboa o primeyro lugar de Castella sobre que foraõ surgir & em que sairão em terta foy lugar de Lepè em Andaluzia em q̄ estava por Capitão, & defensor Dom Nuno Porto Carreyro, & posto que com grande, & assas rezistencia ouve ao sair do mar, porem os Portugezes por força entrarão, & roubarão o lugar, & o talharão todo da redor, & da ly forão a Brigalião, & sairão em terra, & roubarão, & queymarão o rabalde, & fizerão polla terra muyto mal, & tornandosse outra vez a Lepè, & jazendo ahy oito dias de Setembro em dia de Nossa Senhora sairão alguns Portugezes em terra pera por fogo a hũas vinhas contra os quais o dito Dom Nuno era Capitão sahio a companhia de gente da Villa, & doutros muytos que se com elle ajuntarão, & travarão antre si tal peleja, & tão crua que claramente parecia em todos o odio, & desamor com que huns aos outros se ferião & durou a peleja por tanto espaço que dos Castelhanos forão loguo aly mortos oitenta, & dos Portu-

gezes vinte, & oito a fora muytos de huma parte, & doutra feridos.

E em fim despois de apartados, & retraidos cada hum a seu lugar os Castelhanos levarão prezo a Dom Gonçallo Camello, & os Portugezes prenderão a Gil Go teres de Carmona, & Martin da Guilar Cavaleyros principaes, & de grande conta, & alli prenderão o dito Dom Nuno ferido, & porem de taes feridas que aos tres dias loguo morreo, & antre elle foy loguo concertado que por o corpo morto de Dom Nuno, & pellos dous Cavaleyros q̄ tinham prezos dessẽ como derão aos Portugezes Gonçallo Camello, & assi os Portuguezes fizerão volta de Portugal, & pera vingança, & enmenda deste dano de que elRei de Castella loguo foy certificado mandou loguo dar a maior pressa que pode a sua frota se armar, como armou em Sevilha, & se fizerão prestes corenta vellas bem a parelhadas com sinquo mil, & sete centos homens de peleja, & sendo em mar, & por Capitão dellas o Almirante Alonso Iufre deu nelas tal tormenta que derramadas por muytas partes não somente puderão fazer aviagem que dezejavão, mas ainda quazi todas se perderão no mar, & na costa com que elRey de Castella foy muy enojado & parte desta tormenta tambem tocou a frota de Portugal, que era

em mar de que recebeo affas perda.

CAP. XXXX.

CAP. XXXIX.

Do mal que as galês de Portugal fizeram em Galiza onde a fogo, & sangue destruírao, & catinaraõ muyta gente.

De como as galês de Portugal pelejarão cõ as de Castella, & forão vencidas as de Portugal, & presos o Almirante, & seu filho.

EL REY de Portugal em quanto as primeyras galês, & navios forão correr a costa Dãdaluzia, como ja disse, mandou armar outras em Lisboa, & juntas todas, & postas socapitania de Micer Manoel Paçanha Almirante fizeram viagem contra Galiza onde liuremente, & sem algũa contradicãõ sahião em qualquer lugar, & parte que lhes prazia onde por fogo, & sangue, & por roubos, & cariveyros, & tamentos fazião todo mal como a imigos mortaes, não leyxando por queymar, & a lagar as barquas, nem navios do mar: & despois de assi correrẽ, & estragarem toda a costa de Galiza vitoriozos os Portugezes, & com grandes, & muytos roubos, & prizioneyros se tornarão ao Porto de Lisboa donde sairão.

AFROTA de Castella depois do destroço, & perdicão da tormenta que disse, tornou-se a fornecer em Sevilha com muyta vantagem, & crescimento, & como sahio fora foy loguo correr a costa do Algarve, onde ja por vingança, & por odio fazião todo o mal, & estrago que podião, & com a certidão disto que loguo veo a elRey de Portugal, elle mandou o dito seu Almirante Manoel Paçanha, & a Carlos Paçanha seu filho que a Armada de Portugal que em Lisboa era bem fornecida, & prestes fosse em busca do Almirante de Castella, que guerreava o Algarve, & pelejasse com elle; o que o dito Almirante contrariou. Tãbem foy loguo avizado o de Castella que com esse dezejo, & propozito determinou vir buscar o de Portugal: & sendo ambos juntos ao cabo de S. Vicẽte huma segunda feyra vespora da Madanela, em que o dia não era muy claro, os Portuguezes com gran-

grande alegria differão que avia vista da frota, tendo esperança da vitoria, & boa, que lhes sahio contraria, & trazendo os navios de Castella o vento mais favoravel, & avendo já tambem vista das de Portugal que com grandes gritas, & alvoroços huns contra os outros trazião as proas contrarias, & em breve as frotas forão juntas, & ambas loguo se aferrarão, em que a peleja de huma parte, & da outra foy com grande força cometida, & muy aturada, & as galès de Portugal no principio da peleja comerão com tanta força as de Castella que com quãto nellas avia affas dura rezistencia nove dellas forão loguo entradas, & desbaratadas, & porem a contraria fortuna, que naquella ora não quiz dar perfeyta vitoria aos Portugezes; ordenou que ou por vêtos que em fauor das de Castella se mudarão contrarios, ou por dobradas forças que os Castelhanos por sua salvação, & vingança puzerão, as galès todas de Portugal tornarão a ser vencidas, & desbaratadas, de que algũas forão alagadas com muytos homens mortos, & feridos, & caidos no mar, que ouve de huma & doutra parte, em tanto que se afirma per testemunhos verdadeyros dambolos Reynos que omar em que foy esta peleja esteve por muytas oras todo tinto em sangue, & finalmête as ditas galès de Portugal que ficarão por alagar forão

todas tomadas, & prezo nella o Almirante Manoel Paçanha, & Carlos Paçanha seu filho com todos Portugezes que cõ grande prazer dos Castelhanos forão pello Almirante de Castella levados a S. Lucar de Barrameda, & da hy pello rio affima caminho de Sevilha onde era elRey de Castella do ente, q̃ cõ grãde alegria os foy em pessoa receber muy ledo pella vitoria, & neste proprio tẽpo, em que a variauel fortuna nõ tercava com igual prosperidade a Portugal, hũ Fernão Arrais, que por Castella tinha a frontaria da terra contra o Algarve, cõ muyta gente entrou em Portugal, & correu, & queymou, & destruhio muyta terra, & fez nella grãdes danos & veo correr a Crastomarim, em huma cilada que lançou acertouse, que dos moradores do lugar que sem bom resguardo a elle sairão matou cento, & oitenta, & prendeo setenta, que leuou a Castella catiuos.

CAP. XXXXI.

Da entrada que elRey de Portugal fes em Galiza. & elRey de Castella fez no Algarve.

EL REY Dom Afonso de Portugal pollo desbarato, &

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

perda de suas galès, & gentes que atras disse, foy muyto anojado, & porem como era Principe de grão coração não enfraquecido por isso, mas esforçandosse dobrado, para sua uingança, elle com muytas gentes de cavallo, & de pè que prestesmente ajūtou se foy loguo a Comarca de riba de Minho por onde entrou em Galiza onde estava por fronteyro, & defensor Dõ Pero Fernandes de Castro q̃ differão da guerra com muytas gentes da terra, & de Castella que lhe foraõ ordenados, & a elle se ajuntarão.

Entrou loguo elRey por Salvaterra, & a teve cercada, & a cõbateo sê a tomar, & da hi sem alguma contradicção nê defeza correo ate Orense, queymando, & roubando, & estragando toda a terra da maneyra que desta entrada de elRey & da outra que o Conde Dõ Pedro seu irmão dantes fizera à terra de Galiza, naquellas partes por onde correrão ficou toda erma, & destruida.

Com isto feyto, elRey de Portugal com muytos roubos, & cativeyros que os seus trouxerão a seu salvo se tornou a seu Reyno, & nõ sem muyto prafmo, & grande culpa que os Castelhanos derão ao ditto Dom Pero Fernandes de Castro por sua fraqueza, porque tendo consigo tantas gentes com que pudera fazer muyta rezistencia a elRey de Portugal, & ain-

da por respeyto da muyta, & boa gente que tinha darlhe igual batalha se quizera, elle onã o quis fazer, antes se apartou delle por tão espaço da terra que o não pudesse ver dizendo que por alguma maneyra não pelejaria cõtra a pessoa de elRey; porque em seu Reyno elRey Dom Diniz seu padre o criara, & ambos lhe fizeram muyta honra, & grandes merçes.

Por esta entrada que elRey de Portugal fez em Galiza, de que elRey de Castella foy em Sevilha certificado, porque tambem era Rey esforçado, & de coração muy vingativo ajuntou cõsigo segũdo se dis dez mil de cavallo a fora outas muytas gentes de pè para danificar a Portugal, & por suas jornadas foy ter ao rio de Guadiana onde correo por Alcoutim, oqual acharão ermo, & aly por pontes feytas com grandes traues lançadas nas barquas, & galès que mandou trazer, & em hum dia possou toda a sua gente a Portugal, & dahy foy a Villa de Castromarim e que estva o conueto primeyro da ordem de Christo, & esteve sobre elle alguns dias, & por combates & afrontas q̃ lhe deu trabalhou polla tomar, & não pode porque avia dentro homens de vergonha. & bons defesores Portugezes, que com muyta força, & ouzadia lha defenderão.

Por este cerquo, & afronta em que os do conuento de Chris-

to fevirão, cujo socorro exprime-
tarão ser muyto a longado, se diz
que o dito Convento foy loguo
mudado à Villa de Tomar, onde
está, & onde era o Conuento dos
do Templo de Hierusalem quan-
do a sua Ordem foy desfeyta, co-
mo em outras partes tenho decla-
rado; & de Castromarim se foy el-
Rey de Castella a Tavilla, & se
a posentou no Mosteyro de S. Frã-
cisco, & esteve sobre ella tres dias
& mandou talar ortas, vinhas, fi-
gueyras, & arvores de fructo, &
tomou a Taracena, que era fora
da Villa, & lhe mandou por o
fogo, de que ardeu pouco, & em
quanto a ly esteve correrão suas
gentes liuremente, & sem rezisten-
cia a Faro, Loule, & esses da cos-
ta do Algarve é que fizerão muy-
tos danos, & de que arrancarão
os gados, & bestas que acharão,
& levarão muyos homens pre-
zos.

E daly porque os mantimen-
tos lhe falecerão tornou-se elRey á
Alcoutim, & pollas mesmas bar-
cas por ôde passou se volueo à Se-
vilha, & a chey por huma antiga,
& autorizada lembrança de Por-
tugal que ao tempo que elRey de
Castella assi esteve sobre Tavilla
hum sabado cedo pella menham
andado é torno della pera ver o lu-
gar mais cōveniente pera a poder
combater, & filhar tornando a
porta do Mosteyro, & tendo os
olhos pera dentro da Villa que el-

le dentro sobre a igreja de Sancta
Maria vira sete homens de grande
estatura em vestiduras alvas com
senhas bandeyras nas mãos dos
finais de Sanctiago nas mãos, &
que maravilhado elRey de tal vi-
zão chamou loguo o Guardiãõ q̃
hera homem velho, & de boa vida
& das couzas antigas tinha boa
memoria aoqual perguntou pella
novidade daquella vizaõ que vi-
ra, & particularmente lhe decla-
rou, & que o Guardiãõ lhe res-
pondeo: *Senhor do que vos mara-
vilhastes não duvideis porque esses q̃
vistes são os sete Cavaleyros Martyres
que o dia que esta Villa foy a os Mouros
ganhada pello bom Mestre de Sanctiago
Dom Paio Correa, elles pella Fé de Je-
su Christo morrerão como fieis Christãos,
& muy esforçados Cavaleyros, & naquel-
la Igreja em q̃ os viste jazem sepultados,
& por elles faz Deus muytos milagres
& temos em seus merecimentos tal con-
fiança que em quanto a quy jouverem es-
ta Villa nunca sera tirada do Senhorio
em que está, & ainda temos por certo
que o mesmo Mestre Dom Paio Correa
por devaçãõ delles que erãõ seus Cava-
leyros falecendo em Velles Cabeça do
Mestrado se mandou aquy enterrar, &
aquy jaz: E que com esta reposta
do Guardiãõ elRey de Castella
por honra, & devaçãõ dos Marty-
res não quiz mais estar sobre Ta-
villa, & se tornou loguo a seu
Reyno, como dito he.*

CAP. XXXXII.

Como o Papa enviou a Hespanha por dellegado hũ Bispo de Rodes pera assentar paz, ou tregua com estes Reys de Portugal, & Castella, & do que se fez.

AO tempo que elRey de Castella estava em Sevilha, & se aparelhava para entrar, como entrou, no Algarve, chegou a elle por dellegado do Papa Benedicto Duodecimo que estava em Avinhaõ hũ, Bernardo Bispo de Rodes homem prudente, & de boa vida, & affas eloquente, & na Sancta Escripura affas ensinado, que depois foy Cardeal, o qual tambem vinha adereçado a elRey de Portugal para ante estes Reys tratar paz, ou ao menos tregua por algum tempo, & a elRey de Castella apresentou logo seu breve especial, & assi lhe mostrou a commissão Apostolica que para este effeyto trazia, & pera a outorga, & consentimento de paz lhe disse muytas, & muy Sanctas razoões em q̃ tocou, & annichilou para de razão naõ lembrarẽ todas as couzas de odios, & dissençõis que entre elles herãõ passadas, de que vi-

nha affas instruido.

E assi correo neste proprio tempo hũ Dõ Ioão Arcebispo de Reims Embayxador de elRey de França pera em seu nome tambem ser medianeyro, & tratar esta paz & concordia antre estes Reis, porque aguerra que antre elles, & seus Reynos, & vassallos se fazia era na Christandade por sua muyta crueza, & destruição assi publicada que parecia culpa, & negligencia dos bons Reys Christaõs por suas bondades, & consciencias naõ procurarem de atalhar, & este tambem no cazo da paz falou a elRei de Castella todo o bem que se podia dizer, tocando principalmente o mal que da entrada dos Mouros em Hespanha por sua discordia dambos se podia seguir.

E porem com quanto estes Prelados muyto insistirão por que elRey de Castella naõ entrasse em Portugal para que estava percebido, & suas gentes pagas, & prestes elle onãõ quiz fazer, pela outra entrada q̃ elRey de Portugal ja tinha feyta em Galliza cõ que sequiz igualar, & disse aos ditos Prelados que com ocometimento desta paz antes de lhes dizer sua vontade elles fossem primeyro a elRey de Portugal que por romper primeyro aguerra, primeyro devia pedir a paz, & que a resposta que nella achassem aconselharia a elle o que por seu serviço, & que por sua honra devia fazer

fazer, & com esta determinação elRey de Castella porque elRey de Portugal era ainda antre o Douro, & Minho, & a distancia da terra era muy larga, & os caminhos muy asperos, & o tempo sobrevinha de inuerno, pareceo ao Bispo Legado que abastava em noteficar, como noteficou, tudo per sua carta a elRey de Portugal, em que lhe pediu outorga conseniimento, & seu prazer pera o caso da paz, & ao menos da tregoa, & que para isto apontasse os meos q̄ lhe bẽ parecẽsse, & cõ este seu recado que foy a elRey de Portugal elle foy muyto descontente por o mesmo legado não vir a seu Reyno, & acerqua da sustancia da paz lhe não respondeo couza alguma samente nõ descontentamento, & a gravo que recebia por nõ vir a elle em pessoa como fora a elRey de Castella; pelo qual o dito legado parecendolhe razão o que elRey apontava loguo sem mais trespasso, & com licença, & prazer de elRey de Castella se partio com assas fadiga do caminho, & foy a elRey de Portugal que era na Cidade de Braga onde sabendo elle de sua ida loguo como entrou em seu Reyno lhe mandou fazer honrados recebimentos, & assi q̄t̄romuy honrado em sua corte a o tempo de sua chegada, & assi dar a elle, & aos seus de graça, & em muyta abastança todos os m̄-

timentos, & pouzadas que lhe comprião à custa de elRey, & aos vinte dias de Outubro da era de Cezar de mil, & trezentos, & setenta, & sinquo annos, & do anno de Christo de mil, & trezentos, & trinta, & sete o Bispo despois de missa foy a elRey que o recebeo muy graciozamente, & perante Dom Gonçallo Pereyra Arcebispo, & outros senhores que erão presentes lhe deu hũ breve do Papa serrado escripto ẽ latim cujo tresslado ẽ lingoage dezia assi.

Benedicto seruo dos seruos de Deus ao muyto amado em Christo filho Dom Afonso Illustre Rey de Portugal, saude, & Apostolica benção: se tu muyto amado filho com bom resguardo, & diligencia consirares quanto a tua honra, & proueyto perrenga que antre ti, & nõso muyto amado filho Dom Afonso nobre Rey de Castella aja segura paz, & bom amor, certamente cremos que lançado de tua vontade todo rancor, & discordia tu por obra de aficado estado, despoeres teu Real coração a se abraçar com o assego da paz ca pois o dito Rey teu genro tu com razão o deves arver por filho especialmente que quanto a longura dos teus dias requerem a dureza de mor descreião, tanto es mais tendo comoda de padre, & de a reter, & refrescar de seus nõ bons autos, & que a ti menos cõpridouros pareçaõ esguarda sobre isso aliança do sangue que contigo ha, & como per ajuntamentos de vossos Reynos he tanto teu vezinho, assi que por lizo, & prudencia a paz, & a amizade com esse

mes.

mesmo Rey são ati, & a teus Reynos muy necessarias principalmente pella vezinhança dos infieis, a vos são com junta, os quais sabeis que nos tem odio, & contrario dezejo, avendo grande sede do sangue Christão.

Pello qual não he de duvidar se souber em que tu, & el Rey de Castella tamanhos principes sois em prelogada desauença, que elles com alegre, & presunta oulada vos não cometão com maior cruexa, & mais esperança de sua victoria, & não sendo esto da Divina Magestade, & grandes perigos de cada hũ de vos, & destas couzas, muyto amado filho, te percebemos ante que venhão, porque segundo nos recõtaraõ por novas que annos muyto nos desapraxem, & o inimigo da paz cauzador dos odios, & atigador delles assi se trabalhou de rijamente vos desacordar, & mouer athe o sobre dito Rey que rotos os devidos do sangue, & quebradas as redeas de boa amizade que antre vos ha muy periguoamente de guerra, as quais couzas não devereis consentir nem querer, que vierão a tão triste effeyto, porque se com diligencia em tuas entranhas as consiraras bem cremos que assas de moverão pera auerdes ambos paz, & assesejo como Christãos, & terdes antre vos boa prestança que he fruyto de boa, & verdadeyr a amizade como da antre padre, & filho se espera porque o inimigo ali se trabalha mais sotilmente samear sua peçonha aonde mór empecimento possa fazer.

E receando nós que se ao fogo deste omezio não fosse posto algum bom re-

medio, & a talho, e se podia ligeyrãmente acender em tal chama, de que se seguiria estrago dos corpos, & perigo das almas que amargozamente se uide chorar: por tanto querendo nós por nosso officio pastor al prouer i taes male, cuydando sobre elles alguns proveyços remedios determinamos de em viar a tua real prezeza, & de el Rey de Castella com nossas letras para o tal caso, & auto pertencentes ó honrado nosso irmão Bispo de Rodas barão certamente de auoridade prudente, & de bom zello, & em arduos negocios largamente exercitado; & poreu rogamos a tua nobre exelencia & em nome do senhor, efica mente amoeslamos que tu por hõra de Deus, & da S^e Apostolica orecebas com favor, & o trate s honradamente, & concebas em tua vontade aquelles seus saõs, & saudaveis amoeslametos que a tua exelencia por nosso mandado te dizer, de maneyra q̄ em examinãdo sua discreta cõsiração estas causas q̄ á tua louvada memoria sempre deuem lembrar inclines nobre cora, ão com esforçado dezejo pera com o dito Rey reformar preytezia de amor, & conuença, ou ao menos tregoas por algum tempo conuinavel, no qual seffando os arroidos, movimentos da guerra mais quieta, & liuremente se possa procurar, & consertar o caminho da perpetua paz, de maneyra, muyto amado filho, que tuas, & muy louvadas obras ante Deus, & os homens possã com rezão dignamente ser aprovadas: E desta calidade de palauras mudada hum pouco asustancia era o breve do Papa pera el Rey de Castella, cujo tresslado aqui

a qui não he necessario.

CAP. XXXXIII.

Da falla que sobre este breve olegado fez a el Rey, & da resposta que lhe deu.

COMO el Rey vio, & leu com o Arcebispo de Braga o breve do Papa disse ao Bispo que por vertude da creença que nelle se continha lhe poderia dizer o que lhe approvessse o qual lhe mostrou loguo suas instruçõens que trazia em que sustancialmente se continhaõ as clauzulas do breve pera as couzas, & fundamento da paz, & amizade antre os Reys, & assi apresentou hum largo poder pera quitar menagens, & absoluer de juramentos que fossem feitos, & à paz pudessem prejudicar, & assi para por sentença de excomunhão, & enterdito em ambolos Reys, & seus Reynos quando aos bons meos de paz, ou de tregoa que antre elles aponthassem não quizessem obedecer, & assi disse o dito Bispo muy louvadas couzas com largo recontamento de palauras, & cõ muytos exemplos, & autõridades pera conseguirem o bem da paz & sefiarem do mal da guerra segundo a el Rey de Castella tinha

tambem dito pedindolhe que acerca disso lhe disse sua boa vontade.

Ao qual el Rey respondeo nesta meneyra: *Reuerendo Bispo certo que o Papa em toda sua santidade não he Deos, mas he seu vigayro, & se Deos por sua bondade, & justiça não mandaria couza que não fosse justiça rezuada, muyto menos o Papa o deve fazer, & quando por so, vontade o quizesse mandar, eu nem outro algum somos obrigados obedecer a seu mandado, cã se hum Rey contrarrazão mandasse a hum seu vassallo que se pena de treyção sem cauza desse morte a hum Clerigo em caso que o não mataste elle vassallo não fica credor, & assi digo a vos que posto que nisto não obedeca ao Papa que nem por isso seray desobediente à Sancta madre Igreja.*

E isto digo porque el Rey de Castella me ten com meu dano feyto tantas semrazõens, & quebrada tantas vezes sua verdade em couzas honestas que me prometeo, que Deos com igual justiça nõ podia mandar que eu tivesse paz com elle muyto menos o Papa, & por isso os constrangimẽtos antre os Reys, & em tais cazos são bem escuzados: as quais couzas que parecia proceder de sanha de el Rey; o Bispo replicou assi discreta, & catholicamente como delle se esperava, & para o bem do negocio presente compria, pedindolhe quizesse abrandar de sua sanha porque elle faria cõ el Rey de Castella que se arependesse dos erros cometidos se os ahi avia, & se corregessem inteiramente to-

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

dollos malles que de huma parte, & da outra erão feytos a fora mortes, & talhas, & outros semelhantes danos em que não avia remedio cõcluindo sêpre cõ o afincado requerimento da paz como a todos compria.

E elRey algum tanto ja vencido de suas evidentes razoens, & bons conselhos dilatou por então a final reposta pera dahy a alguns dias em que consigo, & cõ seu cõselho queria aver madura deliberação, & passados despois coatro dias elRey fez ante si tornar o Bispo & perante os Prelados, & nobres homens de seu conselho que erão com elle com alto repetimento de todas as couzas passadas lhe disse aquellas de que elRey de Castella se sentia escandilizado em que lhe tinha errado, & quebrada a verdade, & assidos modos falsos, & incubertos que sêpre vzara para cõ elle não cumpria, & quanto sofrimento tiuera ainda que fosse com algũa mĩgoa de sua pessoa por não romper cõ elle, & que por isto tinha cõ elle rompido, & tinha em propozito nõ sesar de sua guera ate que por armas ouvesse delle sua direyta emenda, & cõ tudo posto q̃ lhe fosse vergonha dezistir do que por sua honra tinha começado; porem que assi como os nobres, & muy catholicos Reys de Portugal de que descendia, em semelhâtes cauzas, & em outras de mayor importancia sempre forão obedien-

tes à Santa madre Igreja, & a seus Vigayros, que asim elle como seu devoto filho sem embargo de sua quebra lhe prazia de obedecer ao Papa, & cõsentir em todos os bons conselhos de paz que da parte de sua Santidade lhe herão dados, cõ tanto que a dita paz le fizesse cõ honra sua, & bem de seus Reynos & vassallos.

A que o Bispo loguo disse *Senhor eu louvo muyto vosso dezejo, & propozito para a paz, mas de hũa reposta tão geral como he esta vossa, sem apontamentos de alguns bons meos particulares, nõ se pode tomar certo assento, & para isso vos rerey em grande merce por vossa parte assinar des alguns Canaleyros ou outras pessoas de fiança que antre vos & elRey de Castella, com elle ou com outros seus entendão em vossa paz. & a comodem como lhes bem parecer.* E elRey lhe disse loguo que acerca disso taõbem averia seu conselho, & lhe responderia, & passados alguns dias foy chamado o Bispo a conselho, & sem elRey ser presente Pedro do Sem Chançarel mor lhe disse que elRey para determinação, & assento das pazes outre goas suas com elRey de Castella avia porbem nomear por sua parte seus procuradores, os quais herão Dom Gonçallo Pereyra Arcebispo de Braga, & Payo de Meira seu Meyrinho mòr, & a elle mesmo Pero do Sem, & que elRei de Castella nomeasse pella soa outros, que em hum certo tempo, & lugar

lugar foſem juntos para tratar a dita concordia , & deſte meo foy o Biſpo muy contente ſomente pe-
dio a elRey que loguo conſentiffe em tregoa dalgum tempo em que ſe não fizeffe guerra dentro do qual tratarião com agraça de De-
os a paz geral, & mais firme , & a elRey de Portugal aprouue diſ-
ſo com tanto que elle não foſſe o-
brigado guardar adita tregoa, ſál-
vo deſpois de ſer certificado que
elRey de Caſtella tambem aguar-
dava, & com iſto apontado o Biſ-
po ſe partio para elRey de Caſ-
tella.

CAP. XXXIV.

*Como o Biſpo foy a elRey
de Caſtella , & do que diſ-
ſe, & com elle concor-
don.*

PARTIDO o legado che-
gou a elRey de Caſtella que
hera na Cidade de Merida a que
diſſe largamente todo o que com
elRey de Portugal tinha paſſado,
& deſpois de muytos debates , &
encarecimētos que elRey de Caſ-
tella fez finalmente por reueren-
ça do Papa , & por contemplação
de elRey de França que ſobre eſ-
te cazo quizerão ſer medianeyros
lhe a prouue conſentir na tregoa,
que dos vinte, & ſete dias de De-

zembro duraria ate Sam Miguel
de Mayo do anno que vinha que
herão ſeis mezes, dentro dos quais
ſeſſaſſe em todo aguerra, ſaluo que
a Infanta Dona Coſtança ſem pra-
zer, & conſentimento de elRey
de Caſtella não foſſe leuada a Por-
tugal, & para o aſſento da dita tre-
goa eſcreueo o Biſpo a elRey de
Portugal que mandaffe ſeu prócu-
rador abaſtante ao termo do lugar
de Craſto de ladroens onde avia
de ir outro tal de elRey de Caſtel-
la ao qual lugar ſendo prezente o
dito Biſpo veo por parte de elRey
de Portugal Lopo Fernandes pa-
checo ſenhor de Ferreyra, & por
elRey de Caſtella Fernão Rodri-
ges de Villalobos diſſe q̄ não podia
ſimpliſmente aſſentar adita tregoa
como antre ſi praticarão, mas que
aviaõ deſer cō certas condiçoẽs q̄
loguo apontou, as quais por ſerem
contra toda a rezão, & o neſtidade
o dito Lopo Fernandes tornou a
Portugal, & o Biſpo, & Fernão Ro-
drigues ſe tornaraõ para elRey de
Caſtella, a quem o Biſpo deſpois
de ſua ida ſe agrauou muyto por a-
char em ſeu procurador mais no-
vidades das que ambos primeyro
concordarão com que atregoa , ſe
avia de fazer , & deſpoes de ave-
rem ſobre iſſo muytas alteraçõs
prouue a elRey de Caſtella ſem
as nouas condiçoẽs apontadas cõ-
ſentir na tregoa, aqual o dito pró-
curador de Caſtella, & o dito Biſ-
po vieraõ firmar com elRey de

rugal em Coimbra no mes de Agosto per hũ anno dentro do qual concordarão mais que elRey de Portugal ate certo tempo loguo afinado enviaste a Castella seus Embaxadores para etêder na paz & a concordarem, os quais nomeou que serião o Conde Dom Pedro seu irmão, & o dito Dom Gonçallo Arcebispo de Braga.

E com esta conclusão tornou o delegado a elRey de Castella de quem ouve licença pera em quanto durava o tempo em q os Embaxadores para tratar a paz se avião de ajuntar elle ir, como foi ao Papa que hera em Avinhão, & darlhe conta das couzas de Espanha, & assi o de França a elRey seu senhor, & da relação que o delegado fez ao Papa da justificação de elRey de Portugal sua Sanctidade lhe enviou hũ breve de muytos louvores seus, & singulares agradecimētos encomendandolhe todavia com muytas rezoēs que quizesse consentir, & não tornar a paz, & chegado o tempo em que os Embaixadores de Portugal avião de ser em a villa Dalcalã que para o assento da paz era afinado não pode ir senão o Arcebispo de Braga no mes de Outubro porque o Conde Dom Pedro a esse tempo era doente, & ahi se ajuntarão tam bem pera o dito negocio outros procuradores de elRey de Castella que apontado loguo a paz com tão desfarczoadas condições que o

Arcebispo anojado, & escandilizado dellas lhe disse, que para se não perder tempo apontassem couzas que fossem para consentir, & outorgar, & senão que não estaria aly mais.

E por segundos apontamentos os ditos procuradores de Castella puzerão outros e escrito que herão mais pera rir que para conceder, a saber, que elRey de Portugal entregasse as villas de riba do Diana, & deriba de Coa que forão de Castella todas loguo per si nomeadas todas com todas rendas que aos Reis de Portugal tinhaõ rendido de todo o tempo que elRey, & seus antecessores as tinham, & mais as villas, & castellos de Portugal que por arrefens erão postas em terciaria de que atraz disse, & assi que sem embargo de o Infante Dom Pedro, seja cazado com a Infanta Dona Costança que se a Infanta Dona Branca fosse emplisposição para cazar que ella ficasse no Reyno de Portugal por molher do Infante Dom Pedro, & que pellas despesas da guerra elRey lhe desse mais descontas da moeda de Castella, das quais couzas como desesperadas de concluzão o Arcebispo avizou loguo a elRey seu Senhor o qual, conhecia a injusta negociação que se fazia, lhe mandou que leyxadas todas as couzas de Castella se viesse, como loguo se veo, a Portugal, & a este tempo sendo ja

o Arcebispo da corte de Castella partido, chegou a ella o sobre dito delegado Bispo de Rodes, & hũ Arcediago irmão do Bispo de Remes, sobre o mesmo caso mensageiro de elRey de França, & achãdo as cousas de paz antre os Reys desatadas, & perguntando a causa por que elRey de Castella lhe disse que fora por culpa do Arcebispo que não quizera outrogar couza algũa das que deuia, & lhe foraõ directamente apontada, elles sem mais detença, & como pessoas que pera a paz tinhão bom desejo, vieraõ logo a elRey de Portugal que no mes de Dezembro, acharão em Santarem a quem relatarão todo o que em Castella lhes fora dito, maravillandose delles por o Arcebispo não querer cõsentir nos bons meios da paz pois lhe apontavaõ segundo em castella foraõ idformados, & pera os elRey de Portugal certeficar da verdade, & porque soubessem que a culpa fora toda de elRey de Castella, & de seus procuradores, lhes disse logo em seu conselho todo o caso como passara, & os a põtamentos inormes que fizeraõ mais com intençãõ de negar que outrogar a paz, & que por isso & porque semelhantes cousas heraõ ja em seu abatimento que muyto sentia mandar vir o Arcebispo se conclusãõ, & assi ouvera por bem firmar lianças com elRey Dom Pedro de Aragam que com elRey

de Castella tinha guerra por tãbẽ lhe não cumprir suas posturas, & auenças que ambos fizeraõ para serem ambos amigos de amigos, & inimigos de inimigos, & cõ seus poderes por mar, & por terra, se ajudarem contra elRey de Castella quando a cada hum cõpris-se, & que nesta liança elle por respeito somete do dito Rey de Castella em caso que muitas vezes lhe fora requerido sempre sobre estivera até entam que a fizera porq̃ lhe parecia que contra elle assi lhe convinha, & esta liança com elRey de Aragaõ se fez e Coimbra por Miguel Dele seu procurador, a os nove dias do mes de Nouẽbro, do anno de Cristo de mil & trezẽtos, & trinta & oito. E que portãto dahi por diante não esperava mais de inuiar, & requerer a Castella a dita paz, nem conuença, & proseguir aguerra que tinha começada.

E porem por não parecer que tinha juizo de comtumacia lhe a prazia por tudo nas mãos do Papa, & que sua Santidade ouvidas as partes sobre as rezões que tinha determinasse antre elles o que lhe parecesse justiça, & rezam, rogando muyto aos legados, & Arcediago que por seu descargo, & bom comprimento todo fizessẽ saber ao Papa, & a elRey de França.

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

CAP. XXXV.

Como o delegado, & mesageyro de el Rey Felipe de França fizerão com el Rey de Castella que tambem puzesse os feitos da paz em o juizo do Papa.

COM esta reposta que el Rey de Portugal deu a estes negociadores elles forão muyto cõtentos, & porque elles lhe derão certa esperança que el Rey de Castella consentiria tambem no juizo do Papa lhe pedirão que pera o assentar o mais tempo da tregoa que se requeria, & assi para no negoceo da paz consentir na sentença do Papa, enviasse, como enviou, cõ elles por seu suficiente procurador Lourenço Gomes de Aibreu que era bom cavaleyro, & pessoa de bom saber, & autoridade, os quais chegarão à villa de Talavera onde hera el Rey de Castella, com que concordarão a dita tregoa, & mais em nome de ambos os Reys sobre todas as suas couzas comprometerão no juizo do Papa perante quem logo assinarão tempo certo, & que os Reys enviarão seus Embaixadores, & porcuradores que ante sua

Sanctidade apontassem, & requeressem a justiça, & direyto de cada hum.

CAP. XXXVI.

Como el Rey de Castella ouue por bem fazer por si paz com el Rey de Portugal, & da maneira que se fez

TANTO que este negocio dos Reys por seu compromisso foy posto nas mãos do Papa logo elles ambos enviaram a sua Corte seus Embaixadores suficientes, & procuradores, & antes que sua Sanctidade algũa cousa sobre seus debates detreminasse el Rey de Castella considerando q a guerra que sostinha contra Portugal era sem justas causas, & por sos appetitos, & assim sendo certificado da liança que el Rey de Portugal, & el Rey de Aragam contra elle tinham feita, & assim porque soube parte doutra conjuraçam que alguns grandes de Castella queriam tambem fazer contra elle, & se ajuntar com o dito Rey de Portugal, de que poderia receber grandes danos, & assim sabendo que Abomelich filho de el Rey Aliboacem de Marrocos que ja tomara Gibraltar aparelhava de passar de Afri-

Africa muyto poderoso em Espanha, & que o primeyro seu comettimento auia de ser em sua terra, com que lhe recreceriam tais afrontas, & necessidades a que não poderia resistir, ouve por melhor & mais seguro conselho fazer per si, & sem dilaçam o aslento das pazes com el Rey de Portugal, antes que pelo Papa, nem por outros estranhos arbitros nem juizes, & pera isso sem mostrança destas necessidades lhe escreueo que inuissasse a elle seus Embayxadores, & que a paz com a graça de Deos antre elles se faria com toda a hõra, & contentamento d'elle Rey de Portugal.

O qual porque sempre disse q o principal nojo que desta guerra sentia assim, era porque sua enmêda, & fastisfação não podia ser sem dano de todos, prouelhe muyto da paz, & para isso estando em Sãtareem aos trinta de Mayo da era de Cesar de mil, & trezentos, & setenta, & oito annos, & do anno do nascimento de Nosso Senhor Iesu Christo de mil, & trezentos, & corenta, enviou da hi por seus Embayxadores com sua bastante procuração Gonçallo Vas tizoureyro de Vizeu, & Gõçalo Vas de Moura seu guarda mór, & gonçallo Esteues de Tavares, que herão homens prudentes em que tinha confiança os quais forão a el Rey de Castella que hera em Sevilha o qual pera o acento da dita paz

tambem fez seus procuradores Martim Fernandes de porto Carreiro seu, Camareiro mór, & Fernão Sanches de Valhadolid, Notario mór de Castela, & Chanceler do selo de sua puridade, os qua is todos juntos em Seuilha despois de bem praticadas todas as duvidas, & debates ao primeyro dia de julho da sobredita era, & anno concordarão paz perpetua antre osditos Reys nesta sustancia a saber loguo com perdão de todas as mortes, & roubos de hũa parte & da outra, & com entrega das fortalezas, villas, & Cidades que fossem tomadas, & com liure soltura de todos os prezos, & catiuos sem algum preço nẽ resgzte, & que sem prazer dambos se não fizesse tregoa nem paz com el Rey de Benamarim, & que a Infanta Dona Costança que ate então fora por el Rey de Castella detiuda pudesse liuremente ir a Portugal pera ser entregue ao Infante Dom Pedro seu marido, & que Dom Ioão Manoel seu padre, & quaisquer outros vassallos, & naturais de Castella liuremente, & em suas pessoas podessem ir cõ ella & que a Infanta Dona Branca de que o Infante Dom Pedro por suas indesposições se quitara fosse loguo entregue em Castella com todo o seu que tinha, & ouvesse de da hi endiãte o que el Rey de Portugal das rendas de seu Reyno lhe hera obrigado dar por rezão de su

as terras de Castella que a Rainha Dona Maria ouvera em seu casamento como atras fiqua.

E sobre isso, & por final ratificação todalas posturas escaimbos, & firmezas que ate então per qualquer maneyra eraõ feytas antre os Reys de Portugal, & de Castella seus antecessores, & alevantarão as menagens, & arre-fens, & que para seguridade de suas couzas erão dadas, & postas, & assi per palauras, & emprezença de todos sem se assentar em escrito elRey de Castella ficou de tratar da hi emdiante a Rainha sua molher como devia, & nõ trouxesse com sigo Leonor Nunes como trazia, & assi por bem desta paz forão soltos Manoel Paçanha Almirante, & Carlos seu filho que forã oprezos, como atras disse, nas Galles as quais forão tambem loguo restituídas a Portugal, & dispois desta paz firmada antre estes Reys leyxando alguns achaques que antre elles ouve poreo nõ succedeo mais alguma rotura de guerra, mas vierão em muyta paz, & boa prestança como ao diante se dira.

(?)

CAP. XXXXVII.

Como a Infanta Dona Costança foy trazida a Portugal, & a Infanta Dona Branqua foy leuada a Castella.

TANTO que o trato da paz foy antre os Reys por seus procuradores firmado, & jurado estando elRey de Castella em seus paços, & sendo prezente a Rainha Dona Maria sua molher, & Dom Ioão Manoel Pay da Infanta Dona Costança, & Dom Ioão Afonso de Albuquerque que hera primo com irmão da Rainha, & ambos netos de elRey Dom Diniz, & outros senhores, loguo o sobredito Gõçallo Vas de Moura Embayxador de elRey de Portugal pedio a elRey de Castella com as palauras rezoes, & fundamentos que no cazo cabião, que alem do que hera capitulado elle por mais abastança, & mayor despejo de sua vôtade desse aly licença ao dito Dom Ioão Manoel que por si levasse a dita Infanta sua filha ao dito Infante Dom Pedro de Portugal do que elRey muyto aprouve escuzandosse primeyro com largo razoamento de palauras

uras do antretimento passado em que dezia não ter culpa.

E não satisfeito o dito Dom Ioão Manoel por quanto sobre isso lhe avia feyto menagem elle por mayor seu descargo, & limpeza pera saber se era assim lhe perguntou perante todos tres vezes juntamente, & todas tres vezes elRey dizendo si lho outorgou, & Dom Ioão lhe beijou por isso as mãos, & os Embaxadores de elRey de Portugal lho tiverão em merce, & com isso se despedirão de Castella, & com acertidão da vinda da dita Infanta se vierão a Portugal, & a charão elRey em Lisboa que enviou logo a Castella muytos, & nobres homens, & dos mais honrados fidalgos, & cavaleiros de seu Reyno que juntos com Dõ Ioão Manoel, & com outros muytos senhores de Castella no mes de Agosto do dito anno trouxerão muy honradamente adita Infanta a Lisboa, que foy recebida grandemente, & onde se fizeram suas bodas cõ o dito Infante Dom Pedro que hera de idade de vinte annos, nas quais ouve grandes festas, & muytos prazeres que elRey geralmente mandou tambem fazer por todos os lugares do Reyno.

E ali foi logo entregue a Infanta Dona Branca ao sobre dito Martim fernandes de porto Carreiro Camareiro mór de elRey

de Castella, com todo o que ella tinha em Portugal como fora concordado, a qual a acompanhada de muitos, & mui nobres homens da Corte de elRey chegou a Elvas & da hi entrou em Badalhouçe por Castella, & despois se meteo freira no Mosteiro das Holgas de Burgos onde a cabou sua vida muy sanctamente.

CAP. XXXXVIII.

Dalgũs descontentamentos que despois, destas pazes ovue entre elRey de Portugal, & o de Castella, & as causas por que.

COMO quer que elRey de Castella no assento das pazes com elRey de Portugal firmadas ficou, & prometeo que da hy em diante em todas as couzas tratasse sempre a Rainha Dona Maria assim como por seu estado, & por ser sua molher lhe devia, & a partasse de si Leonor Nunes de Gusmão sua mançeba, elle o não fez assim, que per desamor que por amores da dita Leonor Nunes sempre teve á dita Rainha Dona Maria, & porque era de sua condição muy solto da lingua, & muitas vezes confessava que a não podia

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

dia ver, & que estava pera ainviar a Portugal.

E por seu respeyto, & juntamente com ciumes errados que tomara do cazamento da Infanta Dona Costança publicamente dezia que todos os Portugezes lhe avorrecião nem lhe desprazia de todo omal que lhes viesse, oque loguo por obras mostrara especialmente em alguns Portugezes danificados, & roubados que depois das pazes a elle forão pedir restituição, & enmenda de seus danos que de Castelhanos receberão, & nem fora delle samente ouvidos.

Das quais couzas sendo el-Rey de Portugal certificado lhe enviou por algũas vezes suas cartas com muy asperos amoestamentos afirmandolhe que se a Rainha sua filha a seu Reyno lhe inviasse que elle areceberia, mas que elle com sua pessoa, & com a leal, & ardida gente de seus Reynos com pezar delle a iria meter de posse dos Reynos de Castella em que ella por ser sua molher tinha igual parte com elle.

E que pera isso hum sò asseno sem outra soleidade de desafio abastaria porque a elle nõ era necessario longo percebimento de seus vassallos, que o dia que mãdava, & assinava, nesse erão loguo presentes; nem cumpria espaço pera oalimpamento de suas armas porque os Portugezes com as fer-

rugentas, & por mayor dor dos inimigos folgauão de ferir, & por maior seu louuor os sabião vencer, & assi lhe tocou no pequeno comprimento que fizera com a Rainha sua filha, & que nunca depois deixara de fazer oque sempre fizera nem a partara de si Leonor Nunes, como prometera, as quais couzas el-Rey de Castella respondeo brandamente, & sempre se escuzou com assas temperanças ainda que todas erão fingidas.

E porem para em alguma maneyra a el-Rey de Portugal, & cõtentar a Rainha sua molher alguns dias costumou ir mais aturadamente a sua casa, & ter com ella algũa imagem de estado, & familiaridade de marido, & assi apartou de si por algũas jornadas a dita Leonor Nunes sua manceba com aqual boa, & dezejada enmenda que el-Rey fazia os dias que durou receberão todos do Reyno muyta alegria, & contentamento, & rogauão a Deos que assi oaturasse, & conservasse.

E com anotificação disso que loguo foy a el-Rey de Portugal o enviou muyto agradecer a el-Rey seu genro, & por isso se oferecer com palauras graciozas, & muy prudentes rogandolhe cõ rezoës que todas tinhão respeyto a sua honra, & estado, & serviço que assi oquizesse continuar; mas el-Rey de Castella falando sobre isto
com

com hum seu privado se diz que não podendo ja sofrer a conuerſação da Rainha, nem aprivaça, & a partamento de Leonor Nunes a cuzava com dor ſua fraqueza, ou ſua deſaventura, afirmando que por ganhar o mundo todo, & por previligiar a vida da morte para ſempre o não ſofreria mais qua não podia, porque claramente ſe ſentia morrer em eſpecial porque não ver Leonor Nunes, pello qual elle ou forçado deſtas forças, ou mal favorecido de ſua fraqua, & a leyjada condição, loguo recolheo a dita Leonor Nunes, & com ella, & com a Rainha ſua moſher ſem alguma emenda ſempre deſpois fez o que dantes fazia ate que falleceo, como ainda direy.

CAP. XXXXIX.

Como pella ſegunda vinda da Abomelich em Eſpanha ſe ordenou a vinda de Albohacem de Marrocos ſeu pay, de que ſe ſeguiu a grande batalha do Salado.

DISPOIS que o Infante Abomelich filho de elRey Albohacem Rey de Benamarim

& de Marrocos tomou Gibraltar a os Chriſtaõs, & teve tregoa com elRey de Caſtella, como atras brevemente he declarado, elRey de Marrocos per neceſidades de guerra que tinha cõ elRey de Tremecem enviou chamar ſeu filho que hera em Eſpanha que com todas ſuas gentes, que herão muytas, foſſe loguo em ſua ajuda, & porque com proſperidade ouveirão aviçtoria de elRey de Tremecem, & o matarão, & cobrarão o que dezejavaõ, loguo de terminarão paſſar ambos em Eſpanha, achando qua ſeus direyτος por que de direyto ella lhe pertencia, & mandou que o filho vieſſe primeyro para que loguo aparelharaõ grande frota, & muytos apercebimentos darmas, cavalloſ, & gentes, & mantimentos que dos portos de Africa avião de paſſar, & ſendo diſto avizado elRey de Caſtella pera em alguma maneyra ſe impedir a paſſagem ſua no eſtreyto, mandou Alonço Iuſre Tenorio ſeu Almirante mór que em Sevilha armaſſe, & forneceſſe bem toda ſua frota, & guardaſſe com ella o mar no eſtreyto.

E por que tambem entendeo que para fazer eſta rezistencia hera neceſſario ajuntamento de todos los grandes, ſenhores de ſeus Reynos, antre alguns dos quaes avia bandos, & grandes odios, & inimizadas com dezejos de vinganças, de que ſendo juntos ſe podiaõ

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

dião recrecer muytos males elle cortes que para isso teve alguns destes em presença, & outros & nabsencia por meffageyros fez de todo amigos, & outros pos em tregoa por tempo conviniante, & sendo isto no inverno os mandou perceber pera o verão loguo seguinte, & loguo se foy a Sevilha.

E porque elRey Dom Pedro de Aragão que desta passagem dos infieis foy tambem certificado, sendo ambos ja em paz, & receando que poderião vir loguo sobre o Reyno de Valença, & que so sem grandes ajudas não podia resistir, se concordou com elRey de Castella pera que com ametade dos navios, & Galles com que elle Rey de Castella guardasse, & defendesse o passo do estreyto, & elle tambem o guardar, & defender & que em qualquer paz, & tregoa hũ sem outro não entrasse.

E a este tempo ja o Infante Abomelich era passado de Africa, & estava na liazira de que se chamava Rey, & tambem ronda era sua, & chegado elRey a Sevilha, & juntos com elle todos os Senhores, & gentes que para esta guerra erão percebidos entrou com elles em terra de Mouros affas poderosso, & foy loguo correr, & talhar Antiquera, & Archidonia, & a

Ronda, & todos os lugares, & terras de redor em que fez grandes queymas, & estragos, & ao partir que elRey fez de Ronda os muytos, & nobres Cavaleiros de Africa que nella estavão por fronteyros com suas batalhas ordenadas sairão contra a retaguarda de elRey em que fizeram huma boa esporada, & sendo ja afastados huma legoa da villa os Capitaes Christãos a que a dita retaguarda era encomendada fizeram huma volta sobre os Mouros em que matarão muytos delles, & os outros puzerão em fugida, & dahy foy elRey bastecer a villa de Theba que poucos dias avia que atomara aos Mouros, & vitorioso se tornou a Sevilha, & dahy por aver dinheyro do Reyno que tinha pedido, & para couzas outras, que para esta guerra lhe compria despois de leyxar fronteyros nos estremos de Grada, & por Capitam principal a Gonçalo Martins mestre de Alcantara, se tornou a Madrid, donde com causas, & rezoês muy urgentes enviou pedir ao Papa Benedito duo decimo favor, & ajuda para esta necessidade de Espanha que se aparelhava, & os fronteiros Christãos se juntaram, & foram em tanto correr terra de elRey de Grada, em que fizeram grandes danos, & trouxeram muytos roubos, & Capti-

captiuos, & el Rey de Grada sentindosse injuriado, & muy danificado desta entrada dos Christãos que era feyta ajuntou grande poder, & veo cercuar a villa de Silves que hera do Mestrado de Sanctiago, & tendo ja por combates muy apertado o mestre de Sanctiago Dom Afonso Mendes q hera em Vbeda, elle sobre o desferquo, & socorro de Silves que loguo procurou tendo muyto menos gente do que hera ados Mouros ouve cõ elles batalha em que avictoria pello bom pelejar dos Mouros por grande espaço esteve em ventura, & finalmete o Mestre os venceo & pos em desbarato, & no alcanço q durou duas legoas matou muytos principaes de Grada, & ouve muy ricos despojos & se recolheo a seu Mestrado.

CAP. L.

Como o Infante Abomelich pellos fronteyros Christãos foy morto em hum batalha não sendo nella ahy el Rey de Castella.

O INFANTE Abomelich filho de el Rey Alibohacem de Marrocos estava a este tempo muy poderoso na Aliazira a

que el Rey de Grada fez loguo saber do destroço da sua gente pello mestre de Sanctiago, & porque soube dos Christãos captiuos que seus corredores de Medina Cidonia lhe trouxerão, como el Rey de Castella era partido de Sevilla & que se nelle não teria na Andaluzia taõ periguoza rezistencia se entrasse a terra dos Christãos a juntou comfigo cinco mil Cavaleyros Mouros muy escolhidos, & com elles muytas gentes de pè cõ que determinou entrar, & correr a Andaluzia.

Da qual entrada Ferrão Pires de Porto Carreyro que era Alcayde mór de Tarifa, por hũ dos Christãos prezos que se soltou foy loguo avizado, & principalmente que Abomelich vinha para tomar Lebrissa em q era recolhido muyto paõ pera o levar a Aliazira onde avia delle necessidade, porque as Galles de Castella, & de Aragão que andavão no estreito defendião estreytamente de Africa os mantimentos, & provizoões nõ passassẽ, pello qual o dito Fernão Pires Porto Carreyro como bom, & avizado Cavaleyro se lançou dentro em Lebrissa pera a defender como depois defendeo, & Abomelich saio de Aliazira, & passou por Medina Cidonia, & foy a Xeres roubando todos gados, que os Christãos sendo primeyro avizados não quizerão guardar, & captivando todos

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

los Christaõs que acharaõ por a quella comarqua,

Edos Olivais de Xeres em que tinha em tendas seu arrayal, mãdou mil, & quinientos de cavallo escolhidos, & de pè muytos mais, que foraõ sobre Lebrissa, que bem combatida por elles por que foi defendida a nõ tomaram, & dahi correaõ contra a villa de Arquos, que se rezistêcia arrancaõ todos los gados da terra, cuja trilha com cento de cavallo hia se guindo o dito Fernão Peres Porto Carreiro, & avizou á Cidade de Sevilha, & a Dom Alvaro Peres de Gusmaõ, & a Dom Pedro Ponse de Liam, que estava em Vtreira desta entrada dos Mouros, a firmandolhes que polos muytos gados que levauam antes de se recolherem se podiaõ alcançar, & ser desbaratados.

Os quais por este avizo se fizeram logo prestes, & dispois de notificarem a Sevilha que todos logo moviam, elles com as mais gentes de cavallo, & de pè que puderam ajuntar partiraõ, & ao dito Fernão Peres que hia na trilha mandaram recado que o esperasse, & neste proprio tempo, asertouse que o sobre ditto Gõçallo Martins mestre de Alcantara, fronteiro mór, com a nobre gente da caza de el Rey, & de seus filhos que estava em Leija sabendo da estada do Infante Abomelich sobre Xeres, & que a

Cidade de Sevilha com os senhores já ditos heram partidos, & hiaõ diante contra os Mouros, mandoulhe hum recado q o esperassem, & andando o mestre a quelle dia catorze legoas, por grandes tempestades, & uernadas sem parar, á meya noite se juntaraõ todos com aquelles que seguiaõ a trilha, & feriam até oito centos de cavallo, & despois de darem çevada, partiraõ, cuidando q levauaõ os Mouros da cavalgada diante, os quaes ficauaõ já atras meya legoa, porque o Adail perdera de noite o rasto, & andaraõ a traues mais caminho do que deviaõ.

E sendo disto já certificados, volveraõ logo de dia, & todos postos em boa ordenança de peleija, toparaõ os Mouros já muy percebidos por que delles tinhaõ já avizo, & sentimento, & destes Mouros os trezentos de cavallo, aparrados sem peleijar, & guardaraõ a cavalgada, os quaes todos vendo a pouca gente dos Christaõs em comparaçam da muyta que contra elles tinhaõ ficaram alegres prometendosse logo huns aos outros segura victoria.

Pelo qual logo todos se cometeram com muyta força, & se feriraõ com muyta braueza, porque todos assi Christaõs, como Mouros, heraõ muy singulares cavalleiros, & no pelear cada-

cada hum claramente parecia que nõ avia outro dezejo salvo vencer ou morrer, & em fim desta crua peleja em que os mais dos Mouros foraõ mortos, & captiuõs alguns, outros que escaparaõ se puzeraõ sem fugida.

E Fernaõ Peres Ponce, que despois foi mestre de Alcantara, estando por fronteiro da Villa de Arcos, sahio dahi com sua gente, & deu nõs trezentos Mouros de cavallo, que guardavaõ o gado, & a cavalgada, & os desbaratou, & recolheo todo o despojo, & caualgada ao Castello donde saira, & sendo ali juntos os Christãos sem saberem o que fariaõ, ao outro dia certeficados que Abomelich era com grã de pressa, & caualgada partio de Xeres, & que por concerto de hum arrenegado, hia pera tomar Alcala dos geluzes, & praticando os Christãos o que sobre isso fariaõ avia na pratica conselhos diuersos, porque hũs a conselhavaõ peleja pela boa fortuna que os fauorecia, outros arreceuaõ pelo perigo a que se puõhaõ, do grande, & muy desigual poder dos Mouros que tinhamõ contrario, & a conselhavaõ não se ariscar a taõ perigoso feito, antes viuer, & saluar-se pera cousas mayores, & non ir morrer por vaquas, & gados, em respeito adas gentes valiaõ muy pouco, sem fim acor-

daraõ hir buscar Abomelich, & em toda maneira com ajuda de Deos darllhe batalha.

E mouendo já pera seguir seu propozito com dous mil de cavallo, & quinhentos homens de pé, foraõ á vizados que Abomelich essa noite hia dormir a Veiga de Pagana, a serqua do rio de Barbate, & que pelas grandes chuvas que entam avia, & pelos muytos gados que levava faria de necessidade curtas jornadas, pelo qual pera o acharem desapercebido, cometeraõ loguo o caminho com grande trigança, & essa noite que hera muy escura, sem serem sentidos foraõ á vista do Arrayal de Abomelich que pelas muitas fugeiras, & tendas, que nelle avia parecia assas espantoso, & dobrado.

E sendo altercado entre os Christãos, se seria melhor cometer loguo de noite ou esperar o dia, acordaraõ por legitimas cauzas que os mais a provaõ que esperassem a manham, com fundamento de subito darem no Arrayal dos Mouros, & os tomareõ salteados, & despercebidos, & os Christãos de pé, que os cavalleiros configuo levavaõ porque com elles não poderiaõ aturar a corrida, ouveraõ por bem que por sua segurança se recolhessem a huma serra que hera junto cõ elles.

Osquais tanto que foy ma-

nãh vëdo o Arayal dos Mouros de cima dos montes, & nã sendo avizados do q̄ mais cãpria começaraõ dar grãdes gritas chamado, & repetindo muytas vezes o nome de Sãtiago, & cõ estas vozes q̄ os do Infãte Abomelich ouvirãõ nã fizeraõ alvoroço. nã receberãõ antre si torvação, porq̄ sem duvida cuidarãõ q̄ heraõ dos seus mil, & quinhẽtos de cavallo, & da outra gẽte q̄ sobre Lebrissa tinha inviado, de cujo estroço, & estrago ainda nã sabiãõ crẽdo q̄ estes de muyto alegres, & victoriosos do feito para q̄ foraõ, & por bulrarẽ dos Christãos, contrafaziaõ em sua vista aquelle rebate com o fingido nome de Santiago.

E por isso nam se aperceberãõ nã somẽte mãdar selar os cavalloõs & tãbẽ porq̄ cõ fiauaõ q̄ sendo el Rey de Castella dali aufẽte, q̄ toda a gẽte Dãdaluzia ainda q̄ fosse jũta naõ ousaria de os cometer.

E porem alguns delles atẽ quinhentos, se puzeraõ a cavallo, & se vieraõ a hũ espaço do rio, & os cavalleyros Christãos anojados das desfãdadas gritas dos seus piãens que ouvirãõ crẽdo que do percebimento dos Mouros, se contra elles o fizessem receberiam sua total perdiçam, por lhe naõ darem pera isso mais espaço, sendo jã manhaam encomẽdãdoosse a Deos, & a Santiago, correrãõ loguo ao Arayal quanto puderaõ, & chegaram

ao rio onde em sua resistencia, jã acharam os quinhentos cavalleyros Mouros que disse em sua ajuda, & com outros cento, hũ Mouro muy esforçado, & de grande linhagem, que deziam Alicatar, sobrinho de el Rey Ali bohaçem, filho de hũ seu Irmãõ, & na grande, & bem ferida peleja que ali ouve foi morto o dito Alicatar, por cuja morte o passo do rio foi mais facil aos Christãos os quais passando por ali, & por algũas outras partes o rio, deram rijamente no Arayal de Abomelich, que por sua perigoza, & louca confiança de todo estava despercebido, o qual sem cõtradiçam algũa, loguo foy entrado, roto, & desbaratado, & os Mouros delle que escapavaõ de mortos, & captivos como desacordados se puzeraõ todos em fugida contra a Aliazira sem algũa lembrança de salvação do Infãte Abomelich seu Senhor, que a pẽ, & desemparrado ficou no Arayal.

O qual assi a pẽ querendosse acolher, & salvar na terra elle caçado naõ pode, & ficou escondido em hũas balças pequenas lançãdo em formã de morto, onde sem o conhecer, porque mudou os vestidos, o topou hũm Christãõ, q̄ por lhe achar algum espirito de vida no corpo, querendoo acabar com a morte, que com ferro de Christãos ainda naõ era nelle começada lhe deu duas, & grandes

des lançadas, & o deixou, o qual ferido aleuantandosse com a afronta da morte q̄ em si sentia, to pou cō hum Mouro q̄ o conheceo, & não o podendo sò salvar às costas, por o muyto sangue que lhe sahia o deixou mais embrenhado, & foy em busca de algũs Mouros q̄ o saluassem, os quais em tornando o acharão já morto fõra das brenhas, & junto do rio, q̄ cõ çede mortal viera buscar, & dali o leuaraõ a Aliazira, onde entãõ se fizeraõ grandes prantos por elle.

Edispois muyto mais em toda a Africa, & principalmente por Alibohaçẽ seu pay q̄ o muyto sentio, porque o tinha por filho muy obediente, & bom cavalleiro.

E os Christãos salvarãõ a cavalgada, & captiuos q̄ os Mouros traziaõ, & recolherãõ o cãpo, & se tornaraõ pera Enxeres cõ ricos despojos, em esta batalha se dis que com o Infante morreraõ des mil Mouros, porcuja vingança elRey Alibohacẽ dobrou loguo seu desejo, & pos mais deligencias pera com mayor poder, & mais em breue passar em Espanha como já tinha determinado.

E a croniqua dos Mouros tem, que Alibohaçẽ mandou cortar as cabeças a muitos seus caualeiros, & homens principais porq̄ fugiraõ da batalha em que era seu filho, & o desempararaõ, & porq̄ fenaõ aventuraraõ morrer antes com elle, & no cabo desta victo-

ria enque o mayor merecimento com rezam se deu ao dito Dom Gonçalo Martins mestre de Alcantara, elRey de Castella que de todo foi bem certificado, antes de poucos dias lho desagárdeçeo com morte mui crua, & nome de delleal, que não merecia porque sobre esta victoria per que merecia bom galardam, sendo o dito mestre por falsas informaçoens chamado por elRey, & sabendo elle que hera a requerimento de Leonor Nunes, que por privado de elRey, & por bom homem o desamaua, & assi avizado que era sua ida por entam se a fizesse corria grande risco de morte, ou des honra, & escúzasse de ir a elRey & deixando a bom recado as outras suas fortalezas que tinha se veyo a Valença de Alcantara, q̄ hera onde elRey no Alcacer da villa que he mui forte o veyo logo cercar, & porque alguns cavalleiros de que se fiava lhe falsarãõ certas torres que tinhaõ em guarda, & as aleuantaram contra elle por elRey, comveo ao mestre por se em suas mãos, & a sua piedade, & sahindo da fortaleza favorecido das baadeiras que entam ganhara na batalha do Infante Abomelich, crendo que à vista, & lembrança dellas o salvaria elRey sem algum resguardo do q̄ a sua real pessoa convinha, & se lembrança dos muitos, & grandes serviços, & merecimentos do

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

mestre o mandou loguo perante si degolar, & queimar, em que elRey por desagradeçimêto, foy com rezam de todos muito culpado, & reprehendido.

CAP. LI.

Como Alibohaçem despois que soube da morte do Infãte seu filho, & dos seus canaleiros se ouue: & como a Frota de Castella, foi dos Mouros desbaratada.

ELR EY Alibohaçẽ como soube da morte de seu filho, & do grande estrago de suas gentes elle assi por favor, & socorro das outras q se salvaram, & heraõ na Aliazira, & em ronda recolhidas, como pelos ter já passados em Espanha pera que se percebia, enviou loguo tres mil caualleiros escolhidos, os quais como passaram loguo sem detença entraram na terra dos Christãos que delles a esse tempo senaõ receauam, & correram Arquos, & Xeres, & Medina Cidonia, de q arrancarã muytos gados, & captiuos, a q os de Xeres com outras de C, amora sahirão, & ouverão peleija em q dos Mouros morrerã muytos muy principaes da caza de

Alibohacem, & foy captivo o capitão principal delles, aquem dezião Albotui, de quem elRey Mouro seu senhor sobre todos mais confiava, & salvando mais a cavalgada, & captiuos alegres, & bemaventurados se recolherão a Xeres; as antigas, & aprovadas lãbranças de Espanha tem que dos Cavaleiros Christãos daquelle tempo averem dos infieis tam milagrosas victorias nõ era sem justa permissãõ, & devido galardão da bondade de Deos, porque nesta frontaria dos Mouros em que estavam leyxadas algumas erradas, & viciozas solturas em que dantes vivião erãõ aly muyto bons Christãos mantendo em tudo seus santos mandamêtos, & os verdadeyros artigos da sua fẽ, porque nõ roubavão o alheo, & dos vicios da carne herãõ muy abstinentes, & todos Domingos, & festas se confessavaõ, & tomavão o corpo de Nosso Senhor, & faziaõ pendas de seus peccados, & por esta cauza se diz que os poucos destes tinhão por graça de Deos tal poder & esforço com que vencião os infieis com que pella fẽ, & por defensão de sua terra peleijavaõ.

ElRey Alibohaçem despois de mandar a Aliazira a gente que disse mandou loguo armar, & aparelhar da parte de Africa, & de Espanha grande frota, & assi de Ceyta, onde ja era avizado elRey de Grada de sua passagem com

com seu poder por mar, & por terra se percebesse pera tambem fer com elle.

E avizado elRey de Castella destas couzas se tornou a Sevilha, & mandou a seu Almirante que com grande diligencia armasse toda a frota que fosse possivel com que fosse guardar, como guardou, o estreyto com trinta, & tres Gales, & seis navios, & assi fez saber a elRey de Aragaõ desta passagem para que tambem mandasse sua armada como antre elles era concordado, & neste tempo que era na coreõna, & na somana de Lazaro, soube loguo elRey de Castella, que duzentas, & sincoenta vellas dos Mouros, das quais herão setenta gales herão ja passadas em Espanha com muitas gentes, cavallos, armas, & mantimentos, & que dellas aportarão a Alizira, & outras a Gilbaltar, & maravilhado como assi passarão sem alguma contradicção de seu Almirante se diz que lhe fizerão ter contra elle alguma suspeyta de corrupção por dinheyro, aqual culpa o Almirante na verdade nõ tinha, & desta suspeyta, & presumpção de elRey, Dona Elvira molher do Almirante, foy secretamente por hũ Comitiã avizada, & por tais modos o fez loguo saber a seu marido que elle claramente entendeu o que contra elle, & contra sua bondade mal se suspeytava, & porque era bom, & fiel Ca-

valeyro por alimpar sua honra com preço de sua vida fez loguo prestes toda sua frota, com que tomando diante a bandeyra real de Castella muy ouladamente foy cometer a frota dos Mouros que achou em todo muy forte, & assas muy percebida, aqual com ferro, & fogo foy assas bem combatida, & bem peleyjada, mas porque as Gales, & navios dos Christaõs nõ ouverão boa disposição, ou acordo de se ajudar, & favorecer hũas as outras, finalmente forão dos Mouros desbaratadas, & tomadas, salvo sinquo que com alguns navios de gavela fugirão, & se salvarão em Cartagena; aly foy morto o Almirante de Castella com nome de muy avantejado Cavaleyro, & com elle muytos, & bons homens que foy grande perda, porque pera o mar, & para terra eraõ em tal tempo muy necessarios.

E acabeça do Almirante foy talhada do corpo, & por sinal da victoria loguo enviada pelos Mouros a elRey Alibohacem com que se alegrou, & esforçou mais para esta sua passagem, pera oqual com lamentações da morte de seu filho Abomelich que por sua ley morrera, & com indulgências do seu Califa de Mecha, que para isso mandou pregar, & assi com a noteficção do desbarato da frota dos Christaõs em que afirmava que o mar

era ja por elles, & com a mostra da cabeça do Almirãte que pellas terras pera convocação trazião ajuntou todos os Reis de Africa ate o Cayro cõ infindas gêtes de diversas naçoens, & com grandissimos tezouros que de suas terras, & das alheas pera esta passagem, & vingança lhe derão, & tão certa esperança mandava dar a os Mouros de logo cobrarem a Espanha que fora ja sua, & tão largas promessas lhe fazia das boas possessões, & erdades della que por seu direyto de que lhe pertencia, que muytos enganados desta opiniaõ leyxando suas proprias naturezas, & cazas se vierão a esta entrada de Espanha com suas molheres, filhos, & suas fazendas, de todo mouidas para sem duuida, nem contradicção logo a possuirem, & a frota dos Mouros ficando tam victoriosa, & sendo já segura em sua passagem, & levando mais as gales que tomaraõ de Castella, se foraõ todas a Ceita, pera dahi passar nelas Alibohaçem como passou, & toda sua gente que pelos lugares do Algarve era toda junta, com fundamento de logo vir cercar a villa de Tarifa, & este Alibohaçem a este tempo era Rey de Marrocos, & do Algarve, & de Fes, & de Sejulmeça, & de Termeçem, & vinha com elle elRey de Tunes, que hera seu sogro, & elRey de Bugia.

CAP. LII.

Do que elRey de Castella fez despois q̃ soube da morte do Almirante, & do desbarato, & perdiçam de sua Frota.

SAINDO elRey de Castella de Sevilha para Xeres, & sendo nas cabeças de Sam Iouam, bescora de Ramos lhe deram as tristes nouas da morte de Affonso Iufre Tenorio seu Almirante, & da perdiçam de sua Frota, cõ que foy muyto enojado, & recebeo com rezam grãde pezar, porque alem de perder tam boa Frota, & tão necessaria cõ tãtos, & tão bõs homẽs ainda lhe dohia muito nõ poder no mar rezistir a passagẽ dos Mouros em sua terra; de q̃ Espanha & assi toda a Christãdade recebiaõ grãdes danos, & pera remediar o cazo sobre q̃ teve conselho, mãdou logo cõ receyo do cerco, bastecer darmas, & gentes, & matimẽtos, a Villa de Tarifa, & assi fazer de novo, & reparar as mais Galles, & Navios q̃ fosse possiuel, & assi pedir ajuda, & socorro de Galles, & armas a elRey Dom Affonso de Portugal, com que a esse tempo
por

per sua muy liure vontade, & a petitoza condiçam naõ estava já bem concertado, & por isso el Rey de Castella escreueo à Raynha sua molher, que pera mayor obrigaçm, & menos escuzas quize se escreuer, como loguo escreueo, a el Rey Dom Affonso seu Padre, a quem enviou com suas cartas Vasco Fernandes D'ayão de Toledo, & seu Chanceler, pedindolhe muyto por merce, que por socorro desta necessidade que a todos hera comũa, quizesse euviar ao estreito sua Frota, que tinha entam armada, & bem aparelhada.

Estaxa el Rey de Portugal a este tempo em Monte Mor o novo onde muy largamente ouvio o Adayão, & mais brevemente lhe respondeo, dizendo: *Dayam, dizei à Raynha minha Filha, que ella não ha mister Galles, nem Armas, que por isso lhas nam hei de mandar, mas se el Rey seu marido as ha de mim mister que nam uze em sua tamanha necessidade de manhas & cautellas, como sempre fez, & que mas mande pedir.*

E com esta resposta, tornou o Adayam, à grande pressa à Raynha & a el Rey de Castella a que tudo foy recontado.

Elle para satisfação de el Rey de Portugal, & com as palavras q' n'isso cabiam lhe tornou a escreuer, & pedir o ditto socorro, & ajuda de Galles, & Naos, com as quais muy bem armadas, &

muy fornecidas, sem alguma detença foy loguo a Sevilha, Mano el Paçanha seu Filho, que poucos dias avia que ahi foram soltos da prizam, em que ao tempo das pazes jaziam como atraz disse.

E depois de serem de el Rey com muyta honra, & alegria recebidos, os mandou loguo por guarda do Estreito, para que os Mouros naõ passassem tam seguros, & com tanta soltura como passauam, & sobre isso el Rey de Castella concertou por seu soldo, a verde Genoa quinze Galles, armadas, que vieram ao Estreito cõ condiçam, que hum Micer Gil Boca negra, irmão do Duque, q' entam hera da comonidade de Genoa, fosse como foy Almirante de Castella, & assi ouve de el Rey de Aragam pelo contrato das pazes que tinham formado, doze Galles armadas, que juntas com as quinze Galles, & doze Navios, de el Rey de Castella que cõ pressa se aparelharaõ, foram tambem ordenadas pera guarda do Estreito.

E porem nestes percebimentos, & aparelhos das Galles, & Navios dos Christãos, pela perda das outras passadas ouve tanto espaço sem se poderem ajuntar, q' el Rey Aliboaçem teve tempo de sete mezes, nos quais elle passou e pessoa, & veyo Aliazira, & com elle segundo o mais comum testemunho, passaram dos a contiados

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

& percebidos setenta mil de cavallo, & quatro centos mil homẽs de pẽ, com que tambem se ajuntou el Rey de Grada com todo seu poder.

E sendo el Rey de Castella bẽ certificado do cerquo que Alibohaçem queria pòr a Tarifa, loguo por sua prudencia, & segurança, & assi movido por piadozas preçes dos Christãos que nella esta-uão, que com muyta pressa lhe pediraõ locorro, & principalmente que para serquo tam afrontado como esperavaõ, lhe desse como deu capitaõ mór, que foy Dom Ioam Affonso de Benavides, que hera bom cavalleiro, & a el Rey muyto affeito, & tinha grãde caza, oqual loguo se foy a Tarifa, & com elle boas gentes, dos quais muytos que heraõ de mayor linhagem que elle, se contentaraõ servir, & obedecer de baixo de sua capitania, & assi lhe enviou por mar, & por terra, muytas provizoões de armas, & mantimentos, por quanto por entam se pode fazer.

E depois da entrada do ditto capitaõ em Tarifa, loguo a dez dias seguintes, que heram 23 dias de Setembro, de era de Cezar de 1378. años, & do año de Christo de 1340. Sendo el Rey Dom Afonso de Castella, em idade de 28. annos, el Rey Alibohaçem em sua pessoa, com el Rey de Grada veyo a Tarifa, & a cerquou toda em torno, salvo da banda do

mar, em que pelos mares não podia estar assento de Arrayal, & as Galles, & Navios de el Rey de Grada, & de el Rey de Tunes, & de el Rey de Bugia, que pera esta passagem lhe inviaram armadas com as gentes passaraõ loguo por mādado de Alibohaçem, crendo que as não aueriam mister, & porque faziaõ muyta despeza, tornaraõ pera seus senhorios, & as outras Galles mayores do mesmo Alibohaçem, mandou elle tambẽ tornar a Ceyta, porque assentou que pela perda das galles, & navios dos Christãos, quaisquer navios ainda pequenos lhe abastariaõ para sem contradição passarem de Africa os mantimentos, & couzas que ouvessem mister.

E como o cerquo foy posto a Tarifa, loguo os Mouros com grãdes engenhos que leuavaõ, lhederaõ de noyte, & de dia, muytos, & muy aturados combates que os cerquados resistiaõ cõ muytas forças, & singular esforço, & nõ se muytos mortos, & feridos de hũa parte, & da outra, afoira padecimentos de outros infindos trabalhos, que a condiçãõ do cerquo tam perigozo sempre traz confugio, porque eram dentro muytos fidalgos de limpo sangue, com outros cavalleiros, & escudeiros bem criados, & de bons corações, & elles muytos besteyros cõ que aos Mouros claramente mostravaõ que o tomar da Villa non hera

hera tão facil como elles cuyda-
uaõ

CAP. LIII.

*Como el Rey de Castilla,
foy certificado do serquõ
de Tarifa, & do q̃s
sobre isso fez.*

AO tempo deste cerco, el Rey de Castilla hera em Sevilha, a onde chegou a elle de Roma Ioaõ Martins de Leyua, q̃ pera esta guerra lhe trouxe do Papa geral Cruzada, cõ as graças, perdoes, & Indulgencias da cõquista dultra mar, & assi com outroga de dizimos, & terças das Igrejas do Reyno, por certos annos, & ali foy el Rey certificado do ditto serquõ, & grandissimo poder de Alibohaçem, com que a Villa estaua cercada, & logo combatida, & afrontada, nello qual mandou que as suas quinze Galles, & doze Navios que heram prestes, se fossẽ logo ao porto de Tarifa, & assi o fizerãõ as de Aragam, mas o mestre dellas que chamauãõ mestre Giralte, ã hũa peleja que ouve com os Mouros da Liazira, foy morto de hũa setta, & por isso as Galles da quella ves por falecimento do capitãõ se tornaraõ a Aragam, & as de Portugal, que heraõ em Calix, lo

guo foraõ em conserva das de Castilla, com que dauaõ esforço aos cercados, & punhaõ defeza a os Mouros, que pelo mar naõ ouvessem de Africa os mantimentos, & provizões que sempre aviaõ, porque ja naõ tinhaõ armada, qua a dos Christãos resistisse, & da Frota de Castilla, hia por capitam, Frei Affonso Ortis Caldeiram, Prior de Sam Ioaõ, as qua is Frotas com seus Almirantes, & gentes, assi guardauaõ, & de fenderãõ a dita passagem aos Mouros que o grande exercito de Alibohaçem, por falta de mantimentos hera ja posto em muy estreita necessidade, & elle Rey Mouro, por naõ ter ja Frota em que passasse, estava muy receozo de poder liuremẽte tornar para Africa, como viera. Pelo qual antes de mais röpimẽto antre elle, & os Reis de Espanha, & correrem mayores necessidades, dezejou tentar algũa conuença com el Rey de Castilla, para com sua honra, & segurãça, se poder tornar, & pera isso mandou rogar ao capitaõ Ioaõ Affonso de Benavides, que sobre seguranças, & arrefens que passaram, mandasse, como logo mãdou a elle dous cavalleiros Christãos, a saber Nuno Rodrigues, de Villa Medina, & Ruy Lopes de Ribyera, pera lhes a pontar a cõcordia, & partido que a el Rey de Castilla, & a elles faria, & do que a serqua disto mais se fez

ao diante se dirã.

E porem elRey Alibohaçem, para mais segurança de seu Arrayal, & porque os de dentro pelo mar, & pela terra, lhe não pudessem fazer algum dano, nem auer algum socorro nem ajuda de Frota, mandou fazer hum cerquo de taypas, & madeyra, antre o mar, & a Villa, & assi antre a Villa, & o Arrayal, cauas anchas muy fundas, & o que pela multidam da gente que tinha, loguo tudo se fazia como hera por elle mandado.

CAP. LIV.

De como a Frota de Castella, & Portugal, que estava em guarda do Estreyto se perdeu por tormeta na Aliazira, & do que elRey Alibohaçem sobre isso fez.

ATRAZ fiqua apõtado como sobre Arefes, & segurança de elRey Alibohaçem, dous cavalleyros Christãos, dos que estauaõ em Tarifa, foraõ a elRey pera com elle apontarem algus meynos de tregoa, & concordia, & a sertouse que a noite que estes cavalleyros sahiraõ da Villa pera o

Arrayal, antes de elRey lhes fallar, sobreveyo taõ grande tormeta no mar, que com a força della as Frotas de Portugal, & Castella, forçadamente foraõ á costa de Aliazira, na qual se perderão de Castella oito Galles, & quatro Naos de Portugal, & da outra Frota, que meya perdida se saluaraõ huys Navios, com fortuna corraõ a Cartagena, & outros a Vallença de Aragaõ, porẽ, os homens destas Galles q̃ foraõ á costa, por ser na propria terra dos Mouros, se perderaõ, porq̃ o mar, afogou muytos, & os que ficarão viuos foraõ tomados, & levados captiuos a Aliazira, & destes alguns que heraõ fracos de coração & pouco de coracãm a fee vieraõ ante Alibohaçem, que com promessas, & grandes esperanças os exortava, pera tomarem a ley de Mafamede, dizendo, que por obras já muy claras, & por tais milagres como viaõ, já veriaõ q̃ sua ley hera melhor q̃ a de IESV Christo, pois não podiaõ negar que as ondas do mar, sò por q̃ Deos o queria, pelejauaõ já pelos Mouros, & lhes traziaõ ás suas maõs os Christãos seus imigos, & por isso muytos que aviaõ mayor medo à morte, & tormentos dos corpos, que á perda das Almas, escolheraõ por sua condençaõ sua Ceita errada, & se tornaraõ Mouros.

E destes hum principal, foy hũ
San-

Sancho Ortis Freye, da ordem de Sam Ioam, Irmaõ do Prior que hera capitaõ da Frota, mas os outros muytos em cujos coraçõs, hera a fee verdadeira de Christo, sem medo, & por suas bocas a confessando, escolheirão receber a morte, que como martyres loguo padeceraõ, porq̃ despois della reynassẽ cõ Christo pera todo sempre, & destes foy hũ que dezião Ioam Affonso de Salzedo, cavalleyro muy esforçado, que os Mouros por valentias de armas que na pelleija lhe virão fazer porcuraram de o saluar viuo, com fundamento de o tornarem Mouro, o qual desprezando as muytas riquezas, & honradas capitancias, & grandes auantagens que elRey Alibohaçem lhe fazia, & confessando a fee & de Christo com muyta firmeza, & com palauras de Christão muy cathollico, antes escolheo ser como foy loguo descabeçado, & cõ tudo elRey Mouro não deyxaua de cõfirmar seus sequazes em sua danada porfia, & reduzir a ella com falsas esperanças, os fracos Christãos, não vendo como cegos nem sabendo como ignorantes, aquelle certo atalho, do verdadeyro juizo de Deos, & nosso Senhor IESVS Christo, q̃ sem muyta tardança, loguo mostrou na grande, & fermosa batalha, em que com tanto seu estrago delles mesmos infieis, deu aos Christã-

os tam segura victoria como ao diante se dirã.

Cap. LV.

Do Conselho que elRey de Castella teue com os grandes Senhores de seus Reynos sobre esta perda da Frota, & acerca do socorro, & descerquo de Tarifa.

ESTANDO elRey em Sevilha, crendo que a sua Frota, & a de elRey de Portugal estauaõ seguras no Estreito, como foy certificado da perdiçam dellas, & da morte de tantas gentes foy por isso muyto enojado, & posto em muytos tristes pensamẽtos, & principalmente despois que soube que de Tarifa herão sahidos aquelles dous cavalleyros a fallar a elRey Alibohaçem, crendo que de seu movimento o fizeram, & já com propozito, ou necedasidade de se darem & entregarem a villa, & despois de mandar por modos secretos, & grandes esforços, & certas esperanças de socorro aos de Tarifa, & com dezejo de o abreviar o mais que pudesse, & assi lhes aconselhar, & de fender estreytamente que por algũa ma-

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

neira não sahifsem a pelejar cõ os Mouros.

Como sabia que os de Tarifa por suas bondades, & esforço faziam, fez ajutar em seus paços na caza de baixo do caracal, os Prelados, & mestres das ordões, & outros muytos senhores, & os procuradores das Cidades, & Villas principais q̃ de seus Reyons, & Senhorios heraõ ali vindos, onde mandou por sua cadeyra destado em hum estrado rico, & muy triumphante, & junto com figuo huma Espada, & a Coroa real, com que em Burgos fora coroado, & ali por si mesmo fez a todos huma falla, em que com largas palauras fez recontamento de todas as fortunas belicos, & trabalhos que em tempo de suas tutorias foraõ, & despois que tomara o regimento do Reyno lhe recreceraõ em Castella, & em Liaõ, dizendo; que por quanto fẽtira muyto os agravamentos que nestes tempos receberaõ seus Povos nos socorros, & ajudas de dinheyros que lhe fizeraõ, que por lhes dar algum descanço fizera pazes, com os Reys Christãos q̃ lhe davão guerra, & aos Reys Mouros, dàquẽ, & dalẽ, dera tregoa as quais lhe sẽpre quebraraõ, assi como o refazia el Rey Alibohaçem de Marrocos, q̃ lhe tinha cercada a Villa de Tarifa, q̃ segũdo estaua poderoso, & cõfiado, certo era q̃ se acobrasse era outra porta da per

dição de Espanha, se a loguo nam cerrasse especialmẽte começãdo lhe a fortuna ser tam favoravel, no desfastre da tormẽta em q̃ sua Frota, & gentes eram perdidas, & q̃ pela isso lhe apresentaua aquella Coroa, & espada, pora tal q̃ a hõra da Coroa, em seu tempo nam minguaſse, & à força, & poder de sua espada não se perdesse, & que por estã cauza seu parecer hera sã correr loguo a quella Villa sem de longa nem elcuza, & se os Mouros o esperaſsem, darlhe batalha ca, se loguo a non socorressem, & a descerquassẽ elles de necessidade a cobrariam com perda de muytos, & bons cavalleyros que nella estauaõ, & sobre isso conhesida a fraqueza dos Christãos se esta força lhe nõ resistissem viriaõ loguo cerquar Xeres da Fronteyra, & a outros lugares dentro do reyno a que de necessidade por se tudo não perder, comvinha tambem socorrer, & forçadamente dar batalha, & que por isso pois a peleja, & a esperiencia da ventura nestes cazos, se não escuzava que lhe parecia melhor por muytas rezões que a pontou loguo a cometer, & non a dilatar para mais tẽpo, & porẽ por q̃ elle era hum só homem, & sem elles que eraõ membros, & forças de seu corpo, não podia fazer nada. Elle que sem embargo disto que lhe assi parecia, queria auer sobre isso conselho, delles, & que lhes rogava &

& encomêdava que lho dessem al-
si como enter dessem que compri-
a, pois rambem a todos tocava, &
pera melhor, & mais liuremente,
antre si poderem tudo isto praticar
disse que os leyxava como deyxou
naquelle caza, & se partio para
fora.

- E partido elRey do Conselho
os que nelle ficarão pera a deter-
minaçam que lhes pedira depois
de muytas praticas, & couzas bẽ
apontadas algũs se cõformauam
em todo com o voto de elRey q̃
hera deserquar a Tarifa, & dar
lõgo batalha se a ventura o despo-
zesse, & por algũa boa maneira
a nam escuzasse, & outros o cõ-
trinauão dizendo, que por quã-
to todo o poder de elRey de Cas-
tella, non chegaua a quarta parte
do poder dos Mouros, que por il-
lo nam hera bem por a pessoa de
elRey em tam notorio perigo,
porq̃ se fosse na batalha morto ou
vencido, ou prezo como era pos-
sivel, estava certa sem mais con-
tradiçam nem resistencia, a per-
da de Espanha, & ao menos de
muyta terra dos Christãos, & q̃
para isso por tamanho feyto, se
nam por em tal ventura seria bom
tratar algũa concórdia com Ali-
bohagem, em que com saluamen-
todas gentes, & couzas que esta-
uam em Tarifa lha dessem, &
que sobre isso fiquassem os Reys
em treguas, por algum tempo em
que elRey de Castella se percebe-

ria melhor, & non se acharia tão
desapercebido, & tam salteado
como agora o era.

E tornando elRey ao conselho-
em que achou estes votos diuer-
sos, finalmete despois de tudo me-
lhor praticado, foi por elle acorda-
do cõ qualquer vëtura q̃ sobrevies-
se socorrer, & deserçar Tarifa, &
porẽ porq̃ o poder dos Mouros
em grandeza, era muy desigual ao
de Castella, era bem q̃ elle envi-
asse pedir ajuda, & socorro aos
Reys de Portual, & de Aragam,
para q̃ viessem a elle em suas pes-
soas, & como poder de seus rey-
nos, a quem este perigo tambem
vniuersalmente tocava, & assi foy
firmado, & comprido.

CAP. LVI.

*Como a Raynha Dona
Maria em sua pessoa ve-
yo pedir esta ajuda a
elRey Dõ Affõ-
so de Portugal
seu Padre.*

COM O foy acordado que
esta ajuda pera desferquo
de Tarifa, se pedisse a elRey de
Portugal, & a elRey de Aragão
o mesmo Rey de Castella, quize-
ra ser por si o mesageiro a elRey
de Portugal, & porque lho con-
tradiçeram com os inconvenien-

tes q̄ seriaõ afastarse em tal tẽpo da frõteira dos Mouros, elle pediu à Raynha D. Maria sua molher, q̄ sobre isso viesse a elRey seu Padre porque em cazo que a isso se demovesse como se delle esperava, por ser Rey Christão, & taõ catholico, & ter com elle tam estreitos devidos, & por saber que este mal a todos Reys de Espanha igualmente se podia estender porem cria que sua vista della cõ sua intercessam, & assi com representaçam destas necessidades em sua pessoa aproueitaria nelas muyto, & a Raynha outrogãdo na vinda de Portugal, & aparelhada pera isso com a trigança, que a tal necessidade requeria, vindo em romaria primeiro a Terena, dahi-se veyo loguo á Cidade de Evora, em Portugal onde el Rey, & a Raynha Dona Beatriz seus Padre, & Madre, sabendo que vinha, a vieram esperar, & a receberam com muyta honra, & com sinais de grande amor, & loguo sem mais trespasso a Raynha com grande humildade, & muytas lagrimas, disse a elRey o fũdamento, esperança, & necessidade, com que vinha que era pedir lhe com grande efficacia que em sua pessoa, & com as gentes darmas, & Frotas, & tizouros de seus Reynos, quizesse em taõ evidente periguo hir ajudar elRey Dom Affonso seu marido, contra os Mouros imigos de Fee, & da

Cruz, porque em sua ajuda, & esforço de sua real pessoa, elRey tinha tal confiança q̄ se o visse cõ figuo, afirmava que nam temeria a dar batalha a todo o mundo, q̄ lhe fosse contrario quãto mais aos Reys de Marroquos, & de Grada, de quem com graça de Deos esperava aver loguo certa, & desejada victoria, aqual embaixada elRey de Portugal, acezo loguo da graça do Espirito Sancto, recebeu afeytuozamente em seu coraçam, & esforçado della loguo lhe respondeo, dizendo; *Filha, Senhora, este foyto a que vindes, he muy grande, & importa tanto quanto vedes, & porem que fosse mayor, & de mais periguo, & nelle pera o fazer nam ouvessem as Urgentes razões, & muytas obrigações que me apontais, sabey que sã por serdes a mesageira, eu o faria, & farei, pelo qual dagora crede que por serviço de Deos, & pela honra de Vosso marido, & vossa, neste cazo em mim, & meus Reynos não ficará cousa que a isso nam offereça, pois nelle offerecerey com bua vontade o corpo, & a propria vida como vereis.* E a Raynha muy alegre desta resposta lhe beijou as mãos.

E porem elRey pera fazer cõ purdencia, & bom resguardo como devia, tendo sobre isso conselho com os principais de sua Corte, foy por alguns aconselhado, que sua hida tam apressada devia porentam escusar em sua pessoa, assim pelas muytas gentes que

lhe

lhe loguo compriam, & non eram prestes como por outros grãdes percebimentos de armas, cavallos, que todos heram necessarios, que loguo assim nam teriam, & que este hera hum forçado inconveniente, pois que de necessidade o aviam de aver cõ tamanho poder de Mouros, & já tam exercitados na guerra.

Mas elRey por este conselho non quiz estar, nem tam sõmente o ouvir, porque assim afastou as orelhas das rezoões, & causas que seu propozito, & promessa, contrariavam como se fossem cousas que lhe muyto despraziam, dizendo com palauras animozas, & de grande confiança, que overdadeiro, & leal Portuges onde quer que estivesse por obras, & bom coraçam o segueria indo contra os inimigos da Fee, & por defensão da terra dos Christãos, pelo qual loguo cõ grande trigança per cartas, & mèsageyros, mãdou perceber toda a gēte de seus ordenados q̃ com elle se ajuntassẽ em Badalhouse para onde loguo partia, & os q̃ ahi o não achassem que o seguissem até Sevilha, as quais cousas, todas a Raynha noteficou loguo a elRey seu marido, & lhe aconselhou pois o caminho era raõ curto, que todavia antes de elRey seu Padre mouer de Portugal, lhe viesse falar, porque ainda em suas cousas sua vista aproueitaria

muyto ao menos na mayor trigança, ao que elRey de Castella, por mais brevemente remediar suas necessidades que cada ves mais se dobravam, loguo satisfez & aforrado com poucos, se partio loguo de Sevilha, & veyo a Xeres de Badajos, & da hi a Olivença, porque elRey de Portugal sabendo de sua vinda cõ ambas as Raynhas, & com o Infante Dom Pedro seu filho, erdeyro, o veyo esperar em Ierumenha onde todos se viraõ, & como esquecidos das muytas payxões passadas, elles com mostrança de muyto amor, & grande prazer se trataraõ, & depois de ambos apartados elRey de Castella, lhe deu inteira conta do seu cazo, & com as palauras que a tal preza, & tamanha necessidade requeria, & lhe pedio que contra os inimigos da Fé, que eraõ sem conto, & por defençaõ daquelles q̃ Christo Iesus por seu precioso Sangue tinha remidos, & assim por gloria & exalçamento da sua Sãcta fee quizesse cõ sua pessoa, hir em sua ajuda, porque ainda sobre isso acrescentaria grande honra a seu nome, & muyto louvor a sua Coroa, & seus reynos, & vassallos, ao q̃ elRey de Portugal a sezo no ardor da graça de Deos, & espertado para isso, da bõdade de seu coraçam, lhe respõdeo dizẽdo. *Eu firmemente creyo q̃ Iesu Christo nosso Senhor, mãdado do Padre veo a este mûdo per misterio do Es-*

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

pirito Sancto foy no ventre da gloriaſa ſempre Virgem Maria encarnado, & naciſto, & deſpois padeceo, & reſurgio, & ſubio aos Ceos, & com graça pelo meſmo Eſpirito Sancto enviado, confortou aos Apoſtolos, & finalmente ha de vir julgar os viuos, & os mortos, & porque elle com grande amor de ſua propria vontade, recebeu morte pera redemçã da geraçã humana: aſſi eu que em mim ſam ſiel Chriſtum, & deſcendendo dos Reys de Portugal que foram muy Catholicos, por iſſo eu por ſua Fẽ verdadeira ſom com boa vontade aparelhado, pera tambem quando comprir & ſe offerecer receber morte; & a non arreccar em eſſa vida pera que me requireis, por todos os reſpeitos que a pontais, & por eſte que diſſe irei cõtra eſſes Mouros ſeus inimigos, & prazera ao poderoso Deos que com a ſua ajuda, & poder contra elles nos ajudara, & deſpoes conſultaram de mais particularmente as couſas deſſe negocio.

El Rey de Caſtella alegre com tam gracioſa, & tam afetuoza repolta, ſe foy loguo a Badajos, & dahi a Sevilha.

El Rey de Portugal ſe foy a Elvas, & leixou a Raynha dona Beatrix ſua molher, & com ella o Infante Dom Pedro ſeu filho que ſe tornaram a Eſtremos, & de Elvas el Rey de Portugal com a Raynha Dona Maria ſua filha, ſe paſſaram loguo a Badajos onde recolhidas ſuas gentes q̃ cada dia chegauam, ſeguirão tambem o caminho de Sevilha, em que foram ſe-

pre ſervidos, & feſtejados, & obediſtos aſſi como apropriã peſſoa de el Rey de Caſtella, porque elle meſmo a ſſim o mandou.

CAP. LVII.

Como el Rey de Portugal chegou a Sevilha, & do acordo que os Reys ouuerã deſpois q̃ forã juntos.

O DIA que el Rey de Portugal ouve de entrar em Sevilha todos os grandes ſenhores do ſeu Reyno que eram na Corte ſahiram a ſeu recebimento fora da Cidade, & aſſim os Prelados cõ toda a Clerezia, & com as Sanctas Reliquias que na Cidade avia, de que nam avia memoria, que para algum outro Rey foſſem aſſim particularmente tiradas, & poſtos todos em huma devota, & muy ſolemne Prociſſam, vieram receber el Rey de Portugal, & tambem as outras peſſoas da Cidade, de baixa cõdiçã homens, & molheres, & grandes, & pequenos, ricos, & pobres, & alegres todos com adzejada, & neceſſaria viuda de el Rey de Portugal, & eſpantados, & temerosos da multidã ſem cõto dos inimigos da Fee, que contra elles, & para deſtruiçã da terra dos

dos Christãos eram juntos todos com lagrimas de prazer, chorando cantauam. Bem auenturado seja o Rey que no nome do Senhor vem pe-
*ra com a virtude de Deos, liurar o Po-
 uo Christão, das bocas dos Dragoens
 imigos da Cruz de Iesus Christo nosso
 Senhor.* Porque sendo tam atribuí-
 lados elles com voz chorosa, &
 damargura lhe bradaraõ, & elle
 com muyta misericordia, & grã-
 de tristeza os ouvio, qua nam se
 quiz esquecer dos clamores dos
 pobres, & affictos, antes polos
 seus gemidos em breve momen-
 to, & poderosamente quiz a leuã-
 tar-se, & destruir os Mouros, que
 com crueza propunhaõ despeda-
 çar os Fieis Christãos, que pelo
 seu precioso sangue elle tinha re-
 midos, & sobre isto sendo os Re-
 ys de Portugal, & de Castella,
 em Conielho com todos os Sen-
 hores de seus reynos, que eram
 juntos sobre o modo que teriam
 no feyto de Tarifa, alguns aque
 parecia ser assim millhor, & mais
 seguro, & proueitoso aconselha-
 uãõ o que já tinhaõ aconselha-
 do a saber que Tarifa se desse aos
 Mouros com tal condiçam que
 elles se tornassem loguo para suas
 terras donde vieram, & que sobre
 isso passassem seus arrefens, & bo-
 as seguranças, ao qual Conselho
 como quer que â primeyra elRey
 de Castella fosse contrario, se diz
 que pelas perigozas difficuldades
 que se offerecerãõ, & ali lhe foraõ

mais largua, & particularmen-
 te apresentadas, já se inclinaua,
 & que avia por menos incon-
 nieniente perder aquella villa, que
 pôr em ventura todas as outras, cõ
 auentura de sua pelloa que na ba-
 talhia se offerecia.

Ao qual Conselho leuando já
 fundamentos de determinaçãõ, &
 consentimento, elRey de Portu-
 gal, foy com palauras que pareci-
 am divinas inspiradas, muyto cõ-
 trario dizendo com rosto muy se-
 guro, & com seu coraçam muy
 mais esforçado.

*Eu nam sahi de meu reyno de Portugal
 para consentir que Cidade, Villa, nẽ Cas-
 tellos em terra de Christãos onde já estou
 se perdesse, nẽ por minha honra o consen-
 tiria, antes vim, & estou prestes para
 offerecer meu corpo á morte assim como
 Christo, cuja he esta empreza, ofez por
 nos, & pera em sua virtude, & esfor-
 ço guerrear com forte coraçam estes imi-
 gos de nossa Sancta Fee Catholica, cobi-
 çozos de nossos Senhorios, nem cuido q
 tenha aqui homem de meus reyno, & de
 meu conselho que assim o nam aproue, &
 aja por bem, qua por se cobrar, & não
 perder Tarifa, eu farei como faria pela
 mais principal Cidade de meus reynos.*

Pelo qual vendo elRey de Castella,
 & os grandes homens de seu
 conselho o voto, & determinaçãõ
 de elRey de Portugal, que pare-
 cia favorecido da graça de Deos,
 & que a sua contradiçam lhe fazia
 grande mingoa se a nam consen-
 tissent, tomaraõ loguo todos grã-

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

de esforço em seus corações, & sem mais alteraçam alentaraõ em suas vontades o Catholico, & devoto, & muy Real Conselho de elRey de Portugal, que era socorrer Tarifa, u& non de negar, antes procurar batalha com os Reys Mouros q̄ eraõ no serquo presentes, & para saberem da gente, & da ordenança, & assento que os Reys de Marroquos, & de Grada tinhaõ, & do fundamento que faziaõ concertaraõ com hum Christão para tal cazo bem avizado, que com hum Mouro de preço q̄ era em Sevilha captivo fugisse, & com elle se lançasse, como lançou no Arrayal dos Mouros, onde já sem suspeita mais liurementemente poderia ver como viõ todas suas couzas, & com a certidam, & ordenança dellas se tornou a Sevilha, ávizar os Reys como fez, & por esta espia souberam que os Reys de Marroquos, & de Grada estauaõ muy poderosos, & eram já bem certeficados como estes Reys Christãos cõ seus poderes eraõ juntos em Sevilha pera socorrer a Tarifa, & assim foram certos que os Christãos cerquados nos aturados combates que lhes dauaõ se defendiam com muyto esforço, & sem algum desmayo.

É deste mesageiro foraõ também certeficados que os Reys Mouros se apercebiaõ, pera esperar, & dar batalha, com que os Reys Christãos mostraraõ rece-

ber grande prazer, & pera os mais confirmar em seu propozito, lhes mandaraõ de Sevilha dous cavallos, hum de elRey de Portugal, & outro de elRey de Castella, & por elles cõ suas cartas lhes inviaraõ dizer que com ajuda de Deos hiaõ pera socorrer, & descerquar Tarifa que elles tinham cerquada, que lhes rogavaõ que para se escuzar antre todos derramamento de tanto sangue, quãto por sua cauza se aparelhaua, se quizessem alevantar da quelle cerquo & tornasse loguo para suas terras para que lhes dariaõ seguro, & viuessem todos em paz, ou tregoa qual por melhor ouvessem, & q̄ se assi o naõ quizessem loguo fazer, que antre elles senaõ escuzava necessaria, & perigoza contẽda, na qual pois tinhaõ nomes de Reys tam grandes, & estauam tão riquos, & poderozos que a elles seria vergonha, & grande mingoa a quererem como medrozos pelear antre ferras, & antre montes tão estreitos, & deficultozos, como eram a quelles em que estauam, & que por isso os dezafiauaõ pera batalha no campo Dalbofeira naõ longe de Barbate, q̄ era largo, & cham, & junto cõ elles, no qual sem auentagem dos montes em que eraõ recolhidos, fariam igualmente sua peleija, & nella o poderoso Deos mostraria por seu milagre, qual era a ley que a geraçam humana pera sua salva-

salvaçam mais devia seguir, & na qual os homens melhor se podiam salvar, & sobre a reposta q os Reys Mouros deueriam dar a esta Embaixada dos Reys Christãos, tiveraõ côselho em q deraõ a primeira voz a hum Anrife Mouro, velho, da Berberia, que antre elles era de muytas letras, & grã de authoridade, o qual despois de dizer com muytas palauras, grandes louvores dos Reys Christãos, & como eram guerreyros, & poderozos, & principalmente de el Rey de Portugal, que como em romaria vinha com tanta, & taõ exercitada gente na guerra, cõ determinaçam de vencer, ou morrer, & lhes aconselhou que levantassẽm por aquella ves o cerco, que pro ser inverno naõ podiam muyto tempo soffrer, & se fossem os Reys Mouros a Alazira, & pera os lugares, do reyno de Grada, & que pera a entrada do veraõ, tornariaõ apor o cerco, & proseguir sem periguo sua cõquista, porq os Reys Christãos em cazo que bastecessẽm a villa por algum tempo, nem cada dia se podiam pera socorro da quella maneira ajuntar, & a este conselho do velho, muytos Mouros se inclinauam.

E logo el Rey de Grada que era presente, deu seu conselho ao deste Mouro em todo contrario dizẽdo, contra el Rey Alibohaçẽ:

Oo Rey Alibohaçẽm, a quẽ a fortu-

na com victorias, & prosperidades sempre obedeceo, & ha de obedecer, sabe ras que eu sô sem o poder de toda a Africa, que aqui tens junto, & assi outros Reys de Grada meus antecessores demos já batalhas, aos Reys de Castella, & de Lyam, & os vencemos muytas vezes, & eu lhe matei já dous Infantes, & nelles sem medo fiz outros disbaratos. Pois que fraqueza serà de teu coraçam, que com seu e forço sugigaste toda a Africa, a que abatimento de nossa ley publicaras se daqui sem comprives o porque viesse, ou morreres na empresa te partires, uoluenão os alcanços que contra os Christãos deuas fazer em tua torpe fugida que he muyto para doer, & por isso naõ te lembre temor, & esforça pois contra ti uem esforçados, estes que contra teu grande poder deuiam vir fraquos, por que ganhada contra elles esta victoria, tua sera Espanha, atẽ Frãça, as quaes por direito, & successam de nossos avos ainda he nosso patrimonio, & quando a desauentura for tanta que sejas, & sejamos contiguo vencidos, ainda entam naõ serà deshonna nossa ne vituperio, pois nobres Reys, & bons caualleiros nos vencem, & por naõ cuydarmos mais nas couzas de periguo que lembradas fazem mayor medo, uai tu Rey poderozo contra el Rey de Castella, & eu contra el Rey de Portugal, & Deos nos ajudará.

El Rey Alibohaçẽm despoes de ouvir el Rey de Grada, aprouando seu conselho, & propozicãm disse logo contra os de seu

con

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

conselho, & seus privados que ali eram nesta maneyra.

Fasme muyto triste meus parentes, & bons cavalleyros que aqui estais, ver q̄ ante vosso experimentado esforço, ouzou elRey de Grada tocar tantas couzas dardileza, & reprehender tanto a couardize, capare, e que duuida de vos sa grande ouzadia, pois alguns de vos até que a cabeça lhe não atalhou a fala como deuia, mas por que confio que na paz, & na guerra, vossos coraçoes seram sempre ao meu conformes, eu por mim, & por vos breuemente concludo, que em tudo sigamos o conselho de elRey de Grada.

Pera aprovaçam do qual trouxe muytas razoões, & esforços, cõ que os Mouros todos se foram, nẽ ouzaram mais contradizelo, & neste conselho era tambem Fátima Tunecia, molher principal de elRey Alibohaçem, filha de elRey de Tunes, a que elRey por sua linhagem tinha grande acatamento, & por sua prudencia dava muyta authoridade, & esta pedindo que a ouvissem disse.

Ho Alibohaçem meu Senhor, Rey grande, & sobre todos, por poder de Deos mais poderozo; bem sinto que as molheres que a naturiza fez temerozas desarmadas, & fraquas, non deuem de salar nas couzas das batalhas da guerra, em que o contrario se requiere, & nellas por sua indisposiçam nam ande pelijar, mas por que o grande, & verdadeiro amor como he o que tenho a tudo, a todos fielmente ensina, por isso, &

pelo que meu espiruo neste grande feito mereleua, sem constrangida que te diga meu parecer, ao qual por alguma maneyra podesse ser licito, & possiuel folgaria que obedecesses, & este porque breuemente o concludo sustancialmente he o que este velho Mouro nos segredos, & reuilações do Ceo, muytamente ensinado, primeiramente te a aconselhou, que escuzas finalmente esta batalha porque alem do fim das batalhas por exemplos passados he muytamente duuidizo, ainda esta noyte nam por sonhos, mas por clara vizaõ vi couzas em tua real tenda, & sobre teu Arrayal, tam espantozas, & tam contrarias a teu bem, & a tua honra, & tam perigozas as vidas dos cavalleyros, que dellas se cometes peleiija nam podes escuzar tua perdiçam, & a minha com a morte, & captiueyro de teus filhos, & das mais gentes que te vieram servir, & por isso leyxa passar tempo tam triste como he este que parati, & para todos os teus que a quisaõ se aparelha, & reseruate pera outro em que vejas, & sintamos todos o contrario.

Mas elRey Alibohaçem como era Rey prudente, & muytamente esforçado, ouve este conselho de sua molher, por imaginações erradas, em que daua a cue per rezam, & por sua ley, non devia dar credito dizendolhe, que já muytos sonharaõ, & lhes parecia que achauaõ, & tinhaõ claramente grandes tezueros, & acordando, se achauaõ muytamente pobres, & que assi feria neste caso, porque a vizaõ,

contraria a elle, & aos seus perigoza, de que se receava toda se convertia em daño, & vencimêto dos Christãos que ellaviria, & cõ esta determinaçam os Reys Mouros, responderaõ aos Reys de Portugal, & de Castella, por seu mefageyro dizendo; que elles por desprezo, & abatimento dos Cristãos tinham cerquado Tarifa, cujo cerquo não aviam de leyxar, atè ser sua, & que outro tanto fariaõ loguo a Em xares, & que em qual quer maneira que viessem ali os achariaõ porque com seu medo se nam aviam de partir.

E desta reposta que aos Reys se deu, já em Almodouar foraõ elles muy ledos em especial, el-Rey de Castella, que tinha grãde receyo que estes Reys por nam aventurarem todo seu feyto a huma duvidoza batalha, se podiam a levantar, & irse para Ronda & Alyazira, & para outros lugares de Grada, & que em cazo que a villa de Tarifa fosse por elles baftecida, nam podia ser por muyto tempo, pela necessidade que avia de mantimentos, & que aos Reys Christãos, & gentes que ali eraõ juntos, seria forçado partirse para suas terras, & que os Mouros tornariam loguo cerquar, & por ventura tomar a Tarifa, & assim quaisquer outros lugares vizinhos, porque tantos, & taõ grãdes focorros contra tanto poder de Mouros contrarios, cada vez

senam podiam bem fazer, & por isso avia por melhor dar a quella batalha, com a qual se Deos lhe desse victoria como em sua piada-de esperauaõ, todos estes pejos, & arreceyos cessauam.

E com esta determinaçãõ partiram loguo os Reys de Sevilha, & se foraõ alojãr huma legoa alè de Alcala de Guadaira, & ao outro dia foraõ a Vtreira, & de terminaram de fazer (como fizeraõ) suas jornadas muyto pequenas, por esperarẽ suas gentes, de que algũs eram em caminho, & outros se ficauam percebendo do que lhes compria, porque ao outro dia não foram mais que ás cabeças de S. Ioam, & dahi ás couas de Tojos, & dahi loguo junto do rio do Salado, que he hũa legoa a través de Emxeres, & não faraõ pela villa, pela guardar, dos danos, & estragos da gente do Arrayal, & dali partiraõ os Reys, & foraõ alojãrse alem de Gadalete, onde fazendo de necessidade algũa demora chegaraõ a elRey de Portugal muytas gentes, & bem cõcertadas de seus reynos, de que avilla de Sanctarem era cabeça, cõ que elRey foy muy alegre, & assi os do Arrayal; & ali chegou a elRey de Castella, Dom Pedro de Moncada Almirante de elRey de Aragam, com certidam de Galles armadas que leixava já no Estreyto sobre Tarifa, & dali foraõ os Reys assentar seus exercitos, a cer
qua

qua de Medina Cidonia onde dizem o Barroquo, & ao outro dia foram ao rio de Barbate, & dahi a Almodouar, & Domingo vin-te, & sete dias do mes de Outubro chegaram a Pena do Servo, donde os espãtozos Arrayais dos Mouros já pareciam sobre Tarifa.

CAP. LVIII.

Do que os Reys Mouros fizeram quando souberam q^o os Reys Christãos eraõ já taõ a cerqua pera socorro de Tarifa, & darlhe batalha.

OS Reys de Marroquos, & de Grada, como foram certificados da hida, & determinacam de elRey de Portugal, & de Castella, mandaraõ loguo aleuantar os Arrayais, com que tinham Tarifa cerquada, & pòr fogo a todos os engenhos que eraõ feytos, & às madeyras que pera outros eram ordenadas, & mandou armar sua tenda em hum cerro alto, affastado da villa contra o mar, & de redor de si as tēdas dos seus, & outro tanto fez elRey de Grada, que tambem assentou apartadamente sua tenda, & suas gentes nas fraldas da serra, & depois de os Reys Chistãos assenta-

rem, & segurarem seus Arrayais na pena do Servo, loguo no mesmo Domingo, ambos tiueraõ seu conselho sobre a ordenança, & repartiçam que fariaõ das batalhas, pera no outro dia seguinte entrarem [como entraram] cõ os Infieis na Sãta batalha, & acordaraõ q^e elRey de Castella cometesse, & fosse cõ suas hazes contra elRey de Marroquos, que estaua ao longuo do mar, & que contra o de Grada que estaua da banda da serra, fosse elRey de Portugal, com que eraõ estes Senhores, & seus vassallos principais, a saber, Dõ Gonçalo Pereira, Arcebispo de Braga, & Dom Alvaro Gonçalves Pereyra Prior do Crato, seu filho, & Dom Gil Fernandes de Carvalho mestre de Santiago, & o mestre de Avis, & Loppo Fernandes Pacheco, Senhor de Ferreyra, & Gonçallo Gomes de Souza, & assim outros Bispos, & Senhores, & por Alferes de Bandeira Real, Gonçallo Correya de Azevedo, neto do mestre de Santiago Dom Payo Correya, & as batalhas, & capitania de elRey de Portugal, foy accrecērada mais do Reyno de Castella, o Pédão do Infante Dõ Pedro filho, & herdeiro de elRey de Castella, & neto de elRey de Portugal, & cõ elle seus vassallos que eram juntos, & assim Dom Pedro Fernandes de Castro, da guerra primo com irmaõ de elRey, & Dom Ioaõ Afonso

fonso de Albuquerque, & Dom Ioam Nunes mestre de Calatraua que eraõ seus sobrinhos, & andauam em Castella, & mais Dõ Nuno Chamiço mestre de Calatraua, & Dom Dioguo de Haro, & as gentes dos conselhos de Salamãqua, & de Cidade Rodrigo, & de Badajos, & doutras villas, comarquas a estas.

El Rey de Castella, ordenou pòr bandeira principal dos exercitos, & da Cruzada que tinha, & loguo a sua Real, & configuo mais, & em suas batalhas mandou que fossem os Pendões de quatro seus filhos bastardes, a saber, Dom Anrique que despois foy Rey, & Dom Fradique, & Dom Fernando, & Dom Tello, & com elles o Pendam do Infante Dom Fernando, Marques de Tortosa, filho de el Rey Dom Affonso de Aragam, & assi os Pendões doutros Prelados, mestres, & grandes Senhores de Castella, & de Lyam, & deu a dianteira a Dom Ioam Manoel, homem já de idade que era Fronteiro mòr, que cõ o rosto alegre, avêdosse disto por muito hõrado, & mostrãdo esperança da victoria, & por bom pronostico, loguo convidou ambos os Reys pera na Tenda Real de Alibohaçem, o dia que fosse a batalha, comerem com elle, & ali muytos cavalleyros de Portugal, & de Castella, com tençam, & dezejo de acrecentarẽ suas hon-

ras por mais obrigarem a bondade de seus coraçõs, fizeram seus votos publicos, & muy diferentes & todos por mui louvado primor de cada hum da quelles que os faziaõ, & a noite deste Domingo, em q̃ estas cousas foraõ na Pena do Cervo cõcordadas, se acordou mais, que por quanto os Christãos de Tarifa, eram já do cerquo dos Mouros assi afloxados, que s̃e muyta contradiçam podiam de refresco receber em si gentes dar-mas que sahissẽ da villa, & ferissem nos Mouros ao tempo da batalha era bem que lhes mandassem (como loguo mandaraõ) mil homems de cavallo, coatro mil de pé muy escolhidos, & como quer que ao passar do rio do Salado, elles fossem impedidos dos Mouros a que esta guarda do rio era encomendada, todavia a seu pezar, & com muyto dano dos infieis passaraõ, & entraraõ na villa, em que morreraõ tres cavalleyros Christãos, cujas cabeças foraõ loguo pelos Mouros levadas a el Rey Alibohaçem, os quais por nam descobrirem sua fraqueza, lhe encubriraõ a passagem dos Christãos a Tarifa, de que ao rõper da batalha os Mouros por este descudo receberaõ despois muyto danno.

E neste Domingo em que já eram na Pena do Cervo, & nos dias passados se diz que faziam tam grandes nevoas, & tamanha es-

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

curidam do ar, que fazia grande espanto, & temor aos Christãos que lhes parecia que seriam cegos, & non bem destros em seu cometimento, ao que elRey de Portugal, socorreo com palauras de grande esforço, & interpretãdo tudo á graça, & ajuda de Deos, que avia de ser com elles, & assim foy que á segunda feira seguinte da batalha, foy o dia claro, & muy resplandecente.

CAP. LIX.

Como a batalha do Salado foy cometida, & os Mouros foram nella vencidos.

AO outro dia segunda feira vinte, & oito de Outubro, da era de Cesar de mil, & trezentos, & outenta, & oito annos, & do anno de Christo de mil, & trezentos, & coarenta, loguo ante manham os Reys em suas tendas cõ grande contriçam, & arrependimento de seus peccados, se confessaram a seus confessores que cõ siguo traziam, & assim com grãde, devaçam, & muyta humildade, como fieis, & verdadeiros Christãos ouviraõ Missa, & receberam o Sancto Sacramento, & se encomendaraõ a Deos, & per ge-

ral mandado todos os outros Christãos do exercito assim o fizeram; Dom Gil Arcebispo de Toledo aquella ora disse, Missa mayor, & fez a todos hum Sermaõ, pera o tempo tam devoto, & tam conveniente, & no cabo delle disse tam singulares oraçoões adereçadas à piedade de Deos, & outorgou tantas Indulgencias, & remiçoões de peccados, por vertude da Sancta Cruzada que tinha nas mãos, que non ouve em algum Christão olhos tam duros, que cõ lagrimas de esforço non testemunhasse dezejar de morrer por serviço de Deos, & saluando a Alma atalhar a perdiçam de Espanha que ante si viam, pelo qual armados todos de grande Fee em Deos pera as Almas, & de boas armas pera os corpos, tomando cada hum a quella refeição de mantimentos, que pera esforço de suas forças na futura afronta lhes cumpria, se foram todos às batalhas, & bandeiras que lhes eraõ ordenadas, onde elRey de Portugal por sua mão armou alguns cavalleiros, que em sua cavalaria esforçou para non duuidarẽ morrer por quem por elles primeyro morrera, & porque Frey Francisquo seu confessor, da ordem de Sam Francisquo non quiz que alguem forçado, & contra sua vôtade fosse nesta batalha andando disse em alta vòz por todo o exercito dos Portugezes.

se a qui vai algum assim couardo, & de tam fraco coraçam, que tenha temer da morte, nam entre nesta batalha, & esse por segurar a vida tornese para as tendas dos Arrayais, & as guarde.

Pelo qual os Portugezes, & nobres homens que o ouviraõ, abiaçandosse hũs com outros dezião; nam convem anõs ficar com tal nome.

E os que estauaõ cerquados na villa de Tarifa com os mais que lhe foram pera socorro, despois inviados, assi os das Frotas como viraõ as hazes dos Christãos loguo sabiraõ fõra, & se puferam ante a villa em suas batalhas bem concertadas, de que Alibohaçem se achou muito enganado; porque na ordenança que tinha posta recebeu assas toruaçam, & delmandando, nam crendo que a de dentro podia ser mais gente da que tinha cerquada, & os Reys de Portugal, & Castella, com suas batalhas repartidas como passaram a Pena do Ceruo, loguo viraõ as muytas, & grandes hazes dos Reys Mouros, em que avia tantas & tam desuairadas gentes que parecia que em todas as partes de Affia, de Affrica não podia aver tantos, & muytos Christãos q̄ aos olhos tendidos viam todos os Montes, & Serras, & Valles delles cubertos, non podiam crer se nam por feitiços, & encantamentos que os Mouros muyto sabiam se faziaõ falsamente parecer tan-

tos como ali pareciam, & destes Mouros eram muytos pôstos em grandes batalhas ao longo do rio pera defenderem o passo delle aos Christãos, especialmente contra a parte do mar, que a elRey de Castella era ordenada, onde era elRey Alibohaçem, porque antre a montanha, & o campo por onde elRey de Portugal hia, contra elRey de Grada, ao passar do rio que ali era mais alto, non ouve tamanha contradiçam.

E a este proprio tempo elRey Dom Affonso de Portugal compria idade de fincoenta annos, o qual hum pouco antes de romper com suas batalhas nas hazes dos Mouros, fez aos seus Potuguezes huma breve falla em que sustancialmente, lhes tocou a primeira perdiçam de Espanha, em tempo de elRey Dom Rodrigo, & quanto os Reys de Portugal seus antecesores, com seus leays vassallos, & bons cavalleyros trabalharaõ com armas por cobrar della sua parte que a gora tinhaõ, em comendandolhes que a honra, & bom nome que por isso em tantos tempos tinham ganhada aquelle sã dia non se perdesse por elles, a q̄ Deos offerecia tal dispoçiçam de seu serviço, pera muyto mais acrescentarem, dizendo que lhes peza-va, porque via tam poucos infieis contrarios, dezejando ter ali todos do mundo, de que Deos cõ sua graça, & grande poder lhe

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

daria cedo victoria, & logo el Rey mandou a Dom Alvaro Gil de Pereira, Prior do Crato, que antes de encontrarem mostrasse o Lenho da vera Cruz, que levará do Marmelar, o qual trouxe logo hum Clerigo reueftido, posto em huma hastea aleuantada como bandeyra, & o Prior disse a el Rey. *Senhor tende Fee, & devaçam neste final vistoriszo da vera Cruz, porque na virtude delle hoje venceris seus inimigos.* E despois que a Cruz com muyta devaçam foy de el Rey, & de todos os que a viram adorada, & pedido a Deos, que pela virtude, & grandes merecimentos della os ajudasse tomaraõ d'ante desy a mesma Cruz por guia, & seguio logo apoz ella a bandeira Real de Portugal, que levava o ditto Gonçallo Correa de Azevedo, singular cavalleiro, & muy esforçado, que era Neto da quelle bom Dom Payo Correa, mestre de Santiago, o qual devotamente hia cantando o Psalmo. *Exurgat Deus, & dissipentur inimici ejus.* E com isto sendo horas de prima, invocando com grande devaçam, & repetindo muytas vezes o nome de IESVS, cometeraõ logo pela parte esquerda contra a ferra, & as hazes de el Rey de Grada, cujas gentes com suas batalhas bem corregidas, & com muyto esforço, & grande destreza de encontrar, & ferir, receberam també

& encontraraõ muy aspera mente os Christãos, em que de hũa parte, & da outra se tratou hũa muy brava, & perigoza batalha, que sem fessar da hora de terça durou até à vespora, & de todos estes exercitos dos Christãos, & dos Mouros sahiraõ tâtas gritas cõ tantos estrondos de Trombetas, & Atabaques, & de outros devairados instrumentos, que claramente os montes, & os valles tremiam, & parecia que as couzas todas da terra de seus proprios lugares se moviam, & arrancavam, & sendo esta batalha tam cruamente ferida que as armas, & as eruas, & pédras do cham, eram já tintas em sangue.

El Rey de Portugal com os Portugезes, & cõm outra gente de sua capitania, que primeyro rõperaõ pela muyta mais gente cõ traria, & muy dura com que aviam sua contenda, eram postos em grande affronta, & muyto trabalho, de maneira que as corporais forças dos Christãos por o grande cançasso, & afronta da batalha em que andauam, parecia que lhes faleciaõ, & que não podiam já suprir ao que a bondade dos seus coraçõs dezejáva, & cometia, & nesta grande agonia, & muyta fraqueza em que se viam, os affrequentou muyto mais desparecerlhe a Vera Cruz que entre si traziam, & com cujo favor peleyjáuam, & porque ella hera

o mayor socorro de sua deuota esperança o Prior do Crato que hē sentio esta necessidade, mandou logo a tres seus cavalleyros que o folssem buscar, & de dentro das mais trauadas batalhas o trouxeram, & com ella o clerigo feu Alferes, que sem receber dano a trazia aluantada, & com sua visita, & com as palauras de esforço que com ella loguo se diseram: el Rey, & os seus Portugezēs como refrescados de hum nouo, & grãde fauor leuandoa outra vez diante de si cometerãõ tam rijamente os Mouros que loguo cõ a vertude da Cruz, milagrosamente se mudou a vëtura que dantes aos Christãos parecia de todo contraria, porque as batalhas em que era el Rey de Grada non podendo sofrer as feridas, & golpes dos Christãos, que não pareciam ser dados por mãos, nem forças humanas, volueraõ primeiro as costas, & vencidos já de todo, por saluarẽ as vidas, começaraõ a fogir, & se acolher contra a Aliazira quanto podiaõ, em cujo encalço os Portugezes seguindo mataraõ muitos delles, que eraõ sem conto, & el Rey de Portugal, foy nesta batalha, o primeiro victorioso que della, como principal vëcedor mereceo o principal louuor.

Assi como o Prior do Crato na confiança da vera Cruz, & na esperança de sua vertude lhe prometera, & el Rey de Castella mã

dando suas batalhas cometer os Mouros da parte direita pela outra do mar, ao passar do rio do Salado por forte resistēcia dos Mouros, que auia nos vaos, as batalhas dianteiras de Dom Ioã Manoel que primeiro aviaõ de cometer, foraõ por grande espaço impedidos, & tiueraõ os Christãos grãdes difficuldades, & muy afina dos perigos, ao passar do rio, que finalmente com mortes de muytos Infieis, passaram cõ nome, & obras de muy excelentes cavaleiros, & assim rompendo elles as muytas gentes barbaras foram loguo ferir em outras hiazēs mayores, que se lhe offereceram, & nesta dianteira, non foy loguo el Rey de Castella, porque ficou cõ sua grande batalha na Resaga, & com elle o Arcebispo de Toledo pera dahi repartir, & enviar, como euiava à quelles senhores nas affrontas, & necessidades que as suas gentes compriaõ nas grandes peleijas q̃ ante seus olhos tinham; & a primeira róta que os capitaes & cavalleyros Castelhanos fizeram, foy nas grandes batalhas dos Mouros, que em huns outeyros junto com Tarifa guardauam o Arrayal, & assi nas tendas em que era a sobre dita Fameta Tunencia molher principal de Alibohaçem, & as outras suas molheres, & filhos, em cuja róta, & destroço foraõ, & ajudaram tãbem com muyto esforço, as gen-

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

tes que pera isso eram sahidas de Tarifa, que nos fizeraõ grande mortandade o qual naõ podendo elles sofrer receando serem singidos dos Portugezes que hiaõ já diante vitoriosos, foram loguo todos vencidos, & desbaratados, & huns fogindo se acolhiaõ contra Aliazira, outros se deciaõ ao mar, onde estaua Alibohaçem com a mayor força das batalhas, o qual vendo que elRey de Grada hia fugindo vencido já de elRey de Portugal, anojado por isso muyto, mas non fraco pera o q a sua honra, & pera esperança de sua vitoria compria voluendose aos seus em alta voz, & por deshonor, & abatimento dizia: *Olhai, olhai aquelle bebado, & couardo de elRey de Grada, que vencido de elRey de Portugal, lhe vai já fugindo.*

E esforçando sobre isso os seus, por naõ leixarem a batalha deziã; que Deos para mais sua honra o quizera assim por tal que alguma parte da honra, & louvor da vitoria daquelle dia, naõ fosse de elRey de Grada, nem doutrẽ, salvo delles que naceram, & foram pera ser sempre vitoriosos de que o senhorio de Africa dava em todo o Mundo verdadeyro testemunho.

ElRey de Castella vendo tão prosperos começos pera conseguir esta tam bẽaventurada vitoria (como era) seria elRey de Grada vencido, elle com grande

aluoroço passou logno o rio já se contradicam, & mostrandose, & nomeandose a todos os os seus vallos com o rosto descuberto dizendo por sua boca: *Eusam vos so Rey & sobre isso repetindo muytas vezes: Castella, Castella: Lyam Liam.* Quis logo ser o primeyro, q rompesse nas batalhas de elRey Alibohaçem, que contra elle adereçaua, mas o Arcebispo de Toledo, rijamente o teue pelas redeas do cavallo, & lhe disse; *Senhor, naõ auentureis hoje Castella, & Lyam, com perda de vossa pessoa, por que vossos olhos, & boa governonça que dais, & nam a peleijar de vossa pessoa, he aqui hoje necessaria ca, os Mouros com a graça, & poder de Deos, já sam vencidos.* E com tudo, a batalha antre estes Reys pela muy esforçada, & singular gente que ambos tinhaõ, foy hum pedaço tambem aturada, & tão cruamente ferida que a vitoria andava antre elles suspensa.

E porem porq os Christãos das batallas de elRey de Castella, tinhaõ desbaratados os Mouros q guardauaõ as tendas do seu Arrayal que assim disse, descendo da terra vitoriosos, vieram dar com muyta brabeza, nas costas de elRey Alibohaçem, & assim se do brou com elles a furia da peleija, que dos infieis foy feito em breue espaço hum maravilhoso estrago, & porque Alibohaçem via que os principios, & meynos desta

desta batalha lhe terçauam mal, & que se hiam inclinando pera sua perdiçam, & destioço, já como desesperado se poz em meyo dos seus, que a inda eram muytos, a que fez em altas vozes huma fala, acuzando sua desauenturada fortuna, mal dizendo sua velhice cuberta de tanta vergonha, & de tamanha perda, & deshonna, & arrancando suas barbas, da barba longa, & muy chãa que trazia, & ferindo seu rosto de authoridade, com deshonna das bofetadas que a meudo nelle daua, despertaua com isto os seus pera se esforçarẽ na batalha, & com Alibohaçem era hum velho infiel Turco de naçam, a que diziam Alcaras, q por grande guerreyro, & com as sas poder de gentes, viera nesta passagem ajudar; este ao modo de sua terra, tinha feyto duas hazes de muyta gente, & com repayro de pãos ferrados, & muy fortes de redor, feytos em huma forma de cunha, & outra redonda como curral, & nestas podiam entrar, & sahir os feridos sem toruaçam nem impedimento, & outros sãos, & folgados de refresco, em ajuda das batalhas a que comprisse

Este Alcaras, vendo elRey Alibohaçem em tanto desmayo, & com tamanha desesperaçam lhe disse; *Senhor este non he tempo de prantos, que pertencem às molheres, mas comuem esforço, & remedio de Reyesforçado, & prudente, porque*

contra asanha, & ira, de Deos nam a proueitam as forças, saber, nem poder dos homens, que tu somente tens, & sobre isso considera que querer morte voluntaria he fraqueza, & desmayo, que a ti nam comuem, porq a tua vida nos he necessaria, em que auerã esperança de muy sedo vingár esta perda, & outra mayor, & por tanto a colhere com cedo à quella haz do curral, & por ella te podes saluar á Aliazira, porque nella ainda leyxei noue mil homens, que com quanto sam Alarues, & bons caualleiros setu tardares nam sei o que farão, ca este dia he as sas desauenturado para nõs. Os quais noue mil homens elRey Alibohaçem mandou loguo sahir, & não com proposito de com elles se saluar, como todos cuydaram mas com esforço, & dezejo de com elles insistir, & tornar à batalha & exprimentar atẽ a morte sua ventura, & pera isso com palavras doces, & de grande esforço os esforçou, & prometendolhes a vitoria que pelo grande cançoço, & muytas mortes dos Christãos era segura, a presentandolhes com isso o bõ nome que em mayores affrontas tinham ganhado, & que a terra de Espanha em que estauam era sua, que por fraqueza de hum dia, a nam perdessem, porque já fora de seus auos, & assii lhes a pontando com palavras de piedade, a defensam de suas riquezas, o desemparo, & captiueiro em que ficariam suas mo-

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

lheres, & filhos, que ali traziaõ offerecidos aos defesos, & aborrecidos ajuntamētos carnaes dos Christãos, tam contrarios a sua ley, & com isto dito querendo ser o primeiro que a cavalle encontra os Christãos foy deteudo pelo dito Alcaras, & pelo Infante Bayzaim seu filho, o qual com alguns cavalleyros por força o tomou, & leuou àquella haz do curral, que ainda estaua muy forte, a quem Alcaras com muyta gente das batalhas que a juntou, tambem se recolheo onde el Rey com grande sentimento, & dor o acuzaua, por nam dar consentimento a sua peleiija, em que dizia que se pudera vingar, & cobrar sua honra, & se o tempo não fora de tanta fortuna, esteue em determinaçam de lhe cortar a cabeça, como fizera aos que não morreram na batalha da Andaluzia, & desemparraram nella Abomelich seu filho, como já disse, & despois que o Turquo lhe disse as rezoēs em q se fundara, antre as quais era o esforço sobre natural, que vira nos Christãos fauorecidos de hũa bandeyra acompanhada de homens diuinos, & grandes, & outras cousas de assinados milagres & principalmente por nam ver sua morte ou captiueiro d'elle mesmo Rey, que se lhe non escuzaua, & el Rey Mouro já como de esperado em tudo de sua esperã-

ça, lembrandose de suas molheres, & filhos, & dos cavalleyros, riquezas, & tizouros sem conto, se diz que se deceo do cavallo, & de gijolhos como Alcoram ante si, & com os olhos cheios de lagrimas postos no Ceo, & com grandes vozes q todos ouviraõ, disse contra Deos muy irosas lamentaçoens, acúsando seu poder, por consentir em sua deshonna, que deuera de sempre acrecentar, & ao menos cõseruar por sempre defender aquella sua ley dada por elle a Mafamede, lamentando sua queda de tantos Reynos, & senhorios, & a perda, & captiueyro de tantas gentes, suspirando pela morte de que na batalha escapara, não leyxando de a cusar Alcaras, que lha desuiara, & dali sendo confortado dos seus que por seu conforto lhe diziam, que pera sua trigoza vingança, cedo a juntaria outro mayor poder com que tornaria a Espanha, & fogindo em hũa Egoa ligeyra se saluou na Aliazira, & dali com receo, sò passou em Gibaltar, dahi a Ceyta: E de el Rey Alibohaçem assim se saluar, deram muyta culpa ao Almirante de el Rey de Aragam, que por mandado de el Rey de Castella, aquella noite com as Galles que tinha não quiz guardar o Estreyto, & porem a el Rey Alibohaçem, & a el Rey de Grada, & a todas suas gentes q

se puzeram em fugida, Os Reys de Portugal, & Castella, seguiram duas legoas o alcanço aêo rio que se diz Brita Botelhos onde as tendas, & o Arrayal de elRey de Grada estava assentado, que logo foy destruido, & dahi a diante o seguiram até outro rio que se chama Guadamecil, que he quazi huma legoa de Aliazira, fazendo nelles os Christãos muy grandes, & maravilhosos estragos, até que por cansados não seguiram mais a diante, porque os de cavallo, & de pè, de trabalhados já se não podiam mouer, este dia tam prospero deu Deos aos Christãos contra imigos de sua sancta fee, em que tanta multidão delles foy em tam pouquo espaço desbaratada, como foy da hora de terça em q̄ começaraõ de pelear até vespora que durou a batalha.

E neste encalço que os Christãos seguirão, claramente se vio, que succederam cousas assas milagrosas, porque se acharam muytos Mouros, & seus cavallos, & Camellos mortos, de tais feridas que nam pareciam ser dadas por mãos humanas, & mais voluendo os Christãos deste alcanço, acharam que pelos lugares que a cavallo correndo liurementes, & sem torua o seguiram, avia tantas montes, & serras, & tam fragosos barrancos, que pela aspereza que no mesmo cami-

nho avia, nam podendo vir a cavallo, se deciam todos a pè, & a mortandade dos Mouros posto q̄ fosse muyto grande, ainda fora muyto mayor se os mais dos Christãos non ficaram roubando as muytas riquezas dos Arrayais dos Mouros, & captiuando suas filhas, & molheres, & moços pequenos, onde homens baixos mataraõ, & espedaçaram a dita Fatema Tunencia, molher principal de elRey Alibohaçem que já disse, de q̄ aos Reys Christãos muyto pezou pelo grande pressão de seu resgate, de captiuos ou dinheiro, que se por ella ouvera de dar, & assim mataraõ & captiuaram outras suas molheres, honradas de que algũas foram Christãs, & nas batalhas de elRey de Portugal, foy captiuo Alibohamar filho de elRey Alibohaçem, que foy entregue a elRey de Castella, & foram mortos outros dous seus filhos pequenos, & assim hum filho de elRey de Sujulmeça, que chamauam Anta, foy tambem captiuo por elRey de Portugal, que consigo o trouxe a seu Reyno, & cinco bandeiras de Mouros principais, que foram tomadas nas batalhas, que por final deste triunfo, & vitoria foram trazidas a Portugal, & postas na Igreja mayor de Lisboa, & depois deste desbarato dos Mouros, os Reys, & suas gentes vieram

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

raõ loguo sobre as tēdas q̄ tinham assētadas de rredor de Tarifa, & as principais se diz q̄ faziaõ numero de 12. mil, & alē de outras muytas commūas sem conto, em que acharam grandes tezouros de Ouro Prata, & de ricas joyas, & preciosas pedrarias, & assim muytos panos de Ouro, Ceda, Linho, & Lam, tecidos per diuersas maneyras, & assim grandes, & riq̄uas baxelas com muytas peças de Ouro, & de Prata, lauradas subtilmente, & per marauilhofo artifício, & alem disto, outros despojos de cavalos, armas, Camelos captiuos, & muytas cousas que se nam podem dizer, nem contar.

E o numero certo das gentes dos Christãos que foram nesta batalha, assim de Portugal, como de Castella, eu o nam acheý declarado, sòmente que eraõ menos a quarta parte da gente dos Mouros, & que os Christãos mortos por grande milagre nam passaraõ de vinte, & dos Mouros segundo despois se soube pelos seus alcaizes que sam como liuros dalardo, &apurações em que todos os q̄ passaram a Espanha eram escritos morreriam coatro centos, & sincoenta mil, porque se achou que alem dos Mouros que foram apurados pera esta passagem ainda passaram mais por suas vontades cem mil, outros que vinham com suas casas, molheres, & filhos, pera logo morarem, & aprouei-

tarem as terras, & Cidades de Espanha, que Alibohaçem lhe tinha prometidas, dos quais tambem muytos morreram, & achou se por certo que esta gente passou em Espanha em cinco mezes cõtinuos em sesenta Galles, & a q̄ se saluou, & tornou em Afriqua passou em doze Galles em espaço de quinze dias, & nam se acha em escriptura da ley velha, & noua que em huma batalha fosse tanta gente morta, nem ceptiua.

E os Reys de Portugal, & de Castella, despoes de a sefegada sua vitorta elles, & os Prellados com todolos outros Christãos dādo muytas graças a Deos, & cantando todos, *Tedeum laudamus*, se recolheram a suas tendas que leixaram na Pena do Ceruo, onde repouzaram sobre o muyto cansaço que na batalha receberam, & como proueram grandemente a villa de Tarifa de capitam, gētes armas, & de mantimentos pera muyto tempo, & leyxaram ordenado que a refizessem, & repayrassem dos muytos daneficamentos que nella pelos Mouros foram feytos.

Os Reys ambos com seus Arayais, se vieram a Xeres, & dahi a Sevilha, onde trazendo diante de sy bayxos os Pendoēs dos Reys Mouros aos hombros dos captiuos mais principais, foram recebidos com grandes alegrias da Cidade, & com muy solemne

Prociffam do Arcebispo, & cle-
rezia foram decer a Santa Maria
del Pilar, onde despois de darem
pela Santa, & milagrosa vitoria,
muytas graças, & lououres a nos-
so Senhor IESV Christo, & à bẽ
aumentada Virgẽ Maria sua ma-
dre se foram a posentar na Cida-
de, & nos seis dias que elRey de
Portugal despois esteue em Sevi-
lha ambos os Reys noteficaraõ ao
Papa Benedicto esta vitoria, &
lhe emuiaraõ a badeyra de elRey
de Marroques que ali foy toma-
da com caualos, & captiuos, &
outros ricos presentes, & o Papa
recebeo tudo com muyto prazer
& ao outro dia que sahio a di-
zer missa trouxe diante de sy muy
bayxa a quella bandeyra captiua,
& a dos Reys vitoriosos aleuan-
radas, começando per sy o hym-
no, *Vexilla Regis prodeunt*: E os
Cardeais com elle deuotamente
o acabaram, & ouve Sermaõ de
grandes lououres destes Reys, a q̃
sua Santidade respondeo sobre is-
so Breues muy graciosos: & so-
bre isso elRey de Castella fez ajũ-
tar na sala dos seus Paços, per ca-
lidades de riquezas, & moedas, &
coufas a partadas todo o despojo q̃
se pode saluar, & assim trazer ao
terreyro delles todos os Mouros,
& Mouras principais que foram
captiuos, & tudo mostrou per si
a elRey de Portugal, a que pedio
que de tudo tomasse o que quizesse,
& lhe melhor parecesse pois

tam directamente lhe pertencia.

ElRey de Portugal com rof-
to alegre descarregado, escuzan-
dose de todo, lhe disse, que quan-
do de seus Reynos viera em sua a-
juda, por seruiço de Deos, & por
sua honra, & por defensam de
sua terra, nam fora com tençam
delle, nem os seus hirem ricos, mas
honrados, & vitoriosos como pe-
la graça de Deos tornauaõ, & que
por isso naõ queria de todo saluo o
Infãte filho de elRey de Sujulme-
ça q̃ elle captiuara, & as bandey-
ras dos Mouros que elle tomara
(como a tras disse,) & com isto
tomou mais certas espadas das
mais ricas, & algumas outras cou-
zas poucas pera cavallos, de que
mostrou ser muyto contente, &
porem se afirma que tanto foy o
ouro, & a prata que por desuai-
radas gentes se furtou desta bata-
lha que em Aragam, & Paris, &
Avinham de França, & em ou-
tros muytos lugares a bateraõ, a
seixta parte do verdadeyro preço
em que dantes estauam: & com
isto acabado, elRey de Portugal
se despedio da Raynha Dona Ma-
ria sua filha, & de seu neto, &
partio de Sevilha, & por honra
veyo elRey de Castella com elle
atẽ Cacula, & dahi se despedio
elRey de Portugal, & veio atẽ O-
liuença, & dahi a Estremos onde
estava a Raynha Dona Brytis
sua molher, & o Infante Dom Pe-
dro seu filho erdeyro, que o rece-
beraõ

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

beram com mais amor, & alegria que solemnidade nem grandes festas, porque a gēte do Reyno que as podia, & deuia fazer elRey a trazia comfigo.

CAP. LX

De algumas cousas que em Castella, & Portugal despoes desta batalha succederam, & como foy cercada, & rendida dos Mouros a Cidade de Aliazira, em que elRey de Portugal ajudou.

EL REY Dom Affonso de Castella, de sua natural cōdição assi era guerreyro que se dezia por elle que hum sò dia nam sabia viuer sem guerra, & quando a nam tinha com os homens, que a buscava com as grandes alimarias das ferras, & brenhas, & porque era grande monteyro, o qual porque vio o tempo para cō menos difficuldade guerrear os Mouros de Espanha, pelo grande destroço que na batalha do Salado tinham recebido, elle no año seguinte loguo ajuntou suas gentes, & correo algũa terra do Reyno de Grada, em que tomou aos Mouros Alcalá de Bemcaide que

agora dizem Areal, & assim outros lugares, & porque foy certificado que o sobredito Alibohaçem Rey de Benamarin, & de Marroquos, que na sobredita batalha fora vencido, se aprecebia, & aparelhaua pera por sua vingança de Ceyta, donde já estaua, passar outra vez em Espanha, determinou ir cerquar a Cidade de Aliazira, & trabalhar com todas suas forças, & poder para loguo a cobrar, & non era sem justo fundamento, porque ella só era o lugar em que Alibohaçem pera seu proposito, & com mais dano dos Christãos podia melhor aportar, sobre a qual cousa teve cortes em Burgos, onde pera este cerquo, que por todos foi aprouado noua, & principalmente lhe outogaram os Pouos as Alcauallas por certo tempo, as quais os Reys de Castella, sempre depois pera sy arrecadaram & porque elRey de Castella soube que da banda de Africa eraõ já armadas, & prestes oitenta Galles de Mouros, & muytos outros Navios pera sua passagem, elle por seus mesageyros o fez saber a elRey de Portugal, & pera esta resistencia lhe pedio ajuda, & socorro de suas Galles pera o Estreyto, as quais com grande presteza lhe inuiou loguo, & foram dez bem fornecidas, & armadas, & por capitaõ dellas Carlos Passanha seu Almirante, com que por certo tempo se

se foy ao estreyto , & ao tempo que as galles dos Christaõs foraõ juntas as dos Mouros eraõ ja passadas com muytas gentes em Hespanha , & estavão na boca do rio de Goadameçil junto de Aliazira a onde as dos Christaõs as foraõ buscar, & loguo a ferrar, com que ouverão mui crua peleja, em que os Christaõs finalmente vencerão, & das gales dos Mouros alem das que alagarão no mar tomarão mais vinte & seis, & mataraõ os Almirantes dellas com grande mortindade dos seus, & assi tomaraõ mais huma gale grande em que vinha a paga do soldo que Alibohaçem enviava as suas gentes que leyxara em Hespanha em que acharaõ , & tomaraõ muyto ouro, & prata amoedado , & assi outras riquezas que pera o cerco de Aliazira foy huã grande ajuda pera elRey de Castella, & porque pareceo que as galles de Portugal sobre tal desbarato nõ herão ja necessarias tornouffe o Almirante com ellas ao Reyno com merce, & presentes que lhe deu elRey de Castella, & com promessa, & propozito que levou, de outra ves tornar ao estreyto, quando lhe comprisse, & por esta perda, & destroço das gales dos Mouros elRey de Castella tomou mais em cuydado de vir loguo por cerco sobre Aliazira aqual átes de acercar elle de Xares õde estava a veio por si ver e pessoa pera melhor sa-

ber, & se avizar do que lhe cõpria

E aos vinte , & cinco dias de Junho desta era de Cezar de mil, & trezētos, & oitenta annos, & do anno de Christo de mil, & tresentos, & corenta, & dous vinte mezes passados despois da batalha do Salado se pos cerco cõ grande poder sobre Aliazira que deste tempo ate se tomar durou vinte, & dous mezes, em que ouve grãdes afrotas, & muitos trabalhos como direi

E porque elRey de Castella soube que elRey Alibohaçem pela grande perda de suas gales todos os Reys Mouros de Berberia ate o grão Soldaõ a quem noteficara com piedade suas necessidades lhe socorriaõ com outras , & que hera ja junta muyta frota para passar em socorro & descerco de Aliazira o ditto Rey de Castella porque suas forças, & poder non abastavaõ por mar atalhar a tamanha, & tam poderosa rezistencia se socoreu loguo aos Reis de Portugal , & de Aragam , & a comunidade de Genua, donde ouve loguo muytas galles bem armadas, & de Portugal lhe forão dez bem armadas, & cõ ellas o ditto Almirante Carlos Paçanha.

E por quanto elRey de Castella pellas guerras, & diferenças passadas era posto em grandes necessidades , & pera manter este cerco que pellas grandes

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

forças dos Mouros lhe pareceo muy prolongado que lhe falecia o muyto dinheyro, que pera soldados, & mantimentos, & fretes, avia mister pelo nam lerrar sem acabar o porque viera se focorreio a elRey de França, a quem sobre penhores de suas riquezas, & muy reays coroas, & sobre outras muy estimadas peças de ouro que tinha, por Dom Gil Arcebispo de Toledo inuiou pedir alguma soma de dinheyro emprestado. ElRey de França lho enuiu graciosos, & sem algum penhor, cincoenta mil floris de ouro, & assim enuiu pedir dinheyro emprestado ao Papa, que lhe mandou vinte mil floris em dinheyro, & assim lhe inuiu Bulla geral da Cruzada, & as dizimas, & terças das Igrejas por dous annos loguo limitados, & a elRey de Portugal seu sogro tambem para delle aver dinheyro, se focorreio por hum Gomes Fernandes de Soria, Alcayde de sua Corte, & por outro Ioam Esteues de Castelhanos, seu Chanceler, & enuiu pedir emprestados dous cōtos de maravedis de moeda de Castella, & esto sobre penhor das villas de Alconchel, & Burgilhos, & Xeres de Badajos; & porque no Setembro, & na entrada de Outubro deste anno correram grandes ventos, & sobervieram muytas inuernadas, & tempestades cō

que as tendas do Arrayal apodrecerao, & cō a força das tormētas se espedaçaram, & as gentes, & caualllos, & as recouas do exercito padeciaõ por isso grandes trabalhos, & muy máo trato, fez elRey trazer por mar dos pinhãis de Moya, para o porto de Valença de Aragam, & assim de Galiza, & Biscaya, muytas madeyras, & pregaduras, & muytos officiais, com que se fizeram muytas cazas, repayros, & alijamentos, que depois por mau auizo arderam todos, com todos os selleyros do pam, & ceuada, o que poz a elRey, & aos do Arrayal, em grande desesperaçãõ, & no anno seguinte da era de Christo de mil, & trezentos, & corenta, & tres durando o cerquo, & estando Aliboaçem em Ceyta com determinaçam de passar com grande poder em Hespanha para socorro de Aliazira seguiu-se que hum Abjerramen seu filho mayor se aleuantou com o Reyno de Marroquos contra elle, com que lhe deu muyta torvaçam pera seu proposito, ao qual enuiu loguo com afagos, & promessas fingidas hum Mouro Azcar seu Algazil, & grande seu priuado que em chegando a Marroquos com falsas esperanças que deu ao filho, cō que se del le fiou, lhe cortou a cabeça muyto secre-

secretamente em hũa camara, & a trouxe a seu pay, & loguo outro Mouro, nas montanhas dos montes claros, se levantou tambem cõtra Alibohaçem, & a este Mouro chamaram o Reboçado, que depraça por nõ ser de todo conhecido, não descubria senão os olhos, a firmãdo fingidamẽte q̃ era Abderamen o filho mayor de Alibohaçem, que já era morto, com que a terra toda crendo que era filho de elRey se aleuanto, por que sua morte fora secreta, & nam criam que morrera, mas que escondido com receo do pay, era viuo, sobre o qual Alibohaçem, tornou a mandar o dito Ascar, & com elle ouve batalha, em que o Reboçado foy vencido, & morto, & Alibohaçem, cõ receyo doutros alevantamẽtos & desobediencias de Africa, não quis passar de Ceyta onde estaua, mas enviou em Espanha hũ filho, a que deziaõ Aliboamar, q̃ com sesenta galles passou a Eltapona, lugar que no Reyno de Grada estaua por elle, & dali passados algũs dias se foy ajũtar em Gibaltar, cõ elRey de Grada onde alem de outra muyta gente de pẽ refezeram doze mil de cavallo pera dali descerquarem a Aliazira, & dar batalha a elRey de Castella.

E porque o Papa deu muy grãde, & fauorauel Cruzada, pera toda a Christãdade pera este cerquo como disse, por isso vieraõ a este

por deuaçam muytos, & nobres cavalleiros de França, & de Inglaterra, que com boas gentes de armas entre os quaes foy elRey Felippe de Navarra, que no mesmo cerquo de Aliazira adoceco, & foy morrer a Sevilha, & dahi com grandes ceremonias foy seu corpo por terra leuado a sepultar a seu Reyno, & tambem veyo a primeyra ves o Duque de Alemcastro, que entam era Conde em Inglaterra, pay da Raynha Dona Felippa, molher que foy de elRey Dõ Ioaõ, deste nome o primeyro de Portugal, & muytas vezes elRey de Castella, & os Mouros, foraõ hũs à vista dos outros cõ suas batalhas, & hazes ordenadas, para se darẽ batalha, mas porq̃ elRey de Castella foy acõselhado, q̃ por ser cõquador, & por não desẽparar o serquo a não cometesse, & os Mouros tãbẽ por couardos a não cometeraõ, & tudo se quebraua antre elles, por escaramuças, & esporadas, em que de huma parte, & da outra, se recebia assaz danno, & porem em a vespora de Sancta Luzia, antre os ryos de Guadaramque, & de Palmones, ouveraõ os Reys Christãos, & os Mouros hũ recontro, q̃ foy como batalha, em q̃ os Mouros foraõ ṽcidos & desbaratados, & durou até a noite a peleija, de q̃ os Mouros ficaraõ muyto cortados.

E durãdo este cerquo foram por duas vezes lançados

Chronica del Rey Dom Affonso IV.

Mouros no Arrayal de el Rey de Castella, pera com dissimulações, & praticas fingidas, o matarem, & sempre Deos o livrou cõ castigo de penas, & mortes, que ouveram os Mouros, & sendo o tempo em Março, & quaresma, & na somanha de Lazaro, despois q os Mouros foraõ de todo desesperados de poder delcerquar a Aliazira, nem dar batalha aos Christãos, aconselhados sobre isso, de Alibohaçẽ que o fizessem, cometeraõ partido de querer dar a Cidade, com salvamẽto, & segurança das vidas, & fazendas dos Mouros cerquados & que el Rey de Grada ficasse valsallo de el Rey de Castella, com 12000. dobras de tributto, & cõ tregoa de dez annos, q a el Rey de Marroquos fosse dada, & posto que pera o consentimento deste contrato, ouve no Arrayal de el Rey de Castella, votos contrarios que aconselhauam nõ receber os cerquados a piadade pela desesperaçãõ, & cãçaso em que estauaõ, porem el Rey acõselhado doutras grandes necessidades que tinha, a que longamente nõ podia proouer, ouve por bem, & em Domingo de Ramos do dito anno, el Rey com os nobres, & Prelados de sua Corte, despois de os muros, & torres, da Cidade serem cheos de suas bãdeyras, & de seus filhos, & dos outros grãdes senhores do Reyno cõ ramos nas mãos, & cõ muy solemne

Procissam despois de passados vinte, & dous meses de cerquo, como já disse, entraram na dita Cidade de Aliazira, & foram dar graças a Deos, & fazer o officio dos Ramos, na mesquita mayor, que loguo foy consagrada na vocaçãõ de Nossa Senhora da Palma.

CAP. LXI

Dos filhos, & filhas, que o Infante Dom Pedro filho erdeyro de el Rey Dom Affonso o IV. ouve, & de que mo-lheres.

O INFANTE Dom Pedro filho primogenito erdeyro de el Rey Dom Affonso de Portugal, foy cazado com a Infãta Dona Costança Manoel, como atras he declarado, & della em vida de el Rey Dom Affonso seu pay, ouve dous filhos, & huma filha a saber, o Infante Dom Luis, que foy o primeyro, & este em moço faleceo ao baptismo, do qual Dona Ines Pires de Castro, foy comadre, de el Rey Dom Pedro sendo Infante, & da Infanta Dona Costança, & ilto se fez por quantosta

to esta Dona Ines andava em casa da dita Infanta por sua donzella, & parenta, & sentiasse ja que o Infante Dom Pedro lhe queria bem, & por se evitar antre elles outra affeyçam, mas o Infante D. Pedro, sem embargo disto a teve depois, & ouve della os filhos de q̃ a diante faz mensam, & por escuzza deste peccado, se dizia que a dita Dona Ines fora forçada ao dito baptismo, & em sua vontade quanto a Deos, nam consentia nelle, & assim ouve o dito Infante D. Pedro da Infãta D. Costãça, o Infãte D. Fernãdo, q̃ depois foy Rey de Portugal que nasceo na hera de Cesar 1383. años, & do año de Christo, de 1345. que em sua propria Charoniqua he dito.

E a Infanta Dona Maria que em vida de elRey Dom Affõso seu avò na Cidade de Evora, no Mosteyro de Sam Francisco, a tres dias de Fevreyro, do anno de Christo, de mil, & trezentos, & sincoenta, & coatro, sendo presente a Raynha Dona Leonor de Aragam, madre do Infante Dom Fernando, & assim elRey, & a Raynha de Portugal foy cazada por palauras de presente com o dito Infante Dom Fernãdo de Aragaõ, q̃ foy Marqz de Tortosa, e senhor d'Albarazim, & foy filho de elRey Dom Affonso de Aragaõ, & da dita D. Leonor sua segunda molher, irmã deste Dom Affonso Rey de Castella.

E este Infante Dom Fernando sem cauza, & á treyçam foy loguo morto por elRey Dom Pedro de Aragam seu irmaõ, em Castelhaõ de Boriarca, sendo seu convidado, & a dita Infanta Dona Maria, de pois da morte de seu marido, sendo leuada a Aragam, em fim se tornou para Portugal, para algũas terras que lhe foram dadas em casamento, que foram no Almozarifado de Aveyro, & della não ficou geração.

E a dita Infanta Dona Costãça depois do naci mēto da dita Infanta Dona Maria, sendo moça, & de muytas bõdades, & virtudes faleceo loguo em Portugal, & jaz sepultada no choro de S. Francisco de Sãtarẽ, jũto cõ elRey D. Fernãdo seu filho, & depois de sua morte, o Infante D. Pedro sendo ja em sua vida della muyto namorado de D. Ines de Castro, q̃ era mui fermosa dõzella, & de grãde linhagẽ da parte de seu pay, a ouve a sua disposiçãõ a que se afeicoou sobre todolos homẽs, & com nome q̃ no principio, & publicamente foi em tão de manceba, & elle ouve della tãbẽ em vida de elRey D. Affonso seu padre 3. filhos, & hũa filha, a saber o Infãte D. Afõso, o primeyro que morreo moço em Portugal, & o Infante Dom Ioã, & o Infante Dom Dinis que desterrados de Portugal morrerãõ em Castella se algũa legitima geraçã, porq̃ o Infãte D. Ioã ouve D. Fernãdo de

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

Bragança seu filho bastardo de q̄ vem os de Eça de Portugal, & a Infanta Dona Beatris, que despois da morte de elRey Dom Pedro & em tempo de elRey Dom Fernando de Portugal, seu irmaõ, foy cazada em Sanctarem com Dom Sancho, Conde de Albuquerque filho bastardo deste Rey Dom Affonso de Castella, & de Leonor Nunes de Gusmam, de que ja disse, & irmãa de elRey D. Pedro, & de elRey D. Anrique, & este D. Sancho foy morto em Burgos, por cajoõ no estremar de hũ arroydo, & esta D. Beatris sua molher ficou prenhe dele, & pario D. Leonor q̄ foy molher do Infãte D. Fernando de Castella, q̄ despois foy deste nome o primeyro Rey de Aragã, & esta D. Leonor, foy mãy da Raynha Dona Leonor, molher de elRey Dõ Duarte de Portugal, madre de elRey D. Affonso o Quinto, de maneyra que desta Dona Ines de Castro vem tambem os Reys de Portugal, da parte de molheres, porque de Dona Beatris sua filha, molher do Conde Dom Sancho Dalbuquerque tresavõ de elRey Dom Manoel, que hora he nosso senhor, a saber mãy de Dona Leonor Raynha de Aragã, aqual foy mãy de D. Leonor Raynha de Portugal, mãy de elRey D. Affonso o quinto, & do Infãte D. Fernãdo pay do dito Rey D. Manoel.

E pera mais declaração da ge

raçam desta Dona Ines de Castro, que despois de sua morte foy avida, & sepultada por Raynha de Portugal. He de saber que Dom Fernãdo Rodrigues de Castro, vassallo de elRey de Castella, gram senhor no Reyno, foy cazado com Dona Violante Sanches, filha bastarda de elRey Dom Sancho de Castella, & irmãa da Raynha Dona Beatris molher que foy de elRey Dom Affonso de Portugal, & della ouve hum filho Dom Pedro Fernandes de Castro, que differaõ da Guerra, primo cõ irmaõ do Infãte Dom Pedro de Portugal, o qual era grande senhor em Galiza, & foy Camareyro mór deste Rey Dõ Affonso de Castella, & adiantado mór da frontaria, & morreo de sua doença no cerquo de Aliazira, quando este Rey a tomou aos Mouros (como ja disse,) & foy cazado com Dona Izabel, filha de Dõ Pedro Ponce, & de Dona Sanches Gil, que foy neta de D. Pero Rodrigues de Pereyra, & ouve della estes filhos legitimos, a saber Dõ Fernãdo de Castro, q̄ desterrado de Castella, & Portugal, por seguir a parte de elRey Dõ Pedro, cõtra elRey Dõ Anrique seu irmaõ morreo despois em Inglaterra, & D. Ioana de Castro, & ouve hũ filho bastardo q̄ disserão D. Alvaro Pires de Castro, que foy Condestable de Portugal, & o primeyro Conde de Arayolos, & Alcayde mór de Lisboa

boa, & com sua neta cazou Dom Fernando Marques de Villaviçosa, que despois foy Duque segundo de Bragança, & segundo Conde de Arrayollos, & desta causa creio que procede a differença das armas dos de Castro em Portugal a cerca do conto das arruellas, porque ainda que todos descendê de Dom Pedro de Castro que differam da guerra; porem os da parte de Dom Fernando, eram legitimos, & traziam treze arruellas, & os da parte de Dom Alvaro Pires seu irmão, eram bastardos, & pola bastardia mingoaram do conto, & traziam seis, porque este Dõ Alvaro Pires antes de ser feito Cõdestable, & Conde de Arrayollos, non se chamaua de Dom por ser bastardo, & seu irmão Dom Fernando, por ser legitimo sempre se chamou, & intitidou de Dom.

E ouve mais de huma molher de Galiza sua manceba Dona Ines de Castro sua filha bastarda, esta que elRey Dom Pedro de Portugal teue, & os ditos Dõ Fernando, & dom Alvaro Pires, por meyo do fauor da dita Dona Ines de Castro sua irmãa, & dos filhos que tinha de elRey Dõ Pedro, alem das muytas terras que tinham em Castella, & principalmente Dom Fernando, tiueram grande parte em Portugal, & a sobredita Dona Ioana de Castro sua irmãa, legitima, foy caza

da com Dom Dioguo senhor de Biscaya, & sendo viuua, & muy moça elRey Dom Pedro de Castella, em vida da Raynha Dona Branca de Borbon sua molher, quitandose della falçamente, cazou com esta Dona Ioana publicamente, da qual assim foy descontente, que logo a leyxou, & porem ella despois em quanto viueo, sempre se chamou Raynha de Castella.

E da dita Dona Ines de Castro sua irmãa ouve elRey Dõ Pedro de Portugal sendo Infante os tres filhos, & huma filha (de q̃ assim disse,) os quais senão chamaram Infantes, saluo tres annos despois que elRey Dõ Pedro seu pay reynou, quando em Coimbra declarou, & fez certo por testemunhas que muytas não aprouauam, que depois do falecimento da Infanta Dona Costança, elle recebera logo por sua molher por palauras de prezete a dita Dona Ines, & a causa da duvida que a isso puzeram, foy que nam fez esta declaração logo como reynou, mas dahi a tres annos, & porem elle a este tempo, amandou dahi em diante chamar, & intitular, Raynha de Portugal, & aos filhos Infantes, como em sua propria Choronica he declarado.

E depois da morte da dita Dona Ines de Castro, que foy na maneyra, & pelo cazo que adiante direy; o dito Rey Dom Pedro

de Portugal, despois de ser Rey ou ue de huma Dona Tareja natural de Galiza Dom Ioaõ seu filho bastardo, que muy moço areque- rimento de Dom Nuno Freyre de Andrade mestre de Christo, que o criaua, foy mestre de Avis, & depois Rey de gloriosa memoria de Portugal, deite nome o primei- ro, o qual nasceo em Lisboa, aos onze dias de Abril, do anno de Christo de 1357. annos. que foy o primeyro anno do reyna- do de elRey Dom Pedro seu pa- dre.

CAP. LXII

Do casamento da Infanta Dona Leonor de Por- tugal, com elRey Dõ Pedro de A- ragam.

EL REY Dõ Affõso o Quar- to de Portugal ouve da Ra- ynha D. Beatris sua molher, co- mo atras disse duas filhas, & hũ fi- lho legitimo, a saber a Raynha Dona Maria, que casou com el- Rey Dom Affonso de Castella, & depois da morte d'elle, ficou viu- ua, & faleceo em Euora em Por- tugal, & dahi foy seu corpo tras- ladado á capella dos Reys em Se- vilha, onde elRey seu marido ja- zia, & ouve o Infante Dom Pedro

que foy Rey de Portugal, & a- pos elle succedeo a Infanta Dona Leonor, que era mais moça, aqual no mes de Mayo, da hera de Cè- zar de 1385 annos, & do año de Christo, de 1347. foy cazada cõ Dom Pedro deste nome o Quin- to, & dos Reys de Aragam, o de cimo sexto, que estaua viuuo por falecimento da Raynha Dona Maria sua primeyra molher, filha de elRey de Navarra, de que ouue filhos que non erdaram o Reyno, & foy lhe dado com esta Infanta Dona Leonor, grande ca- zamento em dinheyro, & muy riquas joyas de ouro, & pedraria, & em grandes baxellas de prata, a qual Infanta sendo muy moça, faleceo Raynha em Aragaõ, & vi- ueo pouco tempo cazada, & fi- cou della huma filha, que ouve nome a Infanta Dona Beatris, que depois da morte de sua mãy, foy trazida a Portugal, & crian- do a Raynha Dona Beatris sua avò, ella em menina faleceo em seu poder, & em tempo que elRey Dom Affonso o Quarto de Portu- gal já era falecido.

E a dita Raynha Dona Bea- tris, mandou em seu testamento, que os ossos desta Infanta fossem depois lançados com os seus no moymêto onde jàs sepultada, por que huma pequena sepultura de pedra, que está junto destes moy- mentos de elRey Dom Affonso, & da Raynha Dona Beatris com hũa

huma figura de moça, emlevada non he desta Infanta Dona Beatris sua neta, mas he da Infanta Dona Branca sua bisneta; filha de elRey Dom Ioam o primeyro, & da Raynha Dona Felipa que faleceo moça, & a mandaram ali sepultar.

E o dito Rey Dom Pedro de Aragam, depois da morte da dita Raynha Dona Leonor de Portugal, cazou a terceira ves com outra Dona Leonor filha de elRey de Cecilia, de que ouve filhos, a saber, Dom Ioam que foy seu erdeyro, & Rey de Aragão, & Dom Martinho, que foy Duque de Montaluo, & Dona Leonor, que cazou com o Infante Dõ Ioam filhode elRey Dom Anrique o bastardo, & depois foy Rey Dom Ioão deste nome o primeyro Rey de Castella que foy vencido no batalha real por elRey Dom Ioam tambem o primeyro de Portugal.

CAP. LXIII.

Como elRey Dom Affonso de Castella morreo de pestenença, estando em cerquo sobre Gibaltar.

DEPOIS que elRey Dom Affonso de Castella, tomou

aos Mouros a Cidade de Aliazira por cerquo de vinte, & dous meses, (como atraz he dito,) sempre teue grande sentimento, porque em seu tempo se perdera a villa de Gibaltar, que era em poder dos Mouros, & por isso tinha sempre muyto mayor dezejo pera a cobrar assi, & por reparar esta magoa, & quebra de sua honra, como principalmente por impedir a cansada passagem dos Infeis em Espanha, que com Gibaltar sendo sua sempre, lhe seria possível, & muy facil, & pera isso sendo a hera de Cesar, de 1387. & do anno de Christo, de 1349. o dito Rey de Castella, sobre conselho dos de seus Reynos, q̄ sobre isso teue, & percebidas as gentes darmas pera a terra, & frota, pera o mar, & todo o mais que pera este cazo compria, no mes de Setembro do dito anno, com muytas gentes, & grande poder, veyo cerquar em pessoa, a dita villa de Gibaltar, para o que elRey Dom Affonso de Portugal, lhe enviou ajuda de gentes, & galles bem armadas, como em todas suas affrontas, & necessidades de Mouros sempre fizera.

E como entrou o anno de Christo de 1350. durando o cerquo sobreveo no Arrayal, & gentes do cerquo muy grande pestenença, & foy no tempo em que ouve, ememoranda, & maravilhosa mortindade de Espanha, de que

que por grande espanto nas memorias antigas muyto se falla, & sendo el Rey por todos los grandes senhores, & riquos homens aconselhado que por segurança de sua pessoa, & da muyta, & noble gente sua, & estrangeira que com si go tinha, & de que polos ares corrutos era já muyta falecida, a leuantasse o cerquo, & o leixasse pera outro milhor tempo, & mais seguro, elle o nam quiz fazer, & se escuzaua dizendo; que sabia que dos Mouros cerquados eram muytos mortos & feridos nos combates que se dauam, & os viuos estauam já muy necessitados dos mantimentos, & desesperados do socorro de Alibohaçem que lho nam podia dar, pelas divizoões, & rebelioões q̄ no Reyno de Marroquos avia, & por isso elle Rey de Castilla esperaua cobrar a villa em breve, & que nam sabia tempo mais conueniente.

E estando nesta determinaçam, a doecção de huma leuação pestilencial que lhe deu, de que no mesmo Arrayal, sem lhe aprobeytar algum remedio de muytos que lhe fizeram, morreo sexta feyra de Endoenças, vinte, & sete dias de Março da hera de Cèsar de 1388. annos, & da hera de Christo de 1350. que foy dez annos despois da batalha do Salado, de que el Rey de Portugal, & elles foram vècedores como atras

jà disse.

E dahi foy loguo leuado seu corpo a sepultar a Sevilha onde eram a Raynha Dona Maria sua molher, & o Infante Dom Pedro seu filh o que foy a leuantado por Rey deste nome o primeyro de Castilla, & Lyam, a que por suas abominaueis obras com razam differam o Cru, por sua infamia em idade de 15. annos, & sete mezes.

Cap .LXIV.

*De como foy a morte de D.
Ines de Castro, & as
causas breuemente
por que foy
morta.*

A O tempo q̄ a Infanta Dona Costança, molher do Infante Dom Pedro faleceo, elle ficou moço de trinta, & quatro annos, idade muy conueniēte pera a inda aver de cazar, & posto que de el Rey, & da Raynha seu padre, & madre, & dos principais homens de Portugal fosse pera isso com justas razcões aconselhado, & assi por el Rey seu padre requerido, & amoestado q̄ caza se, ou dissesse se D. Ines hera sua molher pera ser por isso hōrada & tratada de todos como merecia, elle em vida, sempre negou que o cazamento entre elles era feyto, nem

nem tam pouco quis com outra molher cazar, para que daua escusas, & pejos que a sò sua vontade, & affeyçam sem mais razos ens favoreciam, & isto tudo era sò por nam leixar Dona Ines de Castro, a que queria grande bem & de que tinha os tres filhos, & huma filha que disse, a qual era sua sobrinha, filha de seu primo com irmão, & o pejo principal q se diz que tinha pera a nam declarar por molher, era por ella não ser filha legitima de Dom Pedro de Castro, mas de huma sua manceba, como já disse, & porrem porque ella tinha seus irmãos Dom Fernando de Castro, & Dom Aluaro Pires de Castro, que eraõ em Castella grandes senhores, & así por respeito, dela começauão ter muita parte em Portugal, & ouesse delles por isso grande receyo à vida, & successam do Infante Dom Fernando filho primogenito, & erdeyro que era do Infante Dom Pedro, que pera alguma maneyra podiam ordenar sua morte por tal que cada hũ dos outros filhos de Dona Ines por morte do dito Infante Dom Fernando seu irmão pudesse succeder os Reynos de Portugal, & dos Algarues, & consultavasse que pera este grande inconveniente cessar não avia outro melhor remedio, salvo que a pertassem com o ditto Infante que cazasse, porque era entã de

trinta, & coatro annos, como disse, & não tivesse no Reyno Dona Ines de Castro, & quando isto por seu bem, & honrra nõ quizesse fazer que elRey pera segurança da vida de seu netto o Infante Dom Fernando, & por a sefego, & conservaçoã de seus Reynos, & das couzas de sua coroa que por respeyto da dita Donna Ines se poderiaõ enlliear a mandasse matar por tal, que a ora da morte de elRey Dõ Afonso que nõ podia muyto tardar pois era já muy velho a nõ leixasse no Reyno viva, & seu filho o Infante Dom Pedro não ficasse em seu poder della; & posto que por elRey, & a Rainha Donna Breatis, & pello Arcebispo de Braga Dom Gonçallo Pereyra, & por outros prelados, & senhores isto fosse aconselhado ao dito Infante Dom Pedro, & a inda dito com certa declaraçoã, & cõsultas que avia continuas da morte de Dona Ines pera que avaluasse, ou segurasse em tal lugar que sua vida não coreffe risco, elle dito Infante a vendo que tudo eraõ meaçãs, terrores, que se não aviaõ assim de executar, como se praticavaõ, & sem numqua querer de clarar, & affitmar que era com ella cazado, numqua quis aisso obedecer, & sobre isso era posto com elRey seu pay em grandes desvayros, pello qual estã elRey em Montemor o velho con-

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

concluindo ja , & consentido na morte da dita Dona Ines acompanhada de muyta gente armada , & seveo a Coimbra onde ella estava nas cazas do Mosteyro de Santa Clara, a qual sendo avizada da hida de elRey , & da iroza , & mortal tenção que contra ella levava achandosse salteada pera se não poder ja salvar per alguma maneyra, o veo receber à porta, onde com o rostro trãssfigurado, & por escudo de sua vida, & pera sua innocencia achar na ira de elRey alguma mais piedade, trouxe ante si os tres innocentes Infantes seus filhos netos de elRey, com cuja apresentação, & com tantas lagrimas , & com palauras assi piadozas pedio misericordia, & perdaõ a elRey que elle vencido della se dis que se volvia, & aleyxava ja pera nõ morrer como levava de terminado , & alguns Cavaleyros que com elRey hiaõ pera a morte della que loguo entrarão , & principalmente Dioguo Lopes Pacheco filho de Lopo Fernandes Pacheco senhor de Ferreyra , & Alvaro Goncalves meirinho mor, & Pero Coelho quando assi viraõ sabir elRey como quem ja revocava sua tença agravados delle pella publica determinação com que os ally trouxera , & pello grande o dio, & mortal perigo que daly em diante com ella , & com o Infante D. Pedro os leyxava, lhe fizeraõ

dizer, & consentir que elles tornassem a matar Dona Ines se quizessem, a qual por isso loguo mataraõ) o que foy avido contra elRey mais abominavel crueza) que por severa nem louvada justiça, a qual Donna Ines foy loguo; enterrada no ditto mosteyro, de S. Clara, & despois tres annos que elRey Dom Pedro Reynou foy seu corpo da hy muy solenemente trasladado pera o Mosteyro de Alcobaça onde elRey Dom Pedro mandou fazer, & por juntos dous moimétos de pedra bem laurados, & em hum delles foy ella posta, & em outro se mandou elRey despois lançar junto com ella assi como ora jazem, & como na Caronica de elRey Dom Pedro mais largamente he declarado.

CAP. LXV.

Dos desuayros que pella morte de Dona Ines ouve antre elRey, & o Infante Dom Pedro seu filho, & da maneyra em que finalmente foraõ despois concorridos.

O INFANTE Dom Pedro pella morte da dita Dona

Dona

Dona Ines de Castro por saber que por seu respeyto semente, & sem alguma culpa della a mataraõ, foy com razaõ tamanojado, & posto em tanta tristeza, que como danado andava pera perder o fizo, & a vida sem algum remedio nẽ conforto, & porrem para alguã vingança, & satisfação sua, ainda que fosse per meos taõ contrarios a elle, buscou, & procurou loguo todas as couzas com que pudesse desservir a elRey seu padre, & destruir seu Reyno, & dar mortal castigo aos matadores della, se pudesse, porq̃ cõ a gente que tinha sua no Reyno, & com a muyta, & mais que ouve de seus cunhados Dom Fernãdo, & Dom Alvaro Pires, & assi de seus parentes, & valias, entraraõ todos em Portugal, & pellas comarquas antre o Douro, & Minho & Tralos montes, & nos lugares, que heraõ de elRey faziaõ todos roubos, mortes, males, & danos que podiaõ, & vindo cõ grande poder pera tomar a Cidade do Porto acolheosse a ella primeyro com muyta gente Dom Gonçalo Pereyra Arcebispo de Braga que lhe hera encomendada, o qual com muyto esforço, & assi com boas rezoẽs que disse ao Infante Dom Pedro a defendeo por elRey.

E porque a Cidade ainda ora non hera toda cercada de muros, como aguora he, o di-

to Arcebispo pera alguma cerimonia de mais defensãõ a cerquou com os treus, & pendoẽs dos navios que ahi estavaõ no mar, & dentro delles determinou esperar o Infante, & antes morrer que lhe entregar a Cidade; mas o Infante porque queria grãde bem ao Arcebispo, se diz que por sua reverencia; & por non por sua honrã, & sua vida delle em ventura non mandou cometer a Cidade, & a leyxou, & assi porque soube que elRey seu padre hiera em Guimaraẽs a esse tempo que vinha socorrello, & o Infante Dom Pedro conhecendosse ja desta desobediencia, & aleuamtamento em que andava contra elRey seu padre, & avendo ja por medianeyros virtuosos apõtamentos de concordia, se foy ao Burgo de Canauezes, onde logo veo a Rainha Dona Beatris, que por meo do ditto Arcebispo de Braga, & doutros bons homens que nisso intervieraõ aos 5. dias do mes de Agosto da era de Cezar de mil, & trezentos, & noventa, & tres, & do anno de Christo de mil, & trezentos, & fincoenta, & finquo, elRey, & o Infante depois de muytos debates, & alterações finalmente foraõ concordados nesta maneyra, a saber o Infante com grande firmeza de palauras perdoou loguo a todas as pessoas que conselho, & de feyto em qual quer maneyra foraõ culpados na

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

morte da dita D. Ines de Castro.

E el Rey deu tambem perdaõ geral muy retificado a todos do Infante que contra elle per qualquer guiza antes, & despois pello ditto cazo, o desserviraõ, & que o Infante da hi endiante fosse em todo obediẽte a el Rey como de via por bom filho, & leal vassallo, & que lançasse de sua caza, & terras todos mal feytores que favorecia, & trazia em sua caza & non acolheffe mais outros.

E que o Infante da hy em diante em todos os lugares do Reino por onde andasse, & estivesse vzasse de toda jurdiçaõ, & poder alto, & bayxo, & que as sentenças, & cartas que desse passassem em nome do Infante, o qual trazieria comfiguo Ouvidores que fossem seus, & se chamaassem por elle, os quais entenderião sobre os Corregedores, & quais quer outros Juizes de el Rey, & poreẽ que em todo guardariaõ suas leys, & ordenações, & que nos cazos das mortes, & nas condenaçoẽs de perda de grandes officios, & terras de seus vassallos, antes da execuçaõ da sentença o fizessem saber a el Rey para sobre isso mandar o q̃ ouvesse por bẽ, & q̃ os pregoeiros quãdo o Infãte mãdasse fazer justiça, dissesse: Justiça q̃ mãda fazer o Infante por mãdado de el Rey seu padre, & em seu nome.

E de todo este acento se fizerãõ escrituras autenticas que fo-

raõ aprovadas, & roboradas entre el Rey, & o Infante per juramentos solemnes que fizerãõ, & por menagens que deraõ, & por Cavaleyros pessoas muy principais dados de huma parte, & da outra, & todos ajuramentados que ficaraõ por aseguradores, em que a Rainha Dona Beatris tambem jurou, & deu menagem, & fez prometimentos de fazer quanto nella fosse, & que estas couzas todas entre el Rey, & o Infante seu filho em todo tempo se guardasse, & comprisse, & as cartas de concerto que sobre isto se escreveraõ forãõ aselladas de tres sellos pendentess de fera vermelha, a saber oprimeyro de el Rey, o do meo da Rainha, & o do cabo do Infante.

E estes concertos se fizeraõ eẽ Canavezes onde o Infante jurou per si, naõ sendo ahy el Rey, o qual dispois as aprouou, & jurou em Sam Francisco de Guimaroẽs, & a Rainha tambem despoisem Saõ Domingos da Cidade do Porto, & todo no anno sobredito.

CAP. LXVI.

De como el Rey D. Affonso falleceo, & como elle, & a Rainha sua molher ordenaraõ suas sepulturas na See de Lisboa.

TANTO que el Rey, & o Infante foraõ concordados com

com que todo o Reyno recebeu muyta alegria, & grande descanso, elles se forão a Comarca da Estremadura, & dahy a Lisboa onde elRey por que hera ja velho a doçeo de doença mortal, & sêdo o Infante D. Pedro aos montes na ribeyrade Canha, sentindosse elRey chegado a morte mādou chamar os sobre ditos Diogo Lopes Pacheco, & Alvaro Goncalves, & Pero Coelho a que queria bem, que segundo se afirma forão os mayores conselheyros, & mais culpados na morte de Dona Ines, & de quem o Infante Dom Pedro proposta a obrigação de seus juramêtos mostrava ter mayor sentimento, & continuo dezejo de grande vingança, & a estes perante Dom Alvaro Gonçalves Pereyra prior do Crato disse elRey que por quanto despois de sua morte que se apressava non lhes dava inteyra seguridade do Infante seu filho pello que delle sentia lhes aconselhava, que loguo sem mais trespaço se fossen, & salvassem as pessoas com suas vidas, & honra fora do Reyno, & que das fazendas que tinham que consigo non podiaõ levar, não fizessent conta, & elles porque assi o tinham sentido do Infante por nõ ficarem em seu irozo poder assi o fizerão, mas despois Alvaro Gonçalves, & Pero Coelho naõ puderão escuzar a crua morte que elRey Dom Pedro contra sua verdade, & ju-

ramentos lhes deu, como em sua caroniqua se declara, & tornando o Infante Dom Pedro vizitar elRey em sua mortal doença de que foy avizado no mez de mayo da era de Cezar de 1395. annos, & o anno de Christo de 1357. na Cidade de Lisboa elRey D. Affonso o Quarto deu sua alma a Deos em idade de sesenta, & seis annes dos quais reynou trinta, & hũ annos, & sinco mezes, & vinte dias, & foy seu corpo loguo sepultado no coro da See da ditta Cidade em quanto se acabava sua sepultura, porque elRey tinha feyto seu solemne testamento ja dias avia, em que mandou que na ditta See o sepultassem na capella mayor onde elle, & a Rainha sua molher ordenaraõ suas sepulturas, & instituirãõ as Capellas, & mercearias que despois ateguora por suas louvas memorias, & por grande merecimento de suas almas ante Deos com devoras, & santas instituiçõis se mantem, & governãõ inteiramente porque elles loguo pera sempre as dotarãõ de muytas rendas com Villas, & terras, & jurdiçõis, como a todos he notorio.

E por que, a dita capela maior da See do tempo de elRey Dom Afonso Anriques primeiro Rey de Portugal que a fez, & que aditta Cidade tomou aos Mouros era pequena, & naõ bem obrada, o ditto Rey Dom Affonso a mandou fazer mayor, & em mais perfeiçãõ

Chronica del Rey Dom Afonso IV.

& sendo ja feyta, reynando elRey Dom Pedro seu filho, por hum rayo ou corisco que nela deu, a abriu & destroçou por muytas partes; & dispois elRey Dom Ioaõ deste nome o Primeyro de Portugal neto do dito Rey D. Affonso de fundamento, & por outra melhor invenção a mandou fazer, & emnobrecer na maneyra que agoura está, & por falecimento do dito Rei Dom Affonso loguo na dita Cidade foy aleuantado, & o bedecido por Rey o Infante Dom Pedro seu filho em idade de trinta, & sete annos, & hum mez, & dezoyto dias, avendo ja doze annos que hera

viuvo da Infanta Dona Costança sua molher, & tendo filhos legitimos, a saber, o Infante Dõ Fernando, & a Infanta Dona Maria que ouvera da Infanta Dona Costança sua primeyra molher, & de Dona Ines de Castro ouve Dom Luis o primeyro, que loguo morreu moço, & Dom Ioaõ, & Dom Diniz, & Dona Beatris, de que a tras disse de que nas Caronicas de elRey Dom Pedro seu padre & de elRey Dom Fernando seu irmaõ muy largamente faz menção.

LAVS DEO.



INDEX

DOS CAPITVLOS

DESTE LIVRO.



- C**apitulo 1. De como el Rey D. Afonso, sendo Infante, foy levantado, & obedecido por Rey, & das perfeiçoes que reue. fol. 1
- Cap. 2. Dos filhos legitimas, que el Rey D. Afonso ouve da Rainha D. Britis sua molher. fol. 1. verso.
- Cap. 3. Como el Rey D. Afonso executou o odio, que tinha contra Afonso Sanchez seu irmão. fol. 2
- Cap. 4. Como foy tratado, & feyto o casamento del Rey D. Afonso de Castella cõ a Infanta D. Maria, filha deste Rey D. Afonso de Portugal. f. 2. verso.
- Cap. 5. De como el Rey de Castella tomou por manceba D. Leonor Nunes de Gusmão, por cuja causa ouue grandes desauenças entre os Reys de Portugal, & Castella. f. 6. verso
- Cap. 6. Como se desfeyz o casamento do Infante D. Pedro filho del Rey Dom Afonso de Portugal com a Infanta D. Branca. f. 10
- Cap. 7. Das causas que ouue para el Rey de Portugal, & el Rey de Castella terẽ antre sy desauenças, & más vontades. f. 10. ve. fo.
- Cap. 8. Como se contratou o casamento do Infante D. Pedro com a Infanta D. Costança Manoel. f. 12. verso.
- Cap. 9. Do que nas Cortes se acordou acerca do casamento do Infante D. Pedro com D. Costança. f. 13
- Cap. 10. Do recado que el Rey de Portugal mandou a el Rey de Castella sobre este casamento do Infante D. Pedro com D. Costança. f. 14
- Cap. 11. Como el Rey de Castella mandou chamar D. Ioão Manoel, & do que com elle passou sobre o casamento de sua filha. f. 15
- Cap. 12. Como el Rey de Portugal enuiu o Mestre de Avis a D. Ioão Manoel sobre o casamento de sua filha. fol. 15. verso.
- Cap. 13. Do que o Mestre passou com el Rey de Castella acerca do arroido que no caminho ouuera com Castelhanos, & se tornou a Portugal. f. 17
- Cap. 14. Dos feytos notaveis d'armas, & destroço que Gonçalo Rodrigues Ribeyro bom cavaleyro Portugues fez a este tempo na Corte del Rey de Castella. f. 17. verso.
- Cap. 15. Das justas Reays, & torneio que el Rey de Castella, a requerimento de Gonçalo Rodrigues, ordenou para ser nellas. f. 18. verso.
- Cap. 16. Como se fez o torneio em que entrou el Rey, & do que aconteceu a Gonçalo Ribeyro com D. Martinho, &

Index dos Capitulos deste liuro.

- como foy desafiado outra vez Gonça
lo Ribeyro, & venceo o desafio. f. 19.
- Cap. 17. Como el Rey de Castella com ma-
nhas procurou coruar o casamento do
Infante D. Pedro com D. Costança.
f. 19. verso.
- Cap. 18. Da resposta que D. Costança en-
viou a el Rey de Castella; & como elle
sem causa por torva de seu casamento
ordenava guerra com Portugal. fol.
20. verso.
- Cap. 19. Como por procuradores de Dom
Ioaõ Manoel se fez o casamento de
D. Costança com o Infante D. Pedro
em Portugal. f. 22. verso
- Cap. 20. Como el Rey de Portugal enviou
seus mensageiros a casa de D. Ioaõ pa-
ra em nome do Infante D. Pedro re-
ceberem por sua mulher D. Costança.
f. 23.
- Cap. 21. Do q̃ el Rey de Castella fez quã-
do foy cercificado do casamento do Infã-
te D. Pedro de Portugal com a Infan-
ta D. Costança. f. 23. verso.
- Cap. 22. Como os Embaixadores chegã-
rão a Portugal, & da resposta que el-
Rey enviou a el Rey de Castella. f. 24
- Cap. 23. Do falecimento da sancta Rainha
D. Izabel mulher del Rey D. Dinis,
& madre del Rey D. Afonso; & dos
milagres que Deos despois de sua mor-
te por ella fez. f. 24. verso.
- Cap. 24. De hũa embayxada de el Rey de
França, & doutros senhores, que veo
logo a el Rey de Castella sobre a guerra
de Ultramar, & cobramento da Ter-
ra sancta. f. 25. verso
- Cap. 25. Do conselho que el Rey de Portu-
gal enviou a el Rey de Castella sobre a
embayxada de França. f. 26. verso.
- Cap. 26. Como el Rey de Portugal, & D.
Ioaõ Manoel notificarão a el Rey de
Castella o tempo da vinda que avia
de ser da Infancia D. Costança, & das
torvas q̃ pera isso ouve. f. 27. verso.
- Cap. 27. Dos recados que el Rey de Portu-
gal enviou a el Rey de Castella sobre a
torva que dava à vinda da Infancia D.
Costança. f. 28. verso
- Cap. 28. Do que el Rey de Portugal enviou
dizer a el Rey de Castella na carta que
lhe mandou por Alvaro de Sousa. f.
29. verso.
- Cap. 29. Da consulta que sobre esta carta
el Rey de Castella teve cõ Leonor Nu-
nes, & com hum seu privado bom ho-
mem, & prudẽte, & da resposta que
deu. f. 30
- Cap. 30. Do m̃sageiro que D. Ioaõ Ma-
noel enviou a el Rey de Castella, & da
conclusão que cõ elle se tomou. f. 31
- Cap. 31. Do recado que el Rey de Portu-
gal enviou a el Rey de Castella sobre
estes embargos que punha à vinda da
Infancia D. Costança. f. 32
- Cap. 32. Como el Rey de Portugal fez jũ-
saros Alcaýdes Portugueses que ti-
nhão os castellos de Portugal em ar-
refens, para ihos entregarem, por el-
Rey de Castella não comprir as postu-
ras. f. 32. verso,
- Cap. 33. Como el Rey de Portugal a re-
querimento, & por meyo da Rainha
sua filha escreveo outra vez a el Rey
de Castella sobre o levantamento do
cerquo de Ioaõ Nunes, & do que se
fez. f. 33.
- Cap. 34. Como se começou a guerra entre

Index dos Capitulos deste liuro.

- os Reys, & seus Reynos, & como el-Rey D. Afonso de Portugal entrou em Castella. f.34. verso
- Cap.35. Do que el Rey de Castella fez despois que soube que a guerra era contra elle rompida por parte de Portugal. f.35
- Cap.36. De como el Rey de Castella chegou a Badajos pera entrar em Portugal, & das cousas que succederão. f.36. verso.
- Cap.37. De como el Rey de Castella por a Villa de Elvas entrou de guerra em Portugal, & do que fez até se tornar a Castella. f.37
- Cap.38. Como as galês, & frota de Portugal forão correr a costa de Andaluzia, & do que fizerão. f.37. verso
- Cap.39. Do mal que as galês de Portugal fizerão em Galiza, onde a fogo, & sangue destruírão, & cativarão muita gente. f.38. verso.
- Cap.40. De como as galês de Portugal pelejarão com as de Castella, & forão vencidas as de Portugal, & preso o Almirante, & seu filho. *ibidem*.
- Cap.41. Da entrada que el Rey de Portugal fez em Galiza, & el Rey de Castella fez no Algarve. f.39
- Cap.42. Como o Papa enviou a Hespanha por Delegado hum Bispo de Rodas para assentar paz, ou tregoa com el Rey de Portugal, & Castella. f.40. verso.
- Cap.43. Da falla que sobre este Breve o Legado fez a el Rey, & da resposta que lhe deu f.42
- Cap.44. Como o Bispo foy a el Rey de Castella, & do que disse, & com elle concordou. f.43
- Cap.45. Como o delegado, & mensageyro del Rey Felipe de Franca fizerao com el Rey de Castella q̃ tambẽ puzesse os feitos de paz em o juizo do Papa. f.44. verso.
- Cap.46. Como el Rey de Castella ouve por bem fazer por si paz com el Rey de Portugal, & da maneira que se fez. *ibidem*
- Cap.47. Como a Infanta D. Costança foy trazida a Portugal, & a Infanta D. Branca foy leuada a Castella. f.45. verso.
- Cap.48. Dalgũs descontentamentos que despois destas pazes ouve entre el Rey de Portugal, & de Castella, & as causas porque. f.46
- Cap.49. Como pela segunda vinda de Abomelich em Hespanha se ordenou a vinda de Alibohacẽ de Marrocos seu pay, de que se seguiu a grande batalha do Salado. f.47
- Cap.50. Como o Infante Abomelich pe los franteiros Christãos foy morto em hũa batalha, não sendo nella el Rey de Castella. f.48
- Cap.51. Como Alibohacem despois que soube da morte de seu filho, & dos seus cavaleiros se ouve: & como a frota de Castella foy dos Mouros desbaratada. f.50. verso.
- Cap.52. Do que el Rey de Castella fez despois que soube da morte do Almirante, & do desbarato, & perdição da sua frota. f.51. verso
- Cap.53. Como el Rey de Castella foy certificado do cerquo de Tarifa, & do que sobre isso fez. f.53
- Cap.

Índice dos Capitulos deste liuro.

- Cap. 54. De como a frota de Castella, & Portugal, que estava em guarda do Estreito se perdeu por tormenta na Almagira, & do que el Rey Alibohacem fbreisso fez. f. 53. verso.
- Cap. 55. Do conselho que el Rey de Castella teve com os grandes senhores de seus Reynos sobe esta perda da frota, & acerca do socorro, & de serquo de Tarifa. f. 54
- Cap. 56. Como a Rainha D. Maria em sua pessoa veyo pedir esta ajuda a el Rey D. Afonso de Portugal seu padre. f. 55
- Cap. 57. Como el Rey de Portugal chegou a Sevilha, & do acordo que os Reys ouuerão despois que forão juntos. f. 56. verso.
- Cap. 58. Do que os Reys Mouros fizeram quando soube ão que os Reys Chris-tãos erão ja tam acerca para socorro de Tarifa, & darlhe batalha. f. 59. verso.
- Cap. 59. Como a batalha do Salado foy comerida, & os Mouros forão nella vencidos. f. 61. verso.
- Cap. 60. De algũas cousas que em Castella, & Portugal despois desta batalha succederão, & como foy cercada, & rendida dos Mouros a cidade de Almagira, em que el Rey de Portugal o ajudou. fol. 65. verso.
- Cap. 61. Dos filhos, & filhas que o Infante D. Pedro filho erdeyro de el Rey D. Afonso o IV. ouve, & de que mulheres. f. 67. verso.
- Cap. 62. Do casamento da Infanta Dona Leonor de Portugal com el Rey Dom Pedro de Aragam. f. 69. verso.
- Cap. 63. Como el Rey D. Afonso de Castella morreo de pestenença, estando em cerco sobre Gibraltar. f. 70
- Cap. 64. De como foy a morte de D. Ines de Castro, & as causas brevemente porque foy morta. f. 70. verso.
- Cap. 65. Dos desvayros que pella morte de D. Ines ouve antre el Rey, & o Infante D. Pedro seu filho, & da maneyra em que finalmente forão despois concordados. f. 71. verso.
- Cap. 66. De como el Rey D. Afonso faleceo, & como elle, & a Rainha sua mulher ordenarão suas sepulturas na See de Lisboa. f. 72. verso.

L A V S D E O.

520

